

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE LITERATURA

CAMILA CANO CAPORALE

**Um olhar político para as personagens leitoras de *Razão e Sensibilidade*
(1811) e *Orgulho e Preconceito* (1813) de Jane Austen**

São Carlos

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE LITERATURA

CAMILA CANO CAPORALE

**Um olhar político para as personagens leitoras de *Razão e Sensibilidade*
(1811) e *Orgulho e Preconceito* (1813) de Jane Austen**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, segundo a linha de pesquisa Literatura, História e sociedade, do Centro de Educação da Universidade Federal de São Carlos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Alexandra Ferreira

São Carlos

2016

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C246o Caporale, Camila Cano
Um olhar político para as personagens leitoras de Razão e Sensibilidade (1811) e Orgulho e Preconceito (1813) de Jane Austen / Camila Cano Caporale. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
169 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2016.

1. Jane Austen. 2. Literatura inglesa oitocentista. 3. Leitores. 4. Leitura. I. Título.



Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Camila Cano Caporale, realizada em 28/02/2016:

Carla Alexandra Ferreira

Profa. Dra. Carla Alexandra Ferreira
UFSCar

Cláudia Maria Ceneviva Nigro

Profa. Dra. Cláudia Maria Ceneviva Nigro
UNESP

Raquel Terezinha Rodrigues

Profa. Dra. Raquel Terezinha Rodrigues
UNICENTRO

À minha mãe, Márcia, e à minha irmã, Marina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, em primeiro lugar, por me proporcionar mais uma vitória nesta constante busca pelo conhecimento. Minhas escolhas não poderiam ter se concretizado sem que sua presença fosse sentida e vivenciada durante os dois anos nos quais estive vinculada aos estudos para obtenção do título de mestre.

À **Universidade Federal de São Carlos**, pelo acolhimento, suporte, e respeito. Ali fui recebida sem preconceito, sem qualquer distinção, sua estrutura acadêmica me proporcionou e possibilitou ir ao encontro das mais diversas e ricas fontes de conhecimento. Nesse ambiente acadêmico, pude estar envolvida constantemente em palestras, cursos de extensão e atividades como seminários de pesquisa e bolsas de auxílio ao discente. A tudo devo acrescentar minha admiração e gratidão aos funcionários cujo trabalho silencioso foi fundamental para que minha experiência pessoal ali fosse muito próxima daquela que se vive quando dentro de um lar.

Ao **Programa de Pós-Graduação de Estudos em Literatura**, por ter amparado meu projeto de pesquisa, fornecendo-me todos os meios cabíveis para concretizá-la.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, pela concessão da bolsa de estudos, a qual me possibilitou a realização desta dissertação de mestrado.

Um agradecimento especial à minha orientadora, **Prof^ª. Dr^ª. Carla Alexandra Ferreira**, primeiro por acreditar e apostar de modo incondicional em minha proposta de pesquisa. Ao longo destes dois anos de parceria, pude reconhecer nela uma profissional como poucas, um ser humano incrível, que não mede esforços para conduzir seus orientandos ao caminho de uma aprendizagem sólida, cujos ensinamentos ultrapassaram o ambiente acadêmico. Com sua experiência de vida, pude aprender que ensinar vai muito além de se obter resultados; também é preciso haver paixão, brilho nos olhos, coerência. Foram infinitas suas contribuições, sou grata, especialmente, minha querida orientadora, por ter convivido dias e dias com alguém cujos saberes foram compartilhados e dirigidos a mim sem qualquer restrição, medida, ou orgulho. Suas palavras de incentivo jamais serão apagadas de dentro do meu coração. Levarei para vida a forma como conduziu o processo de ensinar, esse será sempre o patamar de excelência no qual me espelharei ao ensinar quem quer que eu venha encontrar como docente.

Aos **professores doutores e doutoras do PPGLit**, cujo apoio afetou de modo direto meu conhecimento e prazer por ampliar meus estudos em literatura. À professora Dra. Joyce Ferraz Infante, agradeço pelo compartilhamento de seus conhecimentos ao longo das aulas ministradas no programa.

Aos professores doutores Alcides Cardoso dos Santos e Wilton José Marques, pela vasta contribuição de saberes e conteúdo bibliográfico por meio dos quais pude ampliar minha pesquisa e consolidar o texto aqui apresentado.

Em especial, gostaria de devotar meu mais sincero agradecimento aos membros da minha banca examinadora, as professoras doutoras Raquel Terezinha Rodrigues e Cláudia Maria Ceneviva Nigro, por suas valiosas contribuições para o andamento deste trabalho acadêmico.

Aos meus familiares, por compreenderem o quanto as horas em que passei ausente se fizeram necessárias para concretização deste sonho a tanto tempo acalentado.

À minha mãe, Márcia, e à minha irmã, Marina, por estarem ao meu lado em todo momento, vivendo e vencendo as lutas diárias desta vida, ofertando, tudo aquilo que só vocês poderiam me dar – o amor –, cujo poder foi fundamental para superar todas as adversidades ao longo do caminho, sem vocês eu nada seria. *In memoriam*, dedico esta dissertação ao meu pai, Antônio Sérgio Caporale, pois ele foi e sempre será uma das minhas fontes de inspiração mais profundas e necessárias para que hoje eu pudesse ser quem sou e estar onde estou. Sua presença certamente vive em mim. Dedico também este trabalho ao meu saudoso tio, amigo e conselheiro, Luiz Caporale Neto, cuja inteligência sempre me inspirou.

Ao amigo Francisco Monteiro, de quem por diferentes razões não posso me esquecer de afirmar teve, em momentos distintos dessa jornada, importância, bondade e alegria para estar ao meu lado quantas vezes fossem necessárias.

Às amigas, Mariela Marrano, Josiane Leite Joveli e Jhoanne Hansen queridas, gostaria que vocês três soubessem, eu não teria chegado até aqui, sem o carinho, a amizade e o apoio de vocês.

Mariela, obrigada por copiar, as lições dadas no jardim da infância durante a pré-escola, quando eu ainda não possuía destreza suficiente para desempenhar essa tarefa, sem suas mãos, talvez eu não tivesse avançando no caminho e poderia hoje ser alguém, sem conhecimentos, sem escolhas.

Joca, obrigada pela companhia de vida, por seu sorriso cativante, pois foi por meio de tudo isso, que consegui caminhar muitas vezes na escuridão, sem medo, pois, sabia que tinha ao meu lado uma amiga que dizia: “vai que dá, tenho certeza que você chega lá!”. E não é que cheguei mesmo!

Jho, obrigada por ser sempre minha mentora, intelectual, espiritual. Seguimos carreiras diferentes, mas sofremos as mesmas angústias, dissabores, vimos sucessos, sentimos alegrias e euforias ao alcançar nossos objetivos... Você sabe o quanto eu caminhei para chegar até aqui... As verdades, ditas sempre tão espontânea e sinceramente por você, a meu respeito, quase sempre, me deram medo, mas foram tão necessárias, já que me permitiram manter meus pés no chão, quando por ingenuidade ou inexperiência, eu pretendia ir além do que deveria. Queridas, essa foi minha maneira, meio poética, quase sem jeito de dizer muito obrigada!

Aos meus queridos colegas de mestrado, e também a todos aqueles com quem convivi no grupo de estudos Diálogos Literários. Sou grata por tê-los conhecido e com vocês ter podido trocar experiências e ensinamentos. Em especial, gostaria de expressar minha eterna gratidão e amizade à Audrey Ludmilla, com quem tive o prazer de conviver mais de perto ao longo deste período e por quem passei a nutrir uma admiração muito grande. Sem sua amizade, sem nossas conversas noturnas, tenho certeza que essa passagem da vida não teria sido a mesma, admiro sua resiliência e inteligência, juntas nos fizemos mais fortes! Obrigada, por me oferecer seu desprendimento, sua presença. Sua visão de mundo me fez ir além, trazendo conceitos oblíquos e dissimulados com os quais eu não havia me deparado até então. Literariamente, falando fico feliz em saber o quanto essa machadiana de carteirinha pôde me ensinar.

Por fim, deixo expressa minha gratidão a todas as pessoas que em diversos momentos de minha existência contribuíram direta ou indiretamente para minha formação pessoal e profissional, em especial, aos mestres e doutores do curso de Letras-Inglês, da Universidade Metodista de Piracicaba.

RESUMO: Jane Austen é uma das autoras possuidoras de grande prestígio no cenário literário, principalmente por colocar em evidência aspectos da sociedade inglesa à qual estava ligada. Entre muitas questões descritas pelos acadêmicos, existe uma que estará nesta dissertação de mestrado sendo posta em discussão, a saber, o papel representativo da leitura para os leitores ficcionais de duas das obras por ela escrita. Primeiramente, o romance *Razão e Sensibilidade* (1811), cujo aspecto selecionado é deflagrado por meio da leitura nefasta da heroína, Marianne Dashwood; e, por outro lado, apontaremos uma postura de leitura diferenciada, nesse caso, em *Orgulho e Preconceito* (1813), cujo caminhar parece indicar um modelo ideal de personagem leitora, com a figura da protagonista, Elizabeth Bennet. Em ambos os textos, buscaremos desenvolver uma análise literária na qual se considera os aspectos políticos e sociais, subordinando nosso trabalho aos níveis jamesonianos de interpretação.

Palavras-chave: Jane Austen. Literatura Inglesa Oitocentista. Leitores. Leitura. *Razão e Sensibilidade*. *Orgulho e Preconceito*.

ABSTRACT: *Jane Austen is one of the authors who owns a great prestige in the literary scenario, most notably for putting into the light aspects of the English society in which she was linked. Among many subjects described by the scholars, there is one that will be in this dissertation called into question, namely, the representative role of reading for fictional readers in two works written by her, Firstly the novel Sense and Sensibility (1811) whose selected aspect, is triggered by the disastrous reading that the heroin, Marianne Dashwood does; and, on the other hand we will point out a differentiated reading posture, in this case, in Pride and Prejudice (1813), whose tracking seems to indicate an ideal model of character as a reader, with the figure of the protagonist, Elizabeth Bennet. In both texts, we will intend to develop a literary analysis, which considers the political and social aspects, subordinating our work, to Jameson's levels of interpretation.*

Keywords: *Jane Austen. Eighteenth-century Literature. Readers. Reading. Sense and Sensibility. Pride and Prejudice.*

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1 - Autora, textos e contexto	4
1.1 Jane Austen: aspectos da vida e obra	4
1.2 Contexto histórico – e considerações sobre a leitura	15
1.3 Fundamentação teórica	30
2. Marianne Dashwood e a leitura nefasta em <i>Razão e Sensibilidade</i> (1811).....	37
2.1 Marianne Dashwood – razões e consequências da leitura nefasta.....	41
3. Elizabeth Bennet e o ideal de leitura em <i>Orgulho e Preconceito</i> (1813).....	94
3.1 Elizabeth Bennet- o modelo de leitora	99
Considerações finais	161
Bibliografia.....	165
Corpus da pesquisa.....	165
Referencial teórico	165

Introdução

A leitura parece sempre ter permeado o horizonte humano de modo mais ou menos intenso. Desde a época de Ovídio, é possível nos depararmos com relatos de como se pode encarar a leitura de cartas de amor, trocadas entre uma dama e seu amante. Não obstante, estabelecemos um panorama da leitura a partir do surgimento de textos sagrados, os quais inicialmente ficariam de posse apenas de um alto escalão da igreja por serem esses um dos poucos a saberem ler e dominarem a arte da escrita. A título de esclarecimento, cabe dizer que o acesso à leitura em outros países da Europa se dá de modo bastante parecido e somente as classes burguesas tornam o hábito de ler uma atividade demais difundida, principalmente após o século XVIII.

Dentro do cenário da literatura inglesa, nosso foco, podemos atribuir aos séculos XVIII e XIX a noção de marco no fator leitura, já que é nesse período que acontece o surgimento e fortalecimento do gênero romance. Historicamente, diremos que a questão da leitura na sociedade inglesa foi concebida levando em conta três principais fatores: o acesso à educação por meio de escolas de caridade geridas em grande parte por religiosos a partir da Era Vitoriana;¹ o domínio inglês da impressão, ocorrido após 1557;² e, por fim, a contribuição das chamadas bibliotecas circulantes para o acesso aos mais variados títulos.³

Jane Austen (1775-1817), autora inglesa de seis romances completos, é nosso ponto de partida para a escolha do corpus, uma vez que consideramos suas obras uma fonte que demonstra aspectos da sociedade inglesa na qual ela viveu. As obras têm uma riqueza de detalhes impressionante, deixando-nos envolvidos por uma série de “temas” que nesse espaço ficcional são abordados. Mais comumente, vemos no meio acadêmico um maior interesse por um deles, a saber, a representação do casamento para a figura da mulher.

¹ Compreendeu o período de 1837 a 1901.

² Dados retirados do artigo “História da Leitura” (BURKE, 1992).

³ No caso, o gênero mais difundido por elas seria o romance, de acordo com Ian Watt em *A Ascensão do Romance* (1996, p. 43). O romance carrega consigo a função de figurar a burguesia inglesa em ascensão, cujo cenário parece ser propício, uma vez que é sua característica eminente abordar a temática do cotidiano desse grupo de pessoas. O romance se estabeleceu, portanto, não mais enquanto difusor de temas aristocráticos, o espelhamento não se poderia conceber tão facilmente com aqueles que agora pareciam deter um maior poder econômico. Ainda nesse aspecto, é possível afirmar que o público leitor passará também a vincular seu modo de agir ao modo de pensar, tomando um posicionamento político, quando em sua postura passou a usar ao romance enquanto fonte da qual vinha a se abastecer, levando em conta seus aspectos morais difundidos dentro das obras. É importante ressaltar que o romance possuirá ainda a capacidade de abordar as *contradições* na formação do próprio gênero, como parece propor Jane Austen, funcionado não somente para o espelhamento das ideias, mas também propondo uma reflexão sobre elas na formação do público leitor.

Nós, ainda que reconheçamos o valor e a extrema importância destes estudos, conseguimos desviar nossa atenção para uma aparição não menos recorrente em seus romances, a questão da leitura, abordada por meio das personagens leitoras. Afinal, a autora possuía um vasto conhecimento do assunto por ser considerada uma grande leitora, título o qual, aliás, compartilhava com os membros de sua família.

A questão central da dissertação, portanto, virá demonstrar como o ato de ler se faz diretamente vinculado a duas de suas protagonistas dentro do viés ficcional (conforme já havíamos apontado aqui) e, a partir destas representações literárias, virá estabelecer duas formas distintas de encarar essa prática. A primeira delas é Marianne Dashwood, que aparecerá enquanto leitora dentro do romance *Razão e Sensibilidade* (1811), já a segunda protagonista a ser analisada, agora dentro do segundo romance publicado pela autora, *Orgulho e Preconceito* (1813), será Elizabeth Bennet.

Escolhemos partir de uma leitura política nos baseando na proposta trabalhada no livro *O inconsciente Político: a narrativa como um ato socialmente simbólico* (1992), escrito por Fredric Jameson. Com esse respaldo teórico, pretendemos acessar dentro de cada um dos romances escolhidos três horizontes ou níveis interpretativos, são eles respectivamente: a compreensão do enredo e do que o autor chama “conteúdo manifesto”; num segundo momento, partimos para uma leitura voltada ao desvendar dos aspectos sociais que cada obra literária apresenta, por meio da quebra de “estratégias de contenção” (cujo papel em suma é o de não permitir, de algum modo, que acessemos o “subtexto”); e, por fim, no terceiro horizonte ou nível de leitura e análise do texto literário, englobar aquilo que Jameson intitula “ideologia da forma”, isto é, o reconhecimento de que a forma com a qual cada texto literário se apresenta na sua construção é capaz de promover indicativos da(s) ideologia(s) que nos textos (no caso, os dois romances de Austen) está simbolicamente representada(s).

Gostaríamos também de oferecer dados acerca das traduções dos romances que foram no trabalho utilizadas. A tradução de *Razão e Sensibilidade* é de Terezinha Monteiro Deutsch, Já *Orgulho e Preconceito* foi traduzido por Marcella Furtado. Os créditos das demais traduções dos textos de cunho teórico serão apontados no decorrer desta dissertação de mestrado, conforme forem sendo necessárias. Os trechos traduzidos por nós terão os originais apresentados em nota de rodapé.

O texto apresentará ainda duas formas abreviadas para referência dos romances: quando citados em língua portuguesa virão como “R&S” e “O&P”, já na versão original, sempre descritas por meio de notas de rodapé, serão encontradas como “S&S” e “P&P”.

Na busca de oferecer uma linear compreensão acerca dos nossos objetos de estudo para esta dissertação de mestrado, dividimos a escrita na forma descrita pelos próximos parágrafos.

No capítulo primeiro, ofereceremos ao leitor um breve levantamento acerca da vida e obra da autora, no qual incluiremos um levantamento da recepção das obras aqui analisadas (*Razão e Sensibilidade e Orgulho e Preconceito*) e logo na sequência (item 1.2), passaremos a uma discussão mais voltada para o entendimento dos principais parâmetros junto ao contexto da leitura e da formação do público leitor, mais especificamente dos séculos XVIII e XIX. Por fim, ainda no capítulo primeiro (item 1.3), destacaremos os principais fundamentos dos pressupostos teóricos por detrás desta dissertação.

A análise dos romances tem início a partir do capítulo segundo, nele especificamente nos dedicamos a destacar, com auxílio da leitura de níveis jamesoniana, a questão da leitura nefasta promovida por Marianne Dashwood, a protagonista de *Razão de Sensibilidade*.

Para, no entanto, promover a facilitação do entendimento, decidimos iniciar o item 2 do trabalho com uma breve discussão do *conteúdo manifesto*, trazendo um pequeno entendimento das questões fundamentais do enredo e dessa forma também temos a chance de pontuar algumas noções mais gerais tratadas a respeito da leitura que não necessariamente possuem ligação direta com a temática trazida pela protagonista do romance de 1811.

O item 2.1 do trabalho, intitulado “Marianne Dashwood – razões e consequências da leitura nefasta”, tratará de modo detalhado das posturas adotadas por essa protagonista e suas consequências.

Já o último capítulo (itens 3 e 3.1) estarão voltados à compreensão da leitura realizada por meio da personagem de Elizabeth Bennet, cujo enfoque será o apresentá-la como sendo aquilo a que chamamos “modelo de leitora”. Nesse caso, não houve a necessidade de criarmos outras subdivisões no capítulo, ainda que tenhamos dedicado um pequeno espaço do trabalho para fazermos determinados apontamentos em termos de enredo.

Por fim, dedicamos um pouco de nossas atenções nas considerações finais na buscapelo destaque sucinto dos aspectos mais relevantes de cada uma destas análises, sempre em nossa tentativa por atrelar a tudo isto a perspectiva da “leitura política”.

Capítulo 1 - Autora, textos e contexto

1.1 Jane Austen: aspectos da vida e obra

Dentro do panorama proposto por nossa dissertação de mestrado, existe a necessidade primordial de promovermos uma breve, porém, esclarecedora, contextualização a respeito da autora cujos romances decidimos elencar para serem analisados, a fim de em última instância prestarmos reconhecimento ao seu trabalho como um todo dentro do cenário inglês do século XIX, quando seus romances completos foram publicados.⁴

Em termos biográficos, pouco foi deixado por Jane Austen e seus familiares, talvez até mesmo por sua preferência pela vida pacata e pelo anonimato autoral enquanto viva; no entanto, podemos trazer uma breve retrospectiva a respeito da mesma para que possamos então estabelecer um ponto de contato com aquilo cujo saber realmente nos interessa: o estudo da obra literária dessa autora, em especial, seus romances.

Jane Austen nasceu em dezesseis de dezembro de 1775 na cidade de Steventon, Hampshire, Inglaterra e faleceu na data de 18 do mês de julho do ano de 1817, aos quarenta e um anos de idade, na cidade de Winchester, também no mesmo país. Filha de um Clérigo, George Austen, e de Cassandra (cujo sobrenome de solteira era Leigh), Jane era a sétima filha do casal que ainda possuía no seio familiar mais uma filha mulher, Cassandra Austen (1773)⁵ e outros seis outros filhos: James (1765), George (1766), Edward (1767), Henry (1771), Francis (1774) e Charles (1779).⁶ Austen nunca se casou.

A família Austen tinha uma posição financeira e social considerada mediana,⁷ cujo rendimento familiar se limitava a um pequeno montante, trazido em parte pelo dízimo, advindo da contribuição paroquial e também da pequena produção de milho e da criação de ovelhas. Alguns desses dados nos são fornecidos pela própria autora, a qual em uma de das

⁴ Considere a partir deste momento os seguintes romances: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1816), obras publicadas ainda em vida; e outras duas datadas pós-morte por volta de 1818, *A abadia de Northanger* e, por fim, *Persuasão*.

⁵ Cassandra foi quem, por meio de suas cartas e confidências, próprias do *status* de proximidade de parentesco, trouxe-nos o pouco que se conhece a respeito da vida pessoal da autora. Segundo publicado por seu sobrinho, James Edward Austen-Leigh, na obra intitulada *Memoir* (1870), muitas das cartas as quais Cassandra considerou impróprias, por conter comentários a respeito de familiares, ou ainda a respeito de momentos em que a irmã expressava seu pesar por ter deixado a vida no campo, mais precisamente quando, por volta de 1801, seu pai decidiu mudar-se para a cidade de Bath, foram propositalmente destruídas por ela.

⁶ Estas são as datas que correspondem aos seus nascimentos.

⁷ *Yeoman gentry*, que corresponde ao pequeno proprietário de terras.

cartas descreve abertamente a noção dos ganhos dentro do esquema familiar por volta de 1800, de acordo com o trecho extraído do texto *Agriculture*, escrito por Clark & Dutton (2010, p. 186):

No dia 1º de novembro, ela escreve: “minha mãe está muito feliz com a perspectiva de vestir uma nova boneca que Molly deu a Anna. Os sentimentos de meu pai não são tão invejáveis como parecem, a fazenda rendeu 300 libras no ano passado.” (L, 3-5 janeiro 1801, tradução nossa).⁸

No entanto, mesmo tendo que lidar com recursos monetários de modo bastante equilibrado, os pais de Jane Austen souberam reconhecer a necessidade e a importância de promover a ela e à sua irmã Cassandra algum estímulo dentro da educação formal. Ainda pequenas, receberam aulas de leitura,⁹ que posteriormente passaram pela complementação da educação familiar, uma vez que seu pai como reverendo anglicano também prestava tutoria a alguns pupilos de sua paróquia, o que, de modo geral, possibilitou que a menina tivesse acesso irrestrito ao acervo particular da família,¹⁰ conforme reforça Jane Stabler (2010, p. 41): “ela poderia ter poupado essa pretensão de nossa família, que é grande leitora de romance e não tem vergonha de sê-lo.” (L, 18-19 December, tradução nossa).¹¹

Por meio desse trecho, podemos partir, então, para a discussão que mais se aproxima do nosso interesse, a questão da leitura. Primeiro, devemos dizer, no entanto, que esse retrocesso na questão literária, envolvendo o próprio desenvolver das preferências literárias de Austen, se faz necessário, pois em diversos momentos iremos nos defrontar com a citação de diversos autores em suas obras, autores estes os quais, na maioria das vezes, foram lidos e relidos por ela, como percebemos num dos trechos das cartas à Cassandra datado do mês de agosto de 1814, em que há uma breve referência à também romancista Maria Edgeworth (1768-1849), conforme leremos a seguir:

(...) Manhã de quarta-feira. – Meu irmão e Edward chegaram ontem à noite. Eles não conseguiram lugares no dia anterior. O negócio deles é sobre os dentes e perucas, e eles estão indo para o café da manhã na Rua Scarman e Tavistock, e regressarão para embarcar comigo na carruagem logo em seguida. Espero cumprir os meus afazeres a tempo.

⁸ Trad. p. 186: “On November 1st. she writes: ‘my mother is very happy in the prospect of dressing a new doll which Molly has given Anna. My father’s feelings are not so enviable as it appears that the farm cleared 300 L last year.’ (L, 3-5 January 1801)”.

⁹ Esse processo se inicia em 1785, quando Jane e Cassandra juntamente com sua prima Jane Cooper passam alguns meses entre as cidades de Oxford e Southampton, nessa última ficam sob a tutoria de Mrs. Cawley. Já no ano seguinte, são enviadas à escola de leitura Abbey House School.

¹⁰ De acordo com Stabler (2010, p. 42), a biblioteca da família em Steventon contava com mais de 500 livros.

¹¹ Trad. p. 41: “she might have spared this pretension to our family who are great Novel readers & not ashamed of being so” (L, 18-19 December).

Eu estava com o salgueiro ontem, como Henry não estava pronto quando cheguei à Rua Hena. Eu vi o Sr. Hampson lá por um momento. Ele janta aqui amanhã e irá trazer o filho; então eu devo sujeitar a ver George Hampson, embora eu tivesse a esperança de passar a noite sem vê-lo. Essa foi uma das minhas vaidades, como a sua de não ler *Patronage*. (L 5-7, agosto de 1814, p. 397, tradução nossa).¹²

Gostaríamos, então, de amarrar este ponto crucial, citando alguns dos nomes indicativos da predileção entre alguns dos poetas, William Cowper (1731-1800), Alexander Pope, (1688-1744), Sir Walter Scott, (1771-1832), James Thomson (1700-1748); e os romancistas mais citados nas cartas são: Fanny Burney (1752-1840), Samuel Richardson, (1689-1761) e Henry Fielding (1707-1754). Sendo os três últimos da lista grandes influências na elaboração da prosa à qual a autora dedicará a maior parte do tempo, em termos de predileções estético-literárias. Marcada então pela forte presença da literatura em sua vida privada, reforçada ainda mais pelo fato de não ter se casado e constituído família na vida adulta, vemos em Austen uma mulher que fará da leitura um hábito que com ela caminhará até os seus últimos dias.

A prova da constância enquanto leitora pode ser trazida por dois fatores: o primeiro deles advém do fato de que ela faz parte de um clube de leitura. De acordo com os dados oferecidos por Altick (1998, p. 62, tradução nossa), temos uma estimativa referente aos valores para se associar a bibliotecas ou clubes de leitura “por volta de 1740 a subscrição em bibliotecas londrinas variava de 15s. a um guiné; depois houve queda para 10s ou 12s”.¹³ Jane Austen, em uma das cartas à irmã, descreve a ambientação de um desses locais, mais precisamente a biblioteca localizada em *Godmersham Park*. De acordo com Stabler (2010, p. 42), temos:

O conforto da mesa de bilhar aqui é muito bom. – Inspira a todos os senhores a conduzirem-se a ela de onde quer que estejam, especialmente depois do jantar, para que a minha Br Fanny e eu possamos ter a Biblioteca

¹² Trad. p. 397 : “(...) *Wednesday morning*. – My brother and Edward. arrived last night. They could not get places the day before. Their business is about teeth and wigs, and they are going to breakfast to Scarman’s and Tavistock St., and they are to return to go with me afterwards in the barouche. I hope to do some of my errands to-day.

I got the willow yesterday, as Henry was not quite ready when I reached Hena. St. I saw Mr. Hampson there for a moment. He dines here to-morrow and proposed bringing his son; so I must submit to seeing George Hampson, though I had hoped to go through life without it. It was one of my vanities, like your not reading “*Patronage*” (L 5-7, August 1814). Grifos do autor. *Patronage*, aqui, é uma referência direta à leitura do romance publicado (1814) por Edgeworth.

¹³ Trad. p. 62: “in the 1740’s the subscription in London Libraries had ranged from 15s. to a guinea; later it had fallen to 10s. or 12s.”(ALTICK, 1998).

tranquila para o nosso delicioso deleite. (L, 14-15 outubro 1813, tradução nossa).¹⁴

Ainda de acordo com Stabler (2010, p. 42), o segundo fator diz respeito à necessidade da mesma em adquirir cópias de obras literárias cujos valores não representavam algo tão acessível assim, fato demarcado no desejo de pagar por uma das obras de Sir Walter Scott¹⁵ o montante de 1.1 libra esterlina, o que, segundo Austen, seria um valor que ela menciona em outra de suas cartas como sendo algo “bastante generoso”¹⁶ (L, 10-11 Janeiro de 1809, tradução nossa).

Estimulada e cercada pela literatura desde muito jovem, a autora começa por volta dos quatorze anos de idade a escrever romances, período conhecido como *Juvenilia*¹⁷, estes são os primeiros textos literários e entre eles podemos citar o romance *Love & Friendship* (1790).¹⁸ Os textos iniciais de sua juventude tiveram como público-alvo, pelo menos no início, seus entes queridos (algo de cunho mais restrito), e vinham carregados do elemento burlesco, cujo o elementar é descrito na explicação de Stabler (2010, p. 45-46, tradução nossa):

Uma das características mais evidentes dos primeiros escritos de Austen é o seu humor burlesco de outro trabalho, uma reprodução do seu estilo em uma forma exagerada. Na *juvenilia* encontramos sátiras impiedosas sobre literatura de sensibilidade, convenções pitorescas, literatura de conduta e melodrama.¹⁹

O elemento hiperbólico e a comicidade permaneceriam como sendo alguns dos recursos literários utilizados por Austen a fim de promover dentro de seus modos de escrita o uso da ironia. Dentro do conjunto de obras dela há ainda uma novela epistolar, *Lady Susan*, cujo esboço foi escrito entre os anos de 1794-1795 e uma cópia é datada de 1805. *The Watsons* é datada entre 1803-1804, da qual se tem apenas fragmentos os quais parecem ter sido parte do que se transformaria num romance, iniciado quando vivia em Bath; no entanto, os motivos dessa incompletude permanecem obscuros.²⁰ Há ainda outro trabalho inacabado,

¹⁴ Trad. p. 42: “the comfort of the Billiard table here is very great.- It draws all the Gentlemen to it wherever they are within, especially after dinner, so that my Br Fanny & I have the Library to ourselves delightful quiet.” (L, 14-15 October 1813).

¹⁵ Referimo-nos a *Marmion* (1808).

¹⁶ Trad. p. 42: “very generous.” (L, 10-11 January 1809).

¹⁷ Consideraremos este como sendo o período correspondente aos anos de 1787-1793.

¹⁸ O primeiro volume dessa obra é possivelmente datado de treze de junho, no entanto, é apenas no ano de 1793, por volta dos seus dezessete anos de idade, que houve a finalização do terceiro volume da obra.

¹⁹ Trad.p. 45-46: “one of the most obvious features of Austen’s early writings is its burlesque mockery of another work though a reproduction of its style in an exaggerated form. In her juvenilia we find merciless skits on literature of sensibility, picturesque conventions, conduct literature and melodrama.” (STABLER, 2010).

²⁰ Sabemos apenas que no início do ano seguinte, em 1805, ocorre o falecimento de seu pai e, portanto, esse fato pode ainda que indiretamente ter influenciado na ruptura inesperada do trabalho.

desta vez em decorrência do falecimento da própria autora, a saber, o fragmento de *Sanditon*, iniciado pouco antes do acontecimento, no ano de 1817. Fora do escopo do romance e novelas, Austen ainda realiza, entre os anos de 1790-1800, a adaptação teatral²¹ do romance de Samuel Richardson, conhecida por *Sir Charles Gandison* (1753).

Mas é nas duas obras por ela produzidas no seu período de maturidade de composição literária que gostaríamos a partir de agora de debruçar nossa especial atenção, a saber, *Razão e Sensibilidade* (1811) e *Orgulho e Preconceito* (1813), uma vez que, no nosso modo de pensar, são esses dois romances em questão que serão capazes de nos fazer adentrar em um dos temas que é de nosso interesse: a própria noção de leitura, carregada dentro do espaço ficcional dos dois romances citados. A partir deles, devemos investigar a problemática da seguinte maneira: temos como objetivo geral dentro do primeiro romance mencionado apontar as características da leitura feita por uma das protagonistas dele, Marianne Dashwood, cujo papel enquanto leitora demonstrará as consequências destruidoras ocasionadas por uma leitura nefasta²² dentro do próprio contexto social no qual se encontra inserida (o do pequeno proprietário de terras), enquanto acontecia a ascensão e consolidação da burguesia inglesa. Para o romance de 1813, proporemos outra visão da leitura em relação ao primeiro, uma vez que teremos em Elizabeth Bennet, protagonista de *Orgulho e Preconceito*, o então “modelo” de leitora, já que nessa personagem a luz da inteligência e capacidade de discernimento intelectual são postos em questão.

A partir daqui, então, passaremos a exclusivamente nos dedicarmos à discussão e ao aprofundamento das questões levantadas, com o intuito final de provocar no leitor uma abertura perante os possíveis, e por que não pensar quase inesgotáveis, caminhos interpretativos que obras como estas nos propõem a descobrir dentro dos níveis de leitura.²³

O primeiro romance composto dentro do que chamaremos de fase adulta, ou madura de escrita de Austen, a saber, o romance *Razão e Sensibilidade*, começa a ser elaborado por ela por volta de 1795, um primeiro esboço do trabalho se inicia em forma de cartas, muito próximo ao romance epistolar²⁴ *Lady Susan*, também de sua autoria. O romance intitulado

²¹ Em cinco atos, cujo intuito inicial era o de apenas fazer com que a adaptação fosse de cunho confidencial, partilhada apenas entre os membros da família.

²² O termo nefasto aqui utilizado não é tão prejudicial para Marianne quanto o foi para personagens leitoras como Madame Bovary e Luísa.

²³ Quando utilizamos os termos “níveis de leitura” estamos, em especial, reportando-nos às noções discutidas por Fredric Jameson em seu texto *O Inconsciente Político* (1992).

²⁴ Deriva do termo latino *epistoláris*, refere-se diretamente à composição por meio de cartas. Essa forma de escrita literária torna-se especialmente popular pelo autor inglês Samuel Richardson, que no século XVIII dará a suas protagonistas, citamos como exemplo a personagem Pâmela (1740), a forma de expressão e confissão

provisoriamente de *Elinor & Marianne*²⁵ é aquele no qual começamos a reconhecer a tentativa de trabalhar e aprimorar a técnica narrativa já empregada por Richardson (romance epistolar), bem como demonstrar a crítica ao romance sentimental, tão atrelado à técnica acima citada.

Entenderemos aqui o termo *crítica* como uma via de mão dupla, uma vez que este nos servira tanto para expressar o conhecimento da autora destes meios literários de expressão como também atrelar a essa noção um meio de releitura de um ponto debatido largamente. Quem nos conduz a uma explicação teórica a respeito do uso do sentimentalismo na literatura inglesa do século XVIII é Sandra G. T. Vasconcelos no livro *A formação do romance inglês: ensaios teóricos*. Vejamos:

Essa combinação de mente racional e coração sensível aproxima *sentiment* de *sensibility*, erigida, depois de Sterne, em palavra-chave do período, e reveste-a do significado de ‘emoção terna e refinada’, sem que ela perca, no entanto, a conotação original de reflexão moral. Embora não sejam palavras sinônimas, *sentiment*, *delicacy*, e *sensibility* apresentam sentidos que se pressupõe, o que se impede definições muito precisas, indica claramente a nova tendência de gosto. A partir do decênio de 1760, sentimentalismo e sensibilidade torna-se uma moda literária, um movimento cultural, um culto em toda a Europa. (VASCONCELOS, 2007, p. 100).

No entanto, como já tentamos indicar no parágrafo anterior, Jane Austen não fará de *Razão e Sensibilidade* uma reprodução fiel dentro das características propostas por uma narrativa sentimental de cunho epistolar, pois em 1797, dois anos após o pontapé inicial do trabalho, ela começaria a revisar seu conteúdo primeiro a fim de transformar a narrativa no texto que temos hoje em mãos. As características formais, presentes dentro desta (e de todas as demais obras), de certo modo vão ampliar a forma pela qual passaremos a ter acesso ao relato ficcional da vida privada dessas duas personagens, principalmente pelo fato de que, a partir desta revisão, houve o uso do chamado *discurso indireto livre* como recurso, por meio do qual, por exemplo, nos será permitido recorrer ao entendimento da complexidade psicológica de Elinor e Marianne, ultrapassando assim o valor confessional das cartas na medida em que apenas dispõe delas como mais um dos recursos literários, sendo este, agora,

sentimental por meio desse instrumento, que compõe o todo ficcional. A técnica permite ao leitor acessar, por meio dos pontos de vista apresentados via conteúdo das cartas, sentimentos, confissões, carregando as personagens de uma verossimilhança, presentes, de modo mais contundente, graças ao uso dessas técnicas narrativas utilizadas pelo autor inglês.

²⁵ Referência direta ao nome das duas personagens principais da trama.

de caráter periférico, como é o caso daquele que a antecede, Richardson,²⁶ conforme destaca Ian Watt em *A ascensão do romance*:

(...) Em seus romances há geralmente uma personagem cuja consciência recebe posição privilegiada e cuja vida mental é apresentada de modo mais completo que das outras personagens. Em *Pride and Prejudice* [*Orgulho e preconceito*] (publicado em 1813), por exemplo, a história é contada substancialmente a partir do ponto de vista de Elizabeth Bennet, a heroína, mas o narrador, assumindo o papel analista imparcial, atenua a identificação, graças a isso o leitor não perde sua percepção crítica do romance como um todo. (...) [D]A complexidade da personagem através da qual a história é contada: a evolução do ser interior (...). (WATT, 2010, p. 317-318).

Em termos de caracterização editorial, tanto *Razão e Sensibilidade* como *Orgulho e Preconceito* tiveram os direitos autorais vendidos e negociados,²⁷ com o auxílio de seu irmão Henry Austen, a um de seus contatos, Thomas Egerton of Whitehall, a quem não poderia se chamar de um editor, mas que, por lidar com um periódico (*The Loiterer*) na universidade de Oxford, onde o irmão de Austen possivelmente o conheceu, fez com que ele partisse daí para atingir o objetivo de ter esses romances publicados. Fazendo uso de pseudônimo *By a Lady*,²⁸ Austen não demonstrou quaisquer interesses (pois de fato isto não era comum entre autoras mulheres) de ter a sua identidade autoral revelada, ainda que ela mesma por vezes chegasse a se envolver com as questões referentes à publicação dos romances posteriores dela.²⁹

Razão e Sensibilidade foi publicado em novembro de 1811 (com todas as cópias vendidas da edição primeira). Não se sabe o número preciso da tiragem, mas presume-se ser algo pequeno),³⁰ tendo uma segunda edição corrida na data de 29 de outubro de 1813, prova do relativo sucesso, se considerarmos a maior dificuldade para a aquisição de obras literárias

²⁶ No entanto, deve-se realizar uma pequena, porém, importante, ressalva mediante os aspectos de composição da obra por nós aqui apresentada: ela irá por outro lado se reaproximar das características do autor de *Pâmela* pelo seu didatismo, pois ambos buscam em seus particulares modos de escrita oferecer ao leitor uma reflexão acerca da conduta demarcada pelo comportamento de suas personagens, pois encontra-se de certo modo atrelado a outra questão, a saber, os livros de conduta; por hora, faz-se necessário apenas o reconhecimento de tal semelhança. Mas no caso do autor, diferentemente de Austen, a carta é recurso sedimentar de seus trabalhos, já que nelas se expõe toda a força do trabalho.

²⁷ Apenas os direitos autorais de *Orgulho e Preconceito* foram vendidos, realmente, no caso do primeiro, a “venda” se deu por meio de pagamento comissionado.

²⁸ A primeira atribuição autoral de sua obra ocorre postumamente, com a inserção de uma nota biográfica, escrita por seu irmão Henry Austen na ocasião da publicação de *A Abadia de Northanger* em 1818, intitulada “*A Biographical Note*”.

²⁹ *Emma*, *A Abadia de Northanger* e *Persuasão* foram publicados por John Murray, cujo prestígio no meio editorial era de maior relevância.

³⁰ De acordo com a estimativa trazida por James Raven (2010, p. 196), no período em que os romances da autora haviam sido publicados, as edições não passavam de quinhentas cópias, ou quando se tratavam de livros de grande sucesso, a variação, apesar de um pouco maior, girava em torno de setecentas e cinquenta a oitocentas cópias, sendo que sessenta por cento dos romances publicados no período de 1770 a 1800 não chegavam à segunda edição em países como a Irlanda.

na época. Austen é quem nos dá uma ideia da recepção da obra numa carta escrita ao irmão, Frank Austen, a qual reproduziremos agora (FERGUS, 2010, p. 4-5): “ele me trouxe 140 libras – além de Direitos Autorais, se isso deva ser de algum valor. – Eu em vista disso possuo 250 libras. [tendo vendido os direitos autorais de *Orgulho e Preconceito* por 110 libras] – O que só me faz esperar por mais” (L, 03-06 julho de 1813, tradução nossa).³¹

Vemos que aqui também a autora parece tomar conhecimento do próprio processo em torno da autoria enquanto uma fonte de renda, mesmo que esta nasça dentro de uma sala de estar. De acordo com o que demonstra a também romancista Virginia Woolf, no livro *Um teto todo seu* (1994), Austen dispunha e costumava compor suas obras numa sala compartilhada pela família e cujo pudor em preservar as obras se dava quando se referia aos empregados da casa. Mais especificamente, estamos nos referindo à seguinte passagem:

Jane Austen escreveu assim até o fim de seus dias. “Como conseguiu fazer tudo isso”, diz o sobrinho dela em suas *Memórias*, “é surpreendente, pois ela não tinha um estúdio próprio para onde pudesse ir, e a maior parte do trabalho deve ter sido feita na sala de estar, sujeita a todo tipo de interrupções corriqueiras. Ela tomava cuidado para que os criados, ou visitantes ou quaisquer pessoas fora da família não suspeitassem da sua ocupação. Jane Austen escondia seus manuscritos ou cobria-os com um pedaço de mata-borrão”. (WOOLF, 1994, p. 84).³²

Ela passa, portanto, a marcar presença no cenário literário feminino em conjunto com outras mulheres, as quais, além das duas já citadas como influências literárias alguns parágrafos acima, incluímos no quesito autoria as antecessoras, Aphra Behn (? 1640-89), considerada uma das pioneiras no assunto, e Charlotte Smith (1749-1806).

Com relação a nossa segunda obra de interesse, temos também alguns dados importantes a acrescentar, a começar pelo fato de que este romance, ao contrário do primeiro por nós elencado, já não segue no esboço a tendência da narrativa epistolar, conforme apontamos dentro da discussão anterior. *Primeiras Impressões* (tradução nossa),³³ nome adotado provisoriamente como título do trabalho, teve como período de composição de outubro de 1796 a agosto de 1797. Essa primeira versão foi concebida por volta dos vinte anos de idade, período de considerável efervescência social na vida da autora, já que começa a frequentar bailes, visitar parentes abastados muitas vezes cercados por pessoas de diferentes posições sociais, o que permitiu a ela, em última instância, ampliar sua visão de mundo e por

³¹ Trad. p. 4-5: “it has brought me L 140 – besides the Copyright, if that shd ever be of any value. – I have now therefore written myself into L 250. [having sold the copyright of *Pride and Prejudice* for L 110] – which only makes me long for more” (L, 3-6 July 1813).

³² O grifo da palavra memórias do trecho é de fato a referência à biografia escrita pelo sobrinho, *Memoir*.

³³ O título original do romance na língua inglesa corresponde a *First Impressions*.

que não dizer reconhecer as ambiguidades presentes em todos os aspectos do grupo da qual fazia parte, tanto que *Orgulho e Preconceito* já não vem apoiado pelo uso de duas protagonistas, não ao menos no sentido de destacar a diferença gerada a partir de dois polos distintos de comportamento, como no caso do primeiro romance, mas por meio de Elizabeth Bennet,³⁴ a protagonista, na qual se concentra toda a passagem do enredo.

Um segundo ponto a ser discutido diz respeito à modificação do título para a publicação em 28 de janeiro de 1813, já que, de acordo com Kathryn Sutherland (2010, p. 17), a razão se atribui ao uso do mesmo título por outra autora, a saber, Margaret Holford, para a obra publicada em 1801. Ocorreram ainda outras pequenas revisões cujo produto final foi o romance publicado, de acordo com o que indica R.W. Charpman, editor das cartas de Austen.³⁵ As edições primeiras da publicação desses romances acontecem divididas em volumes, no caso de *Orgulho e Preconceito* ocorrem em três e em outubro deste mesmo ano há a saída de uma segunda tiragem, seguida ainda por uma terceira, em 1817, ambas ainda em vida.

Há ainda um último acréscimo a ser feito, tanto *Razão e Sensibilidade* quanto *Orgulho e Preconceito*, assim como *A Abadia de Northanger*, de acordo com dados trazidos pelo sobrinho, em referência à biografia póstuma, ou *Memoir* (1870), foram concebidos enquanto Austen ainda residia em Steventon, dentro da faixa etária dos vinte anos, período anterior à interrupção causada pelas mudanças de localidade entre Bath e Southhampton (1801-1809). Ainda segundo relata o sobrinho, é apenas nos cinco últimos anos vividos por ela que se testemunhou o mesmo número de obras escritas no período que ele delimita como sendo sua “juventude”³⁶ e que engloba as obras estudadas por nós.

Em termos recepcionais, podemos iniciar dizendo que os primeiros dos seus críticos foram, de fato, a irmã e os parentes mais próximos, como sobrinhos. Suas obras, como já

³⁴ Para não deixarmos de fazer jus ao romance como um todo, dizendo que não há outra personagem de importância relativa, apontamos que Jane Bennet é reconhecidamente vista no romance, por meio de sua relação amorosa com outra personagem, a saber, senhor Charles Bingley, no entanto, literariamente, devemos apontar que não é nela o foco narrativo, e com exceção da presença do narrador onisciente, podemos afirmar que a presença de complexidade psicológica (pelo uso do discurso indireto-livre, conforme apontado anteriormente) acontece somente no caso de Elizabeth, sendo, portanto, Jane considerada uma personagem plana (segundo este conceito de classificação das personagens literárias), pois não encontramos nela os recursos de composição apresentados pela protagonista. Os termos da tipologia de criação das personagens literárias aqui utilizados acompanham a proposta indicada na antologia intitulada *A Personagem de Ficção*, organizada por Antônio Candido (2004).

³⁵ AUSTEN, J. *Letters 1796-1817*. Edited by R.W. Chapman. Oxford: Oxford University Press, 1956.

³⁶ Não confundir o uso do termo com o período de sua *Juvenilia*, pois aqui ele parece estar intimamente se referindo ao que chamamos de idade adulta, sendo assim apenas um conflito de termos.

havíamos adiantado, circulavam de modo confidencial nas mãos deste seletto grupo, muitas vezes com o intuito singelo de entretê-los:

Chawton, quinta-feira, 4 de fevereiro (1813).

MINHA QUERIDA CASSANDRA, – Sua carta foi realmente bem-vinda, e sou-lhe muito grata por todo o seu divertimento; ele veio em um momento certo, já que eu tinha tido alguns ataques de repulsa. Em nossa segunda noite de leitura, a Miss B. não havia me agradado muito, mas eu acredito que algo deve estar atribuído à forma demasiado rápida de compreensão de minha mãe: embora ela compreendesse perfeitamente as personagens por si mesmas, ela não pôde expressar-se devidamente. No geral, no entanto, estou bastante satisfeita com o texto. O trabalho está bastante leve, brilhante e efervescente; ele quer sombra; ele quer ser ampliado para além aqui e ali com um longo capítulo de sentido, que ele poderia ter tido; se não, do absurdo especioso solene, sobre algo alheio à história; um ensaio sobre a escrita, uma crítica a respeito de Walter Scott, ou a história de Bonaparte, ou algo que pudesse formar um contraste, e trazer o leitor maior deleite por meio do humor e epigramatismo do estilo geral. Os maiores erros na impressão reuniram-se como está na página 220, 3 v., na qual dois discursos são feitos em um. Pode não haver muitos jantares em Longbourn; mas eu suponho que sejam os resquícios de antigos hábitos de Mrs. Bennett em Meryton. (AUSTEN-LEIGH, 2006, p.106, tradução nossa).³⁷

No trecho observamos claramente a presença da interação familiar na discussão das obras, que neste caso se liga diretamente às opiniões emitidas pela mãe e de maneira indireta via correspondência por Cassandra Austen. No entanto, as críticas externas de seus trabalhos não tardam a surgir, e de modo bastante genérico podemos considerá-las em sua maioria positivas. A recepção de *Razão e Sensibilidade* já tem resposta imediata, dada no mesmo ano de sua publicação, como afirma Mary Waldron (2010. p. 83, tradução nossa):³⁸ “*Razão e Sensibilidade* foi divulgado como sendo um ‘romance extraordinário’ no periódico intitulado *the Morning Chronicle*, em 1811.”³⁹

³⁷ Trad. p. 106: Chawton, Thursday, February 4 (1813).

“MY DEAR CASSANDRA, — your letter was truly welcome, and I am much obliged to you for all your praise; it came at a right time, for I had had some fits of disgust. Our second evening’s reading to Miss B. had not pleased me so well, but I believe something must be attributed to my mother’s too rapid way of getting on: though she perfectly understands the characters herself, she cannot speak as they ought. Upon the whole, however, I am quite vain enough and well satisfied enough. The work is rather too light, and bright, and sparkling; it wants shade; it wants to be stretched out here and there with a long chapter of sense, if it could be had; if not, of solemn specious nonsense, about something unconnected with the story; an essay on writing, a critique on Walter Scott, or the history of Buonaparté, or something that would form a contrast, and bring the reader with increased delight to the playfulness and epigrammatism of the general style. The greatest blunder in the printing that I have met with is in page 220, v. 3, where two speeches are made into one. There might as well be no suppers at Longbourn; but I suppose it was the remains of Mrs. Bennett’s old Meryton habits.” (AUSTEN-LEIGH, 2006).

³⁸ Trad. p. 83: “*Sense and Sensibility* was advertised as an ‘extraordinary novel’ in the *Morning Chronicle*, in 1811”. (WALDRON, 2010).

³⁹ O jornal *The Morning Chronicle* foi fundado em Londres no ano de 1769 e publicou até a data de 1862, quando suspenheu suas atividades, que incluíam também a anúncio de obras com a de Austen.

Outra crítica foi publicada na sequência, três meses após a aparição do romance, em 1812, no *The Critical Review*,⁴⁰ cujo teor reflete a tendência da avaliação formal do romance, atribuindo ao mesmo adjetivações como “bem escrito” (tradução nossa).⁴¹ O sentido oposto da crítica vem do *British Critic*,⁴² o qual em maio daquele mesmo ano pareceu elucidar a preocupação maior em dar destaque à noção moral, vivida pelas personagens de Elinor e Marianne.

O fenômeno é muito similar quando se trata das respostas vinculadas à crítica de *Orgulho e Preconceito*, que recebe de imediato, em 1813, mais precisamente nos meses de fevereiro e março daquele ano, as respectivas críticas externas do *The British Critic*, que classifica o romance como “*espirituoso e vigoroso*”.⁴³ Já a crítica do segundo periódico é ainda mais densa a ponto de comparar a protagonista Elizabeth à personagem shakespeariana Beatrice. Outras notas nestes termos de crítica literária foram feitas, como a de abril de 1813, por meio de mais um periódico, *A New Review*.⁴⁴ Porém, o mais significativo de todos os retornos críticos da época parece ter vindo de Walter Scott, o qual, no ano de 1815, fez, mediante o pagamento comissionado a pedido de Murray, um comentário anônimo a respeito de *Orgulho e Preconceito* e *Emma*, mais uma das obras austenianas recém-publicadas. De acordo com Waldron (2010, p. 85-86, tradução nossa),⁴⁵ a crítica veio a ser exposta, no ano de 1816, no jornal *The Quartely Review*,⁴⁶ conforme destacamos abaixo:

Ela havia, ele afirma, “produzido esboços de tal espírito e originalidade, que nunca perdemos o entusiasmo que depende de uma narrativa dos acontecimentos incomuns decorrentes da consideração de mentes, maneiras e sentimentos, muito acima da nossa própria”. O autor de *Emma* “está quase sozinho” neste; embora ele não diga sem rodeios, ele percebe-a claramente como um original (WALDRON, 2010, p. 86).

Scott acrescenta dentro de sua análise textual já bastante positiva algo ainda mais enriquecedor ao apontar que Austen, ao contrário daqueles que a precederam, foi capaz ainda de aliar aos seus romances uma nova maneira de envolver os leitores dessas obras quando

⁴⁰ *The Critical Review* também data do mesmo período na lista dos periódicos da Inglaterra (1756-1817).

⁴¹ O termo original usado pelo crítico é “*well written*”.

⁴² Trimestral, o *British Critic* data do período de 1793-1826.

⁴³ Os termos utilizados na língua inglesa não são sinônimos ao que traduzimos, mas em português optamos por preservar o sentido, não a literalidade, ao traduzi-los, na tentativa de preservar a proximidade com o texto da dissertação de mestrado. Trad. p. 85: “*spirit and vigour*” (WALDRON, 2010).

⁴⁴ *A New Review*, editada por Paul Henry Maty (1782-1786).

⁴⁵ Trad. p. 85-86: “she had, he asserts, ‘produced sketches of such spirit and originality, that we never miss the excitation which depends upon a narrative of uncommon events arising from the consideration of minds, manners, and sentiments, greatly above our own’. The author of *Emma* ‘stands almost alone’ in this; though he does not say so outright, he clearly perceives her as an original” (WALDRON, 2010).

⁴⁶ Fundada em 1809 pela companhia de John Murray II, finalizou suas atividades no ano de 1967.

eleva a apreciação de reconhecer e aprofundar os dilemas apresentados de modo particular por cada uma de suas protagonistas.

Proporemos, então, que a partir deste ponto déssemos um passo adiante, a fim de angariar na exposição dos dados históricos uma maior e, esperamos, sólida visualização destas questões sociais as quais Walter Scott chama de dilemas, que para nós, em última instância, servirão como um ponto de partida para deixarmos para trás a noção trazida pelo senso comum⁴⁷ quando se trata o enredo de cada obra, enquanto um mero deslanchar da vida de moças apenas em busca de parceiros que, de algum modo, lhes estabeleçam uma melhor condição social (cujo fim último é o casamento); não deixa de existir, de fato, mas ainda assim nos deve levar a perceber a existência enquanto tema de devida importância e destaque, como já dito na apresentação da nossa problemática, também a questão leitura vivida no âmbito fictício por meio das personagens leitoras.

1.2 Contexto histórico – e considerações sobre a leitura

A Inglaterra que nos é apresentada no espaço ficcional dos livros de Austen é quase toda envolta pelo aspecto ruralista. Nela, famílias se envolvem e interagem, como é o caso dos Bennet e dos Lucas,⁴⁸ ou ainda as mulheres do clã Dashwood *versus* os Middleton.⁴⁹ Por outro lado, verificamos também, ao realizar uma leitura mais profunda de tais textos literários, que há no seu cerne a transmissão de toda efervescência sociocultural pela qual o país está passando, onde se viu como nunca florescer um número mais expressivo de periódicos (incluem-se aqui jornais e revistas), bem como a impressão de livros, em especial do gênero romance, graças às inovações promovidas dentro do século XVIII pela chamada Revolução Industrial e ao acúmulo de capital. No entanto, julgamos ser possível de se deixar algumas lacunas em aberto, caso não seja, ainda que minimamente, promovida uma discussão a respeito do caminho por este país percorrido, a fim de alcançar tal ponto naquilo que chamamos de efervescência sociocultural.

Parece-nos sábio referirmo-nos, neste momento, ao fato de que todo o processo de estruturação em termos de produção industrial não acontece de uma hora para outra, passando por um longo caminhar, iniciado com o fator da chamada criação da moeda forte, a libra

⁴⁷ Entender a expressão como leitores fora do meio acadêmico.

⁴⁸ Famílias-chaves do romance *Orgulho e Preconceito*.

⁴⁹ Clãs centrais no romance *Razão e Sensibilidade*.

esterlina, dentro especialmente de dois reinados ingleses, respectivamente: o de Elizabeth I (1558-1603) e o de Jaime I (1603-1625),⁵⁰ no qual o pronto crucial era o de se promover a expansão econômica e territorial inglesa. A reestruturação econômica permitiria, então, que fosse facilitada a aquisição de empréstimos, cujo intuito principal era modelar o estado inglês para enfrentar a hegemonia comercial, até então garantida entre os países da França e da Holanda, sendo que com a segunda a Inglaterra iria, de maneira mais efetiva, disputar a posição de destaque no setor têxtil. No entanto, vale destacar que houve também a percepção em realizar investimentos em produtos considerados de baixo valor comissionado, como na mineração de carvão e metalurgia, a qual nos séculos seguintes seria de fundamental importância para promover a própria modernização interna do país, especialmente por meio da construção de ferrovias. Sendo assim, com a força do capital garantido, o país passa a promover também o desenvolvimento dentro de atividades de outra espécie, como as culturais, sendo o teatro o que mais se destaca inicialmente nos séculos XVI e XVII, enquanto principal fonte de entretenimento da corte⁵¹ e cujo principal expoente é William Shakespeare (1564-1616).

Porém, é dentro do processo de afirmação da hegemonia comercial inglesa, formalizada a partir do século XVIII, em especial, que se é possível reconhecer e localizar com mais afinco a necessidade de abertura cultural e, no século XIX, encontrar um exemplo dessas criações por meio das obras de Austen, já que a partir desses períodos encontramos também no cenário do país um grupo de cidadãos que ganha força de expressão justamente e juntamente com as necessidades de inovação e enriquecimento do país,⁵² a saber, a classe burguesa. Passamos a discutir agora a área ruralista gregoriana, pois é nela que se figuram os enredos de Austen.

Como dissemos anteriormente, a Inglaterra, a partir do século XVIII, passa a adentrar ao mundo comercial, de modo que influenciará inclusive a noção do campo, ou modo pelo qual as terras e essas propriedades rurais vivenciam a tal realidade. Sabe-se, por meio de estatísticas, que, de acordo com o que aponta Hobsbawm (2007, p. 243): “em 1848, a população do mundo, mesmo na Europa, ainda consistia, sobretudo de homens do campo. Até na Inglaterra, primeira economia industrial, os moradores da cidade só excederam os do campo em 1851, ano em que passaram a constituir 51% da população”. Aqui, portanto, fica

⁵⁰ Corresponde à Era dos Genoveses (1557-1627).

⁵¹ Conhecido como teatro Elisabetano, era inicialmente realizado ao “ar livre”, e ainda que limitado, esse entretenimento era acessado também pela camada social menos abastada.

⁵² A burguesia se estabelece graças especialmente a atividades comerciais, dentro e fora do país, facilitadas por um sistema naval fortalecido.

demarcada de modo efetivo a importância de não nos deixarmos seduzir pela ideia de uma Inglaterra que se destaca via Revolução Industrial, e assim pensar que ela funciona enquanto um dos meios dentre tantos que se apresentam no país, sem, no entanto, perdermos de vista a fusão de suas potencialidades dentro do próprio sistema de campesinato e agricultura familiar inglesa.

Podemos ainda compreender um pouco mais a respeito dessa sociedade burguesa agrária com o auxílio da explicação dada por Raymond Williams no livro *O Campo e a Cidade*:

Sem dúvida, a transição das estruturas feudais e imediatamente pós-feudais para esse capitalismo agrário incipiente é muitíssimo complicada. Suas implicações sociais, porém, são bem claras. É também, em termos políticos, uma aristocracia, cujos títulos de uma sociedade regida por obrigações e relações tradicionais entre as ordens sociais. Mas a principal atividade dessa classe era de espécie radicalmente diversa. Essas pessoas viviam de cálculos de aluguéis e lucros sobre investimento de capital, e era através de aluguéis extorsivos, anexações e cercamentos que elas aumentavam seu controle sobre a terra. (WILLIAMS, 1989, p. 88).

Partindo desses pressupostos, gostaríamos de elucidar que o pano de fundo social apresentado pelos romances aponta para a compreensão do motivo pelo qual a terra possa ser encarada também como *negócio*, já que essas relações sociais envolveram conchavos familiares, por meio de casamentos arranjados e até mesmo da aplicação da “política do melhoramento”.⁵³ Williams (1989, p. 96) continua: “assim, o melhoramento da terra exigia muito capital e, portanto, a liderança de seus proprietários rurais”. Essa liderança implicava, por exemplo, na cobrança de aluguéis dentro das suas terras por outros arrendadas, o que fortalece o caráter cada vez menos bucólico⁵⁴ do homem com relação à terra. Estes homens representaram seja na cidade ou no campo a fatia a qual poderia alcançar ou ter acesso ao mínimo de educação e conhecimento e deles partiria também a necessidade de busca nas mais diversas fontes do saber, uma delas vem ligada ao hábito da leitura.

A razão pela qual encontramos a partir do século XVIII uma maior variedade de produtos e serviços (neste caso inclui-se a impressão, germinada já no século XV)⁵⁵ é

⁵³ A ética do melhoramento no sentido que buscamos aqui envolve a busca por aumento das propriedades rurais, por meio de união entre famílias, ou, ainda, pela permissão de aluguéis ou arrendamentos das terras, na busca final do aumento e aprimoramento das técnicas de produtividade.

⁵⁴ Aqui referido no sentido de apego emocional com a terra. O desapego passa a favorecer inclusive o abastecimento gradual de uma nova demanda populacional dentro das cidades, especialmente Londres.

⁵⁵ No contexto inglês, Darnton no texto *A História da Leitura* (1992) trará um dado interessante demarcando que o cenário da leitura começa a se estabelecer a partir do domínio inglês no processo de impressão, ocorrido após o ano de 1557.

justamente canalizada, como lemos neste trecho de *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*:

O que significa a frase “a revolução industrial explodiu”? Significa que a certa altura da década de 1780, e pela primeira vez na história da humanidade, foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornou capaz a multiplicação rápida, constante, e, até o presente, ilimitada, de homens, mercadorias e serviços. (HOBSBAWM, 1979, p. 44).

A leitura passa então a ser vista e incorporada pouco a pouco, conforme buscaremos destacar ao longo dessa dissertação, enquanto mais uma das atividades sociais desempenhadas pelo homem que partilhará do processo industrial no qual o livro passa a ser lido, adquirido ou emprestado por um número considerável de leitores cujo poder aquisitivo permitiria tal comportamento.

Outro ponto que a partir daqui pretendemos discutir a relevância diz respeito à própria leitura do gênero romance, todavia, antes de adentrarmos em tais questões, proporemos discutir um pouco mais a respeito da leitura de modo geral.

Nossa proposta, aqui, devemos deixar claro, não é a de realizar uma macroanálise da história da leitura, deslocada do âmbito dos romances, já que necessitaremos dela como meio de realização para compreensão e análise desses trabalhos literários e por essa razão é preciso apontar que a leitura enquanto prática datada de muito antes da época de Austen.

Segundo Darnton, na abertura do livro organizado por Peter Burke, *A Escrita da História: novas perspectivas* (1992), existem exemplos relatando a presença de grandes leitores, como o encontrado por Carlo Ginzburg, um humilde moleiro cujo nome era Menocchio, registrados no século XVI no período da Inquisição. O teórico aponta ainda outros exemplos, afirmando que entre os anos de 1774 e 1785, por meio de uma série de cartas⁵⁶ que registram o fluxo de leitores no Antigo Regime (ou conforme o autor mesmo intitula como sendo um rousseauísmo, fortalecido principalmente após a publicação de *La Nouvelle Héloïse*, em território francês), fenômeno similar aparece na Inglaterra: as publicações do escritor inglês Samuel Richardson (1689- 1761), de quem falaremos um pouco mais a respeito na medida em que adentrarmos na discussão a respeito da produção livresca no país onde nosso foco de pesquisa está vinculado.

⁵⁶ Referimo-nos as cartas escritas pelo Ranson.

Ainda por meio da discussão elaborada por Darnton (1992, p. 206), podemos ofertar outras situações em que a leitura e o público leitor (burguês) surgem com alguma expressividade, detalhando estatisticamente: *Das gelehnte Teuschland*, um almanaque literário, publicado na Alemanha, o qual aponta em 1772 a presença de 3.000 escritores vivos.

Apesar de sabermos que muitos desses exemplos podem nos auxiliar no sentido de demonstrarmos que a questão livresca é, de fato, bem mais ampla e complexa do que conseguiremos abranger aqui, esperamos indicar, ainda que minimamente, a presença dessa questão nos demais países europeus, acima citados para, enfim, destacarmos o cenário da leitura inglesa, de modo a abrir espaço de compreensão dentro do objeto de estudo que nos atrai e, assim, de modo mais coerente, religar de algum modo esses pontos de contato, ora específicos, ora abrangentes no movimento da grande História (ao invés de apenas apontar exemplos soltos de outros momentos históricos ao final de todo este projeto).

Aqui, então, começaremos por delimitar nosso campo de visão, fazendo valer, momentaneamente, nossa necessidade de periodização da leitura no contexto inglês. Partindo dos séculos XVIII e XIX, no primeiro temos a clara noção da necessidade e reconhecimento da prática enquanto hábito e, no segundo, a realidade do mesmo já mais assegurada e arraigada, além do fator de que é nesse momento que vemos as obras de Austen em circulação. De um modo geral, quem muito nos diz a respeito desta visão histórica inglesa, além do já sabido e citado Peter Burke, é Ian Watt, em *A Ascensão do Romance* (2010), e Richard D. Altick, em *The English Common Reader: A Social History of the Mass Reading Public, 1800-1900* (1998), cujo apresentar histórico da cultura da leitura inglesa começamos a discutir agora.

A Inglaterra em 1750 contava, de acordo com o que aponta Altick (1998, p. 49), com um montante populacional que girava em torno de seis a sete milhões de pessoas. Desse grupo, em 1790, recebemos a estimativa do número representante da parcela de leitores da época, por meio de Edmund Burke (*apud* ALTICK, 1998, p. 49): cerca de oitenta mil pessoas. Grande parte desse limitado número fica mesmo ligada à burguesia, uma vez que, segundo admite Watt (2010), a educação para as camadas mais pobres era de certa forma restrita, as chamadas *escolas de caridade*; de modo geral, a ida a estes locais acontecia de forma breve e irregular, o que dificultava ainda mais a aquisição elementar da leitura.

Segundo afirma Watt (2010, p. 40), 1788 foi o primeiro ano no qual se conseguiu obter dados confiáveis a respeito destes locais de ensino: “cerca de um quarto das paróquias da Inglaterra não tinha nenhum tipo de escola e quase a metade não dispunha de

estabelecimento de ensino”. Aponta ainda que as crianças recebiam educação em Londres, principalmente entre os seis ou sete anos de idade. Nesse curto período, a intenção primordial era a de revelar mais conceitos morais e religiosos (afirmando noções de conduta) ao invés da alfabetização propriamente dita em língua vernácula.

Outro fator a ser considerado diz respeito à própria noção de produtividade referente ao custo do livro, primeiro porque o produto final dependia em último caso de outras matérias-primas, como o papel, cujo valor entre os anos de 1793-1801 quase dobrou, agravado nesse período devido à guerra Napoleônica. Os próprios funcionários responsáveis pelo processo de impressão do material figuravam entre os mais bem remunerados na cidade de Londres e, segundo apresenta Altick (1998, p. 262), em 1801 chegavam a receber por semana 33s.⁵⁷ A própria noção de produtividade livresca nos faz compreender que o empreendedor do ramo livresco não se preocupava em atender esta fatia da população, de modo que lhe parecia mais vantajoso a emissão de um número menor de exemplares, muitas vezes pensando no mercado de luxo, conforme aponta ainda Altick:

(...) Os editores, por outro lado, poderiam fazer uma plausível, se não totalmente convincente, defesa. Por um lado, a classe que havia gerado uma súbita riqueza por meio da fabricação ou comercialização de material na guerra formou um mercado lucrativo para os livros de luxo. Valorizando livros fichas principalmente como conspícuas de riqueza, essas pessoas adornavam as prateleiras de suas mansões com volumes cuja opulência era óbvia ao espectador mais casual. (ALTICK, 1998, p. 261, tradução nossa).⁵⁸

Exemplares de romances como os de Samuel Richardson, *Clarissa* (1748), é um bom exemplo. Eram publicados em volumes⁵⁹ e suas taxas por unidade variavam entre três *shillings* (quando na versão encadernada) ou dois *shillings* e três *pençe* (quando na versão de páginas avulsas), de acordo com o que pontua Watt (2010, p. 44).

Fica claro aqui quem seria então o público-alvo (a burguesia e membros da aristocracia inglesa), uma vez que a produção do livro, apoiada ainda pela chamada lei dos

⁵⁷ Em termos comparativos de salário, segundo consta em Watt (2010, p. 43), “um trabalhador braçal ganhava em média dez *shillings* por semana”. Ainda nestes mesmos termos, o autor nos revela que entre os mais abastados economicamente se via uma parcela de 225 mil comerciantes, cujo rendimento médio anual era de 45 libras, ou de 141 mil proprietários de terras com um montante que oscilava entre 55 e 42 libras e 10 *shillings* anuais. Dentro do espectro apresentado por estes dois últimos, segundo ele, seria mais possível a compra de algum exemplar.

⁵⁸ Trad. p. 261: “(...) the publishers, on the other hand, could make a plausible, if not wholly convincing, defense. For one thing, the class that had come into sudden wealth through manufacturing or trading in war supplies formed a lucrative market for luxury books. Valuing books primarily as conspicuous tokens of wealth, these people lined the shelves of their mansions with volumes whose costliness was obvious the most casual beholder.” (ALTICK, 1998).

⁵⁹ A publicação em diversos volumes seria uma maneira encontrada de se baixar o custo médio de cada obra.

direitos autorais, ou no termo original, *copyright*, estabelecida no ano de 1709, interferia diretamente no custo e nos direitos sob o aspecto da reprodução destes por aqueles que o adquiriam por um viés formal.⁶⁰

No entanto, cabe-nos dizer dois mecanismos funcionaram como fontes expressivas para o acesso aos livros. O primeiro, por meio da reprodução ilegal, e o segundo, pelas chamadas *bibliotecas circulantes*. Houve também uma considerável contribuição para a popularização da leitura, os chamados periódicos, como discutiremos de modo mais abrangente a partir daqui.

Conforme já dito anteriormente, vários foram os fatores que no século XVIII ainda freavam uma expansão mais uniforme e de acesso irrestrito à leitura e à publicação de livros de modo geral, mas houve também aqueles que buscaram atender a essa demanda oferecendo outros meios, como foi o caso de dois empreendedores notáveis do ramo, a saber, Lankington e William Lane. O primeiro, um ex-sapateiro, de família humilde, abre sua livraria em 1774 com o objetivo de oferecer a custos menores livros à grande maioria que não tinha acesso a eles. *Temple of the Muses*, como era conhecida, segundo aponta Altick (1998, p. 58), ocupava na *Finsbury Square*, em Londres, um grande número de casas que faziam parte desse empreendimento comercial. Dentro deste mesmo fragmento, Altick completa:

Lackington recebeu muita hostilidade por parte dos livreiros ortodoxos, e em contrapartida a gratidão de leitores por cortar preços de novos livros, inaugurando a chamada ‘venda abaixo do preço’ prática que criaria animosidade no comércio pelos próximos cem anos. Estas medidas, bem como a sua negociação de livros de segunda mão enviados a partir do país, resultou na tão merecida prosperidade. Em 1791 e 1792, ele diz nas memórias cativantes e sinceras que ele possuía um volume de negócios anual de 100.000 volumes e um lucro de 4.000 libras a 5.000 libras. (ALTICK, 1998, p. 58, tradução nossa).⁶¹

Além dele, existiam relatos de que também se era possível adquirir volumes de segunda mão a preços mais modestos por meio de antiquários,⁶² mas é com as chamadas *bibliotecas circulantes* que se fez possível o acesso em maior escala ao hábito da leitura. A

⁶⁰ Para livros publicados anteriormente a lei de *copyright* era em média de vinte e um anos, enquanto para aqueles publicados *a posteriori*, a média era ainda maior, com vinte e oito anos.

⁶¹ Trad. p. 58: “Lackington earned the increased hostility of the orthodox book-sellers, and the further gratitude of readers by cutting prices on new books, thus initialing the ‘underselling’ practice that was to breed animosity in the trade for the next hundred years. These steps, as well as his dealing in secondhand books sent up from the country, resulted in well-deserved prosperity. In 1791 and 1792, he says in his engagingly candid memoirs he had an annual turn-over of 100,000 volumes and a profit of L 4,000 and L 5,000.” (ALTICK, 1998).

⁶² Referimo-nos aqui a um exemplo trazido por Altick (1998, p. 59) em que ele nos conta a respeito de um visitante Alemão, Carl Philip Mortiz, que numa visita à cidade de Londres no ano de 1782 relata que nestes locais se é possível encontrar volumes das obras de Shakespeare pelo montante de meio *penny* ou um *penny*.

primeira biblioteca presente nessa configuração a que se tem conhecimento surgiu no ano de 1725, e era pertencente a um poeta de Edimburgo, Allan Ramsay, mas é apenas em 1740, quando em Londres se estabelece uma delas, que se é possível conferir a noção de maior abrangência da questão. Aqui se pode, por exemplo, e é o que faremos a partir deste ponto, conhecer o segundo empreendedor, que apontamos brevemente em passagens anteriores referimo-nos ao destaque dado a William Lane, fundador da *Minerva Press*. Segundo Vasconcelos, podemos angariar outros dados a respeito:

William Lane iniciou suas atividades como livreiro e editor em 1775, mas o nome de Minerva Press só foi adotado em 1790. Até 1820, a Minerva Press foi a principal fornecedora de romances para gabinetes de leitura. (...) A descrição da editora de Lane como uma “manufatura” tem evidentes correlações com a escala industrial de produção, que começava a tornar-se rotina na Inglaterra (VASCONCELOS, 2007, p. 189, nota de rodapé n.274).

Ainda a respeito das atividades desenvolvidas por Lane, podemos verificar que ele não se deu por satisfeito quando realizou a produção de livros,⁶³ especialmente do gênero romance, cujo papel elucidar-se-á noutra oportunidade, mas também se destacou no ramo dos empréstimos livrescos e daí a importante conexão com o que vínhamos abordando, a questão das *bibliotecas circulantes*, conforme complementa o trecho destacado abaixo:

A biblioteca Minerva, surgiu em 1770, foi uma das famosas e prósperas em sua esfera, tal como O Templo das Musas de Lackington. Em 1790 ela ofereceu 10.000 volumes para empréstimo: “Obras” (como coloca o prospecto emitido oito anos depois) “de Genialidade e Gosto, tanto antigo e moderno, seja História, biografia, Filosofia, Voyages, Viagem, Poesia, & c, & c . (...) Também [e realmente mais importante] para prazer e divertimento, a cada Novela, Romance, Contos e Aventura em Idioma Inglês, juntamente com todas as publicações dramáticas.” (ALTICK, 1998, p. 62, tradução nossa).⁶⁴

Gostaríamos ainda, de forma a elucidar e de poder fornecer mais um fragmento a respeito da temática apresentada, a fim de promover a retificação total da questão, demonstrar que o papel social das mesmas, no quesito a que elas se propunham, estende-se ao longo de todo século XIX, período em que os romances de Austen adentram o circuito de leitura. A

⁶³ Não só na produção, mas, de acordo com Altick (1998), distribuiu entre vendagem dentro de tabacarias, vendedores de molduras para quadros e outros mercadores, um volume de obras que variavam de cem a dez mil exemplares de livros.

⁶⁴ Trad. p. 62: “Minerva Library, begun in 1770, was a famous and prosperous in its sphere as Lackington’s Temple of the Muses was in another. // In 1790 it offered 10,000 volumes for loan: “Works” (as prospectus issued eight years later put it) “of Genius and Taste, both ancient and modern, whether History, Biography, Philosophy, Voyages, Travel, Poetry, &c., &c. (...) Also [and actually most important] for Pleasure and Amusement, every Novel, Romance, Tales, and Adventure in English Language, together with all Dramatic Publications.” (ALTICK, 1998).

Neste fragmento, Altick está se referindo a dados fornecidos por Blakey em *The Minerva Press*, p. 114.

tabela descrita abaixo nos dá uma ideia formal da tipologia e quantidades de volumes presentes na descrição datada de 1838, por meio dos critérios de pesquisa obtidos pela *The London Statistical Society* após selecionar, de acordo com Altick (1998, p. 217-218), dez destas bibliotecas.

Romances de Walter Scott, e Romance em imitação a ele. Volumes de; Galt, etc.	166
Romances de Theodore Hook, Lytton Bulwer etc.	41
Romances de Captain Marrayat, Cooper, Washington Irving etc.	115
Voyages, Viagem, História e Biografias	136
Romances da Srta. Edgeworth e Romances Morais e Religiosos	49
Trabalhos de Bom Caráter, Dr. Johnson, Gold-Smith etc.	27
Romances, Castelo de Otranto etc.	76
Romances da Moda, famosos	439
Romances de pouca qualidade, sendo eles imitações baratas de Romances Famosos que não continham nada de bom e também nada dito ruim	1008
Livros antigos de Miscellaneous, Calendário de Newgate etc.	86
Trabalhos de Lord Byron, de Smollett e de., Fielding do., Gil Blas etc.	39
Livros decididamente ruins	10

Tabela 1: retirada do texto de Altick (1998, tradução nossa).

Por meio dessa passagem última, talvez consigamos apreender melhor como estes três fragmentos explicativos tratados acima trazem e dizem respeito a um ponto em comum, a saber, a questão do romance enquanto gênero que carrega consigo, em grande parte, a responsabilidade da disseminação da leitura, sendo grande parceiro do público feminino, que em maior número (no contexto de público leitor) passa a encontrar nele uma alternativa de ocupação prazerosa, de modo que na citação acima percebe-se a grande quantidade de textos que são reconhecidos dentro deste gênero, cujo processo de ascensão acontece de modo mais incisivo a partir do século XVIII. Longe de tentarmos esboçar a discussão a respeito do surgimento do romance, optaremos apenas em descrever, em linhas mais genéricas, as razões pelas quais o público leitor, feminino, burguês, apresenta-se enquanto mantenedor deste.

Ideologicamente, o gênero romance carregara consigo a função de representar uma classe em plena ascensão, a saber, a burguesia, cujo cenário se faz propício, uma vez que é característica eminente do gênero abordar a temática da vida comum. Por seu caráter anárquico,⁶⁵ Terry Eagleton (2010, p. 8, tradução nossa) aponta a seguinte descrição em *What's a novel* para o surgimento do romance no século XVIII: “visto que o romance lida

⁶⁵ Entender a palavra anárquico enquanto gênero que não possui na sua forma e conteúdo uma predileção temática, podendo conter dentro de si fragmentos de outros aspectos literários, como o poético, por exemplo.

com a vida comum. É o grande gênero *popular*, um modo literário dominante que faz uso da linguagem do povo”.⁶⁶

O gênero romance destacou, portanto, como sua fonte o uso da linguagem comum e com isso a burguesia passa a ter com o *novel*⁶⁷ uma identificação, já que esse espelhamento não se poderia estabelecer tão facilmente com os demais gêneros literários, como a poesia ou o teatro, cuja temática se ligava à realidade da aristocracia. Nesse aspecto, pode-se dizer ainda que o público leitor passará também a vincular seu modo de agir, pensar, ideologicamente falando, de modo político, quando em sua postura passa a usar o romance enquanto fonte da qual vinha a se abastecer, levando em conta os aspectos morais difundidos dentro das obras.⁶⁸

Seguindo essa premissa, dentro da popularidade do gênero romance, Vasconcelos (2007, p. 152) acrescenta: “(...) o romance transformou-se num fenômeno. Tornou-se popular, fez sucesso, vendia, era lido. E falava-se sobre ele nos cafés, nos periódicos, nas rodas sociais e nos círculos dos homens e mulheres de letras”. Veja que a autora sentenciar-o como sendo um *fenômeno*, no entanto, talvez devêssemos com cautela recordar-nos de que, se tratando das mulheres, a educação recebida era considerada compatível com as funções sociais por elas exercidas dentro do período em questão, entretanto podemos dizer de dentro da fatia que engloba a sociedade burguesa que as mulheres eram norteadas por uma educação que levavam em conta as chamadas *habilidades femininas*, cujo papel principal era o de nutrir esta mulher de modo a adorná-la com fundamentos educacionais que funcionariam tanto para seu próprio prazer como para a distinção de conduta na qual ela deveria se manter. De acordo com o que nos informa Kelly (2010, p. 256-257, tradução nossa), “(...) na educação feminina – ensino básico, administração do lar e instrução religiosa”.⁶⁹

Ela continua e mais adiante acrescenta:

“Habilidades” incluíam vários elementos. Dançar, cantar e tocar música, postura corporal da jovem mulher na ocasião social para atrair um pretendente. Desenho, pintura, línguas modernas da moda (especialmente francês e italiano), e bordado feito à mão demonstravam gosto e conhecimento “refinados” sendo marcas de distinção cultural, tal como a capacidade social da conversa e da escrita de cartas com acompanhamento

⁶⁶ Trad. p. 8: “whereas the novel deals with the common life. It is the great *popular* genre, the one mainstream literary mode which speaks the language of the people”.(EAGLETON, 2010). Grifos do autor.

⁶⁷ Termo em língua inglesa para designar ao chamado por nós de romance.

⁶⁸ Vale lembrar que o romance possuirá ainda a capacidade de abordar as *contradições* na formação do próprio gênero, como parece propor Jane Austen, funcionando não somente para o espelhamento das ideias, mas também propondo uma reflexão sobre elas na formação do público leitor. Noções as quais buscaremos expandir no decorrer da análise de cada um dos romances elencados para esta dissertação de mestrado.

⁶⁹ Trad. p. 256-257: “(...) in female education- basic schooling, household management and religious instruction.”(KELLY, 2010).

do conhecimento das belas-letas. (KELLY, 2010, p. 257, tradução nossa).⁷⁰

Deste modo, podemos começar a compreender que essa mulher, burguesa, teria atributos suficientes em termos de conhecimentos formais para na leitura ampliar a esfera de ocupações sociais nas quais ela poderia se encontrar inserida sem que este fator denotasse grandes empecilhos dentro de suas ocupações diárias, como as elencadas acima.

Watt é quem continua a nos oferecer a relação da mulher e a possível identificação dela, em especial, com o ato da leitura de romance:

As mulheres de classe alta e média poderiam participar de poucas atividades masculinas, tanto de negócios como de divertimento. Era raro envolverem-se em política, negócios, ou na administração de suas propriedades; tampouco tinham acesso aos principais divertimentos masculinos, como caçar ou beber. Assim tinham muito tempo livre e ocupavam-no basicamente devorando livros. (WATT, 2010, p. 46).

Ele afirma ainda que, salvo as devidas proporções, parte deste tempo livre disponível advém do fato de que estas mulheres, graças às inovações promovidas dentro do processo da revolução industrial inglesa, como na fabricação de produtos têxteis, não tinham mais a necessidade de passar longos períodos a providenciar com as próprias mãos artigos do tipo, ainda que no campo tais atividades como fiar, por exemplo, fossem presentes em maior número.

Vimos também que estes romances não vinham figurados conforme a tabela demonstra, num monobloco, e percebemos que na divisão, ao “categorizar” o “tipo” de romance, isso é feito por meio de “subdivisões”, dentro desse gênero literário. Tudo porque, de certo modo, o romance passa a ser um produto de circulação mais corriqueira dentro de estabelecimentos, como as *bibliotecas circulantes*, de modo que as variações surgem por meio, por exemplo, do chamado romance gótico,⁷¹ ou também através de narrativas que

⁷⁰ Trad. p. 257: “‘accomplishments’ included several elements. Dancing, singing, and playing music, displayed the young woman’s body and bearing at social occasion to attract a suitor. Drawing, painting, fashionable modern languages (especially French and Italian), and decorative needlework demonstrated taste and ‘polite’ knowledge as markers of cultural distinction, as did social arts of conversation and letter-writing with accompanying knowledge of the belles-lettres.” (KELLY, 2010).

⁷¹ Tomaremos a noção do termo a partir da discussão trazida por Vasconcelos em *Dez Lições sobre o Romance Inglês do século XVIII* (2002, p. 119-120), em que ela toma, em partes, o conceito pensado por James Watt (*apud* VASCONCELOS, 2002, p. 119): “o gótico foi constituído, principalmente nas décadas que se seguiram à Revolução Gloriosa de 1688, como uma categoria contravertida, significando ao mesmo tempo um período distante e inespecífico de ignorância e superstição do qual surgiria triunfante uma nação cada vez mais civilizada e como uma fonte (igualmente distante) de pureza constitucional e virtude política da qual a nação se tornara

exploram o fator sentimental, conforme já havíamos comentado , as quais são, em partes, responsáveis pela dita “proliferação” dos formatos textuais:

O romance sentimental, que procurei categorizar anteriormente, irá levar esse modelo a uma espécie de paradoxismo, estabelecendo um tipo de paradigma que se transformou numa fórmula, mediante a sua constante repetição por grande parte dos escritores. Não há heroína dos romances populares que não sejam muito belas, delicadas ao extremo, donas de uma sensibilidade aguda, propensas a desmaios frequentes e lágrimas abundantes. Modelos de virtude e perfeição, eram vítimas inocentes permanentemente ameaçadas por vilões terríveis e incansáveis ou por paixões descontroladas. Se desafortunadas a ponto de não resistir à sedução, eram fadadas ao enclausuramento perpétuo num convento (ressuscitado pelo romance gótico) ou à morte inescapável. (VASCONCELOS, 2007, p. 133).

A função dos textos neste primeiro sentido, apontada por Vasconcelos (2007), era a de, em concomitância com os livros de cunho religiosos e de conduta, fornecer exemplos, no caso dos romances por meio do caráter ficcional, que norteassem a conduta da mulher. No entanto, esse veículo nem sempre cumpria o papel a que lhe era depositado, conforme continua demonstrando Vasconcelos:

Por mais paradoxal que possa parecer, os romances sentimental e gótico brincam perigosamente, para uma época em que tanto se empenhou em sublinhar a nova moralidade, com a exposição de suas heroínas a situações “de risco” (como o incesto ou o estupro), fazendo-as caminhar no fio da navalha que poderá levá-las a perdição. Ao pôr a virtude de suas personagens à prova, mesmo que seja para reafirmá-la, triunfante, ao final, exitavam a imaginação do leitor e deixam vir à tona o avesso da moral que proclamam, revelando a sombra que esta derivação do romanesco – o gótico saberá tão bem encampar. (VASCONCELOS, 2007,p.133).

Desse modo, surgem na contramão do sucesso por ele alcançado aqueles que temem um certo exagero mediante as diversas publicações, ou melhor dizendo, uma fonte de deturpação da ordem social em que a figura masculina possuía autoridade total sobre a mulher, que permanecia confinada ao espaço doméstico. Sendo assim, vão, enxergá-lo de modo a sobre ele levantar suspeitas no que diz respeito à manipulação do imaginário do público leitor, de maneira mais deliberada quando se trata do público feminino. Segundo afirma Richetti (2003), essa concepção acerca da má reputação do romance pode extrapolar e atingir níveis mais altos, ele argumenta da seguinte forma:

Na melhor das hipóteses eles acreditavam que a leitura de romances era uma perda de tempo, na pior das hipóteses um instrumento do mal. Três fatores em especial os preocupavam; (1) que ficções, com soluções imaginárias para

perigosamente alienada. (...) Apesar dessa conotação mais positiva, gótico era tudo que fosse antiquado, bárbaro, feudal, irracional, caótico, não civilizado. O oposto de ‘clássico’, em resumo”.

os problemas e com heróis e heroínas, muitas vezes ascendo suas posições sociais em que nasceram, poderia induzir em erro os jovens em suas expectativas sobre a vida, criando anseios e insatisfações naqueles que viveram de modo mais simples, o sem graça, ou vidas previsíveis; (2) que os “sentimentos” em romances – a valorização dos sentimentos acima da racionalidade e o recebimento de verdades corrompidas ao raciocínio dos leitores; e (3) que as representações de romance e namoro (e a representação das línguas da atração sexual) podem não só suscitar a imaginação, mas inflamar sua paixão. (RICHETTI, 2003, p. 21, tradução nossa).⁷²

No entanto, ainda que visto sob este prisma da nebulosidade, fica evidente que, ao adentrar o mundo privado das casas burguesas, o romance não o abandona mais e resiste dentro do espaço que na figura feminina vai conquistando.

A sociedade inglesa, gradativamente, passa a ver crescente o número de leitores que se apresentam, em especial na área londrina mais desenvolvida.

Segundo nos apresenta Atick (1998, p. 81), a população da Inglaterra e Wales, juntas, entre 1760-1801 sairia dos sete milhões para algo em torno dos nove milhões de pessoas. Elas, como vimos, puderam de algum modo usufruir da prática da leitura e pouco a pouco aprender a refinar suas predileções, direcionadas assim a aqueles que da indústria da leitura dependiam.

Um dos acessos, que assim como o romance passa a ter um bom detaque social, vem justamente por meio da expansão na produção dos chamados periódicos, como as revistas e jornais. Ainda de acordo com o que nos revela Altick (1998, p. 318), foi no período de 1800 a 1900 que pudemos ver a expansão industrial desse “produto”. Ainda segundo sua perspectiva argumentativa, algumas razões podem ter sido responsáveis pelo sucesso ao atender a este público leitor.

Isso só foi natural, pois de todas as formas de leitura, incluindo jornais – periódicos – que estão mais bem adaptados às necessidades de um público de massa, já que podem ser produzidos e vendidos de forma mais barata do que muitos livros. Eles são atrativos para milhões de homens e mulheres que consideram a leitura de um livro inteiro tarefa demasiada grande ainda a ser tentada. Eles podem ser lidos do início ao fim em uma ou duas horas, ou pego por alguns minutos do dia; pois em geral, eles não requerem concentração, tendo-se dedicado desde os seus primórdios ao pressuposto da variedade. Assim os periódicos atendem de modo mais satisfatório um dos

⁷² Trad. p. 21: “at the best they thought novel reading was a waste of time, at worst an instrument of evil. Three things especially concerned them; (1) that fictions, with imaginary solutions to problems and with heroes and heroines often rising above the social station they were born into, could mislead the young in their expectations about life, creating yearnings and dissatisfactions in those who lived ordinary, dull, or predictable lives; (2) that the ‘sentiments’ in novels – their valuing of feelings over rationality and received truths- corrupted the reasonings of readers; and (3) that the depictions of romance and courtship (and the representation of the languages of sexual attraction) might not only warm the imagination but overheat their passion.”. (RICHETTI, 2003).

motivos mais atraentes por trás do hábito de leitura, o desejo de manter-se informado no mundo (ALTICK, 1998, p. 318, tradução nossa).⁷³

Vasconcelos, no livro intitulado *Dez Lições sobre o Romance Inglês do século XVIII*, é quem nos abre a perspectiva em termos funcionais destes periódicos:

Uma folha diária dedicada a trazer a filosofia para praça pública, como anunciavam seus editores, inaugurou um tipo de periodismo que tomou para si a função de intervir no debate de ideias, corrigir os modos de pensar e encaminhar os leitores para o domínio da razão e da civilidade (VASCONCELOS, 2002, p. 151).

Além de filosofia, esses períodos, acrescenta a professora-doutora, serviriam como ponto de instrução à população e, ao promover o debate de ideias, devolve a nós dois dos grandes exemplos, cujo surgimento acontece ainda no século XVIII, a saber, *Spectator*, criado por Joseph Addison e Richard Steele, em 1711, que junto ao *Tatler*, fundado em 1709, abriram caminho a tantos outros que seguiriam a essa fórmula. Muitos desses periódicos combinavam ainda discussões políticas seguindo o preceito do utilitarismo⁷⁴ público, cujo papel, em suma, era o de informar a respeito de tudo o que se passava em meio a sociedade em termos mais abrangentes, já que neste momento não se pode pensar no alcance da notícia do mesmo modo em que temos hoje, ou seja, a nível, global. O *Gentleman's Magazine* (1731) pode ser citado como um exemplo de tal prática, sendo que nele ainda poderia se encontrar, de acordo com Vasconcelos (2002, p. 145): “a provisão de um cardápio literário variado trouxe sua parcela de contribuição para aproximar a literatura dos leitores”.⁷⁵

Dois bons exemplos de sucesso em vendagem em termos de conhecimento político e prestação de serviço ao público leitor vem por meio dos textos de Thomas Paine, *The Rights of a Man*, publicado em 31 de março de 1791, à 3s., o panfleto vendeu cerca de 50.000 cópias em sua primeira parte, ou ainda, de acordo com o que nos mostra Altick (1998, p. 69-70), em novembro do ano anterior (1790), o também escritor Edmund Burke chega a apresentar em

⁷³ Trad. p.318: “this was only natural, for of all forms of reading matter, periodicals – including newspapers – are best adapted to the needs of a mass audience. They can be produced and sold much more cheaply than books. They appeal to millions of men and women who consider the reading of a whole book too formidable task even to be attempted. They can be read straight through in an hour or two, or picked up for a few minutes at a time; for on the whole they do not require sustained attention, having been dedicated from their earliest days to the principal of variety. Again periodical cater best to one of the most compelling motives behind the reading habit, the desire to keep up with the world.” (ALTICK, 1998).

⁷⁴ O utilitarismo deve ser entendido aqui como um movimento cujo papel principal era o de promover o que Altick (1998, p. 130-131, tradução nossa) chama de “useful knowledge”, o qual segundo ele, “era um conjunto de princípios econômicos e políticos”. Trad. p. 130-131: “(...) ‘useful knowledge’ was a set of economic and political principles”. E é nesse segundo uso do termo que vamos nos ater por hora.

⁷⁵ Vasconcelos se refere à contribuição dada pelo fundador da revista, a saber, Edward Cave, que, de acordo com ela, trouxe nas publicações pequenas peças teatrais.

termos de tiragem e vendas algo no valor de 30.000 cópias do também texto político, *Reflections on the Revolution in France*.

Parte do sucesso dos periódicos acontece de fato por eles apresentarem um preço mais módico se comparado com os romances. Por exemplo, Altick (1998) afirma que, em média, eles eram comercializados com uma variação média de preços entre 2s. a 6s. para aqueles que tinham tiragem diária ou quinzenal:

(...) Os periódicos líderes, a *Critical* e o *Monthly*, tinham o custo de 2s.; revistas gerais, tais como a *Gentleman*, a *Monthly*, a *Universal*, e a *Europian*, valiam 1s. 6d. Já as revistas especializadas – a *Lady's*, a *Commercial*, a *Sporting*, a *Zoological* – custavam um xelim. Os periódicos mais baratos foram aqueles subsidiados pelas diversas denominações religiosas. As evangélicas, *Gospels*, revistas batistas em geral tinham o preço em torno de 6d2. (ALTICK, 1998, p. 319, tradução nossa).⁷⁶

As denominações religiosas desempenharam uma presença muito forte no que diz respeito ao acesso da leitura. Como vimos anteriormente, elas atuaram desde o processo de alfabetização com as *escolas de caridade*, como também trouxeram à tona meios mais acessíveis de leitura, preparados com o intuito de garantir ao cidadão a educação baseada nos preceitos religiosos. De acordo com Altick (1998, p. 100, tradução nossa),⁷⁷

Desde que a palavra impressa foi a arma escolhida de proselitismo agressivo da religião, a distribuição de Bíblias e literatura didática tornou-se uma grande indústria. Três principais agências religiosas foram ativas nesse meio ao longo do século. A primeira foi o religioso tratado da sociedade interdenominacional (fundada em 1799). Essa organização dedicada à realização da obra iniciada pelo Cheap Repository Tracts se tornou o maior distribuidor de Bíblias do século, Testamentos, folhetos, e depois, passou a melhorar obras de todos os tipos.

Altick (1998, p. 101, tradução nossa) nos fornece ainda um maior número de dados que nos faz compreender mais claramente a força desse didatismo, em especial o religioso, presente na Inglaterra, já dentro do século XIX: “entre 1804 e 1819 a sociedade bíblica britânica e a estrangeira emitiram mais de dois milhões e meio de exemplares de Bíblias e

⁷⁶ Trad. p. 319: “(...) the leading reviews, the *Critical* and *Monthly*, cost 2s.; general magazines, such as the *Gentleman's*, the *Monthly*, the *Universal*, and the *Europian*, were 1s. 6d. and specialized magazines – the *Lady's*, the *Commercial*, the *Sporting*, the *Zoological* – were a shilling. The cheapest periodicals were those subsidized by the various religious denomination. The *Evangelical*, *Gospel*, and *General Baptist* magazines were priced 6d2.” (ALTICK, 1998, p. 319).

⁷⁷ Trad. p. 100: “since the printed word was the chosen weapon of aggressive proselytizing religion, the distribution of Bibles and didactic literature became a large industry. Three major religious agencies were active in the field throughout the century. The first was the interdenominational Religious Tract Society (founded in 1799). This organization, dedicated to carrying on the work, begun by the Cheap Repository Tracts, became the century's greatest single distributor of Bibles, Testaments, tracts, and later improving works of all sorts.” (ALTICK, 1998).

Testamentos, a grande maioria para uso doméstico, sendo este apenas o pontapé inicial das atividades missionárias estrangeiras da sociedade”.⁷⁸

De fato, o didatismo religioso parece ter exercido um grande papel nos meios livrescos da Londres vitoriana,⁷⁹ uma vez que seu alcance via paróquias, poderia alcançar até mesmo os locais menos populosos, como as regiões campestres, ainda predominantemente agrícolas. Nesses locais, aponta o autor de *The English Common Reader: A Social History of the Mass Reading Public, 1800-1900* (1998), a circulação desses periódicos poderia percorrer dezenas de mãos.⁸⁰ Fossem tais meios de circulação encontrados por meio de sub-inscrições aos chamados de *salas de leitura, cafeterias*, ou pela junção de pequenos grupos de famílias⁸¹ que buscavam juntas dividir a inscrição nesses periódicos como um mecanismo informal de acesso, as *newspaper societies*.⁸²

Assim posto, poderemos, com mais firmeza, passar a perceber o quanto é de valia abarcarmos a temática dos elementos históricos na formação do público leitor, a fim de delinear, agora dentro da perspectiva fictícia das obras literárias, o panorama da questão, na ótica de cada uma de nossas protagonistas dos romances por nós estudados.

Necessitamos, no entanto, de estabelecer também qual será nossa fonte metodológica, com a razão de garantirmos com efeito que nada dentro de nossa pesquisa acadêmica possa permear as beiradas do vazio e termos a certeza de que ao contruirmos a análise literária, caminhamos por um viés o qual elegemos ser o mais frutífero, na medida em que devolve a nós uma possibilidade de continuidade para um trabalho futuro de pesquisa ainda mais profundo da questão.

1.3 Fundamentação teórica

Nossa postura analítica será em suma definida por ser dialética. No limiar, podemos iniciar o entendimento do mecanismo de nosso fio condutor pelas palavras do teórico Antônio Cândido, que em *Literatura e Sociedade* define:

⁷⁸ Trad. p. 101: “between 1804 and 1819 the British and Foreign Bible Society issued over two and a half million copies of Bibles and Testaments, nearly all of which were for domestic use the foreign missionary activities of the society having barely begun at the time.” (BROWNE *apud* ALTICK, 1998).

⁷⁹ Compreendeu ao período de 1837 a 1901.

⁸⁰ Altick (1998, p. 322-323).

⁸¹ Cerca de 5.000 desses grupos alimentam acesso indireto por meio do compartilhamento entre 50.000 famílias (ALTICK, 1998, p. 323).

⁸² Uma espécie de associação formada por moradores para aquisição de periódicos.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornado-se, portanto, *interno*. (CÂNDIDO, 2011, p. 13-14).⁸³

Partindo então desse pressuposto, podemos reafirmar que tal análise dialogará com a estrutura social e estrutural de modo a entendê-las como parte de uma engrenagem desse processo interpretativo, dialético, sem que elas funcionem como peças soltas; e para conseguirmos partilhar desse efeito conjuntivo, talvez precisemos ir além e realizar o mapeamento desse ato interpretativo como parte de uma esfera de níveis que são atingidos na medida em que buscamos a compreensão do trabalho como aquele que só se faz válido a partir da ideia da obra como uma série de fatores que não se limita a focar apenas num dos determinados aspectos citados acima por Cândido.

Mas dizer que o processo partirá desse pressuposto se torna demasiado vago, na medida em que reconhecemos ser toda escolha do caminho interpretativo um ato que chamaremos de parcial, ou seja, em resumo, percebemos a necessidade de reconhecer isto como sendo então um ato *político*. A perspectiva na qual iremos sustentar nossa análise parte necessariamente de dois estudiosos em termos de crítica literária: Terry Eagleton e Fredric Jameson. É do primeiro deles que emprestaremos a ideia acerca do termo discutido: “por ‘político’ entendo apenas a maneira pela qual organizamos conjuntamente nossa vida social e as relações de poder que isso implica (...)” (EAGLETON, 2006, p. 294). Para Jameson (1992, p. 13), em *O inconsciente Político: a narrativa como um ato socialmente simbólico*, “interpretação não é um ato isolado, mas ocorre dentro de um campo de batalhas homérico, em que uma legião de opções interpretativas entram em conflito de maneira explícita ou implícita”. E dessa forma, a perspectiva passa a ser central, uma vez, que fica impossível de nos desvencilharmos do fato de que vivemos em meio a certa organização social.

O nosso “horizonte” político de interpretação, termo vinculado ao texto de Jameson (1992), que acabamos de citar, abarcará também a necessidade de que para haver uma interpretação mais ampla do texto literário devêssemos ter em mente que existe a obrigatoriedade de considerarmos a História, pois, desse modo, as *contradições*, muitas vezes

⁸³ Grifos do autor.

presentes, mas nem sempre aparentes, dentro das obras literárias passam a ser encaradas, portanto, mais como um espaço no qual se pode verificar a manifestação simultânea de vários processos históricos e sociais que ocorrem de forma concomitante e sem o compromisso de ditar fatos por meio de uma sequência histórica. Parafraseando Jameson (1992), o que faremos é evitar a periodização constante ao longo da análise.⁸⁴ Assim, podemos alcançar um nível mais profundo e satisfatório da interpretação textual de cada um dos romances.

De acordo com o que pontua Roberts (2000, p. 51, tradução nossa),⁸⁵ Jameson dá a ideia de História da seguinte forma:

A história não está simplesmente lá, pronta para ser por nós acessada. Ela existe apenas em formas textuais, formas as quais têm de ser interpretadas. Então, interpretação está circundada, ou ‘tem seu horizonte’ ditado pela história; mas a história só pode ser acessada por meio da interpretação. Ambas, interpretação e história, em outras palavras, estão envolvidas em inter-relações complexas com ramificações sutis em ambos os lados: essa é uma situação completamente dialética e é mais bem explicada pela crítica dialética.

Assim, percebemos que a própria noção do que é História passa pelo pensamento dialético no sentido mais amplo na medida em que compreendemos que seu entendimento acontece via material textual, ou, em outras palavras, essa noção só é apreendida e apreciada pelo uso da palavra escrita e, portanto, pode ser passível de interpretação, tal qual acontece também com as demais manifestações escritas, como é o caso dos textos literários. Tanto a História quanto o texto literário são formas de expressão, podem e devem ser tratados como meios de manifestação histórica, ainda que cada uma delas nasça com propósitos distintos vistos como “atos simbólicos”. Jameson localiza, logo no prefácio de *O inconsciente Político: a narrativa como um ato socialmente simbólico* (1992), o “sempre já-lido”, isto é, o fato de que nossos conceitos ou modos de pensar e, em última instância, interpretar partem de camadas já em nós sedimentadas uma vez que nos formamos enquanto indivíduos pensantes por meio de todo material textual aos quais tivemos acesso e recuperamos quando necessário ao longo de uma existência. Ou ainda, quando se trata de lidar com algo “completamente

⁸⁴ Dentro da crítica marxista, discute-se a ideia de que os produtos culturais passam necessariamente pela influência direta da base econômica vigente, sendo os efeitos encontrados nas obras meras representações da mesma.

⁸⁵ Trad.: p.51: “History is not simply *there*, ready for us to access. It exists in only textual forms, forms which have to be interpreted. So interpretation is grounded, or ‘horizoned’ by history; but history can only be accessed by interpretation. Both interpretation and history, in other words, are involved in complex interrelations with subtle ramifications on both sides: this is a thoroughly dialectical situation, and is best explicated by dialectical criticism”.(ROBERTS, 2000).

novo”, mesmo assim seremos confrontados por nossos hábitos de leitura, ou a maneira pela qual enxergamos um texto.

Esses romances aqui são considerados “atos simbólicos”⁸⁶ de expressão, que segundo Jameson (1992, p. 74) mantém essa relação com o real sem serem a própria realidade. É aquilo que ele descreve como “textura”, ou “subtexto”, o qual pretendemos de fato analisar, na medida em que buscamos em nossa dissertação não apenas a investigação dos fatores ligados à noção de desenvolvimento da leitura e de um público leitor exposto via ficção, mas também garimpamos, com muito cuidado, o processo mais amplo da História, que de algum modo deverá nos mostrar em que medida a simultaneidade dos ditos meios de apresentação livresca se faz presente, já que este meio acontece a partir da noção mais ampla do capital monetário e dos modos de produção.

Em *O inconsciente Político: a narrativa como um ato socialmente simbólico*, Jameson discute a ideia de sincronia no pensamento dialético:

Sincrônico é o “conceito” do modo de produção; o momento da coexistência histórica de vários modos de produção, não é sincrônico neste sentido, mas aberto à História de maneira dialética. A tentação de se classificarem os textos de acordo com o modo apropriado de produção fica assim anulada, pois os textos surgem em um espaço em que podemos esperar se entrecruzam e se intersectam vários impulsos oriundos de modos contraditórios de produção cultural. (JAMESON, 1992, p. 86-87).

No contexto social vivido por Austen, nesse sentido, podemos, por exemplo, identificar que, em meio à Revolução Industrial, havia ainda a forte parcela de uma população que vivia e dependia de modo direto do campo e, conforme também pontuamos noutro momento da dissertação, não vivenciavam com a mesma intensidade o acesso aos artefatos culturais, pelo menos não quando comparado à cidade de Londres.

Teoricamente, no entanto, a fim de alcançarmos este espaço último de análise da narrativa que nos proporemos realizar, é primordial que deixemos de lado a noção de que tais características nos são dadas de antemão; pelo contrário, há sempre uma dificuldade maior ou menor, de modo proposital ou não, a elas atribuídas, entendidas por Jameson (1992) como sendo “estratégias de contenção” que, presentes no conteúdo manifesto, provocam uma nebulosidade, o que impede que acessemos uma leitura propriamente política. Desse modo é que se faz relevante leitura e entendimento da obra literária por meio de níveis de interpretação ou horizontes de leitura, como propõe Jameson (1992).

⁸⁶ Jameson (1992) caracteriza esta função como sendo um “ato simbólico”.

Dentro das três molduras concêntricas apresentadas pelo teórico, a tendência inicial é a da análise do “conteúdo manifesto” e da forma com a qual este texto é recebido, de maneira que seja reconhecido nele primeiro o caráter de produção artística individual, que se autoriza como um “ato simbólico”. Nesta “fase”,⁸⁷ temos o campo semântico ainda restrito ao enredo e ao modo como essa estrutura textual opera, dentro de cada obra estudada.

De acordo com os conceitos descritos em *O inconsciente Político*, o autor demonstra que a passagem de um nível a outro deve, sem dúvida, ser permeado pelo processo de mediação:

A prática da “mediação” é então entendida, como veremos, como um mecanismo mais aparentemente dialético, embora não menos idealista, para que se passe ou se module de um nível ou característica do todo para outro: um mecanismo que, contudo, como acontece na periodização burguesa, tem também o efeito de unificar todo um campo social em torno de um tema ou ideia (JAMESON, 1992, p. 25).

Portanto, neste ponto do processo analítico, é possível de se admitir certo grau de periodização histórica, com o intuito de não se deixar vácuos ou espaços sem explicação do contexto presente nas obras analisadas. Ao passo em que temos auxílio da mediação, é possível que se module a transição de um horizonte interpretativo a outro sem que com isso se perca o fio condutor do raciocínio pleiteado. São esses processos analíticos aos quais todos os textos literários, quando vistos a partir dessa perspectiva política, precisarão atender.

À medida que se passa desse nível ao próximo, o social emerge dentro de um contexto representativo maior, de onde se é possível, por meio da periodização histórica, uma análise sincrônica da obra e reconhecer o que Jameson (1992, p. 69) caracteriza como “ideologema”, que segundo suas palavras é “a menor unidade inteligível dos discursos coletivos essencialmente antagônicos das classes sociais”. Neste paradigma, Jameson (1992) amplia o caráter puramente individual do texto literário para o que ele demonima como discurso de classes, mediante a apresentação da faceta periódica vigente em um determinado momento histórico.

Há ainda que se destacar que a ampliação semântica maior acontece por meio daquilo que o autor designa como “ideologia da forma”, que, segundo Jameson (1992, p. 69), trata-se das “mensagens simbólicas a nós transmitidas pela coexistência de vários sistemas simbólicos que também são traços ou antecipações dos modos de produção”.

⁸⁷ Jameson utiliza-se do termo fases, que segundo sua argumentação vem do teórico Northrop Frye.

Voltaremos também à noção diacrônica de análise ao *Historicizar* o artefato cultural que já havíamos discutido quando falávamos a respeito da ideia tratada por Jameson (1992) dos meios de produção. Contudo, agora, gostaríamos de observar que, no fragmento destacado a seguir, o mesmo autor acrescenta que a ideologia, neste caso, corresponde a algo diferente, já que abre uma ligação direta com a forma:

Portanto esse modelo interpretativo possibilita-nos uma primeira especificação da relação entre textos, ou artefatos ideológicos e culturais: uma especificação ainda condicionada pelos limites do primeiro horizonte, estritamente histórico ou político, em que é realizada. Podemos sugerir que, deste ponto de vista, a ideologia não é algo que informa ou envolve a produção simbólica; em vez disso, o ato estético é em si mesmo ideológico, e a produção da forma estética ou narrativa deve ser vista como um ato ideológico em si próprio, com a função de inventar “soluções” imaginárias ou formais para as contradições sociais indissolúveis. (JAMESON, 1992, p. 72).

Jameson (1992, p. 231) acrescenta que o aspecto de mediação consiste ainda na possibilidade em ser aplicado ao(s) objeto(s) analisado(s) uma mesma “terminologia”, ou “código analítico”, ou seja, literatura e História podem ser entendidas como complementares no ato hermenêutico:

Isto é, que cada um dos objetos em questão seja visto como fazendo a mesma coisa, tendo a mesma estrutura, ou emitido a mesma mensagem. O que é crucial é que se formos capazes de usar a mesma linguagem com relação a cada um desses objetos ou níveis bastante distintos de um objeto, poderemos restaurar pelo menos metodologicamente, a unidade perdida da vida social e demonstrar que elementos amplamente distantes da totalidade social são, em última instância, parte do mesmo processo histórico global. (JAMESON, 1992, p. 231).

No caso de nossos objetos de estudo, o que buscaremos aprofundar é o modo pelo qual, partindo da ficção, é-se possível perceber a representatividade simbólica por meio duma microdisposição literária (enquanto meio político repensado pelo viés do trabalho artístico) dos processos formadores da grande História e encontrados (aqui, via literatura) especialmente quando recuperado o reconhecimento dos momentos históricos distintos (presentes numa mesma obra), na medida em que serve e facilita na demonstração dos apontamentos dialéticos necessários⁸⁸ para a revelação final da concomitância dos ideais

⁸⁸ Por considerar a necessidade de se manter o processo dialético, em que ambos lados do argumento são levados em conta, as contradições que o texto nos oferece são para conseguirmos justamente verificar ao duplo reconhecimento da dialética Jamesoniana.

aristocráticos e burgueses enquanto presenças contidas de maneira velada na mensagem textual. Tentamos recuperar na ficção esta totalidade⁸⁹.

Feitos tais apontamentos de cunho teórico, delimitamos os fundamentais princípios de nossa organização temática e crítica dessas análises literárias. Dentro dos capítulos subsequentes, finalmente nos debruçaremos então na leitura minuciosa dentro dos níveis discutidos, a começar pelo romance *Razão e Sensibilidade* e a protagonista Marianne Dashwood.

⁸⁹ A nossa ideia de totalidade aqui corresponde à noção de totalidade histórica.

2. Marianne Dashwood e a leitura nefasta em *Razão e Sensibilidade* (1811)

Razão e Sensibilidade se configura em torno da família Dashwood, mais precisamente em torno das irmãs Elinor e Marianne. Além delas, existe ainda a mãe, e uma jovem irmã Margaret. A família esta que passará, na abertura do enredo, por uma grande modificação em termos econômicos ao perder, repentinamente, o pai e esposo, a figura masculina que em seu leito de morte, na tentativa de assegurar à sua mulher e às filhas a proteção financeira, faz com que o filho mais velho, fruto de um primeiro casamento, assumira esse papel protetor.⁹⁰ O herdeiro teria o direito sobre a propriedade familiar de Norland, e os lucros dela advindos. Essa promessa, no entanto, se modifica na medida em que, persuadido pela esposa, o agora progenitor do clã Dashwood é convencido a poupá-las de um recebimento anual maior do que quinhentas libras, com o argumento de garantir ao seu filho ainda pequeno um montante financeiro no futuro:

A senhora John Dashwood não aprovou, de modo algum, o que o marido pretendia fazer pelas irmãs. Tirar três mil libras da herança do seu pequeno e querido filho seria empobrecê-lo da maneira mais cruel e terrível. Implorou para que ele pensasse no que iria fazer. Como poderia permitir a si mesmo roubar tão alta soma de seu filho, seu único filho?

E uma vez que as senhoritas Dashwood eram parentes apenas de meia consanguinidade – o que a senhora John Dashwood não considerava parentesco algum –, como se atreviam a exigir tanto dinheiro da generosidade dele? (R&S, 2008, p. 11).⁹¹

Assim, as mulheres acima citadas se veem obrigadas a deixar a propriedade em que residiam e passam a viver em um chalé alugado em Barton Park, vinculado à propriedade de um parente distante, o personagem Sir John Middleton. Nesse local, as personagens tomam conhecimento de suas aflições pessoais ao conhecerem aqueles com quem travarão contato. Este é o caso de Willoghby, com quem a personagem de Marianne terá um envolvimento amoroso, reforçado por determinadas questões relacionadas ao seu hábito e processo de desenvolvimento enquanto leitora, que mais a fundo iremos analisar.

Devemos, ainda, trazer à luz mais duas personagens cujo papel será necessário para que se faça a devida colocação dentro dos pormenores necessários do enredo, que são,

⁹⁰ No caso da mulher oitocentista, a proteção financeira e seu sustento sempre fica a cargo do homem.

⁹¹ Trad. p. 6: “Mrs. John Dashwood did not at all approve of what her husband intended to do for his sisters. To take three thousand pounds from the fortune of their dear little boy, would be impoverishing him to the most dreadful degree. She begged him to think again on the subject. How could he answer it to himself to Rob his child, and his only child too, of so large sum? And what possible claim could the Miss Dashwoods, who were related to him only by half blood, which she considered as no relationship at all, have on his generosity to so large amount?” (S&S, 1994).

respectivamente, o Coronel Brandon, um homem maduro, solteiro, porém bem-sucedido, que participará de maneira ativa no mote do romance enquanto a outra parte que disputa o coração de Marianne; e, por fim, o senhor Edward Ferrars, jovem irmão da senhora John Dashwood, que, além de bom amigo das moças, desperta em Elinor um amor discreto e resguardado.

O romance terá enquanto temáticas abordadas uma série de aspectos que são interessantes e possibilidades de pesquisa acadêmica, como, por exemplo, as relações amorosas entre as personagens mencionadas, ou ainda o estudo da diferente conduta das duas irmãs. Nós, no entanto, elegemos como ponto de partida para nossa pesquisa a compreensão dos elementos que envolvem a questão da leitura por meio da análise literária dessa obra ficcional, e, portanto, a partir daqui passaremos a nos dedicar em descrever algumas ideias centrais do trabalho literário para que então se desenvolva uma específica argumentação em torno da protagonista, a qual é vista como a personagem leitora de *Razão e Sensibilidade*.

A leitura é acionada enquanto presença constante, especialmente, mas não somente, por meio figura de Marianne e é a partir dela que julgamos ser válida a exploração do tema, detectando elementos dentro do subtexto. Ainda com relação a isso, talvez devêssemos acrescentar que no caso de *Razão e Sensibilidade* o mote da questão estará interligado de modo direto às noções estabelecidas em torno da relação amorosa a que Marianne se expõe.

No entanto, é válido desmembrar todos os aspectos da visão do tema que o narrador traz, iniciando a análise no que diz respeito aos aspectos gerais das leituras tratados no romance *Razão e Sensibilidade*, os quais apontaremos a seguir.

Vemos que o romance parece nos fornecer justamente uma ideia de valorização do livro enquanto parte essencial da sociedade em que ainda – apesar de haver todo um processo de produtividade por meio da capacidade de impressão –, no momento de periodização do contexto histórico junto à discussão sobre aquisição livresca nos séculos XVIII e XIX, é um artigo cuja aquisição não pode ser tratada pela homogeneidade da produção em massa.⁹²

Para as moças e a senhora Dashwood, fica demarcada a discussão da importância disso na medida em que elas não deixaram de perceber, no período da mudança da família para o chalé Barton, a colocação dos livros entre os pertences mais valiosos das jovens, em que se incluem, por exemplo, peças como porcelanas chinesas. Vejamos o trecho do romance: “os pertences delas foram enviados por via fluvial e consistiam em roupas de cama mesa e banho,

⁹² O termo produção em massa aqui utilizado se refere ao fato de que neste momento existe a possibilidade de se produzir livros por meio de um processo mecanizado, o que não quer dizer que estes livros serão de fato lidos por todos, mas, especialmente, pelos burgueses.

prataria, porcelanas, livros e um bonito piano que pertencia a Marianne.” (R&S, 2008, p. 24).⁹³

O capítulo quinto do romance reforça esse grau de essencialidade quando adiciona, na sequência, por meio da colocação do narrador, que as mulheres, no entanto, abriram mão de seus cavalos e carruagem, contando a partir daquele momento apenas com o auxílio de três pessoas da criadagem da antiga residência, os quais sem demora foram escolhidos. Neste ponto, portanto, parece ficar bastante evidente que os livros fazem parte de seus pertences importantes em detrimento de outros, que acabaram sendo deixados. Com essa atitude, as Dashwood acabaram por valorizar essa atmosfera da leitura em seu cotidiano.

Concomitantemente, podemos inferir que em especial no caso de nossa protagonista, a leitura ganha o devido destaque pela força do hábito, já que a preocupação em levá-los consigo se faz presente em, também, outros momentos que discutiremos mais adiante em nossa análise.

É na mudança para Barton que, de modo mais específico, conseguiremos acessar a ideia da leitura enquanto fonte primária de saberes das Dashwood, sendo também possível perceber o quanto a temática se estende às famílias vizinhas ou relacionadas às moças e a doce senhora, como os Middleton e os Palmers. A questão dos periódicos por nós discutida no capítulo anterior fica representada pela atitude do proprietário e vizinhos das Dashwood em dividir o recebimento destes (aqui no caso jornais), destacando a circulação interna da leitura entre as famílias e amigos dentro das propriedades rurais.

A bondade de sir Middleton não ficou apenas em palavras; uma hora depois de ele ter ido embora, uma enorme cesta cheia de verduras e frutas chegou de Barton Park, seguida ao fim do dia por outra com carne de caça. Além disso, ele insistiu em levar as cartas delas para o correio e trazer-lhes as que chegassem, rogando-lhes que não o impedissem de ter o prazer de mandar-lhes o jornal todos os dias (R&S, 2008, p. 28).⁹⁴

Para nós, parece evidente que o primo distante da senhora Dashwood, estando numa posição econômica mais confortável, usa da leitura também como um meio pelo qual se faz possível a criação dos vínculos de amizade, provendo às mulheres desta família o acesso à informação diária não só como um modo gentil de aproximação, mas como forma pela qual

⁹³ Trad. p. 23-24: “the furniture was all sent round by water. It chiefly consisted of household linen, plate, china, and books with an handsome pianoforte of Marianne’s”. (S&S, 1994).

⁹⁴ Trad. p. 28: “his kindness was not to confined in words; for within an hour after he left them, a large basket full of garden stuff and fruit arrived from the Park, which was followed before the end of the day by a present game. He insisted, moreover on conveying all their letters to and from the post for them, and would not be denied the satisfaction of sending them his newspaper every day.” (S&S, 1994).

elas estabelecerão contato com o mundo externo, dando-lhes a possibilidade de adquirir na informação, conhecimento, o que de certo modo funcionaria também como um meio catalisador de dotar essas famílias da ficção austeniana de assuntos que passam a ser discutidos entre si nas reuniões, encontros e jantares. Assuntos dos mais variados, que incluem desde proclamas de casamentos, como o de Willoughby com a senhorita Grey, até a notificação do nascimento dos bebês do casal Palmer, estariam presentes como pautas desses periódicos.

Dentro de um segundo nível de interpretação, percebemos ainda outra função da leitura, esboçada em termos mais gerais da narrativa que, antes de adentrarmos no contexto principal e discutirmos tais noções vinculadas a nossa protagonista, vale a pena ser apontada: a possibilidade de individualização do ato de ler. Este é o caso, por exemplo, do senhor Palmer, por meio do qual percebemos que a apreciação de periódicos serve à sua necessidade pessoal de fuga dos comentários tolos da esposa, que em nada podem lhe dar prazer. O ato de ler torna-se, a partir destes meios, algo que tende a ser realizado preferencialmente de modo isolado. Veremos, por exemplo, ao longo deste trabalho de análise literária, que, por meio da atitude de Marianne e Willoughby, esse processo individual, por vezes, é revertido. De acordo com o que aponta Vasconcelos (2002, p. 74) em *Dez Lições sobre o Romance Inglês do século XVIII*:

A filosofia, por meio de Decartes e Locke, encarregou de jogar a pá de cal, sobre as velhas concepções medievais e formulou a ideia do sujeito racional, pensante, consciente, situado no centro do conhecimento. Ao postular a primazia da experiência individual, atribuir aos sentidos um papel primordial na apreensão da realidade e enfatizar o particular em detrimento do universal, a filosofia voltava sua questão da identidade individual (...).

Barbara M. Benedict (2000, p. 179, tradução nossa) traz mais detalhes a respeito deste aspecto: “(...) alguns leem em público, seja em voz alta, como John Willoughby em *Razão e Sensibilidade* e Henry Crawford em *Mansfield Park*, ou o fazem como Darcy e o taciturno Sr. Palmer em *Razão e Sensibilidade*; tal é o monopólio do espaço público demonstrando egoísmo ou interesse próprio (...)”.⁹⁵

No entanto, conforme apontamos no início do capítulo, é a protagonista Marianne cujo papel da leitura é central e que agora passaremos a investigar.

⁹⁵ Trad. p. 179: “(...) Some read in public, either aloud, like John Willoughby in *Sense and Sensibility* and Henry Crawford in *Mansfield Park*, or to do themselves like Darcy and the taciturn Mr. Palmer in *Sense and Sensibility*; such a monopoly of public space shows selfishness or self-interest (...).” (BENEDICT, 2000).

2.1 Marianne Dashwood – razões e consequências da leitura nefasta

Com o objetivo de elucidar toda nossa argumentação, optaremos por dar início à argumentação oferecendo um breve relato das características gerais da protagonista, uma vez que suas posições de leitura se confundem com a maneira pessoal dela de lidar com aqueles que estão ao seu redor, ou até mesmo com o modo pelo qual ela enxerga aspectos da arte como um todo. A heroína tem, logo no início, parte de suas características destacadas, o narrador nos descreve Marianne como sendo uma moça “sensível, inteligente, mas descontrolada: generosa, amável e atenciosa, ela era tudo, menos prudente” (R&S, 2008, p. 10).⁹⁶

E mais adiante continua dizendo que o ideal de perfeição e felicidade proposto pela jovem deve coincidir com seus sentimentos e gostos pessoais. A partir desta discussão, conseguimos começar a compreender melhor de que modo ela compõe suas noções sobre arte. Analisando o conhecimento do personagem Edward a respeito da pintura e da leitura, ela aponta as seguintes questões:

(...) – É evidente que, na verdade, ele não entende nada do assunto, apesar da constante atenção que lhe dá enquanto ela desenha. Edward a admira como quem ama, não como um *connoisseur*. Para me satisfazer essas qualidades precisam estar juntas. Eu não poderia ser feliz com um homem cujo gosto não coincidissem com o meu em todos os pontos; ele precisará participar dos meus sentimentos; os mesmos livros e as mesmas músicas deveriam encantar a nós dois. (...) (R&S, 2008, p. 18).⁹⁷

Parece-nos bastante propício argumentar que aquilo que nos salta aos olhos, em primeira instância, ao analisar este fragmento diz respeito ao fato de que as expectativas da jovem aos dezessete anos de idade são de fato bastante elevadas e, por que não dizer, restritivas, na medida em que espera de seu amigo Edward conhecimentos compatíveis a de um *connoisseur*.⁹⁸ Vemos, portanto, que a personagem recorre a uma ideia de profissional,

⁹⁶ Trad. p. 5: “she was sensible and clever, but eager in everything; her sorrows, her joys, could have no moderation. She was generous, amiable, interesting: she was everything but prudent.” (S&S, 1994).

⁹⁷ Trad. p. 15-16: “it is evident, spite of his frequent attention to her while she draws, that in fact he knows nothing of the matter. He admires as a lover, not as a *connoisseur*. To satisfy me, those characters must be united. I could not be happy with a man whose taste did not in every point coincide with my own. He must enter into all my feelings; the same books, the same music must charm us both.” (S&S, 1994).

⁹⁸ O termo *connoisseur* surge no período pré-1835 e tem por significado “aquele que conhece algo”, nos termos atuais pode ser comparado à palavra especialista. No caso de Marianne, o especialista ou estudioso de obras de arte.

cujos padrões de conhecimento se ligam a um padrão aristocrático⁹⁹ quando julga as habilidades do futuro cunhado. Essa passagem nos mostra que, ao abrir a discussão nestes termos, ela está na realidade apoiando suas explicações em noções mais profundas e que, na verdade, tem a raiz fincada em padrões que relembram momentos históricos anteriores aos seus.

Verificamos assim parecer possível, também por meio deste trecho da obra, um segundo nível de análise literária, ao retomar a ideia do conhecedor de obras de arte, partindo do pressuposto de que esta seria uma atividade mais minuciosa e que não parte da lógica dos artifícios, de uma facilitação dos saberes, dentro da posição histórica vivenciada pela burguesia inglesa, que em última instância passa a possuir um acesso maior à educação/erudição, graças, em partes, ao processo de industrialização que amplia a circulação de livros de toda espécie. O papel social de expansão do mercado livresco, em certa medida, permite que, pouco a pouco, pessoas como Edward, apesar de não serem considerados profundos conhecedores de arte, consigam, no mínimo, trafegar pelo espaço que antes seria “exclusivo” da figura de um *connoisseur*, conforme aponta o raciocínio de Marianne ao atribuir falhas de conduta à suposta falta de conhecimento de Edward. Ao longo do texto, perceberemos que o personagem criticado por Marianne tem sim saberes respeitáveis acerca de noções de arte, ainda que não de modo especializado, como prefere a protagonista. Parece-nos que Edward se impõe um comportamento de falsa modéstia na medida em que acredita que Marianne possui um entendimento cujo comparativo o faça temer aplicar jargões ao emitir suas posições diante dela.

A lógica de Marianne, como um todo, representará em termos históricos e sociais um posicionamento próprio da aristocracia na qual, de modo geral, ainda se via a importância do auxílio de profissionais cujo nível de conhecimento e aptidões era considerado sofisticado, por justamente ali estarem exercendo uma função restrita de atender e agradar às exigências de um grupo de pessoas – a elite aristocrática. Pouco a pouco, verificamos que os saberes de Marianne se pautarão dentro de todas as instâncias de sua vida em um círculo não burguês.

O mesmo comportamento pode ser atestado quando suas opiniões são expressas a respeito da questão da leitura. Nesse mesmo fragmento do romance, ela continua a esboçar

⁹⁹ Dizemos que essa ligação com os ideais aristocráticos parece existir na medida em que nesse o período o conhecimento, de um modo geral, ficava retido na mão de poucos, dando a impressão de exclusividade que destacamos no texto.

seus padrões de exigências e a partir dele, poderemos começar a adentrar de maneira mais efetiva no modo de leitura por ela mais apreciado:

(...) – Oh, mamãe como foi sem vida a leitura que Edward fez para nós na noite anterior! Sinto muito por minha irmã. Mesmo que ela tenha se aborrecido com tanta austeridade não deu impressão de notá-la. Mas eu mal podia ficar quieta em minha cadeira. Ouvir aquelas lindas frases que sempre me deixaram transtornada de emoção ditas com tão impenetrável calma, com tão assustadora indiferença! (R&S, 2008, p. 18).¹⁰⁰

Um primeiro ponto a ser destacado é a diferença ao que dissemos sobre o ideal de leitura figurado pelo senhor Palmer: a leitura individual cede lugar ao hábito coletivo: um grupo de personagens encontra-se reunido a fim de usufruir deste lazer, realizado por intermédio da interlocução “pouco atraente” aos olhos de Marianne, cuja sensibilidade enquanto leitora acaba por deturpar as características da visão que a jovem faz de Edward. A respeito da leitura, para a protagonista, o refinamento deve aparecer na fala das personagens leitoras.

Vasconcelos (2002, p. 45) ainda nos auxilia em nossa fundamentação teórica quando aponta, em *Dez Lições sobre o Romance Inglês do século XVIII*, que esse ainda é um resquício da valorização da *polite literature* a arte e cultura “altas”, cujo aspecto delimitador envolve, por exemplo, a ideia de uma “postura literária” que, tal como o sentimentalismo, está em voga no saber literário de nossa personagem. Esse resquício que mencionamos vem da Restauração (1660-1785), período em que a maioria dos escritores por ela admirados encontram-se inseridos.

A moça afirma que a leitura feita do poema de William Cowper (1731-1800) se torna algo massante aos seus ouvidos, porque ela carrega a crença de que tal prática deve ser feita considerando-se o uso de uma carga emocional alta, respeitando o teor que o conteúdo e a forma de cada obra permitem.

Edward Ferrars, ao declamar o poema, desvincula-o da carga sentimental de que Marianne se abastece ao interpretar cada poema que lê. Contudo, essa ideia de leitura em grupo traz também a noção de que o ato coletivo de leitura em si reforça e permeia os idealismos carregados por nossa protagonista à medida que nos conduz de volta ao meio aristocrático, quando passamos a perceber que a leitura se personifica de modo a lembrar em

¹⁰⁰ Trad. p. 16: “(..) O mama! How spiritless, how tame was Edward’s in reading to us last night! I felt for my sister most severely. Yet she bore with it so much composure, she seemed scarcely to notice it I could hardly keep my seat. To hear those beautiful lines which have frequently almost driven me wild, pronounced with such impenetrable calmness, such dreadful indifference!” (S&S, 1994).

seu discurso como ela deveria ser realizada. Algo que remete a uma busca pela tendência quase teatral na forma de expressão dos sentimentos se pensarmos que para moça a visão de comportamento tende a apresentar-se por meios hiperbólicos. Quem completa nosso raciocínio é Barbara M. Benedict:

Quando ela se compadece de sua irmã pelo modo “pouco espirituoso” e “manso” que Edward lê em voz alta Cowper, ela assume estar apta a avaliar a capacidade para o amor do rapaz por meio de sua forma de entrega poética. Ao confundir arte com o coração, Marianne interpreta mal as próprias raízes da oratória na qual ela baseia seu gosto. (...) Marianne inocentemente toma a teoria de Walker interpretando a “calma e impenetrabilidade” de Edward e sua terrível indiferença “na leitura” como um sinal de impermeabilidade ao amor. (BENEDICT, 2000, p. 182, tradução nossa).¹⁰¹

Mas o ato de se ler em voz alta nos devolve algo ainda mais preciso se pensarmos que, por meio deste aspecto de coletividade da leitura, conseguimos talvez fazer o movimento que retrocede aos ideais ainda mais ancestrais de uma Grécia homérica, onde o ato de ler se faz presente pela oralidade de função essencialmente conservadora da memória “clássica”¹⁰² de um povo. Sem essa oralidade, aspectos dessa tradição não poderiam ser mantidos e preservados e, nesse sentido, o que parece-nos claro é que, por meio da discussão com a figura central de Marianne, Austen parece trazer à tona toda uma carga de passado cultural que não é característico do momento vivido pelas personagens aqui citadas, mas que fica evidenciado pelo uso da leitura em voz alta dentro do contexto da protagonista, ainda que neste trecho do romance essa prática ocorra sob a forma de uma crítica pessoal a Edward.

Desta forma, fica justificada a precisão com a qual a autora inglesa busca atrelar pelo viés formal da obra as visões de sua heroína, fornecendo a nós, leitores de *Razão e Sensibilidade*, um caminho mais profundo que foge do conteúdo manifesto, cuja máxima irá apenas vincular a ideia ao fato de que a jovem assim o faz por acreditar que a figura ideal de um parceiro deve respeitar determinados modos de agir perante o ato da leitura, como é o caso. Não negamos que essa busca pelo parceiro (leitor) ideal, repleto de refinamento, ocorre, e será encontrada aparentemente¹⁰³ na figura da personagem de Willoughby. Como

¹⁰¹ Trad. p. 182: “when she pities her sister for the “spiritless” and “tame” way in which Edward reads Cowper aloud she assumes that she can gauge the capacity for love from his manner of poetic delivery. By confusing art with the heart, Marianne misreads the very cribs on oratory on which she bases her taste. (...) Marianne innocently adheres to Walker’s theory by interpreting Edward’s “impenetrable calmness and “dreadful indifference” in reading as a sign of imperviousness to love.” (BENEDICT, 2000).

¹⁰² Padrões culturais os quais não necessariamente descrevessem uma realidade Grega, mas que foram tomados enquanto uma representação de suas principais características do momento.

¹⁰³ Veremos que a noção de aparência será justificada ao longo de nossa proposta argumentativa em torno da análise do romance, mas por ora não iremos nos aprofundar na questão, de modo a garantir nosso fio textual preservado.

admiradora desses idealismos, ela carrega esperançosa a perspectiva de preservá-los, ainda que como um eco do passado dentro de sua vida particular.

A questão financeira vincula-se à perspectiva da leitura quando, durante uma conversa, as irmãs Dashwood e o senhor Ferrars pensam a respeito de qual seria a quantidade exata de dinheiro capaz de suprir necessidades consideradas vitais. O romance de Austen em alguma medida tentará expôr o dilema das personagens levando em consideração aspectos materiais dentro do padrão de vida burguês, especialmente elevando a importância da discussão ao patamar da moral, uma vez que esse aspecto parece estar no íntimo relacionado com o modo pelo qual a autora concebe também a simbologia valores de suas heroínas, sendo aqui possível serem verificados os conflitos apresentados por meio da visão desta protagonista. O padrão de riqueza, a julgar pelas exigências de Marianne, que incluem, por exemplo, a aquisição de cães de caça e toda a coleção de seus autores preferidos, novamente parece ressoar como sinônimo de um pensamento aristocrático, na medida em que, em partes, retoma a ideia de luxo, cujo patamar a família de pequenos proprietários de terras,¹⁰⁴ tal como a dela naquele momento, está longe de alcançar, pois encontra-se de algum modo influenciada pelo padrão de Willoughby, cuja tia aristocrata possui alguma fortuna, a começar pela propriedade Combe Magna.

Em um trecho do romance, temos:

(...) – Descobri vocês apesar de seus embustes. Sei onde passaram a manhã. Marianne corou visivelmente e perguntou depressa demais:
 – Onde?
 – A senhora sabe – interferiu Willoughby – que saímos do meu coche?
 – Sim, sim, senhor Dissimulado! Sei muito bem e estava determinada a descobrir *aonde* haviam ido. Faço votos que tenha gostado de *sua* casa, senhorita Marianne. É a maior que conheço e, quando for visitá-la, espero que a senhorita a tenha mobiliado de novo, pois já estava precisando muito de cuidados quando estive nela, há seis anos (...). (R&S, 2008, p. 56, grifos do autor).¹⁰⁵

E na sequência do mesmo diálogo, temos:

Assim que saíram da sala de jantar, Elinor interpelou a irmã e enorme foi sua surpresa ao saber que tudo que a senhora Jennings dissera era a pura verdade (...).

¹⁰⁴ *Yeoman Gentry* é o termo utilizado para descrever a este “ranqueamento”.

¹⁰⁵ Trad. p. 65: “(...) – I have found you out, in spite of all your tricks, I know where you spent the morning. Marianne coloured, and replied very hastily, – where pray?

– Did you know, said Willoughby, that we had been out in my curricule?

– Yes, yes, Mr. Impudence, I know that very well, and I was determined to find you *where* you had been to. I hope you will have new-furnished it, for it wanted it very much when I was there six-years ago”. (S&S, 1994, grifo do autor).

– No entanto, o senhor é a única pessoa que tem o direito de levar alguém àquela casa; como estávamos em um coche, era impossível ter outra companhia. Jamais passei manhã tão agradável na minha vida. (R&S, 2008, p. 57).¹⁰⁶

A explicação de Combe Magna, nos permite entender de modo mais eficaz a medida com a qual a jovem heroína austeniana está construindo suas relações interpessoais. Ainda que aparentemente o fragmento destacado nada traga a respeito da leitura, dá-nos a sensação de que a personagem está pautada em seus sonhos e conjecturas, busca vincer sempre um padrão acima de suas realidades. Prova disso se dá pelo modo como ela responde a irmã Elinor (cujo temor acontece pela falta de decoro por parte de Marianne ao “invadir” a casa de uma senhora a quem ela só conhece graças a descrição dada por Willoughby). No entanto, nenhum desses argumentos parece ser tratado com parcimônia por Marianne, cujo prazer de estar em um local cujo ambiente lhe soa com tão próximo àquilo cujo idealismo, criado em pensamentos, esbarra. Austen caracteriza, mais uma vez, por meio da análise estética, o quanto os saberes literários da jovem acabam por se inclinar a situações das quais por uma estratégia de contenção passaria sem ser notada por nos leitores e às quais o pensamento dialético, aqui proposto, é capaz de abstrair.

Percebe-se aqui o quanto a autora inglesa se preocupa em estabelecer, por meio do exemplo por nós citado agora, as perspectivas de leitura agravadas pelo sentimentalismo. No caso da personagem analisada neste capítulo, Marianne, essas perspectivas foram decisivas inclusive para definir a busca por um ideal de materialidade mais voltado para a realidade da família de Willoughby.

A fim de compreendermos melhor o conceito de materialidade no qual Austen se baseia, traremos aquilo que é discutido por Barbara M. Benedict (2000, p. 149, tradução nossa) no texto, *Jane Austen and the Culture of Circulating Libraries: the construction of female Literacy*:

Muitos veem a crítica opressiva de Austen como anseio por um mundo perdido ou por um futuro no qual o mercantilismo não mancha sentimentos, percepções, ou relacionamentos. A perspectiva, no entanto, ignora o modo, como leitora e escritora, em ambos os seus romances e suas cartas, Austen representa a moralidade por meio da materialidade. Cada vez mais em sua economia em modernização, mercadorias nacionais, especialmente objetos

¹⁰⁶ Trad. p. 66: “as soon as they left the dining-room, Elinor inquired of her about it; and was gret her surprise when she found that every circumstance related by Mrs. Jennings was perfectly true. (...) Mr. Willoughby, however, is the only person who can have a right to shew the house; and as he went in an open carriage, it was impossible to have any other companion. – I never spent a pleasanter morning in my life” (S&S, 1994).

literários, são valores locais em que residem, portanto, a aventura de autoexpressão social. Ao contrário de se opor a comercialização, Jane Austen dramatiza cultura comercial como a arena para escolhas morais.¹⁰⁷

Outro fato interessante ainda presente dentro de uma perspectiva da materialidade financeira ao qual devemos destacar e, agora, vinculado também à discussão a respeito da leitura é a questão financeira, antes exclusiva da aristocracia e que passa a fazer parte fortemente do contexto burguês,¹⁰⁸ bem como do grupo no qual a família de Marianne está inserida, os pequenos proprietários rurais,¹⁰⁹ a ponto de, dentro do diálogo exposto abaixo, as jovens Dashwood serem capazes de fazer projeções, que, de um modo ou de outro, são acessíveis a muitos do ranqueamento, cujo recebimento anual chega ao valor próximo do que Marianne crê como sendo razoável – duas mil libras –, considerando este ajuste de modo proporcional a realidade vivida em cada um dos ranqueamentos quando pensados a partir dessa visão econômica.

– Que maravilhas faria uma viagem desta família riquíssima a Londres! – acrescentou Edward – Que dia feliz para os vendedores de livros, partituras musicais, para os donos de lojas de artigos para pintores! A senhorita Dashwood daria ordem para as lojas lhe enviarem toda novidade que aparecesse em matéria de telas, tintas, e pincéis... Não haveria música suficientes em Londres para contentar a Marianne, conheço bem a grandeza de sua alma assim como livros! Thomson, Cowper, Scott... Ela os compraria todos, muitas vezes; iria querer mais de um exemplar, para não ficar sem o livro que caísse em mãos de pessoas duvidosas. Além disso, iria querer cada livro que lhe dissesse como admirar uma velha árvore batida pelo vento. (R&S, 2008, p. 75-76).¹¹⁰

Porém não é só nesse aspecto que o trecho vale a pena de ser analisado, pois percebemos que há também algo a ser observado no tocante à noção de requinte que ele atribui à sua cunhada, a ideia que já havíamos esboçado brevemente no capítulo anterior, que

¹⁰⁷ Trad. p. 149: “Many see Austen’s criticism of oppression as longing for a lost or future world in which commercialism does not taint feelings, perceptions, or relationships. The view, however, ignores the way, as a reader and a writer, in both her novels and her letters, Austen represents morality through materiality. Increasingly in her modernizing economy, domestic commodities, especially literary objects, are site where values reside and thus the adventure of social and self-expression. Rather than opposing commercialization, Jane Austen dramatizes commercial culture as the arena for moral choices.” (BENEDICT, 2000).

¹⁰⁸ E Londres aparece como sendo o reduto deste momento de expansão cultural e mercadológica do qual a burguesia vai procurar se abastecer, conforme aponta o texto.

¹⁰⁹ A família da jovem faz parte do grupo de pequenos proprietários rurais.

¹¹⁰ Trad. p. 89: “what magnificent orders would travel from the family to London, said Edward, in such an event! What a happy day for book sellers, and print-shops! You, Miss Dashwood, would give a general comission for every new print of merit to be sent to you; and as for Marianne, I know her greatness of soul- three would not be music enough in London to content her. And books! Thomson, Cowper, Scott – she would buy them all over and over again; she would buy up every copy, I believe, to prevent their falling into unworthy hands; and she would have every book that tells her to admire an old twisted tree.” (S&S, 1994).

diz respeito às habilidades femininas. Os atributos acima elencados nos levam a crer que a personagem passa aos outros uma imagem de um grau notável de habilidades e conhecimentos, apesar da pouca idade, conforme apresenta Edward nessas sentenças em que elenca algumas das características pertinentes a visão de mulher presente no período oitocentista, em consonância com o que pontua Barbara M. Benedict:

Heroínas exibem suas “habilidades” – sejam essas as conquistas tradicionais de formação musical, conhecimento de línguas modernas e dança, ou as novas habilidades morais de inteligência, bom senso e gostos –, sua escolha de linguagem, literatura, roupas, objetos e entretenimentos. Como oportunidades para autoexibição e para troca social, esses bens representam bom gosto. Eles permitem a exibição da sensibilidade à beleza, estética, receptividade – uma qualidade que promete aos cônjuges em potencial que suas mulheres serão capazes de frequentar a sociedade. (BENEDICT, 2000, p. 149, tradução nossa).¹¹¹

Desse modo, Marianne parece oferecer um grande potencial de sucesso em sociedade, já que seus conhecimentos não ficam presos apenas à leitura, perpassando aspectos da música e da pintura. A moral desta personagem vem pautada em potenciais que se galgam na presença concomitante entre o “velho” e o “novo”, ou seja, dentro de um *ideologema* em que se faz possível perceber a coexistência de pelo menos dois aspectos sociais vistos sob o prisma diminuto da obra literária. Jameson (1992, p. 86, grifo do autor) é quem nos auxilia ainda mais nesta demonstração quando explica a questão a qual estamos debatendo em termos de fundamentação teórica:

(...) Toda formação social, ou sociedade historicamente existente tem, de fato, sido constituída pela sobreposição de *vários* meios de produção ao mesmo tempo, inclusive vestígios e sobrevivências dos modos mais antigos de produção, agora relegados a posições estruturalmente dependentes ao novo modo.

No fragmento do romance citado acima, conseguimos apontar (ao falarmos a respeito do que chamamos de “novo”), por exemplo, que há uma intensa demonstração das novas aberturas de comercialização londrina. Contudo, temos ao mesmo tempo a ideia de limitação, pois a possibilidade de apreciação dessas artes seria daqueles que pudessem usufruí-las de maneira mais satisfatória. A tensão presente pelas *contradições* pautadas no romance não se

¹¹¹ Trad. p. 149: “heroines exhibit their “accomplishments” – be these the traditional achievements of musical training, knowledge of modern languages, and dancing, or the new moral accomplishments of wit, judgment, and taste – their choice of language, literature, clothes, objects, and entertainments. As opportunities for both self-display and social exchange, these goods represent good taste. They permit the display of sensibility to beauty, aesthetic receptiveness – a quality that promises potential spouses that their wives will be able to move up in the society.” (BENEDICT, 2000).

marca apenas por este ponto, e parece ser cada vez mais reforçada quando seguimos à leitura do texto. Entendemos que existe a recuperação da figura do mecenas:

- Adoro recordar ao passado, Edward. Quer tenha sido triste ou alegre, gosto de voltar a ele. Você jamais me ofenderá falando-me dos velhos tempos. Tem todo o direito de supor de que modo eu gastaria essa riqueza... Uma parte do meu dinheiro, pelo menos, seria destinada a aumentar minha coleção de livros e de músicas.
- E a maior parte deles seria destinada a ser entregue, em anuidades para os autores e seus herdeiros.
- Não, Edward. Eu faria outra coisa com esse dinheiro.
- Então, quem sabe, iria destiná-lo como recompensa à pessoa que escrevesse a mais perfeita defesa para seu lema favorito: ninguém jamais poderia amar mais que uma vez na vida. Presumo que sua opinião neste sentido não tenha mudado. (R&S, 2008, p. 76).¹¹²

Ao nos depararmos com o complemento do diálogo anterior, o qual prosseguiremos analisando, é que parecemos conseguir pontuar melhor aquilo que vínhamos apresentando anteriormente. Parece haver a presença marcante de um passado a ser recuperado nas ideias de conduta de Marianne ao dizer que sente prazer em recordar aspectos do passado em Norland, mas deixa transparecer que esse passado também pode ser percebido como sendo um passado de ideias e processos de aquisição do livro, tanto que, de modo indireto, passamos a impressão de incômodo junto, por exemplo, à noção trazida pelo processo de direitos autorais quando diz não ser a favor de pagamento de anuidades aos autores e seus herdeiros, porém, nada diz a respeito da *recompensa a ser paga* àquele que por ventura conseguisse, de modo muito particular, reproduzir os pareceres dela em torno do amor, visto como exclusivo por toda uma existência. Assim, faz-nos percorrer o caminho do passado em que a figura do mecenas¹¹³ se faz válida e nos preenche com a sensação mais uma vez de que a obra literária tem para ela valor agregado quando se apresenta por meio de um caráter quase exclusivista se pensarmos que o artista aqui está, em suma, vinculado à dependência financeira daquele que o mantém, em troca, neste caso, de um trabalho escrito.

Ainda assim, não poderíamos nos convencer que tais ideologemas sejam relevantes sem que tivessem sido destacados os pontos apresentados pela discussão acima, ou, ainda,

¹¹² Trad. p. 89-90: “– I love to be reminded of the past, Edward- whether it be melancholy or gay, I love to recall it – and you will never offend me by talking of former times. You are very right in supposing how my money would be spent – some of it, at least my loose cash, would certainly be employed in improving my collection of music and books..

– And the bulk of my fortune would be laid out in annuities on the authors and their heirs.

– No, Edward, I should have something else to do with it.

– Perhaps, then, you would bestow it as a reward on that person who wrote the ablest defense of your favourite maxim, that no one can be ever in love more than once in their life- for your opinion on that point is unchanced, I presume?” (S&S, 1994).

¹¹³ Figura que patrocinava a produção cultural, especialmente comum dentro do momento renascentista.

sem que nos voltássemos a um aspecto teórico ainda mais profundo do primeiro trecho do texto de Austen, que em última instância nos convida a nos debruçarmos um pouco mais nas visões de mundo por meio da *ideologia da forma*, proposta por Jameson (1992), que passaremos a olhar mais de perto a partir de agora.

A referência, no texto, ao poeta James Thomson (1700-1748), aparece, neste nível de leitura, como elemento-chave para acessarmos a problematização sobre o ato de ler naquele determinado contexto social, em *Razão e Sensibilidade*. No primeiro nível, o conteúdo manifesto, o poeta citado aparece como mais um dos autores favoritos lidos pela jovem protagonista e seu pretendente. Contudo, dadas algumas semelhanças temáticas e formais entre situações vividas por Marianne e aquelas retratadas nos poemas de Thomson, podemos dizer que essa menção ao autor, na diegese, é reveladora das concepções de mundo de ambas as personagens.

Vejamos, por este trecho de *Razão e Sensibilidade*, a descrição fornecida pelo narrador quando nos apresenta Marianne em uma das vezes em que caminha pelos campos:

– Querida Norland – lamentava-se Marianne, enquanto vagava sozinha pela casa, na última noite que iriam passar ali –, quando deixarei de ter saudades de você? Quando vou aprender a me sentir em casa em outro lugar? Oh, casa feliz, se você pudesse saber o que sofro olhando-a de uma perspectiva que indica que talvez nunca mais voltarei a vê-la! E vocês, minhas amigas árvores! Mesmo assim vocês continuarão as mesmas. Nenhuma de suas folhas irá cair porque não poderemos mais vê-las! Não vocês continuarão as mesmas, inconscientes da felicidade e da tristeza que nos causam, insensíveis à mudança das pessoas que descansarão sob sua sombra! Mas quem será capaz de gostar de vocês como nós gostamos? (R&S, 2008, p. 26).¹¹⁴

Notamos que, à primeira vista, podemos saber sobre uma cena de despedida e lamento da heroína diante da partida daquele lugar em que fora, como ela mesma diz, feliz. Não há, contudo, indicação explícita dos aspectos ligados à leitura. Isso acontece somente se nos detivermos em uma investigação mais atenta, relacionando a forma de descrição utilizada pelo narrador para esse momento vivido por Marianne, ligando essa forma de expressão linguística à lista dos poetas favoritos de Marianne, sendo Thomson (1735-1736) um deles. Percebemos

¹¹⁴ Trad. p. 25: “- Dear, dear Norland! said Marianne, as she wandered alone before the house, on the last evening of their being there; when shall I cease to regret you? - when learn to feel a home elsewhere? - O happy house! could you know what I suffer in now viewing you from this spot, from whence perhaps I may view you no more! - and you, ye well-known trees! - but you will continue the same. - No leaf will decay because we are removed, nor any branch become motionless although we can observe no longer! - No; you will continue the same; unconscious of the pleasure or the regret you occasion, and insensible of any change in those who walk under your shade! - But who Will remain to enjoy you?”. (S&S, 1994).

que a maneira saudosista e melancólica pela qual a moça deixa o antigo lar da família em muito lembra a linguagem utilizada pelo poeta citado:

Soubesse ele o quanto era feliz! / Ele que longe das disputas públicas, / Em seu vale em seleta companhia, / Bebe do campo os prazeres puros. (THOMSON *apud* WILLIAMS, 1989, p. 98).¹¹⁵

O bucólico aparentemente apresentado nas duas passagens parece vir carregado de um sentimentalismo, algo idealizado, tanto pelo narrador quanto pelo eu lírico do poema. Quem nos ajuda a entender com maior precisão o sentido bucólico, o qual pretendemos recuperar ao analisar o romance austeniano em questão, é a ideia descrita no livro *O Campo e a Cidade* (1989, p. 36), em que Raymond Williams diz:

No entanto o bucólico, com seu significado originalmente preciso, estava sofrendo nesse mesmo período uma transformação extraordinária. Seu componente mais sério era a tensão intensa e renovada voltada para a beleza natural, porém, trata-se agora da natureza da observação – a do cientista ou do turista e não a do camponês que trabalha. (...) Outro componente básico era muito diferente: o bucólico tornou-se teatral e romântico no sentido estrito do termo.

Em especial, no caso de Marianne, o campo funcionará como um espaço onde as lembranças de um passado por ela considerado agradável e feliz são rememoradas, inundando seu coração de sentimentos exagerados. O uso que Austen faz da linguagem, a fim de intensificar este processo hiperbólico, dá-nos a sensação de que a personagem personifica os elementos naturais, fazendo com que as árvores não fossem apenas elementos de outra espécie, mas parte da vida dessa moça que chega a tratá-las como “amigas”. Parece-nos ser esta uma atitude de fato que parte de um sentimentalismo aqui exacerbado por meio da forma. O mesmo recurso parece estar presente no poema quando o eu lírico diz *ser ele o mais feliz* por estar junto da presença da natureza.

Entendemos, portanto, que ao realizar, seja de maneira consciente ou não, essa aproximação em que ecoa os mesmos efeitos estéticos (dentro, é claro, do limite de estilo em função da linguagem literária de cada autor), Austen nos permite pensar pelo viés analítico e político de níveis. Ela, enquanto autora, parece tirar proveito do estilo desse autor de quem possui conhecimento também como leitora¹¹⁶ para de um algum modo conseguir, por meio de

¹¹⁵ O poema a que nos referimos neste trecho é intitulado “The Season”, e foi escrito por Thomson entre as décadas de 1720 e 1740. Conferimos a tradução do fragmento ofertada no livro de Williams (1989). Trad. p. 98: “oh knew he but his happiness of men / The happiest he! Who far from public rage, / Deep in the vale, with a choice few retir’d / Drinks the pure pleasure of the rural life.” (THOMSON *apud* WILLIAMS, 1989).

¹¹⁶ Não afirmamos que Austen usa propositalmente suas predileções pessoais para criar qualquer coisa dentro do romance, nem se quer afirmar quais seriam as intenções reais da escritora, pois sabemos que entrar no campo de

recursos literários próprios, apropriar-se de cada conteúdo que permita linguisticamente construir, tanto em termos ideológicos quanto em aspectos formais da obra, um sentido o qual nos dá a oportunidade de verificação em todos os horizontes de interpretação, de que modo que essa percepção vincula-se aos comportamentos mais sutis que a protagonista propaga agindo desta maneira.

Tais características justapõem-se ainda com a ideia de campo enquanto um modelo aristocrático de descrição (ou seja, idealizado), já que há uma distância criada entre um vivenciar idealizado e um real, ligado ao esforço e ao trabalho, cujo sentir parece se diluir por meio das emoções dos seus observadores tanto no poema quanto na narração do momento de despedida da personagem analisada. Segundo Williams, este aspecto é visto da seguinte forma:

O romance pastoril de Boccaccio à *Arcadia de Sannazzaro* (c. 1500) era uma forma nova, na qual a écloga e a descrição da natureza eram incorporadas ao mundo essencialmente diverso e romântico do amor idealizado. A base nominal consistia no fato de os pastores, na literatura bucólica, cantarem canções de amor; mas os pastores e ninfas que começaram a aparecer agora são meros fantoches de um entretenimento aristocrático. O drama pastoril a partir de *Aminta de Tasso* (1572) é também a criação de uma corte principesca, na qual o pastor nada mais é do que uma máscara idealizada, um disfarce palaciano: uma figura tradicionalmente associada à inocência através da qual, paradoxalmente, elabora-se uma intriga (WILLIAMS, 1989, p. 36).

Essa visão sentimental da natureza pode ser verificada em outros poetas, os quais a jovem diz admirar, como por exemplo, William Cowper (1731-1800), cujo poema “Living Water” pode configurar mais um dos momentos em que o bucólico possui grande carga emocional. Algo na categoria do sublime vai permear fortemente as idealizações de mundo da personagem em questão, de modo que, com o avançar da leitura do romance, conseguiremos inserir outros pontos interessantes a respeito. A visão sentimental não se delimita apenas ao fato relacionado com sua partida de Norland, mas permeia também todos os setores da vida dela, como, por exemplo, a forma que encara a relação de Elinor com Edward. Para a protagonista, a calma da irmã é algo inadmissível e que lhe causa um tremendo desconforto emocional. No trecho que destacaremos abaixo, podemos visualizar melhor a ideia de que, para Marianne, a discussão com Elinor ao tratar do gosto de Edward para o desenho, faz com que sintam pena da irmã ao mesmo tempo que “ri” incrédula quando a primogênita afirma ter o rapaz uma boa capacidade avaliativa desses trabalhos artísticos:

intencionalidades autorais é algo infrutífero. Gostaríamos apenas de apontar a semelhança técnica de ambos os textos neste extrato do romance.

Marianne ficou com medo de ofendê-la e não falou mais no assunto; no entanto, o tipo de capacidade para avaliar desenhos de outras pessoas que Elinor garantia com tanta animação que existia em Edward ficava muito distante daquele arrebatador entusiasmo que, na opinião de Marianne, só podia ser denominado de bom gosto. Todavia, se bem que rindo por dentro, admirava a irmã pela cega parcialidade em relação a Edward que a induzia a esse engano. (R&S, 2008, p. 19).¹¹⁷

No entanto, para o presente momento da dissertação, preferimos apresentar mais um aspecto que juntamente às ideias expostas acima, ajudar-nos-á a compreender a questão da leitura, tendo dela uma visibilidade panorâmica, o que, de certa forma, auxiliar-nos-á a costurar essas noções primeiras que estamos discutindo, isto é, a questão do envolvimento amoroso de Marianne com o jovem Willoughby.

Willoughby, morador de Allenhan, figura heroica, cavalheiro de bons modos, é hóspede de uma parenta abastada cujos rendimentos muito o interessam. Em um primeiro nível de leitura, pensamos que essa seria apenas mais uma das histórias de amor e casamento de Austen e que dali nada se conseguiria retirar a respeito da leitura. Entretanto, um olhar mais atento passa a nos fornecer outros elementos interessantes a serem investigados.

O modo como o primeiro encontro do casal se dá é relevante para a análise. Em meio a um passeio matinal corriqueiro, a jovem, acompanhada da irmã menor, Margareth, vê-se surpreendida por uma forte chuva que as obriga a fazer um retorno apressado ao lar. Prestemos atenção ao narrador descrevendo a cena do encontro:

Marianne e Margareth, em uma memorável manhã dirigiam seus passos atraídas pelo sol parcial em um céu chuvoso; não suportavam mais o confinamento a que as havia obrigado dois dias inteiros de chuva. O tempo não se mostrava tentador o bastante para fazer com que as outras duas largassem uma seu pincel, a outra seu livro, apesar da afirmativa de Marianne de que o dia iria ficar bonito, que todas as nuvens ameaçadoras seriam levadas para longe de suas colinas. Então, as duas moças haviam saído sozinhas.

Subiam a encosta alegremente, regozijando-se a cada nesga azul que surgia no céu. Enquanto sentiam no rosto as reanimadoras rajadas de um vento de sudoeste, lamentavam o medo que impediria a mãe e Elinor de partilhar com elas tão deliciosas sensações. Existe no mundo felicidade maior do que esta? – perguntou Marianne. – Margareth, vamos passear por aqui por pelo menos duas horas (R&S, 2008, p. 36).¹¹⁸

¹¹⁷ Trad. p. 17: “Marianne was afraid of offending, and said no more on the subject; but the kind of approbation which Elinor described as excited by the drawings of other people, was very far from the rapturous delight, which, in her opinion, could be called taste. Yet, though smiling within herself at the mistake, she honoured her sister for that blind partiality to Edward which produced it.” (S&S, 1994).

¹¹⁸ Trad. p. 39: “Marianne and Margareth one memorable morning directed their steps, attracted by the partial sunshine of a showery sky, and unable longer to bear the confinement which the settled rain of the two preceding days had occasioned. The weather was not tempting enough to draw the two others from their pencil and their

Cenário perfeito, ao menos é o que indica o narrador, cujos elementos narrados são também muito utilizados na questão bucólica a qual nos parágrafos anteriores vínhamos destacando. Aqui, mais uma vez, voltamo-nos à ideia da presença da natureza enquanto forma de evocar nos pensamentos da personagem a paisagem poética descrita em versos de seus poetas favoritos, que para uma leitora como Marianne, de fato, se associa ao imaginário e à ilusão que todo um espaço como este pode, a partir de sua simples presença no local, vir a desencadear. O narrador parece garantir esse efeito com uma descrição detalhada do momento; ao descrevê-lo como *deliciosas sensações*, estruturalmente no romance, demonstra sensações como parte da noção evocativa de certo sentimentalismo típico das leituras dentro do espectro do bucólico. Momentos que promovem sensações e despertam sua sensibilidade.

O narrador segue dando mais detalhes:

As nuvens reuniram-se sobre suas cabeças e despejaram a chuva bem em seus rostos. Surpreendidas e magoadas, viram-se obrigadas, a voltar, pois não havia refúgio algum mais próximo do que a casa delas. No entanto, restou-lhes um consolo ao qual a exigência do momento conferiu ainda maior intensidade: bastaria descer a encosta da colina com a maior velocidade possível para chegar imediatamente ao portão do jardim de sua casa.

Assim fizeram. Marianne estava bastante à frente quando um passo em falso a fez cair e Margareth incapaz de se deter na descida para ajudá-la continuou correndo sem querer e chegou lá embaixo sã e salva.

Um cavalheiro que carregava uma espingarda, com dois *pointeres* saltando ao seu redor, passava pela colina a poucos metros de Marianne quando o incidente ocorreu. Ele largou a arma no chão e correu para socorrê-la. Ela já se erguera, mas torcera um tornozelo na queda e mal conseguia ficar em pé. O cavalheiro ofereceu-lhe seus préstimos e, percebendo que a modéstia dela a fazia recusar o que a situação exigia, nada perguntou e a ergueu nos braços carregando-a colina abaixo. (R&S, 2008, p. 36-37).¹¹⁹

A atmosfera de felicidade muda quando, poucos minutos depois, o narrador acrescenta à cena algo inesperado, uma chuva forte que começa a cair de repente e obriga as senhoritas

book, in spite of Marianne's declaration that the day would be lastingly fair, and that every threatening cloud would be drawn off from their hills; and the two girls set off together.

They gaily ascended the downs, rejoicing in their own penetration at every glimpse of blue sky: and when they caught their faces the animating gales on an high south-westerly wind, they pitted the fears which had prevented their mother and Elinor from sharing such delightful sensations.

– Is there a felicity in the world, said Marianne, superior to this? Margareth, we will walk here at least two hours.” (S&S, 1994).

¹¹⁹ Trad. p. 40: “they set off. Marianne had at first the advantage, but a false step brought her suddenly to the ground, and Margareth, hurried along and reached the bottom in safety.

A gentleman carrying a gun, with two pointers playing round him, was passing up the hill and within a few yards of Marianne, when her accident happened. He put down his gun and ran to her assistance. She had raised herself and she was scarcely able to stand. The gentleman offered his services, and perceiving that her modest declined what her situation rendered necessary, took her up in his arms without further delay, and carried down the hill.” (S&S, 1994).

Dashwood a abandonarem estas sensações iniciais de conforto e harmonia que a natureza até aquele instante lhes proporcionara, passando pela abrupta necessidade de retornarem à residência, onde possuíam apenas as opções mais monótonas, porém, mais realistas dos afazeres domésticos. A fim de escapar o mais breve possível, Marianne caminha apressadamente e se vê surpreendida por uma torção no tornozelo.

Percebemos, por esta mudança de cenário, no caso, o local do passeio matinal, que de algum modo deixa tudo e todos os elementos desse contexto mais vulneráveis com a mudança climática, que parece existir a tentativa estética de promover uma espécie de conexão, ou prenúncio (aqui visualizado pela virada no tempo) de que a futura relação entre Marianne e Willoughby já não poderia terminar bem, pois, quando pensamos nisto enquanto uma “escuridão das nuvens”, na realidade, quase podemos nos ver diante de uma condição de obscuridade e cegueira, pela qual a protagonista se deixará levar graças às noções de relacionamento que constrói por meio da leitura.

Outra medida na qual se reforça a ideia descrita e que vem vinculada a ela, diz respeito ao próprio fato de torcer o tornozelo como um indicativo de um ato negligente, um passo em falso. Teoricamente falando, devemos colocar a ideia de um passo em falso, como algo cujo ato parece vir atrelado ao fato da figura feminina ser passível de aceitar a noção de amor dos romances. Aqui em especial, estamos nos atentando aos ingleses somente.

Sendo assim, a mulher cuja sociedade atribuía no século XVIII e XIX o adjetivo frágil ou, até mesmo, inferior na concepção biológica, poderia, em um desses rompantes causados pelo envolvimento com a leitura de determinados textos, tais como o romance, ter facilitado o processo que a levaria a viver uma ilusão. Suscetíveis a um comportamento imaginativo e leviano, de acordo a ideia propagada na época, elas deveriam a todo o momento policiar os passos dados em sociedade a fim de que evitassem cair nas armadilhas sentimentais que estamos apontando. Nesse sentido, o passo em falso, metaforicamente, coloca-nos dentro desse terceiro horizonte de interpretação pelo viés estético do texto austeniano.

Aqui, chamamos de ilusão, por exemplo, o fato de jovem Marianne, dentro de um primeiro nível de leitura, deixar-se encantar pela atitude cavalheiresca de conduzi-la de volta ao seio familiar, dando abertura a um processo cujo estabelecimento se dá também por meio das escolhas literárias do casal.

Contudo, esta posição de fragilidade nos faz rememorar também as heroínas frágeis presentes no romance sentimental, que, conforme preconiza Marilyn Butler (1990, p. 17,

tradução nossa), “são em geral muito jovens e inexperientes e, portanto, vítimas fáceis daquilo que é errado e manipulador, ou para ser mais otimista, são de uma radiante inocência”.¹²⁰

Por meio do argumento da estudiosa, podemos repensar que de algum modo a autora busca nos fazer compreender mais um passo da estratégia de contenção da qual Jane Austen lança mão no romance, dotando-o da quebra de expectativas quanto ao fato de não ser mais um dos romances sentimentais, conforme parece sugerir o título do trabalho. O fragmento exposto acima vindo do texto literário austeniano parece em um primeiro nível de leitura nos dotar dessa impressão com o uso de todas as características formais e do sentimentalismo cujo efeito dá essa ideia num primeiro momento e é reforçado ao longo do texto literário sem ressalvas; porém, na realidade, de forma oposta, se acessarmos o subtexto, notamos que essa visão é solapada e que o romance está sendo construtor de críticas quando pensando o gênero a partir desse aspecto.

O modo pelo qual a autora o faz se dá, portanto, graças ao vislumbrar da ironia com a qual a escrita do romance precipita o desfecho desse casal. Via conteúdo, por exemplo, já aponta indicativos, logo no primeiro encontro dos jovens, de que elementos como chuva e torção estão, ao que nos parece, funcionando metaforicamente enquanto “ponte” para promover a ironia ao sentimentalismo trazido por diversas obras do gênero romance contemporâneas a esta e, a partir da descrição feita pelo narrador, damo-nos conta, ao avançar, do quanto esta presença da crítica se confirma verdadeira.

A protagonista jovem é exposta por se ferir e com isso ficar aos cuidados de um desconhecido que, contrariando as expectativas mais sombrias do romance nos moldes sentimentais (pelo menos dentro das nossas impressões iniciais de leitura), irá fornecer às mulheres do clã Dashwood uma sensação de beleza e conduta varonil, típicas do imaginário das leituras de Marianne. Depois desse ato heroico, repleto de destreza, o jovem Willoughby não terá dificuldades em ser admitido como amigo da família. A marca mais presente e que serviria enquanto ponto de contato entre os dois, seria justamente a leitura.

Há que se dizer, no entanto, que por meio dessa forte aparência de narrativa sentimental, a começar pela presença inegável do título da obra, uma “estratégia de contenção” (uma vez que neste romance o intuito é o de refutar a questão sentimental, conforme já apontamos anteriormente) pode funcionar como barreira para que não víssemos

¹²⁰ Trad. p 17.: “they are often very young and inexperienced, and hence easy victims of the corrupted or designing; or more positively mere radiant innocent.” (BUTLER, 1990).

quão crítica a autora está sendo a estes moldes narrativos presentes na época. Butler (1990, p. 8) afirma:

A escrita antissentimental de Jane Austen tem sido tomada principalmente como burlesca em termos de estilo; mas foi logo na fase inicial da absorção do movimento da mente consciente e inconsciente onde a ofereceu, porque implicitamente colocava o indivíduo diante do grupo. O Sentimentalismo recebeu uma má impressão nos nossos tempos, pois o rigoroso ímpeto filosófico por trás disso é incompreendido; já na década de 1790 foi entendido muito bem. Ao mesmo tempo, foi atenuado, como uma forma ou ideia na qual era caricaturado, numa segunda geração diferenciada. Para o propósito deste estudo, o qual preocupa-se com Jane Austen e seus contemporâneos, os sentimentalistas são menos significativos ao que em primeiro lugar se destinavam do que para aquilo que logo depois revelavam. Quase todo romancista da época de Jane Austen é, de uma forma ou de outra, no sentido mais liberal, um reacionário. (BUTLER, 1990, p. 8, grifo da autora, tradução nossa).¹²¹

Outra teórica que reforça a ideia de combate ao sentimentalismo exagerado é Horwitz. Ela alega a seguinte questão em *Teaching the Mind Mastery Over Itself*:

Embora o culto à sensibilidade tenha começado como um desenvolvimento positivo, uma expansão de simpatia para com as mulheres, as crianças, os pobres e os outros infelizes, até o final do século XVIII, vários escritores estavam pregando contra o sentimentalismo excessivo, o qual parecia incentivar. Jane Austen mesma zombou disso em sua *Juvenilia*, particularmente em *Love and Friendship*. Neste trabalho, tal como em *Razão e Sensibilidade*, a sensibilidade é apresentada como uma perversão do verdadeiro sentimento quando se carece de uma base na razão. Deve-se ressaltar, no entanto, que Jane Austen não condena emoção genuína. Ao contrário de alguns escritores sobre a educação das mulheres, ela vê a sensibilidade devidamente instruída como algo virtuoso na medida em que faz com o qual se permita aos possuidores de sentir simpatia por outros. (HORWITZ, 1991, p. 11, grifo do autor, tradução nossa).¹²²

¹²¹ Trad. p. 8: “the anti-sentimental writing of Jane Austen has been taken as primarily burlesque of a *style*; but essentially it was the absorption of the earlier movement in the conscious and unconscious mind in which offered, because implicitly it put the individual before the group. Sentimentalism has received a bad press in our times because the rigorous philosophical impetus behind it is misunderstood; in the 1790s it was understood only too well. By the same time it was simplified, as a form or idea will be caricatured in a second changed generation. For the proposes of this study, with is concerned with Jane Austen and her contemporaries, the sentimentalists are significant less for what they first intended than for what they shortly afterwards conveyed. Almost every novelist of Jane Austen’s day is in some degree or other in the most liberal sense a reactionary.” (BUTLER, 1990).

¹²² Trad. p. 11: “although the cult of sensibility had begun as a positive development, an expansion of sympathy towards women, children, the poor, and the other unfortunates, by the end of the eighteenth century several writers were preaching against the excessive emotionalism it seemed to encourage. Jane Austen herself mocked it in her *Juvenilia*, particularly in “Love and Friendship”. In this work, as in *Sense and Sensibility*, sensibility is presented as a perversion of true feeling when it lacks a basis in reason. It should be stressed, however that Jane Austen never condemns genuine emotion. Unlike some writers on women’s education, she sees the properly educated sensibility as virtuous in that it causes it possessors to feel sympathy for others.” (HORWITZ, 1991, grifo do autor).

A torção do pé da jovem pode ser metaforicamente um indício de um mau passo decorrente das posturas tomadas por ela em conjunto com Willoughby. Por hora, no entanto, vamos nos concentrar em analisar outros trechos indicativos a fim de reforçar tal hipótese de que a visão literária sentimental da protagonista desencadearia um processo de erros de conduta em termos de decoro feminino.

Devido ao constrangimento do momento, Marianne pouco absorve a respeito da aparência do rapaz e, portanto, os conceitos dela passam a ser ditados via impressões da mãe e da irmã mais velha. Logo, ela se percebe envolta numa atmosfera fantasiosa e julga-o aos moldes do príncipe criado por meio de suas leituras.

O mais drástico reforço é concebido logo após a segunda visita do rapaz à enferma donzela, conforme o extrato abaixo:

Com grande rapidez descobriram que o gosto pela dança e a música era mútuo, o que fez com que nascesse uma conformidade geral de julgamento em tudo que se relacionasse as opiniões do senhor Willoughby, Marianne perguntou-lhe sobre livros; foram pronunciados os nomes de seus autores favoritos e ela discorreu sobre eles com entusiasmo tão arrebatador que um homem de vinte e cinco anos teria de ser o mais insensível do mundo para não se convencer da excelência de tais trabalhos, mesmo que antes não lhes desse atenção. O gosto deles era parecido de tal maneira que chegava a ser chocante. Os mesmos livros os mesmos trechos eram idolatrados por ambos- ou se aparecesse alguma diferença, se surgisse alguma objeção, estas não resistiriam por muito tempo diante da força dos argumentos de Marianne e do brilho de seus olhos. Ele concordou com todas as afirmações dela, partilhou todos seus entusiasmos e, muito antes da visita terminar, conversavam com a familiaridade de velhos conhecidos. (R&S, 2008, p. 41).¹²³

Ao longo de todo este capítulo, teremos acesso a nomes de autores como Cowper e Scott, os quais aparecem como parte do compartilhamento das predileções literárias de ambos, mas o que nos chama especial atenção neste trecho diz respeito a dois pontos fundamentais para nossa discussão. O primeiro deles se dá por meio da ideologia¹²⁴ presente

¹²³ Trad. p. 45: “they speedily discovered that their enjoyment of dancing and music was mutual, and that it arose from a general conformity of judgment in all that related to either. Encouraged by this to a further examination of his opinions, she proceeded to question him on the subjects of books; her favourite authors were brought forward and dwelt upon with so rapturous delight, that any young man of five-and- twenty must have been insensible indeed, not to become an immediate convert to the excellence of such works, however disregarded before. // Their taste was strikingly alike. The same books the same passages were idolized by each- or, if any difference appeared, any objection arose, it lasted no longer than till the force of her arguments and the brightness of her eyes could be displayed. He acquiesced in all her decisions, caught all her enthusiasm, and long before his visit concluded, they conversed with the familiarity of a long- established acquaintance.” (S&S, 1994,).

¹²⁴ Seguimos o conceito de ideologia proposto em *Palavras chave* (2007, p.215, grifos do autor), publicado por Raymond Williams: “(...) *Ideologia*, aparentemente mais neutro, em alguns trechos da obra de Marx, notável na conhecida passagem da *Contribuição à crítica da filosofia política* (1859). (...) As formas ideológicas são

na forma textual de nossa análise no que diz respeito ao modo como trataremos as noções que Marianne tem sobre conceitos de união amorosa que, em suma, se baseiam nas expectativas do amor cortês, aristocrático.

O segundo ponto que o comportamento da personagem nos apresenta está ligado à noção de que, para ela, a literatura, de um modo geral, parece funcionar e estabelecer ligação com a construção que Marianne faz do mundo real, tanto por meio dos conceitos amorosos retirados do texto mencionado quanto nas descrições narradas das passagens nas quais a moça se despede do rapaz com grande fervor. Parece-nos que a personagem não possui o filtro necessário à leitura de um texto ficcional. Catherine Gallagher, em *Ficção* (2009),¹²⁵ chama de uma “credibilidade irônica” aquilo que resumidamente podemos dizer que é necessário ao se fazer a leitura de uma obra literária (conforme sugerido em prefácios como os de Henry Fielding, quando, por exemplo, ele abertamente desautoriza o leitor a tomar seus textos como verdade). O conceito de credibilidade irônica prioriza a noção que, ao se ler um texto, neste caso, em especial na leitura de romances, o leitor deve preferencialmente, durante esse processo, garantir a suspensão da ideia de representação textual enquanto verdade absoluta do conteúdo exposto, atribuindo a ele uma aceitação relativa do conceito de verdade, passando a vê-lo apenas como um conteúdo verossímil.

Segundo essa ideia, tal atitude do leitor ainda serviria para que, especialmente a partir do surgimento do gênero romance,¹²⁶ as moças evitassem criar a falsa esperança de também possuírem na vida real maior liberdade de “escolha”, propagada por algumas heroínas dos romances.¹²⁷ Quem nos auxilia na compreensão da leitura de romances enquanto uma forma nociva é Vasconcelos (2007, p. 148):

Para muitos, portanto, o novo gênero era aceitável desde que seu conteúdo pudesse ser controlado e mantido sob vigilância. Não se tratava de censura, obviamente. Mas de estabelecer regras, limites e freios ao caráter ‘nocivo’ de uma forma literária que convidava ao devaneio e podia levar os jovens a condutas inadequadas por encher-lhes a cabeça de fantasias e irrealidades.

Visto que, por exemplo, em questões relativas ao amor e casamento, jovens poderiam ler sem que necessariamente ficassem sujeitas “a riscos”, enquanto, para os mesmos aspectos, na vida cotidiana ainda passavam pelo crivo dos chamados ranqueamentos, pois eles

expressão das (mudanças nas) condições econômicas de produção. São vistas aqui, porém, como as formas nas quais os homens tornam-se *conscientes* do conflito surgido das condições e das mudanças de condição na produção econômica”.

¹²⁵ Moretti (2009, p. 1020).

¹²⁶ Discutiremos mais adiante como a autora dismantela a ideia de que apenas o romance pode ser fonte de subversão da mente feminina.

¹²⁷ Ainda que esta “liberdade” seja fruto de uma fatalidade, ou circunstância inesperada, ou, pelo menos, não planejada.

costumavam definir as relações pessoais por meio de conchavos familiares e questões financeiras bastante fortes. Vejamos um pouco mais a respeito dos ranqueamentos:

Os personagens de Jane Austen e os primeiros leitores, para quem a classificação é um sistema conhecido intrincado na organização social e na significação, e os leitores modernos, a quem as nuances e gradações são muitas vezes obscuras. A posição social é de suma importância nos romances com indivíduos e famílias, medindo suas posições em relação ao grau mais sutil enquanto concepção de estratégias de longo prazo para o avanço no *status*. No entanto, essas preocupações são articuladas em termos anteriores à linguagem baseada em classe política que cresceu entre os radicais, como Paine, Spence e Thelwall na década de 1790, consolidou-se no trabalho de teóricos sociais, tais como Robert Owen e David Ricardo nas décadas 1810 e 1820s, e continuam a moldar os pressupostos modernos. O termo “classe” já estava em curso na época de Austen. PJ Corfield cita um escritor de 1753 que classificou a sociedade Inglesa em cinco classes: viz. Nobreza; a Gentry; os comerciantes gentis (todos aqueles que exigem particularmente grande Capital); os comerciantes mais comuns; e a Peasantly. Mas como um conceito organizador ainda foi a divergir significativamente das especificações tradicionais de classificação, estação ou grau. O ‘ranqueamento’ manteve-se o modelo estabelecido e ditou o pensamento convencional. (KEYMER, 2010, p. 387, tradução nossa, grifo do autor).¹²⁸

O termo é atribuído dentro da sociedade inglesa sobre a qual estamos discutindo ao longo do texto, a fim de promover a diferenciação das posições sociais que não deveriam ser naquele momento histórico vistas como o que hoje conhecemos e denominamos como classes sociais, uma vez que este termo passa a ser utilizado posteriormente ao período citado. A linhagem, nesses termos, ainda aparece enquanto forte aspecto dentro desta terminologia.

A personagem Elinor, atenta ao fascínio inicial do romance entre Marianne e Willoughby, acaba questionando a irmã, de modo sutil, sobre a falta de credibilidade irônica da jovem leitora, manifestada a partir do comportamento descrito como afoito e apresentado no trecho abaixo:

– Bem Marianne – disse Elinor, assim que ele as deixou –, para *uma* manhã acho que você se saiu muito bem. Conseguiu averiguar a opinião do senhor

¹²⁸ Trad. p. 387: “Jane Austen’s characters and first audience, for whom rank is an intricate but self – evident system of social organization and signification, and modern readers, for whom the nuances and gradations are often obscure. Social position is of consuming importance in the novels with individuals and families, measuring their relative standings to the finest degree while devising long-term strategies for advance in status. Yet these concerns are articulated in terms of predating the class-based language of politics that grew up among radicals such as Paine, Spence and Thelwall in the 1790s, became consolidated in the work of social theorists such as Robert Owen, and David Ricardo in the 1810s and 1820s, and continues to shape modern assumptions. The term ‘class’ was already current by Austen’s day- P.J. Corfield cites a writer of 1753 who itemised English society in five Classes; viz. the Nobility, the Gentry, the genteel Trades (all those particularly which require large Capital), the common Trades, and the Peasantly – but as an organising concept it was yet to diverge significantly from traditional specifications of rank, station or degree. ‘Rank’ remained the established model, and dictated conventional thought.” (KEYMER, 2010, grifo do autor).

Willoughby em quase todos os pontos importantes. Sabe o que ele pensa de Cowper e de Scott, tem certeza de que ele avalia as belezas desses autores como merecem e obteve a constatação de que ele admira o papa¹²⁹ não mais do que é apropriado. Mas quanto tempo o conhecimento de vocês vai aguentar a essa exposição e análise tão rápidas a cada tema de conversa? Logo terão esgotado todos os tópicos favoritos de cada um. Então, um outro encontro bastará para expor as opiniões dele sobre belezas pictóricas, sobre segundos casamentos e você não terá mais nada de importante para perguntar. (R&S, 2008, p. 41).¹³⁰

O que mais parece incomodar Elinor não é exatamente o fato de em mais um encontro ou dois o aspirante casal esgotar as possibilidades de arrebatamento por tamanha semelhança nas opiniões literárias, mas sim o reconhecimento dela do fato de que, para a jovem, o sistema de valores regentes de sua visão amorosa é digno de se ver enquanto parte contraditória dentro daquilo que, sendo Elinor representante dos costumes da burguesia rural, elege como sendo coerente. Vejamos um pouco mais a respeito da crítica de Elinor, no que diz respeito ao sentimentalismo exagerando com o qual Marianne cria seus parâmetros. Neste fragmento do romance, ela dá seu parecer a Brandon;

Com os olhos fixos em Marianne depois de um silêncio de alguns minutos, ele disse com um sorriso sem alegria:

- Imagino que sua irmã não aprove um segundo amor.
- Não – respondeu Elinor –, as opiniões dela são todas românticas.
- Ou melhor, acredito que ela acha impossível que isso exista.
- Creio que sim. Mas desconheço como ela concilia essa ideia ao julgar nosso pai que teve duas esposas. No entanto, alguns anos de vida irão colocar as opiniões de Marianne sobre bases mais razoáveis, graças ao bom senso e à observação, tornando-as mais fáceis de definir e justificar do que são no momento (...). (R&S, 2008, p. 47-48).¹³¹

Neste trecho do diálogo, a moça parece reconhecer algo além desse sentimentalismo. Ela afirma que as bases e que se fincam as opiniões de Marianne são de fato responsáveis pelo

¹³⁰ Trad. p. 45: “ – Well, Marianne , said Elinor, as soon as he had left them, for *one* morning I think you have done pretty well.

You have already ascertained Mr. Willoughby’s opinion in almost every matter of importance. You know what he thinks of Cowper and Scott; you are certain of his estimating their beauties as he ought, and you have received every assurance of his admiring in Pope no more than is proper. But how is acquaintance to be long supported, under such extraordinary dispatch of every subject for discourse! You will soon have exhausted each favourite topic. another meeting will suffice to explain his sentiments on picturesque beauty and second marriage, and then you can have nothing further to ask.” (S&S, 1994).

¹³¹ Trad. p. 53-54: “his eyes were fixed on Marianne, and, after a silence of some minutes, he with a faint smile: – Your sister, I understand, does not approve of second attachments. –_No, replied Elinor; her opinions are romantic. Or rather, as I believe, she considers, them impossible to exist. – I believe she does. But how she contrives it without reflecting on the character of her own father, who had himself two wives, I know not, A few years, however, will settle her opinions on the reasonable basis of common sense and observation; and then they may be more easy to define and justify than they now are (...).” (S&S, 1994).

excesso de entusiasmo, via literatura, chamando atenção por conter o lado mais racional da trama no que diz respeito a atitudes ponderadas. Isso não quer dizer que Elinor tenha um comportamento taciturno, pelo contrário, suas atitudes respeitadas e cheias de amabilidade fornecem o equilíbrio necessário e compensatório para que os amigos não tomem como ofensa o descaso da jovem para com o restante do grupo, especialmente nas ocasiões em que conta com a presença do amado Willoughby.

Para compreendermos mais a fundo as questões de decoro às quais a irmã mais velha se refere, recorremos a Vickery:

Nem de todos os jovens amantes era esperado que se pudesse decidir sozinhos, ouvindo apenas aos sussurros urgentes de seus corações. Devemos desconfiar do argumento arraigado que o século XVIII viu a substituição do casamento arranjado com o noivado romântico, não menos importante por causa da dicotomia artificial de arranjo frio da união consanguínea contra a liberdade idílica, criando uma paródia de amplo espectro nas práticas de cortejo que foram identificados no início do período moderno. A família do século XVII não era tão uniformemente consanguínea, conforme Lawrence Stone sugeriu, nem foi o século XVIII universalmente romântico. Entre a nobreza do século XVII, pequena aristocracia superior e plutocracia urbana, as decisões parentais geralmente regiam as escolhas, embora o consentimento formal fosse sempre difundido. (VICKERY, 1998, p. 40, tradução nossa).¹³²

Vickery dá um passo além (1998, p. 41) e argumenta, ainda, que o romance, enquanto gênero, contribuiria de forma indireta para o raciocínio:

Em meados do século XVIII se assistiu ao estrondoso sucesso da compaixão, simpatia, intuição e sentimento espontâneo ‘natural’, negligenciando virtudes cardeais da razão, contenção e deferência junto aos códigos e instituições estabelecidas. Mas as novas linguagens não necessariamente conotariam um novo comportamento. Essa literatura pode ter exagerado nas expectativas das pessoas jovens, mas a esperança e a experiência são diferentes criaturas, conforme os pais e os panfletários monotonamente os advertiam.¹³³

¹³² Trad. p. 40: “not that young lovers were expected to decide alone, listening only to the promptings of their urgent hearts. We should be suspicious of the entrenched argument that the eighteenth century saw the substitution of the arranged marriage with the romantic betrothal, not least because of artificial dichotomy of cold-blooded arrangement versus idyllic freedom makes a mockery of the wide spectrum of courtship practices which have been identified in the early modern period. The seventeenth-century family was not so uniformly cold-blooded as Lawrence Stone has suggested, nor was the eighteenth-century universally romantic. Among the seventeenth-century nobility, upper gentry and urban plutocracy, parental decisions usually governed choice, although formal consent was always sought.” (VICKERY, 1998).
Ao longo do capítulo intitulado *Love and Duty* do qual retiramos esta citação,

¹³³ Trad. p. 41: “the mid-eighteenth century saw the phenomenal success of the compassion, sympathy, intuition and ‘natural’ spontaneous feeling, while neglecting cardinal virtues of reason, restraint and deference to established codes and institutions. But the new idioms do not necessarily connote new behavior. This literature may have exaggerated young people’s expectations, but hope and experience are different creatures as parents and pamphleteers monotonously cautioned.” (VICKERY, 1998).

Antes de, no entanto, darmos continuidade à análise de *Razão e Sensibilidade*, é nosso dever acrescentar a ideia de que Austen, enquanto escritora de romances, embora não sentimentais, mas ainda assim textos que pertencem ao mesmo viés, irá defender que o gênero não se qualifica apenas por meio do sentimento e que a leitura, de um modo geral, como veremos ao longo da análise, pode ser considerada nefasta em quaisquer leituras feitas, não se atendo somente ao fato de ser um romance. Em *A Abadia de Northanger* (2009, p. 35-37), a autora apresenta, por meio do narrador, sua defesa ao gênero romance:

(...) Sim, romances, pois não adotarei este mau e insensato costume, tão comum em escritores de romances, de degradar pelas suas desprezíveis censuras os próprios trabalhos, aos números daqueles aos quais eles mesmos se unem – juntando-se aos seus maiores inimigos para conferir os mais duros epítetos a tais trabalhos, e quase nunca permitindo que sejam lidos pela própria heroína, a qual se acidentalmente pegasse um romance, certamente fecharia suas páginas insípidas com desgosto. Ah! Se a heroína de um romance não for protegida pela heroína do outro, de quem poderia ela esperar proteção e consideração? Não posso aprovar isso. Deixemos aos críticos que abusem de tais efusões de imaginação o quanto queiram, e que falem o quanto cada novo romance nas rotas melodias do lixo com o qual agora a imprensa agora se lamenta. Nunca nos abandonemos, somos um corpo ferido. Embora nossas produções tenham propiciado prazer mais amplo e verdadeiro do que qualquer corporação literária no mundo, nenhum tipo de composição tem sido tão desprezado. Do orgulho, da ignorância, ou da moda nossos inimigos são tantos quantos nossos leitores. E embora as habilidades do nongentésimo condensador da história da Inglaterra, ou do homem que coleta e publica em um volume algumas dúzias de linhas de Milton, Pope e Prior, com um jornal do ‘Spectator’ e um capítulo de Sterne, sejam elogiadas por mil penas, parece haver um desejo quase geral em desprezar a capacidade e em desvalorizar o trabalho do novelista, e diminuir os trabalhos que têm apenas um gênio, espírito e gosto para recomendá-los. ‘Não sou leitor de romances, raramente leio romances. Não imagine que leio romances com frequência. Isso é muito bom para um romance’. Tal é o dito comum. ‘E o que está lendo senhorita...?’ ‘Oh! Apenas um romance!’, responde a jovem dama, enquanto deita seu livro com a falsa indiferença, ou vergonha momentânea. ‘É apenas Cecília, ou Camilla, ou Belinda’.

Ou em resumo, apenas algum trabalho no qual as maiores forças da mente são exibidas; um trabalho no qual o mais completo conhecimento da natureza humana, a mais feliz delineação de suas variedades, as mais vividas efusões de gênio e humor são levadas ao mundo na mais bem escolhida linguagem. Agora, tivesse a mesma jovem dama se entretido com um volume do ‘Spectator’ ao invés de tal trabalho, o quão orgulhosamente ela teria exibido o livro e dito seu nome, embora as chances devam ser nulas de que ela se ocupe com qualquer parte daquela publicação volumosa, do qual tanto o conteúdo ou o modo não desgostaria uma jovem pessoa de gosto: a substância de suas folhas tão frequentemente consistindo na declaração de improváveis circunstâncias, que não mais atraem alguém vivo,

e sua linguagem, também, frequentemente tão rude como dar nenhuma ideia favorável do tempo que poderia resistir a ela. (Grifos nossos).¹³⁴

Independentemente de pensarmos a questão pelo prisma da voz narrativa, fica evidente que há uma pausa, a fim de se constituir uma defesa do romance e, neste ponto, conseguimos contatar dentro desse papel a função privilegiada do romancista enquanto aquele que pode, por meio de sua principal ferramenta – a linguagem–, trazer à tona aspectos da condição humana que perpassam o trabalho literário. Isto posto, voltemo-nos agora para a compreensão dos efeitos causados pelas escolhas literárias (as quais não correspondem ao gênero romance e constroem uma espécie de “defesa”, dita no parágrafo acima) impulsionadas pelo modo com o qual ela interpreta o mundo.

Vendo que Marianne não se valeria de outra coisa a não ser do impulso do jovem coração, que de certo modo também conta com o apoio de um coração benevolente e um tanto sensível como é o de sua mãe, a quem, no caso, é dado o poder do impedimento; a mais velha das irmãs tenta, em vão, levá-la à reflexão desses valores na medida em que reconhece ser necessário o uso de certa prudência quando se tratam das relações amorosas, cujo expoente ainda levava em conta a questão da união consanguínea, ou melhor dizendo, o amor perpassaria pela questão econômica em última análise. No entanto, alheia aos conselhos da

¹³⁴ Trad.p.35-37: “Yes, novels; for I will not adopt that ungenerous and impolitic custom so common with novel-writers, of degrading by their contemptuous censure the very performances, to the number of which they are themselves adding- joining with their greatest enemies in bestowing the hashest epithets on such works, and scarcely ever permitting them to be read by their own heroine, who, if she accidentally take up a novel, is sure to turn over its insipid pages with disgust. Alas! If the heroine of one novel be not patronized by the heroine of another, from whom she can expect protection and regard? I cannot approve it. Let us leave it to the reviewers to abuse such effusions of fancy at their leisure, and over every new novel to talk inthreadbare strains of the trash with which the press now groans. Let us not desert one another; we are an injured body. Although our productions have afforded more extensive and unaffected pleasure than those of any literary corporation in the world, no species of composition has been so much decried. Form pride, ignorance, or fashion, our foes are almost as many as our readers. And while the abilities of the nine-hundredth abridger of the History of England, or the man who collects and publishes in a volume some dozen lines of Milton, Pope, and Prior, with a paper from Spectator, and a chapter from Sterne, are eulogized by a thousand pens-therre seems almost a general wish od decrying the capacity and undervaluing the labour of the novelist, and of slighting the performances which have only genius, wit, and taste to recommend them. ‘I am no novel- reader. Do not imagine that I often read novels- It is really very well for a novel’. Such is the common cant. ‘And what are you reading, Miss...?’ ‘ Oh! It is only a novel!’ replies the young lady, while she lays down her book with affected indifference, or momentary shame. ‘It is only Cecilia, or Camilla, or Belinda’;or, in short, only some work in which the greatest power of the mind are displayed, in with the most through knowledge of human nature, the happiest delineation of its varieties, the liveliest effusions of with and humor, are conveyed to the world best- chosen language. Now, had the same young lady been engaged with a volume of the Spectator, instead of such a work, how proudly would she have produced the book, and told its name; though the chances must be against her being occupied by any part of that voluminous publication, of which either the matter or manner would not disgust a young person taste; the substance of its papers so often consisting in the statement of improbable circumstances, unnatural characters, and topics of conversation which no longer concern anyone living; and their language, too, frequently so coarse as to give no very favourable idea of the age that could endure it.” (N:A, 2009,grifos nossos).

irmã, Marianne conduz a relação, ainda que sem garantia de sucesso (ou seja, compromisso firmado), apenas levada pelos encantos e qualidades irrepreensíveis do rapaz.

A cegueira de Marianne é tamanha que, mesmo sabendo o quão a figura de Willoughby é dependente financeiramente da herança de uma idosa tia aristocrata, não consegue imaginar sequer a possibilidade de que, a fim de garantir a apropriação devida desta herança, ele, talvez, deva se submeter aos comandos da parenta afortunada. Isso nos traz a nítida sensação de que os ideais dos quais a personagem parece tomar posse para uma criação idealizada de mundo dizem respeito àqueles que retratam a ideia sentimental dos poemas de amor, sem levar em conta as noções e possíveis conchavos familiares pertencentes ao sistema de valores da mesma aristocracia poética com a qual ela lida, fazendo da leitura algo parcial, cujo sentimento apenas se atenta e é capaz de visualizar o caminho pelo viés do sentir, pois caso fosse realmente uma leitora “eficiente”, ou que ao menos passasse pelo crivo de uma credibilidade irônica, para usarmos os termos de Gallagher (2009), saberia reconhecer que mesmo dentro de seus textos favoritos lidos existem marcas expressas desta questão econômica, ou disputa de poder,¹³⁵ ainda que se recusasse a aceitar que os argumentos contrários à aceitação são pertinentes, os quais Elinor traz à luz no seu modo realista de encarar os fatos.

Outras são as evidências as quais nos permitem estabelecer um paralelo contínuo entre a leitura literária e a influência para o comportamento de Marianne e Willoughby. Ainda que de modo inconsciente, o rapaz a permeia de estímulos que a fazem conferir ao envolvimento deles um caráter cada vez mais sentimentalizado.

Ainda a respeito das ligações entre o comportamento pessoal de Marianne e o texto literário ao qual ela teria acesso, podemos dizer que existe outro exemplo de manifestação do conteúdo literário quando a jovem conta a Elinor, de modo bastante efusivo, o presente que ela recebe de Willoughby, um cavalo cujo nome eles escolhem ser Queen Mab, em referência indireta à quarta cena do ato I de *Romeu e Julieta* (1597), de William Shakespeare. Vejamos o trecho de *Razão e Sensibilidade*:

– Willoughby pretende mandar seu cavaliário imediatamente a Somersetshire para buscá-lo – acrescentou. – E quando ele chegar, vamos cavalgar todos os dias. Você pode andar no meu cavalo. Imagine Elinor querida, que delícia deve ser galopar por estas colinas.

¹³⁵ Em *Romeu e Julieta*, o impedimento amoroso ocorre por disputas familiares de poder. Há também *Hamlet*, peça em que o impedimento é retratado por uma diferença social entre o príncipe Hamlet e Ofélia, filha de um funcionário da corte. Ambas obras de Shakespeare que analisaremos oportunamente.

Sem querer acordar a irmã desse sonho feliz para compreender todas as infelizes verdades que o impediriam de tornar-se realidade, Elinor recusou-se de fazê-lo de imediato. (R&S, 2008, p. 49)¹³⁶

Destacamos também o fragmento da peça shakespeariana para ilustrarmos melhor essa discussão:

Ato I cena 4

Benvólio – Quem é a rainha Mab?

Mercúcio – É a parteira das fadas, que o tamanho não chega a ter de uma precisa pedra, no dedo indicador de alta pessoa. Que pousam por parelha de pequeninos átomos, que pousam de través no nariz dos que dormitam. As longas pernas das aranhas servem-lhe de raios para as rodas; é a capota de asas de gafanhotos; os Tiradentes das teias mais sutis; o colarinho de unidos raios do colar prateado. O cabo do chicote é um pé de grilo; o próprio açoite simples filamento. De cocheiro serve um mosquitinho de casaco cinzento, que não chega nem à metade do pequeno bicho que nos dedos costuma arredondar-se das criadas preguiçosas. O carrinho de casca de avelã vazia, feito foi pelo esquilo ou pelo mestre verme, que desde o tempo imemorial mantém o posto de fabricante de carruagens para todas as fadas. Assim posta, noite após noite ela galopa pelo cérebro dos amantes que, então, sonham com coisas amorosas; pelos joelhos dos cortesãos, que com salamaleques a sonhar passam logo; pelos dedos dos advogados, que a sonhar começam com honorários; pelos belos lábios das jovens que com beijos logo sonham, lábios que Mab, às vezes irritada, deixa cheio de pústulas, por vê-los com o hálito estragado por confeitos. (SHAKESPEARE, 2002, p. 38-39).¹³⁷

Neste trecho do romance, parece-nos convidativo tentar recuperar a atmosfera de sonho no qual a protagonista se encontra envolvida. Ela nos traz, por meio da alusão ao nome Queen Mab, na sequência do trecho dentro do capítulo doze do primeiro volume, quando aceita de prontidão o presente, a sensação de completa noção de irrealidade ao, por exemplo, ignorar o fato de que ter um animal traria à família custos financeiros com os quais elas não conseguiriam arcar. Mais ainda, ao ditar suas pretensões ao galopar Mab, é capaz de se

¹³⁶ Trad. p. 55-56: “– He intends to send his groom into Someerssetshire immediately for it, she added and when it arrives, we will ride every day. You shall share its use with me. Imagine to yourslelf, my dear Elinor, the delight of a gallop on some of these downs. // Most unwilling was she to awaken from such a dream of felicity, to comprehend all the unhappy truths which attended the affair, and for some time she refused to submit them.” (S&S, 1994).

¹³⁷ Trad. p.28-29: “- O, then I see Queen Mab hath been with you./She is the fairies’ midwives, and she comes /In shape no bigger than an agate-stone/ On a fore-finger of an alderman,/Drawm with a team of atomies/Athwart men’s noses as they lie asleep;/Her wagon-spokes made of long spider’s legs,/The cover of the wings of grasshoppers,/ The traces of the smallest spider’s web,/ The collars of the moonshine’s watery beams,/ Her whip of cricket’s bone, and the lash of film,/Her wagoner a small grey-coated gnat,/Not so big as a round little worm/Prick’d from the lazy fingers of a maid;/Her chariot is an empty hazel-nut/ Maybe by the joiner squirrel or old grub,/Time out o’ mind the faries’ coachmarkers./ And in this state she gallops night by night/Through lovers’ brains, and then they dream of love;/O`er courtiers’ knees, that dream on court’ssies straight,/ O`er lawyers’ fingers, who straight dream on fees,/ O`er the ladies’ lips who straight on kisses dream,/ Which oft the angry of Mab with blsters plagues/”(SHAKESPEARE,2013, p. 28-29)

posicionar junto à fantasia inverossímil, a qual nos transporta novamente à atmosfera proposta neste fragmento de Shakespeare. O sonho pode ser visto aqui metaforicamente enquanto fuga dos papéis sociais que a jovem não busca encarar ao viver aceitando inadequadamente presentes de um homem a quem, na realidade, ela pouco conhece, mas que, ao satisfazê-la dentro dos sonhos juvenis dela, faz com que, como ela mesma diz na continuação do diálogo, entenda que o conhecer alguém se basta dentro da disposição. Se formos mais a fundo na questão, perceberemos ainda que a realidade inverossímil na qual Marianne se pauta neste momento da narrativa muito tem a nos dizer a respeito dos processos criativos da narrativa em geral, anteriores ao romance, e que a linguagem mais cotidiana de Austen parece evitar (mesmo que este elemento esteja presente por meio dessa alusão shakespeariana).

Ainda a respeito do conceito de literatura romanesca, o *romance romanesco*, tal como é chamado este tipo de narrativa, segundo Clara Reeve (*apud* VASCONCELOS, 2002, p. 128) é “uma fábula heroica que lida com pessoas e coisas fabulosas”. Ou ainda, conforme pontua Vasconcelos:

Se a história do romance inglês teve início no século XVIII, a prosa de ficção já havia partilhado de longos e sinuosos caminhos, deixando marcas de que, frequentemente, o novo gênero ira se apropriar. Margaret Schulauach, assim como outros historiadores do romance, argumenta, em *Antecedents of the English Novel* (1963), que é muito difícil falar do romance inglês do século XVIII em bloco, pois sua origem é tão complicada quanto o processo de estruturação da própria sociedade, e ele não possui um padrão bem delineado de desenvolvimento. Gênero extraordinariamente inclusivo, segundo ela, o romance apresenta um orientação voltada para um ponto de vista social e tendo-se apoiado numa variedade de formas, técnicas e traduções, - bebeu de diferentes fontes- tanto em prosa, quanto em verso, medievais e posteriores realistas e romanescas.

Desse modo, o romance teria ido buscar em formas menores aqueles elementos que os romancistas do século XVIII reconfiguraram como um novo tipo de prosa de ficção. Os contos e novelas medievais (*fabliaux*, e *exempla*), *novelle* renascentistas, os panfletos, ou mesmo a tradição dos *jest-books*, mesmo os romances franceses (...). (VASCONCELOS, 2002, p. 10-11).

O que também nos parece propício de se salientar (e por este motivo achamos necessária a exposição do fragmento apresentado) diz respeito ao fato de que, colocar, ainda que por meio do viés formal, a ideia do romanesco parece servir de dois modos ao texto literário que analisamos: o primeiro deles é justamente pela recuperação de seu sentido pela da forma, por meio das associações descritas com os textos (tanto de Shakespeare quanto o de Austen), como a expressão “sonho feliz”, em que *Mab* representa, pelo viés metafórico, a recuperação do elemento romanesco (num sentido de retorno ao fantasioso inverossímil do

texto), já que, na descrição feita na peça shakespearianas damo-nos conta de uma imagem que não condiz com elementos da vida cotidiana, sendo ela descrita como a parteira das fadas.

Por outro lado, um segundo ponto de vista é atrelado aos aspectos formativos e mais gerais do gênero romance, no texto de Austen apreciado como uma espécie de ruptura dentro da lógica de composição da estrutura ficcional do próprio romance *Razão e Sensibilidade*, o qual busca sempre retratar as questões cotidianas, mas que, aqui, de algum modo, apoia-se nessa discussão para, por um lado, reinserir a questão que vínhamos destacando no parágrafo anterior para problematizá-la, demonstrando o quanto as expectativas de Marianne são pautadas na ilusão do que certas sensações, como, por exemplo, o ato de cavalgar, despertam em seu imaginário. É possível demonstrar o quanto o gênero romance pode ser aglutinador no sentido de que, enquanto gênero, ele é aquele que mais parece se permitir receber (e ainda que de modo fracionário, apresentar em sua composição elementos romanescos) resquícios de outros tipos de composição literária. No caso da habilidade da autora dentro de *Razão e Sensibilidade* ao constituí-lo enquanto parte da narrativa, isso é visto por meio do estético, quando permite Elinor descrever o silêncio como uma tentativa de não despertar a irmã desta atmosfera onírica.¹³⁸

Há ainda um último fator a ser levantado no que diz respeito ao trecho, pois, ao negar o recebimento do presente ofertado, a moça estabelece, em última instância, uma divergência quanto à diferença de ranqueamento, o que culmina no fadado desfecho de separação, de modo a nos lembrar também que, salvo as devidas proporções, a questão maior entre a separação das personagens Romeu e Julieta conta também com o fato da diferença de conduta de cada uma das famílias envolvidas, demarcando esteticamente o caminho desta impossibilidade de união entre Marianne e Willoughby.¹³⁹

Veremos que, ao avançar da narrativa, haverá também o avanço da própria personagem, o caminho tanto da forma quanto do conteúdo da obra analisada ocorre em concomitância.

Aos olhos dos amigos e até mesmo da irmã e da mãe, Marianne, diante dos presentes, dos passeios a dois ou até mesmo da mecha de cabelos entregue a Willoughby, dá a entender

¹³⁸ Entendemos desse modo que, com isso, a autora reforça sua defesa ao gênero com o qual trabalha.

¹³⁹ A partir desse ponto da narrativa, começaremos a perceber que, ao citar especialmente as tragédias de Shakespeare e em certa medida Pope, e recuperarmos essas obras, mais adiante, a partir da análise estética, é que nos damos conta do quanto o fator (estético) já antecipa e marca esta impossibilidade de relacionamento, que num primeiro nível, ao nos atentarmos à noção de gostos literários parecidos, funciona como uma estratégia de contenção, na medida em que nos dá a sensação de aproximá-los.

que eles estão envolvidos num comprometimento secreto. Hamlet e Ofélia,¹⁴⁰ Abelardo e Heloise,¹⁴¹ Romeu e Julieta,¹⁴² todos, tais como eles, comprometem-se sem o consentimento público dos familiares. Uma das cenas comprobatórias de afeto entre o casal vem da fala de Margaret à irmã mais velha:

– Oh, Elinor! – exclamou Margareth. – Tenho um segredo sobre Marianne para contar a você. Acho que ela vai casar-se logo com o senhor Willoughby.

– Você vem dizendo isso – replicou Elinor – quase todos os dias desde que eles se conheceram na Colina da Igreja Superior.

Aliás, se não me engano, eles se conheciam há apenas uma semana quando você teve a certeza de que Marianne guardava a fotografia dele no relicário que usa pendurado no pescoço... E acabou sendo apenas a miniatura do nosso tio-avô.

– Mas desta vez é outra coisa. Tenho certeza de que eles vão se casar logo porque ele ficou com um cacho dos cabelos dela.

– Cuidado, Margareth... Podem ser apenas os cabelos de algum tio-avô *dele*.

– Não são, Elinor! São de Marianne. Tenho certeza disso porque eu o vi cortá-los. Ontem à noite, depois do chá, quando você e mamã saíram da sala, eles começaram a sussurrar, falando muito depressa, e ele parecia estar pedindo alguma coisa para ela; de repente, pegou a tesoura dela e cortou um longo cacho dos cabelos que lhe desciam pelas costas; depois, beijou-o, enrolou-o em uma folha de papel branco e guardou na carteira.

Diante de tais particularidades e de tanta convicção, Elinor não pôde deixar de acreditar na pequena, nem poderia fazê-lo, pois as circunstâncias estavam em perfeito acordo com o que ela mesma tinha visto e ouvido. (R&S, 2008, p. 50-51, grifo da autora).¹⁴³

Diante das evidências de tal compromisso velado do casal, todos ficam perplexos ao se depararem com a ida repentina do rapaz a Londres, quando o mais esperado seria a oficialização do acordo entre eles. O caminho de amadurecimento pessoal de Marianne é arduamente promovido pela quebra repentina deste sonho feliz, o qual, ao contrário do que se

¹⁴⁰ Referimo-nos ao teatro shakespeariano.

¹⁴¹ Referimo-nos ao poema de Alexander Pope.

¹⁴² Referimo-nos ao teatro shakespeariano.

¹⁴³ Trad. p. 57-58: “– Oh! Elinor, she cried I have a secret to tell you about Marianne. I am sure she will be married to Mr. Willoughby very soon.

– You have said so, replied Elinor, Almost every day since they first met on High- Church Down; and they had not known each other a week I believe, before you were certain that Marianne wore his picture round her neck; but it turned out to be only the miniature of our great- uncle.

– But indeed this is quite another thing. I am sure they will be married very soon, for he has a lock of her hair.

– Take care, Magareth. It may be only the hair of some great-uncle of *his*.

– But indeed, Elinor, it is Marianne’s I am almost sure it is for I saw him cut it off. Last night after tea, when you and mama went out of the room, they were whispering and talking together as fast as could be, and he seemed to be begging something of her, and presentlt he took up her scissors and cut off a long lock of her hair, for it was all tumbled down her back; and he kissed it, and folded it up in a piece of white paper, and put it into his pocket-book.

– From such particulars, stated on such authority, Elinor could not withhold her credit: nor was she supposed to do it, for the circumstance was in perfect unison with what she had heard and seen herself.” (S&S, 1994, grifos do autor).

pensa, não termina dentro dos moldes do que Marianne até então chamaria de feliz, por causa do afastamento do casal. O cavalheiro, cuja “aparência e o jeito eram sem tirar nem pôr os mesmos do herói da história favorita criada em sua fantasia” (R&S, 2008, p. 38)¹⁴⁴, a deixaria num piscar de olhos, proferindo somente as seguintes palavras, quando, sem saída, vê as irmãs Dashwood retornando ao chalé Barton:

Quando regressaram depararam com o coche e o cavaleiro do jovem cavaleiro esperando diante do chalé e a senhora Dashwood teve a confirmação de que sua suposição fora acertada. A visita havia sido tudo que a senhora previra, portanto, ao entrar em casa surpreendeu-se com uma cena que de maneira alguma lhe ocorreria imaginar. Haviam acabado de transpor a soleira da porta de entrada quando viram Marianne sair da sala de estar, demonstrando violenta aflição e com um lenço próximo aos olhos; sem perceber a presença delas, a jovem saiu correndo. Surpreendidas e alarmadas, elas foram para a sala que Marianne acabara de deixar e encontraram Willoughby apoiado no consolo da lareira, de costas para a porta. Ele voltou-se assim que elas entraram e por sua expressão ficou claro que se achava tomado da mesma emoção que perturbara Marianne.

– O que aconteceu com ela? – perguntou a senhora Dashwood, ainda junto à porta. – Está doente?

– Espero que não – respondeu Willoughby, tentando parecer alegre. Com um sorriso forçado, acrescentou: – Acredito que eu é que estou correndo o risco de ficar doente, pois acabo de sofrer profunda decepção!

– Decepção?

– Isso mesmo, porque não posso cumprir o que combinamos. A senhora Smith exerceu hoje cedo o privilégio que os ricos têm sobre os primos pobres e dependentes, exigindo que eu vá resolver um negócio em Londres. Acabo de receber minhas incumbências e já me despedi de todos em Allenham. Em seguida tomei a liberdade de vir despedir-me das senhoras. (R&S, 2008, p. 62-63).¹⁴⁵

O moço continua o diálogo na busca de ser evasivo mediante as contínuas demonstrações de afeto da mãe das senhoritas. A cena, conforme aponta o narrador do

¹⁴⁴ Trad. p. 41: “his person and air were equal to what her fancy had ever drawn for the hero of a favourite story.” (S&S, 1994).

¹⁴⁵ Trad. p. 72-73: “on their return from Barton Park they found Willoughby’s curriple and servant in waiting at the cottage, and Mrs. Dashwood was convinced that her conjecture had been just. So far it was all as she had foreseen; but on entering the house, she beheld what no foresight had taught her to expect. They were no sooner in the passage than Marianne came hastily out of the parlour, apparently in violent affliction, with her handkerchief at her eyes, and without noticing them ran upstairs. Surprised and alarmed, they proceeded directly into the room she had just quitted, where they found only Willoughby, who was leaning against the mantelpiece with his back towards them. He turned round on their coming in, and his countenance shewed that he strongly partook his emotion which overpowered Marianne.

– Is anything the matter with her? cried Mrs. Dashwood as entered – is she ill?

– I hope not, he replied trying to look cheerful; and with a forced smile, presently added, It is I who may rather expect to be ill- for now I am suffering under a very heavy disappointment!

– Disappointment!

– Yes, for I am unable to keep my engagement with you, Mrs. Smith has this morning exercised the privilege of riches upon a poor depend cousin, by sending me on business to London. I have just received my dispatches, and taken by my farewell of Allenham; and by way of exhilaration, I am now come to take my farewell from you.” (S&S, 1994).

romance, toma um rumo de melancólica expressão de dor e desapontamento diante do choque de realidade momentânea a que mãe e filha se submeteram, em contraposição à visão sentimental que todas as expectativas aparentes vinham alimentando.

Este é apenas o primeiro passo das revisões de conduta que daqui em diante a protagonista deverá reconhecer e enfrentar. Decepção não parece ser de fato a palavra a qual norteia os pensamentos de Willoughby que, apesar do disfarce inicial das sentenças ditas, passa em seguida a deixar claro os motivos de sua partida, o privilégio financeiro o qual ele não gostaria de perder mediante a visão sentimental que um enlace junto a Marianne não é capaz de prover o amor.¹⁴⁶ A figura de Willoughby passa a dar lugar ao econômico, ou, em suma, o caráter sentimental da vida serviu apenas enquanto não houve um impedimento financeiro.

Poderíamos dizer que a inocência de Marianne vem de uma juventude inexperiente, como bem caracterizou o fragmento de Butler (1990), o que é justamente o entrave que a faz acreditar num triunfo possível. Esse pensamento, como aponta a estudiosa mencionada, advém da ideia propagada por parte do pensamento sentimentalista,¹⁴⁷ no século XVIII, de que o caráter de todo homem é fincado na bondade. Marianne considerava-o como “cavalheiro [que] não apresentava defeitos”, “Willoughby era um jovem com grandes habilidades, boa imaginação, espírito animado e maneiras abertas, afetuosas. Havia sido feito exatamente para cativar o coração da nova amiga” (R&S, 2008, p. 42).¹⁴⁸ Ao representar a inocência por meio da ironia, Austen oferece indicativos do terrível insucesso eminente. Temos embutida na obra da autora inglesa duas forças literárias distintas¹⁴⁹ que fazem dos seus textos um emaranhado de representações cujo papel principal é oferecido por meio do modo como expõe, via ideologia da forma, a visão de concomitância de saberes literários, representados aqui no sentimentalismo que em cada trecho do enredo visibiliza compreender a questão nefasta dessa personagem.

Cabe dizer que temos apenas enquanto conteúdo explícito a nomeação de autores, mas não de obras de modo direto, e que o único título citado é *Hamlet* (1603), cujo cenário gira em torno da realeza da Dinamarca e tem como característica principal o mote trágico

¹⁴⁶ Referimo-nos ao sentimentalismo enquanto manifestação literária, o sentimento amoroso na sua forma mais concentrada de vivência.

¹⁴⁷ Os nomes apontados por Butler (1990, p. 8) sobre o viés de otimismo da moralidade humana são Shaftesbury e seu discípulo escocês Francis Hutcheson.

¹⁴⁸ Trad. p. 46: “Willoughby was a young man of good abilities, quick imagination, lively sprits, and open affectionate manners. He was exactly formed to engage Marianne’s heart.” (S&S, 1994).

¹⁴⁹ O sentimentalismo e o trágico enquanto aspectos funcionais da própria incongruência de Marianne.

shakespeariano. Vejamos o modo como a menção da peça aparece dentro do romance escrito por Austen:

Passaram-se vários dias até que o nome de Willoughby fosse mencionado por alguém da família diante de Marianne; Sir John e a senhora Jennings, é evidente, não foram assim tão cuidadosos; a mordacidade deles acrescentou mais dor a muitos momentos dolorosos.

Uma noite, a senhora Dashwood, incidentemente, pegou um volume de Shakespeare e comentou:

– Nunca terminamos de ouvir *Hamlet*, Marianne. Nosso querido senhor Willoughby foi embora antes de acabar de ler. Temos que nos lembrar disso quando ele voltar e... Mas talvez se passe meses antes que isso aconteça.

– Meses! – exclamou Marianne. – Não... Apenas semanas. (R&S, 2008, p. 70).¹⁵⁰

A partir, então, do reconhecimento deste mote trágico, entendemos que a citação funcionaria enquanto uma forte medida de contenção, uma vez que num primeiro momento de leitura parece ser fácil de estabelecer uma relação de paralelismo direto entre as personagens do romance e o casal Shakespeariano a partir da noção de que a personagem feminina Ofélia enlouquece e morre por amor ao protagonista que a rejeita e, logo após a morte física de Ofélia, passa a ser acometido pelo arrependimento. Existe entre o casal da tragédia a noção de que o filho do rei Hamlet¹⁵¹ se envolve com alguém que nasce como filha de um mero agregado da realeza, tal como ocorrera com a senhorita Marianne e o rapaz por quem se apaixona.

Não parece ser um mero acidente o fato de se haver inserido a nomeação de leitura na obra, ao passo que o leitor avança na leitura da obra de Austen, ela parece nos oferecer a mesma tendência de um fim derradeiro igual ao da protagonista shakesperiana, a qual fica acometida por um aspecto mórbido e doente causado pela sua imprudente relação.

Marianne, contudo, tem uma história com desfecho distinto ao de Ofélia. O fim da leitura da peça nos causa a sensação de que existiria para a personagem também uma ruptura em seu destino trágico de personagem. A solução final para Marianne é diferente na medida em que, ao se reestabelecer fisicamente, passa também a agregar para si outra visão de mundo, reestabelecendo também seu intelecto. Ao permitir essa recuperação, a autora afasta a protagonista austeniana de Ofélia por meio de uma característica estética dos romances, que é

¹⁵⁰ Trad. p. 82-83: “it was several days before Willoughby’s name was mentioned before Marianne by any of her family; Sir John and Mrs Jennings, indeed, were not so nice; their witticisms added pain to many a painful hour; but one evening, Mrs Dashwood, accidentally taking up a volume of Shakespeare, exclaimed, – We have never finished *Hamlet*, Marianne; our dear Willoughby went away before we could get through it. We will put it by, that when he comes again... But it may be months, perhaps, before *that* happens. – Months! Cried Marianne, with strong surprise. No-nor many weeks.” (S&S, 1994, grifo da autora).

¹⁵¹ Título da obra e nome da personagem central da peça.

assegurar às suas personagens um final que beira a *estabilização total* de modo positivo¹⁵² dos conflitos apresentados ao longo dos capítulos, e aos quais daremos maior atenção conforme acompanhamos o crescimento da personagem no romance.

A partir deste ponto do romance, já não se é mais possível acreditar na garantia de sucesso e conforto no seio de um lar desejado pela protagonista (em parte reforçado pelo acesso aos autores a quem lê). Marianne entende que, no fundo, a instância social (em especial Willoughby) é limitadora em suas vidas, embora ambos tentassem, num primeiro momento, ignorá-la, destacada essencialmente pela falta do uso da razão de Marianne. Vai-se além, uma vez que a característica da impossibilidade é garantida também pelo viés estético (o da não menção desses autores pelo resto do romance), permitindo que o choque de realidade seja evidenciado em todos os níveis de análise.¹⁵³

Sendo assim, parece ser possível de se sustentar, ao caracterizar a personagem enquanto leitora de obras de cunho aristocrático, a ideia mais abrangente da própria tensão social vivenciada entre os ranqueamentos e os modos de vida tão particulares de cada uma delas, uma vez que, ao *ler uma realidade que não a sua*, a moça passa a, de maneira errônea, desejar vivenciar um mundo que não é o seu.

É importante ressaltar que, num primeiro nível de leitura, a presença e posterior ausência de menção a essas obras passariam despercebidas na demonstração da tensão apresentada.

Marianne, por diversas passagens do romance, elucida de modo irrefutável sua ideia sobre o amor. Para a jovem, o amor surge uma única vez e está acima de impedimentos e normas sociais. Ao dizer a mãe: “mamãe, quanto mais conheço o mundo, mais me convenço de que nunca encontrarei um homem a quem possa de fato amar. Eu exijo tanto! Ele deveria ter todas as virtudes de Edward, porém sua personalidade e suas atitudes teriam de ornamentar sua bondade com todos os demais e possíveis encantos” (R&S, 2008, p. 18)¹⁵⁴, percebemos que o sentimento deve permanecer pautado na semelhança de ideias e, mais do que isto, ter a essência e fervor inalteradas ao longo do tempo. Edward não se faz atraente justamente pelo

¹⁵² Entenda positivo aqui como sinônimo de não punitivo, como parece ser a solução empregada por William Shakespeare para todas suas tragédias, como é o caso do casal da peça, em que ambos terminam mortos.

¹⁵³ Note-se aqui também outra semelhança entre as personagens, uma vez que ambas, Ofélia e Marianne, salvo as devidas proporções, são acometidas por diferentes graus da falta de racionalidade.

¹⁵⁴ Trad. p. 16: “mama, the more I know the world, the more I am convinced that I shall never see a man whom I can really love. I require so much! He must have all Edward’s virtues, and his person and manners must ornament his goodness with every possible charm.” (S&S, 1994).

fato de não representar, segundo os conceitos aprendidos e apreendidos via literatura lida, o ideal de homem de Marianne.

Os encantos aos quais a heroína austeniana parece se referir estão ligados a lógica aristocrática e todo seu imaginário parece levar em consideração, a princípio, a admiração, junto a um lirismo muito presente no mundo palaciano representado pelo mundo cortês. O interessante é, no entanto, observar também que a protagonista não descarta por completo as características burguesas ao dizer o quanto seu amigo Edward é um homem de valor, apesar da falta ornamentos. Neste ponto, já podemos perceber que há uma contradição presente, cujo papel é o de demonstrar o quanto, ainda com todo esse desejo juvenil, ela, de alguma forma, sabe a qual realidade um homem do seu ranqueamento deve se adequar. Exigir demais, portanto, talvez remeta a noção de que ela estabelece para si, por meio deste processo fantasioso na busca de um parceiro, algo ao qual nem ela possa ser ao levar em conta a posição social na qual se encontra e, nesse sentido, fica claro que em uma realidade como a da jovem, o exigir se torna quase sinônimo de pretextos nulos, afinal, ela, em sua posição de mulher, tem o escopo de escolhas limitado ao acerto familiar no qual a questão monetária era fator primordial. Seria sua atitude então encarada como sendo parte de um sonho utópico, a frente do seu tempo, já que ali, naquele contexto, ela nada conseguiria exigir quanto ao seu enlace matrimonial. É possível que a busca por tamanha compatibilidade intelectual e literária por parte da jovem protagonista advinha do fato de que Marianne veja ser o trabalho literário um dos poucos meios em que a condição ideal de mundo pode ser estabelecida sem ressalvas, concretizando seus desejos mais íntimos.

Antes da mudança final, Marianne ainda tem a carga sentimental aumentada e retomada quando, após debulhar-se em lágrimas de dor e desânimo, ela age por impulso e, incentivada pela mãe e pela amiga casamenteira, a senhora Jennings, consegue ir a Londres, onde a bondosa amiga reside e por conta do nascimento do neto retornará em companhia das senhoritas Dashwood mais velhas. O evento promove a oportunidade que Marianne tanto queria, já que este seria o local onde o amado se encontra instalado após semanas de afastamento. Na reta final da narrativa, Marianne é movida por uma avidez sentimental ainda mais depurada e cuja ansiedade já não mais é possível de ser dominada; na primeira oportunidade que tem, escreve ao moço. Acometida por um sentimento de surpresa, Elinor acredita que a intenção da heroína é, tal como a dela naquele momento, de escrever para a mãe, na ânsia de assegurá-la que a jornada até a residência da velha senhora que as hospeda fora realizada de modo seguro, todavia, a personagem de Elinor percebe não ser a matriarca a

destinatária na medida em que sugere a Marianne que aborte tal atividade e a realize em outra ocasião. A elaboração da missiva havia sido iniciada, mas, naquele instante, Elinor reconhece, ao não vê-la desistir, que as palavras colocadas no papel por ela se dirigiriam provavelmente a Willoughby, única personagem com a qual ela poderia nutrir algum interesse em se corresponder fora do contexto familiar.

A surpresa causada pelo comportamento indecoroso da irmã advém possivelmente do fato de que para os preceitos normais da sociedade na qual vivem as irmãs Dashwood a troca de cartas tem um apelo de ligação amorosa, conforme aponta Byrne (2010, p. 301, tradução nossa),¹⁵⁵ o qual, ao falar a respeito dos modos pertencentes ao universo feminino burguês, afirma:

As mulheres eram desencorajadas a escrever para um homem até que houvesse um compromisso formal entre eles. Mary Crawford e Edmund Bertram não se correspondiam entre si, pois isso seria uma quebra de decoro, assim usam Fanny Príncipe como um canal. Elinor Dashwood em *Razão e Sensibilidade* está convencida de que Marianne está secretamente comprometida com Willoughby desde que ela escreveu a ele: “se descobrirmos que eles correspondem, toda nossa desconfiança cairá por terra”. Quando ela vê uma carta de Edward Ferrars para Lucy Steele, ela conclui, “uma correspondência entre eles por carta, poderia subsistir apenas sob um compromisso verdadeiro, nada podia autorizá-lo mais” (S&S, 1: 22, tradução nossa). O fato de que Marianne está correspondendo com Willoughby na ausência de um compromisso indica que ela é uma rebelde contra as restrições de decoro.

Quem amplia ainda mais a discussão é Vickery (1998, p. 45, tradução nossa), quando argumenta a noção do decoro atrelada às correspondências:

Apesar da variedade atraente de características de cortejo, as exigências da nobreza georgiana eram tais que o jogo para a junção de casais entre os proprietários de terras continuava a ser um processo demorado e complicado de negociação envolvem uma gama de familiares e amigos, ao invés de ser uma simples questão de corações batendo e os votos apaixonados. As questões em jogo são, talvez, mais bem descritas pela análise detalhada da correspondência em torno da realização de um casamento do século XVIII. Oitenta e uma cartas escritas entre 1745 e 1751 por Robert Parker de Alkincoats e Elizabeth Parker de Browsholme mapeiam o longo caminho para a união entre a nobreza do norte. As negociações prolongadas são a mais reveladora exposição das relações de poder e estratégia de gênero: a interação de comandos paternos e súplicas de piedade filial sendo

¹⁵⁵ Trad. p. 301: “women were discouraged from writing to a man until there was a formal engagement between them. Mary Crawford and Edmund Bertram do not correspond with one another, as this would be a breach of propriety, so they use Fanny Prince as a conduit. Elinor Dashwood in *Sense and Sensibility* is convinced that Marianne is secretly engaged to Willoughby since she writes to him: ‘If we find they correspond, every fear will be removed’. When she sees a letter from Edward Ferrars to Lucy Steele she concludes, ‘a correspondence between them by letter, could subsist only under a positive engagement, could be authorized by nothing else’ (S&S,1:22). The fact that Marianne is corresponding with Willoughby in the absence of an engagement indicates that she is a rebel against the constraints of decorum.” (BYRNE, 2010).

fundamental para as negociações de Parker, embora ainda a tomada de decisão individual fosse muito direta.¹⁵⁶

Aqui, Vickery, que analisa cartas de pessoas reais da época, como no caso do trecho, permite-nos criar uma visão mais profunda das consequências dos erros ou gafes dentro do simbolismo fictício no romance por Marianne representado, sobre as quais nos debruçaremos a partir desse instante.

As cartas¹⁵⁷ são fonte nossa de interesse, pois nos permitem avançar ainda mais na questão do quesito leitura, na medida em que percebemos, por exemplo, que elas têm muito a nos dizer, seguindo a ideia de que as referências anteriormente mencionadas do poeta Alexander Pope funcionam neste ponto da narrativa como um catalisador de todo o processo de descobertas vivenciado por Marianne,¹⁵⁸ se nos dermos conta da semelhança estética que Austen e Pope recorrem ao demonstrarem em suas personagens o eco de uma mesma maneira de reagir à recusa de seus parceiros amorosos. As comparações entre as cartas das personagens serão feitas para nos auxiliar a compreender de modo mais claro o que estamos sugerindo ao longo de toda nossa análise literária do romance, a saber, o fato de que em todas as instâncias de atuação Marianne acaba deixando claro o quanto seus pensamentos são contaminados pelas leituras que gosta de fazer.

Passamos, portanto, a nos debruçarmos diretamente nas cartas e também no poema que faz referência a história de amor entre o casal Abelardo e Heloísa. “Eloise to Abelard” (1717) será nossa fonte específica quando no trabalho de análise nos referimos ao poeta Alexander Pope.

¹⁵⁶ Trad. p. 45.: “despite the appealing array of courting characters, the demands of Georgian gentility were such that match making amongst the propertied remained a lengthy and complicated process of negotiation involving a range of family and friends, rather than a simple matter of beating hearts and lovers’ vows. The issues at stake are perhaps best conveyed by the close analysis of the correspondence surrounding the making of an eighteenth-century marriage. Eight-one letters written between 1745 and 1751 by Robert Parker of Alkincoats and Elizabeth Parker of Browsholme map the long road to marriage amongst the northern gentry. The protracted negotiations are most revealing in the exposure of power relations and gender strategy: the interplay of paternal commands and filial entreaties being basic to the Parker negotiations, although even individual decision-making was far straightforward.” (VICKERY, 1998).

¹⁵⁷ A fim de compreendermos a importância da troca de correspondências entre o jovem casal, apoiaremos-nos também no seguinte texto organizado por Paulo Zumthor, intitulado *Correspondência de Abelardo e Heloísa*, em que, relativamente ao teor atribuído às cartas escritas por Abelardo e Heloísa no período medieval do século XII, Zumthor classifica a obra como: “os textos que aqui apresento ultrapassam por sua ambiguidade, qualquer classificação: *tragédia* (no sentido medieval do termo: ação com final infeliz), mas também *comédia* com conclusão regeneradora, *divina comédia*.” (ZUMTHOR, 2002, p. 5, grifos do autor).

¹⁵⁸ O mesmo pode ser aplicado se pensarmos no poeta Sir Walter Scott (1771-1832), que traz duas fortes ressonâncias nesta situação se pensarmos no poema de sua autoria, “Where shall the lover rest”, cujo teor aponta para um eu lírico a declarar as dores e perdas do amado que o abandona.

Pope escreve um poema¹⁵⁹ que remete à história das cartas trocadas via mosteiros entre a apaixonada Heloísa e Abelardo, de quem, de modo trágico, separa-se, pois, após um envolvimento entre o professor e sua discípula, ambos despertam a fúria familiar da moça ao descobrir a traição da confiança por manterem viva uma relação diante dos seus olhos, gerando inclusive uma criança dentro desta união. A família dela manda, na calada da noite, promoverem a dissipação dos órgãos genitais masculinos dele como forma de vingança absoluta. Ainda que disposto a abandonar a carreira monástica, o tio da moça não se deu por satisfeito e limpou sua honra com o sangue e a total humilhação pessoal de Abelardo. Após esse fatal desfecho, o casal, imputado pela decisão do rapaz, se trancafia na vida de abnegações do monastério, que para a inconformidade de caráter de Heloísa, não é suficiente para convencê-la desta nova realidade. Então, ao saber e ter acesso às cartas que o amado escreve a um amigo relatando o incidente, a moça, movida pelo desejo, passa a escrever a Abelardo. A carta da protagonista de *Razão e Sensibilidade* é em parte reproduzida a seguir, já que esta nos auxiliará no entendimento da conduta de Marianne.

A primeira das cartas enviadas por Marianne ao jovem possui o seguinte conteúdo:

Berkeley Street, Janeiro.

Sei que ficará surpreso, Willoughby, ao receber esta carta e creio que irá sentir algo mais do que surpresa quando souber que me encontro na capital. A oportunidade de vir, proporcionada pela Sra. Jennings foi uma tentação à qual não pude resistir. Espero que receba esta a tempo de vir aqui esta noite, mas não confio nisto. Prefiro esperá-lo amanhã. Sem mais, *adieu*.

M.D. (R&S, 2008, p. 148).¹⁶⁰

Neste primeiro fragmento de Marianne, o que nos parece oportuno salientar é que ela ainda encontra-se alheia ao compromisso firmado por Willoughby com a sua escolhida, a senhora Grey. Aqui a donzela julga ainda possuir todas as atenções e tributos que foram capazes de despertar no jovem sua dedicada afeição, a ponto de acreditar que o rapaz não tardará a procurá-la logo na manhã seguinte à sua chegada a Londres, ainda que por semanas tenham deixado de se falar, tamanha é a confiança que tem de seus sentimentos. São estes sentimentos que a movem até a cidade de Londres; confiante no resultado que a recepção da carta causará ao jovem, Marianne se cega por um passado doce, na busca insana de sustentar e

¹⁵⁹ Referimo-nos ao poema “Eloise to Abelard” (1717).

¹⁶⁰ Trad. p. 180: “BEKELEY STREET, *January*. // How surprised you will be, Willoghby, on receiving this! And I think you will feel something more than surprise, when you know I am in town. An opportunity of coming hither, though with Mrs. Jenings, was a tentation we could not resist. I wish you may receive this in time to come here to-night, but will not depend on it. At any rate I shall expect you to-morrow. For the present, adieu. // M.D.” (S&S, 1994, grifo da autora).

resgatar as memórias capazes de transformar o presente saudoso em uma nova oportunidade de recarregar o momento de alegrias numa mesma proporção.

Apesar de não ser nossa intenção inicial a busca por uma análise comparativa destes autores citados, esperamos, no entanto, que por meio desse regate dentro de outras obras literárias, aqui, como é o caso do requisitar das correspondências de Heloísa e Abelardo, consigamos deixar transparecer o quanto essas falas produzidas em momentos oportunos distintos trazem na sua carga sentimental um ponto de congruência muito relevante de ser observado no que diz respeito ao reconhecimento e ao uso do caráter sentimental até o cume mais devastador, seja pela morte, seja por graves e irreparáveis danos físicos. No caso de Heloísa, a carta parte da motivação que ela possui ao lembrar os acontecimentos passados via a carta de Abelardo ao amigo. Ambas deixam transparecer no linguajar o sentimentalismo oculto no peito. A carta de Heloísa se inicia com termos como: “lancei-me sobre ela, e devorei-a com todo o ardor de minha ternura: já que havia perdido a presença corporal daquele que a havia escrito, ao menos as palavras reanimariam um pouco para mim a sua imagem.” (ZUMTHOR, 2002, p. 164). A atmosfera que os termos rememoram é justamente a da busca de um tesouro já perdido, que a cegueira do amor passado impede as mulheres de reconhecerem, *a tentação* em exigí-lo de volta parece ser motivo suficiente para a composição das cartas demarcando o vínculo da intimidade em ambos os casos.

Já nas cartas subsequentes, o que encontramos é um tom devastador vindo de Marianne em meio à confusão mental provocada pela descoberta da presença de outra mulher na vida de Willoughby:

Não tenho como expressar quanto fiquei desapontada por ter perdido sua vista anteontem, nem meu assombro por não ter recebido resposta alguma ao bilhete que lhe enviei a mais ou menos uma semana. Por favor, venha aqui o mais depressa possível para explicar-me o motivo de ter-me feito esperar em vão.

Estivemos ontem na casa de Lady Middleton, onde houve um baile.

Disseram-me que o convidaram para a festa. Seria mesmo? Acredito que tenha mudado muito desde o dia que nos separamos, se é que este é o caso, para que tenha agido desta maneira. Mas não acredito que isso seja possível e espero em breve ter a sua garantia, pessoalmente que, tal coisa não ocorreu.

M.D. (R&S, 2008, p. 148).¹⁶¹

¹⁶¹ Trad. p. 180: “I cannot express my disappointment in having missed you in the day before yesterday, nor the astoshment at not having received any answer to a note which I sent you above a week ago. I have been expecting to hear from you, and still more to see you, every hour of the day. Pray call againas soon as possible, and explain the reason of my having expected this in vain. You had better comoe earlier another time, because we are generally out by one. We were last night at Lady MiddletonIs where there was a dance. I have been told that you were asked to be of the party. But could it be so? You must be very much altered indeed since we

E se agravam ainda mais:

O que devo imaginar, pelo seu comportamento ontem à noite? Mais uma vez peço explicação. Eu estava preparada para encontrá-lo com o prazer que nossa separação naturalmente nos daria, com a familiaridade que a nossa intimidade em Barton autorizou-me a esperar. No entanto fui repelida, sem dúvida alguma! Passei uma noite horrível procurando uma desculpa para sua conduta, que não posso considerar menos do que insultante; porém como fui incapaz de encontrar alguma justificativa razoável para seu modo de agir estou perfeitamente pronta para ouvir suas explicações. (...) Diga-me do que se trata, explique-me os motivos de sua atitude e ficarei satisfeita em dar-lhe explicações. Magoa-me bastante, na verdade, ser obrigada a pensar mal do senhor, mas se é preciso que o faça se é necessário eu saber que o senhor, não é quem acreditássemos que fosse, que sua atitude em relação a mim tenha apenas a intenção de iludir, diga-me tudo o mais depressa possível. Neste momento meus sentimentos encontram-se em medonha indecisão. Eu gostaria de absolvê-lo, porém com certeza qualquer coisa será melhor do que as penas que sofro agora (...). (R&S, 2008, p. 148-149).¹⁶²

O primeiro fragmento nos mostra ainda uma Marianne desacreditada, pois esta indiferença surge como sendo algo incompatível à imagem do homem com quem se envolveu meses antes em Barton. A jovem, ainda incapaz de conceber quais viriam a ser os motivos para mudança tão brusca de comportamento do pretendente, abusa na elaboração da missiva no uso de termos que facilmente o conduziram à sedução de uma confissão dos seus desejos. Reforça essa necessidade quando, na escrita, menciona a intimidade por eles vivida no passado tão latente no coração da moça. Não deixa ao rapaz outra sensação senão aquela que busca alcançar a resposta desejada por meio de uma súplica para atingir os sentimentos mais singelos do rapaz, como a piedade, quando afirma ter tido uma horrível noite. Percebemos que Austen consegue recuperar nas correspondências de Marianne Dashwood, via forma, esse “lirismo” persistente nas também súplicas de resposta vindas de Heloísa:

parted, if that could be the case, and you not there. But I will not suppose this possible, and i hope very soon to receive your personal assurance of this being otherwise. // M. D.” (S&S, 1994).

¹⁶² Trad. p. 180-181: “What am I to imagine, Willoughby, by your behavior last night? Again I demand an explanation of it. I was prepared to meet you with the pleasure which our separation naturally produced, with the familiarity which our intimacy at Barton appeared to me to justify. I was repulsed indeed! I have passed a wretched night in endeavoring to excuse a conduct which can scarcely be called less than insulting; but though I have not yet been able to form any reasonable apology for your behavior, I am perfectly ready to hear your justification of it. You have perhaps been misinformed, or purposely deceived, in something concerning me, which may have lowered me in your opinion. Tell me what it is, explain the grounds on which you acted, and I shall be satisfied in being able to satisfy you. It would grieve me indeed to be obliged to think ill of you; but if I am to do it, if I am to learn that you are not what we have hitherto believed you, that your regard for us was insincere, that your behavior to me was intended you to deceive, let it be told as soon as possible. My feelings are at present in a state of dreadful indecision; I wish to acquit you, but certainly on either side will be ease to what I now suffer. If your sentiments are no longer what they were, you will return my notes, and the lock of my hair which is in your possession. // M.D.” (S&S, 1994).

Ela renovou minhas dores, e a exatidão de cada detalhe que relatavas reavivava toda a sua violência passada. Mais ainda, meu sofrimento crescia ao ver tuas provações aumentarem cada vez mais. Eis-nos aqui então todas reduzidas a desesperar de tua própria vida, e a esperar, o coração tremendo, o peito arfando, a notícia final de teu assassinato.

Também te suplicamos, pelo Cristo que em vista de sua própria glória te protege ainda de certa forma, nós, suas pequenas servas e tuas também, que se digne nos escrever frequentemente para nos pôr a par das tempestades pelas quais és hoje sacudido. (ZUMTHOR, 2002, p. 166-167).

Em suma, os sentimentos aqui são a chave na medida em que possuem duas funções: a primeira e já conhecida de expurgar as sensações instintivas de Marianne; e a segunda, de provocar as emoções do próprio Willoughby. Na terceira e última das cartas por ela enviada, a jovem já se encontra consciente do real motivo de afastamento por parte de Willoughby, que a esta altura está prestes a oficializar sua união, porém, esse contexto não é suficientemente forte para contê-la e mantê-la calada, uma vez que isso nada conta se consideramos a necessidade da protagonista de ao menos uma última vez deixar fluir as palavras as quais, diante da frustração, geram a carta quase como um reflexo desesperado e cego entre corpo e mente, impulsos cujo fim último é o de buscar mascarar e evitar a dor no esfacelamento provocado pelo final da ilusão. Diante da última insistência deste modo de ler a vida (por meio das já internalizadas versões do amor, graças à literatura e ingenuidade), ela tenta jogar a responsabilidade por essa conduta irresponsável na conduta fria de Willoughby, que não dá resposta alguma aos seus apelos.

Mais uma vez, damo-nos conta de que, com essa atitude, a personagem julga mais uma vez usar as palavras (agora lidas na carta) como uma visão para pautar sua vida. Desta vez veremos que o ato simbólico de ler a verdade no papel confere um reforço para caracterizar o elo com a leitura, agora vislumbrando o processo de retomada da “conduta ideal” oferecida na reta final do romance. O serviço prestado pela única missiva escrita pelo cavalheiro servirá para garantir o choque inicial entre a ilusão e a realidade. Willoughby passa pelo viés metafórico da visão do herói à do vilão. Sua função no texto literário em última instância é a de simbolicamente ecoar o reconhecimento destas duas faces do gênero romance, referimo-nos, em especial, ao sentimentalismo e ao gótico, ambos bastante apreciados na época.

No caso do gótico, apontamos o aspecto de vilania em Willoughby como sendo o principal ponto de contato, na medida em que seu descaso com Marianne e também a filha de criação de Brandon, por pouco, não acarreta a morte de ambas. Assim que Marianne descobre o casamento do rapaz com outra e cai de cama, temos ao menos dois momentos que

demonstram o terror estampado no rosto de Elinor, que fica responsável por cuidar da moribunda irmã. Assim, por meio da figura de Elinor, a autora inglesa parece deixar transparecer nos olhares a insegurança de Elinor. Nesse momento do enredo uma atmosfera sombria e cheia de medo a faz se desviar por um instante de sua confiança sempre tão racional em lidar com as situações cotidianas. Obviamente o gótico não se apresenta como um elemento constante da obra, tal como acontece com o sentimentalismo, no entanto, não poderíamos deixar de levantar essa questão aqui. O gótico é mais ricamente explorado em outro romance de sua autoria, o qual não discutimos aqui, a saber, *A Abadia de Northanger*. Para nós, é válido apenas reconhecer que na última parte do texto narrativo há uma mudança na tônica, partindo do sublime e chegando à obscuridade da morbidez de Marianne. Nosso propósito pode ser mais bem compreendido com a seguinte citação de Sir Edward Burke (*apud* VASCONCELOS, 2002, p. 121):

O primeiro prazer, paixão social, é nossa reação emocional ao belo; o segundo, paixão egoísta porque originária do nosso instinto de autopreservação, é o prazer que nasce dos sentimentos de dor e perigo, mesmo quando estes estão ausentes, e é a resposta que damos ao sublime. Como elementos constitutivos do sublime, a obscuridade, a vastidão, a magnificência.

Willoughby, por sua vez, apresenta uma única carta escrita, cujo teor é de uma frieza forjada, parte em decorrência da necessidade de atender à manutenção do noivado, mediante a descoberta furiosa da cônjuge futura acerca da troca de correspondências do casal. Vejamos os trechos por nós discutidos:

CARA MADAME

Acabo de ter a honra de receber sua carta, pela qual sou solicitado a prestar sinceros esclarecimentos. Fiquei muito preocupado por saber que houve alguma coisa em meu comportamento de ontem à noite que não mereceu sua aprovação. Apesar de me sentir incapaz de descobrir em que a ofendi tão infelizmente, rogo-lhe seu perdão pelo que, posso afirmar, não foi absolutamente intencional. Eu jamais poderia pensar no meu relacionamento com sua família, Devonshire, sem sentir o maior prazer e me orgulharia se ele não fosse interrompido por algum engano ou má intenção em minhas ações. Minha estima por sua família é muito sincera, mas se fui tão infeliz a ponto de dar a impressão de existir algo mais do que sinto, ou do que pretendi expressar, devo censurar-me por não ter sabido professar essa minha elevada estima da maneira correta. A senhorita irá compreender que seria impossível eu querer demonstrar mais do que a realidade quando souber que a minha afeição acha-se comprometida há muito tempo com outra pessoa e não se passarão muitas semanas, acredito, até que este compromisso seja cumprido. É com grande tristeza que obedeço a ordem que me deu para que devolvesse as cartas que tive a honra de receber da senhorita e o cacho de seus cabelos, que tão gentilmente me confiou. Seu mais obediente

E humilde Servo,
JOHN WILLOUGHBY. (R&S, 2008, p. 145).¹⁶³

Independente de quais sejam as influências diretas que motivaram a reação decorosa do rapaz, fica notável a tentativa de, por meio das palavras escolhidas, a busca pelo afastamento sem que se deixasse levar pelas sentimentais súplicas da mulher a quem, no verão passado, devotou todas as atitudes e atenções sem que de fato elas fossem de algum modo comedidas e controladas. Willoughby faz do casamento seu álibi e trabalha de modo consciente cada movimento da carta (aqui com ajuda da futura cômjuge), a fim de não demonstrar emoções, fazendo uso da racionalidade e da conduta aliadas ao mundo burguês quanto ao distanciamento e decoro e da não exibição das tendências anteriores de seu comportamento, o que era exatamente a fonte de esperança da amada. Ao não corresponder a suas súplicas, o cavalheiro também nos faz recordar das tendências formais da escrita, demonstrando as particularidades da influência literária recebida e que permeiam o modo como eles, Marianne e Willoughby, apreciam a relação amorosa, de modo a, em suas palavras, ecoar, esteticamente, as palavras escolhidas por Abelardo. Ao responder a doce e envolvente carta de Heloísa, na mesma medida, o homem enclausurado usa dos artifícios da linguagem como, por exemplo, passagens bíblicas, a fim de repelir e justificar as necessidades dessa nova atitude (que tanto funcionariam a ele como a ela, por estarem agora vivendo num mosteiro) e busca convencer Heloísa do fato de que ambos são agora servos do senhor e de que somente por meio dele podem alcançar a plena felicidade, negando qualquer tentativa de se deixar levar por aquelas lembranças carnis a que a amada recorre, porque na atual situação física em que se encontra o amor carnal a ele de nada valeria.

A aparente ligação na forma que o narrador usa para demonstrar o linguajar de Willoughby é mais uma das possíveis soluções que acreditamos terem sido encontradas por Austen como a tentativa de exacerbar uma forte ligação com este outro eixo literário, o qual

¹⁶³ Trad. p. 176: “BOND STREET, *January*. // MY DEAR MADAM,- I had the honour of receiving your letter, for which I beg to return my sincere acknowledgements. I am much concerned to find there was anything in my behavior last night that did not meet your approbation; and though I am quite at a loss to discover in what point I could be so unfortunate as to offend you, I entreat your forgiveness of what I can assure you to have been perfectly unintentional. I shall never reflat on my former acquaintance with your family in Devonshire without the most grateful pleasure, and flatter myself it will not be broken by any mistake or misapprehension of my actions, My esteem for your whole family is very sincere; but if you have been so unfortunate as to give rise to a belief of more than I felt, or mean to express , I shall reproach myself for not hae been more guarded in my professions of that esteem. That I should ever have ment more, you will allow to be impossible, when you understand that my affections have been long engaged elsewhere, and it will not be many weeks, I believe, before this engagement is fulfilled. It is with great regret that I obey your commands of returning the letters with I have been honoured from you, and the lock of hair which you so obligingly bestowed on me. // I am, dear Madam, // Your most obedient // Humble Servant, // JOHN WILLOUGHBY.” (S&S,1994).

viemos destacando ao longo da discussão. A ideologia aristocrática se faz presente tanto via conteúdo, ao encontramos as situações textuais citadas explicitamente, quanto na forma, ainda que de modo sutil e nem tão aparente, mas ao qual se pode e se consegue recuperar de modo a deixar poucas dúvidas, na medida em que se reconhece o trabalho de linguagem realizado enquanto mais um valioso artifício literário formal. Ao fazer uso dos níveis interpretativos, esperamos ter assim vinculado à ideologia da forma, a análise do poema a partir da perspectiva estética de ambos os textos literários.

O que queremos deixar claro tem a ver com o fato de que o salpicar destas fontes presentes no romance de Austen não pode ser mera coincidência, talvez nunca consigamos recuperar os motivos elegíveis pelo qual a autora os pensou, mas nada disso importa; na verdade, o que nos interessa mesmo é perceber tamanha a perspicácia da autora de nos colocar *diante de um caminhar cíclico das histórias de amor*. Quando um dos lados se deixa levar por aspectos fincados no processo de sentimentalismo exacerbado, a crítica se faz presente e ao citar os demais autores, ela nos abre uma gama de opções que retomam a esta mesma categoria de amor, independente de épocas e gêneros literários. Mas ainda o faz de modo a não exacerbar seus conceitos, de modo a não transformar sua protagonista numa mera caricatura desta noção que sempre fez parte do processo de criação do texto literário, seja por via teatral, seja por meio do romance, defendendo assim que esta “conduta nefasta” não é exclusividade do gênero com o qual ela trabalha e, portanto, rebatendo aos críticos do romance na época, solapando a ideia de periodização neste tipo de artifício no meio literário enquanto uma não exclusividade de seu tempo.

A ligação de Marianne com a leitura de Pope¹⁶⁴ se faz presente somente pelo fato de que existe em um de seus textos literários¹⁶⁵ a analogia às cartas trocadas pelo casal Heloisa e Aberlado, cujo processo de análise nossa não se limita a tratar disso apenas com o reconhecimento e recuperação do comportamento amoroso como comportamento recorrente

¹⁶⁴ Gostaríamos de deixar claro que o poeta em questão está sendo nosso ponto de partida nessa argumentação apenas a partir deste poema, uma vez que sabemos ser ele um dos representantes da Era Agustiniana, conhecida também por Era da Razão. Nesse sentido, o leitor não deve ser confundido na expectativa de que ao citá-lo estamos automaticamente caindo em contradição, ao envolvê-lo junto à situação oposta que é a da personagem leitora, Marianne, na medida em que a encaramos como alguém que dispensa todo e qualquer uso da racionalidade. Por esse motivo, frisamos, ao pensar no escritor aqui: entenda apenas que isso ocorre em virtude da analogia trazida por este poema em especial, cujos trechos são trabalhados via tradução.

¹⁶⁵ Recuperamos a história do casal a partir do poema, para que deste modo consigamos evitar que haja algum “conflito” com a ideia de recuperação da literatura francesa, que de algum modo pode trazer certo desconforto. Estamos nos referindo ao poema *Eloise to Abelard* (1717).

em todas as épocas,¹⁶⁶ por meio da conduta exibida nas cartas, o comportamento posterior a estas também nos faz importantes revelações a este respeito. Ao deparar-se com a realidade cortante do abandono repentino na ocasião da escrita da terceira e última carta, temos a seguinte descrição do narrador:

No dia seguinte antes que a criada fosse reascender a lareira do quarto delas ou que o sol exercesse seu poder sobre a fria e cinzenta manhã de janeiro, Marianne, meio vestida achava-se ajoelhada no banco junto à janela, para aproveitar a pouca luz do amanhecer. Escrevia tão rapidamente quanto as crises de lágrimas lhe permitiam. Nessa situação, tendo sido acordada pela agitação e pelos soluços da irmã, Elinor em princípio mal a percebeu (...). (R&S, 2008, p. 142).¹⁶⁷

O alinhar o nível formal, um nível mais profundo de entendimento se faz graças ao reconhecimento das mesmas estruturas em termos de conteúdo, em especial no que se refere ao trecho do poema de Pope que utilizamos, um verso traduzido por Gutiérrez (2013, p. s/p). É esse poema ao qual nos referimos em outras passagens de *Eloise to Abelard* (1717): “Ó mesmo não o escrevendo, minha mão – o nome aparece / Logo escrito – a purificação acabo com minhas lágrimas!”.¹⁶⁸ O mesmo tom prevalece nos hábitos de Marianne, que escreve, sem pensar, que mergulha na crise de lágrimas ao preparar a carta. Persiste via jejuns, via isolamento e silêncio de um amor calado, sufocado, por eles jamais concretizado, relembrando as outras nuances dos trechos destacados do poema.

Após a notícia da oficialização do casamento de Willoughby com senhorita Grey, poucos dias após a resposta enviada por ele, a protagonista passa por um momento de isolamento, faz passeios solitários e acaba caindo doente, por causa de um forte resfriado. O declínio do estado de saúde da moça se dá de modo rápido e assustador, a ponto de despertar o terror e o medo aos olhos de Elinor, que ao lidar com a iminência da morte da irmã, pede o auxílio do amigo Brandon, a fim de que sua mãe, a senhora Dashwood, possa ver a filha enquanto ainda viva.

¹⁶⁶ Pensando no sentido sincrônico da História, recuperando a ideia de totalidade histórica que não se prende a valores de uma determinada formação social, buscando recuperar a ideia de totalidade proposta por Jameson (1992), especialmente colocando nossa argumentação a partir da ideia de que podemos “recuperar” as semelhanças dos casais a partir da ideologia da forma que ambos os textos apresentam.

¹⁶⁷ Trad. p.173: “BEFORE the house-maid had their lit their fire the next day, or the sun gained any power over a cold, gloomy morning in January, Marianne, only half dressed, was kneeling against one of the windows-seats for the sake of all the little light she could command from it, and writing as fast as a continual flow of tears would permit her. In this situation, Elinor, roused from sleep by her agitation and sobs, first perceived her; (...)”. (S&S, 1994)

¹⁶⁸ Trad. p. 2533: “O write it not, my hand – the name appears / Already written – wash it out my tears! /. (POPE in GREENBLATT; ABRAMS, 2006).

O caminho percorrido pela personagem deflagra a iminência deste trágico fim, demonstrando que o excesso de sua conduta é causador de sua ruína emocional e física:

À medida que o tempo passava, a doente tornava-se cada vez mais agitada e Elinor que observava atenta suas continuas mudanças de posição e ouvia gemidos e queixumes inarticulados escapar-lhe dos lábios apertados, estava quase por acordá-la do sono inquieto quando Marianne foi subitamente despertada por um barulho qualquer na casa. Ardendo em febre, perguntou:

– Mamã chegou?

– Ainda não – respondeu Elinor, procurando esconder o terror que a dominou. Enquanto a irmã tornava a se deitar, prosseguiu:

– Mas mamã, não precisa passar por Londres – contrapôs Marianne, nervosa.

– Eu nunca mais a verei se ela for a Londres!

Elinor percebeu, alarmada, que a enferma delirava e, procurando acalmá-la, mediu-lhe a pulsação. Estava fraca e mais rápida do que nunca! Marianne não parava de falar na mãe, com frases soltas e sem nexos (...). (R&S, 2008, p. 248).¹⁶⁹

O delírio de Marianne, seguindo a lógica do texto na sequência do enredo, terá, no entanto, uma espécie de reviravolta que afasta de Marianne essa possibilidade trágica, pois só perdura até o momento em que, embriagado, Willoughby segue até o local onde a enferma se encontra presente, a fim de confessar a Elinor toda a versão da história, que em partes já havia sido recuperada pela narrativa de Brandon ao contar o breve envolvimento de Willoughby com a filha de sua primeira paixão, Elisa.

Coronel Brandon, temeroso de que o mesmo fim ocorra a Marianne, expõe neste momento da narrativa suas angústias a Elinor e é por meio dessa outra perspectiva que também conseguimos enxergar, por exemplo, o quanto Austen é capaz de expor, dentro agora de sua própria narrativa, o mecanismo cíclico de repetição dos finais trágicos, ou uma metanarrativa, tornando evidente que a técnica será o meio de se fazer refletir que esses tipos de envolvimento, de um modo ou de outro, deturpam a consciência de amor de cada personagem. Vale notar que, tanto no caso de Elisa quanto no de Marianne, a autora afasta

¹⁶⁹ Trad. p. 302-303: “the repose of the latter became more and more disturbed; and her sister who watched with unremitting attention her continual change of posture, and heard the frequent but inarticulate sounds of complaint which passed her lips, was almost wishing to rouse her from so painful a slumber when Marianne, suddenly awakend by some accidental noise in the house, started hastily up, and, with feverish wildness, cried out –

– Is mama coming?

– Not yet, replied the other, concealing her terror, and assisting Marianne to lie down again; but she will be here I hope before long. It is a great way, you know from hence to Barton.

– Did she must not go round by London, cried Marianne, in the same hurried manner. I shall never see her, if she goes to London.

Elinor perceived with alarm that she was not quite herself, and while attempting to soothe her, eagerly felt her pulse. It was lower and quicker than ever; and Marianne still talking wildly of mama,(...)” (S&S, 1994).

esse processo do romance, permitido que o gênero em questão não tenha sua imagem demarcada por aspectos negativos.

O aspecto febril da personagem deflagra, a partir daí, uma espécie de catarse, que funcionará enquanto purificador dos conceitos de Marianne. Numa outra ocasião, ela afirmará que esses dias de enfermidade a fizeram repensar a conduta que vinha desempenhando tanto em sociedade como para com ela mesma enquanto um ato de “autodestruição” (R&S, 2008, p. 276).

Willoughby apresenta-se como o último resquício da situação anteriormente vivida com a heroína austeniana, neste momento do enredo, agora, envolto por outros ares, que dão a ele mais um aspecto de vilania. Ele será metaforicamente lembrado como o único a voltar-se ao passado literário de Marianne quando usa uma expressão, dizendo:

Meus sentimentos foram muito, muito dolorosos. Cada uma das linhas e cada palavra eram... Numa metáfora que pego emprestada de um dos escritores preferidos dela e que se Marianne estivesse aqui proibiria... Eram como uma adaga em meu coração. Saber que ela estava na cidade era... Na mesma linguagem... Como um raio me atingindo. Raios e adagas! Como ela ira me censurar! Seu gosto, suas opiniões, acredito que sejam mais conhecidos por mim do que os meus próprios. E tenho certeza de que são mais apreciados. (R&S, 2008, p. 260).¹⁷⁰

Além de se apresentar como o último resquício do passado de Marianne, o rapaz parece dominado pela inquietude de seus feitos, ao mesmo tempo que, como um vilão, não consegue abandonar a ideia de poder, neste caso dado pelo dinheiro.

Ele se torna vítima das próprias ações e, de alguma forma, demonstra isso a Elinor em meio à embriaguez. Ainda assim, o desfecho para Willoughby não é tão melancólico, já que Austen promove a acomodação de todas as personagens.

Alheia a todos estes fatores, Marianne desperta disposta e renovada, como alguém capaz de reconhecer seus erros¹⁷¹ e consertá-los. Desse modo, a autora promove em sua protagonista a recuperação da felicidade, ou melhor dizendo, do modo que esta felicidade é concebida dentro dos moldes austenianos.

¹⁷⁰ Trad. p. 318: “my feelings were very,very painful. Every line, every word was – in the hackneyed metaphor with their dear writer, where she here would forbid, a dagger to my heart. To know that thunderbolt. Thunderbolts and daggers! – what I reproof would she given me!- her taste, her opinions – I believe they are better known to me than my own, and I am sure they are dearer.” (S&S, 1994). É possível que Willoughby esteja se referindo à também tragédia de Shakespeare, *Macbeth* (1606), ao utilizar os termos raios e adagas.

¹⁷¹ Estes desvios de conduta dirão que foram egoístas até mesmo para o futuro de Elinor e consequentemente de Margareth, que poderiam ter tido sua honra manchada pelo comportamento de Marianne, cujo papel arruinaria por completo as chances de em obterem bons casamentos.

Austen apresenta opções como o pacote para a felicidade. Como seus leitores, suas heroínas desejam realização pessoal, e Austen mostra que esta meta embora coberta por restrições sociais, pode ser alcançada por meio de relacionamentos que permitem ao florescimento do caráter, definido com a discriminação ou o poder de escolha em princípios justos. Enquanto caráter é um critério fundamental de virtude pessoal para Austen, ela retrata esta escolha como estendendo a cada aspecto da existência, não apenas para as categorias tradicionais de casamento e amizade. (BENEDICT, 2000, p. 149, tradução nossa).¹⁷²

Assim temos em Marianne a figuração de uma “nova” mulher leitora, que, após o reconhecimento das falhas no entendimento de conceitos tratados em cada obra apreciada, tornando seu hábito insatisfatório, percebe que existe a necessidade de conceber esta prática como um caráter de seriedade e amadurecimento, conforme dito por ela, com maior comprometimento com aquilo que se lê, transformando seu hábito em detrimento de um saber mais profundo, talvez até permeando novas escolhas de leitura. E mesmo no caso de buscar reler as obras por ela conhecidas, conforme a personagem afirma, certamente a proposta dessa leitura se dá de modo a conferir o aspecto de sobriedade de que tanto os ideais burgueses pautam junto ao posicionamento pessoal feminino.

(...) Tenho a intenção de me levantar sempre antes das seis e dessa hora até o jantar pretendo dividir entre a música e a leitura. Planejei tudo e estou determinada um curso de estudo sério. Nossa biblioteca já é bem conhecida por mim para que eu a consulte para algo além de mero entretenimento (...). (R&S, 2008, p. 274).¹⁷³

É interessante articular também a ideia desse trecho com a presença e com as perspectivas atreladas à figura de coronel Brandon. Num trecho adiante ao exposto, Marianne afirma: “mas existem obras que vale a pena ler, em Barton Park, e há outras mais modernas, que posso pedir emprestadas ao Coronel Brandon” (R&S, 2008, p. 274).¹⁷⁴ Aqui, vemos a ligação direta que Marianne faz à noção de obras modernas, agora vinculada ao homem burguês que é Brandon. Em primeiro lugar, reforçamos e destacamos outros elementos que nos levam a crer numa mudança efetiva dentro da perspectiva literária, agora aceita por ela e

¹⁷² Trad. p. 149: “Austen presents choices as the patch to happiness. Like her readers, her heroines desire personal fulfillment, and Austen shows that this goal although hedged by social restrictions, can be achieved through relationships that permit the flowering of character, defined as discrimination or the power of choosing on just principles. While character is Austen’s fundamental criterion of personal virtue, she portrays this choice as extending to every aspect of existence, not merely to the traditional categories of spouse and friends.” (BENEDICT, 2000).

¹⁷³ Trad. p. 336: “I mean never to be up in rising than six, and from that time till dinner I shall divide every moment between music and reading. I have formed my plan, and I am determined to enter on a course of serious study. Our own library is too well known to me to be resorted to for anything beyond mere amusement.” (S&S, 1994).

¹⁷⁴ Trad. p. 336: “but there are many works well worth reading at the Park; and there are others of more modern production which I know I can borrow of Coronel Brandon.” (S&S, 1994).

segundo nos dá a impressão, Marianne, ao fim, parece começar a respeitar as qualidades desse novo parceiro, colocando-o respeitosamente como alguém cujo saber e cultura também são dignos de serem notados e exaltados por ela.

Ainda que a protagonista não necessariamente venha a promover um completo afastamento de tudo aquilo que leu no passado, ela sabe que existe a necessidade de se aventurar por outras vertentes da leitura, como ela parece apontar nesta fala na ocasião do pedido de desculpas dirigido a Elinor:

– Você é muito boa. O futuro deverá ser a prova de que mudei. Estabelecerei um plano e, se for capaz de segui-lo, meus sentimentos serão controlados e meu temperamento será aperfeiçoado. Assim, não serão mais motivos de preocupação para os outros, nem irão me torturar. Viverei apenas para minha família. Daqui por diante, você, mamãe e Margaret serão o mundo para mim. Dividirei afeto entre vocês. Nunca mais serei incitada a afastar-me de vocês e do meu lar. E se eu voltar a frequentar a sociedade, será apenas para mostrar que meu espírito tornou-se humilde, que meu coração está corrigido e que posso praticar as regras da sociedade, as obrigações menores da vida, com gentileza e paciência. Quanto a Willoughby... Seria inútil dizer que o esquecerei logo ou algum dia. Nenhuma mudança de circunstância ou opinião pode superar as lembranças que tenho dele. Mas essas lembranças podem ser facilmente controladas, reguladas pela religião, pela razão, por ocupações constantes. (R&S, 2008, p. 277).¹⁷⁵

Nesse trecho, temos a presença das novas intenções, ajustadas à realidade dentro da sociedade burguesa, na qual a moça reconhece sua falta de decoro e passa a atenuar suas atitudes, antes exacerbadas, substituídas agora por uma conduta que nos leva a crer que a heroína passará a ponderar suas ações futuras, de modo que, agora, elas sejam vinculadas a uma atitude mais perspicaz e racional do universo em que se insere. De acordo com tal ideia, temos o reforço teórico de Horwitz, que afirma:

A fim de serem considerados seres humanos moralmente maduros, os personagens de Jane Austen devem cumprir seu dever. A fim de cumprir o dever, eles devem aprender a agir à luz da razão; este é um padrão temático que pode ser encontrado em quase todos os romances. Claramente Jane Austen estaria de acordo com Locke, que escreveu o homem deve seguir “os ditames da luz que Deus lhe deu” (156). A fim de agir racionalmente, Locke manteve um ensinamento mandatário, “o domínio da mente sobre si mesma”

¹⁷⁵ Trad. p. 340: “– You are very good. The future must be my proof. I have laid down my plan, and if I am capable of adhering to it, my feelings shall be governed and my temper improved. They shall no longer worry others, not torture myself. I shall now live solely for my family. You, my mother, and Margareth, must henceforth be all the world to me; you will share my affections entirely between you. From you, from my home, I shall never again have the smallest incitement to move; and if I do mixing other society, it will only to shell that my spirit is humbled, my heart amended, and that I can practice the civilities, the lesser duties of life, with the gentleness and forbearance. As for Willoughby, to say that I shall soon or that I shall ever forget him, would be idle. His remembrances or opinions. But it shall be regulated, it shall be checked by religion, by reason, by constant employment.” (S&S, 1994).

(174). Como veremos, esta, juntamente com a realização de autoconhecimento que ela pressupõe, é o cerne do processo educacional no romance de Jane Austen. (HORWITZ, 1991, p. 9, tradução nossa).¹⁷⁶

A proposta de viver dentro da medida de decoro do seu escopo social, ainda que haja a necessidade de um constante aprimoramento e observação, é o que devolve à protagonista a felicidade. Contudo, notemos que Marianne não aparece como uma escrava da apreciação de gêneros literários, na medida em que, ao final do romance, Austen parece dar-nos indicativos de que Marianne possa vir a ler romances ao falar da possibilidade de tomar emprestadas “obras modernas” vindas da biblioteca de Brandon, conforme apontamos, fato que se torna possível apenas a partir do processo de recolocação da personagem.

Essa mudança de perspectiva que ocorre ao final da obra se dá porque a autora inglesa parece delegar, por meio da representatividade simbólica das heroínas (nesse caso não só Marianne se inclui, mas todas elas), que o romance seria uma maneira de expor e repensar questões relacionadas à mulher e à sua posição em sociedade.

Em contrapartida, não podemos deixar de observar o fato de que, para promover tal mudança de comportamento, a personagem silencia sua paixão por Willoughby, o que demonstra não a ideia de extinção, mas de autocontrole. De acordo com o estudioso Alan Richardson (1994, p. 169-170, tradução nossa):

Se a ideologia do lar e da “dama apropriada” proporcionou de modo simultâneo às mulheres uma voz pública mais crível, por outro lado, excluiu-a da participação ativa na esfera pública, vangloriou-as como guardiãs da educação, desvalorizou seus corpos e desejos como locais de potencial perigo do irracional. No entanto, estas mesmas contradições também geraram uma tensão produtiva e crítica implícita à escrita das mulheres ao longo do período. O papel cultural das mulheres como educadoras e escritoras para crianças, por exemplo, pode ser visto como uma apropriação do ideal da “mãe perfeita dentro ideologia nacional” – uma mulher que vive para e através de seus filhos e que se cumpre no próprio ato de formar seus filhos e certos tipos de indivíduos, mas o que Myers chama de “feminilização das práticas de socialização” durante este período também facilita a apropriação da razão por parte de mulheres autoras como contraponto à apropriação do escritor masculino de sensibilidade. Assim, o romance doméstico, particularmente nas mãos de Edgeworth e Austen, torna-se cada vez mais preocupado com a educação feminina, também desenvolve “estratégias de subversão e endereçamento” que facilitam a expressão reveladora de crítica

¹⁷⁶ Trad. p. 9: “in order to be considered morally mature human beings, Jane Austen’s characters must do their duty. In order to do their duty, they must learn to act in the light of reason; this is a thematic pattern the can be traced in almost all of the novels. Clearly Jane Austen would agree with Locke, who wrote man must follow “the Dictates of that light God has given him” (156). In order to act rationally, Locke maintained, one must teach “the mind mastery over itself” (174). As we shall, this, together with the attainment of self-knowledge which it presupposes, is the crux of the educational process in the novel of Jane Austen.” (HORWITZ, 1991).

social a partir de uma forma literária aceitável. O seu modo específico de reprimir os desejos femininos que desafia a abnegação exigida pela maternidade “perfeita” revela simultaneamente a urgência desses desejos, embora sua expressão, como Marianne Dashwood, seja de uma “agonia silenciosa” em *Razão e Sensibilidade*.¹⁷⁷

Em um sentido mais amplo, devemos acrescentar, no entanto, que o fundamento político por Richardson chamado de subversão da questão, nasce da garantia que Austen dá quando promove a interpretação das escolhas de leitura que também se relacionam com a moralidade desta personagem. Assim, a defesa ao gênero surge, neste contexto, para dotá-lo de respeitabilidade, na medida em que considera o trabalho de elaboração de textos literários como os dela um meio político de estabelecer um didatismo eficaz às mulheres em especial.

Por essa razão, vemos que, em *Razão e Sensibilidade*, Austen, consciente dessa função, passa a questionar pela ideologia da forma o uso exagerado da fórmula sentimental, não o repudiando por completo, mas estabelecendo por meio dele um diálogo inteligente que dá aos leitores de suas obras a possibilidade de reflexão acerca desses parâmetros da composição literária. A jovem autora inova e permite que seu primeiro romance publicado seja reconhecido com sucesso de público logo após sua publicação.

Gostaríamos de destacar que a autora propõe que o crescimento de sua protagonista caminhe em conjunto com os níveis mais formais dentro da construção e visibilidade do próprio enredo, no qual os eventos garantem que a trama se feche sem que a jovem apresente qualquer comportamento que não seja cabível à sua realidade social, garantido assim que a crítica social aconteça sem que o leitor desse romance considere o trabalho de composição como algo inverossímil, no sentido de ser este uma grande quebra no decoro social pretendido na época.

¹⁷⁷ Trad. p. 169-170: “of the home and ‘proper lady’ simultaneously gave women a more credible public voice and excluded them from active participation in the public sphere, valorized women as guardians of education and devalued their bodies and desires as potentially dangerous strongholds of the irrational, however, these same contradictions also engender a productive and implicitly critical tension throughout women’s writing of the period. Women’s cultural role as teachers and writers for children, for example, can be seen as embodying the ideal of the ‘perfect mother’ within domestic ideology – a ‘women who lives for and through her children and who finds fulfillment in the very act of forming her children and certain kinds of individuals’, yet what Myers calls the ‘feminization of socializing practices’ during this period also facilitates the appropriation of reason on the part of women authors as a counterpoint to the male writer’s appropriation of sensibility. As the domestic novel, particularly in the hands of Edgeworth and Austen, becomes increasingly concerned with female education, it also develops ‘strategies of subversion and indirection’ which facilitate the telling expression of social criticism from within an acceptable literary form. Its specific mode of suppressing female desires which challenges the self-denial required by the ‘perfect’ motherhood simultaneously reveals the urgency of these desires, though their expression, like Marianne Dashwood’s ‘silent agony’ in *Sense and Sensibility*.” (RICHARDSON, 1994).

O romance demonstra ainda a acomodação das personagens vistas por outro ângulo quando propõe, pelo viés do casamento, que a protagonista revise inclusive suas opções de escolha na prática da leitura, que agora contará com o auxílio e o refinamento de seu esposo, Coronel Brandon, cujo caráter pode ser visto como o oposto do rival mais jovem. Ao casar-se com Brandon, de quem durante toda a trama recusou aproximar-se, denota a noção de completa aceitação da personagem quanto ao decoro presente no sistema de valores do ranqueamento ao qual pertence.

O aprendizado, para a autora inglesa, parece não acontecer e pode se dar por encerrado apenas pelo fato de alguém ser “capaz de pôr seus olhos” em um livro simplesmente. Ele deve ser visto como algo que possui um caráter estratégico junto ao discernimento pessoal de cada leitor, considerando que uma leitura ineficiente poderá acarretar problemas até mesmo nas demais esperas do cotidiano, tal como ocorreu com a personagem analisada em nossa dissertação. Nossa perspectiva de interpretação buscou ampliar o conceito de leitura, incluindo também as reações das personagens envolvidas na apreciação das missivas trocadas, na medida em que enxergamos nelas uma potencial extensão de todo seu comportamento enquanto leitora de obras ficcionais.

Fomos além ao demonstrar, na análise literária, por meio dos níveis, estratégias de contenção e ideologia da forma. Foi-nos permitido alcançar a noção de que esta leitura nefasta pode ocorrer em todos os textos literários, independente do gênero, ainda que para muitos naquela época o romance pudesse soar como algo ameaçador, mais ainda quando se trata do público leitor feminino. Na verdade, o que parece ter ficado claro é que o que conduziria o leitor a uma postura de leitura leviana é, na realidade, a falta de credibilidade irônica aliada a certo grau de imaturidade dessa jovem heroína, que se perde na apreciação de outros gêneros em que a autora a faz ficar exposta, revertendo essa premissa ao expor sua protagonista enquanto apreciadora de tragédias e poemas.

Ao livrar o gênero romance da leitura feita neste momento (dizemos isto, pois vemos que o romance apenas surgirá na vida da jovem quando ela estiver passando justamente pelo processo de amadurecimento pessoal, garantindo que ele então seja defendido com uma arma positiva) em que a heroína comete “equivocos” atrelados diretamente às suas escolhas de leitura, a autora, de modo indireto e sutil, acaba promovendo a defesa do gênero com o qual a autora trabalha.

Cabe a nós a função de dizer que, nestes termos, a leitura se torna nefasta a quem a promove cegamente, sem que se abra uma porta ao pensar mais criterioso, tal com faz sua

irmã, a personagem de Elinor, a quem temos sempre na narrativa como uma espécie de termômetro de Marianne (ainda que, movida pela emoção, nunca se permita escutar), tem a presença da moral fincada como um contraponto quando comparado ao excesso de sensibilidade da protagonista. O mesmo pode ser observado na comparação entre Willoughby e Brandon, ou Willoughby e a figura serena de Edward.

No entanto, não finalizaremos sem antes recordar ainda qual parece ter sido um dos pontos mais gritantes de nossa análise, ou seja, o fato de que a escolha e apreciação de determinadas obras por parte do jovem casal não é mera coincidência, mas tensões que de fato regem o caminhar de todo o romance, que se articula do estético ao conteúdo, para comprovar que essas predileções são, por um lado, a força motriz que antecipa a impossibilidade de união dos jovens Willoughby e Marianne, e, por outro lado servem para serem recuperadas por meio de um terceiro nível de interpretação. O comportamento retratado pelas obras por eles lidas, antes de mais nada, direcionam nossa análise à noção de que esses textos trabalham também para retratar a impossibilidade vivenciada em outros momentos históricos por cada uma dessas personagens, garantindo, assim, que as personagens por nós analisadas sejam vistas como parte de um comportamento que se faz presente desde que o mundo é mundo, possibilitando-nos encarar isso enquanto parte de uma totalidade histórica.

O romance *Razão e Sensibilidade* destoa das obras lidas quando não dá às personagens um fim trágico e, ao contrário disso, proporciona a elas um repensar com a devida acomodação e refinamento do caráter do pequeno proprietário de terras, como é o caso de Marianne, que volta a alimentar esperanças de sucesso no convívio a partir do entendimento de que nada deva surgir fora do ambiente social ao qual ela e sua família pertencem.

Vivenciar a ideia de leitura do modo como a personagem de Marianne Dashwood o faz, possibilitou-nos, portanto, refazer o caminho das obras literárias ali contidas sem que houvesse a necessidade de uma periodização excessiva, pois a quebra das estratégias de contenção do texto literário de Austen nos deu as oportunidades para reconhecer quais eram as ideologias presentes (estamos nos referindo em especial ao mundo cortês e ao burguês que surgem por meio dessa análise).

Sendo o texto de Austen uma ferramenta política da qual ela faz uso de modo consciente ou não, cremos que ela, de fato, persegue um caminho em que esse comportamento de leitor aqui criticado nada mais é do que seu meio de expressar o quanto acredita que o romance, ao ser escrito longe das “fórmulas” como a do sentimentalismo, pode, em última instância, garantir que o acesso a esse tipo de gênero literário seja uma espécie de vitrine para

o sexo feminino que, naquele momento histórico, carecia de um didatismo capaz fazê-las repensar o papel de cada uma na sociedade, sem que em seu fundamento estético estejam propostas grandes revoluções, pois é no cotidiano rural que ela enxerga a oportunidade de expressão de suas ideias.

Gostaríamos, após a análise deste romance, de apresentar a visão da leitura também recorrente em outro romance, a saber, *Orgulho e Preconceito* (1813), de modo a, agora, sermos contemplados com uma proposta diferente, que nos leva a encarar a sua protagonista como um *modelo* de leitora.

3. Elizabeth Bennet e o ideal de leitura em *Orgulho e Preconceito* (1813)

No capítulo anterior, buscamos desenvolver e demonstrar as noções prejudiciais em torno da questão da leitura dentro do meio ficcional em *Razão e Sensibilidade*; neste momento, no entanto, proporemos caminhar por outros aspectos delineados pela autora inglesa a partir da análise do segundo romance publicado, a saber, *Orgulho e Preconceito*, que trata a leitura, por meio da personagem de Elizabeth Bennet, de modo a iluminar, agora, alternativas para a questão.

Para tanto, mais uma vez dependeremos inicialmente da necessidade de se fazer um levantamento geral acerca de determinadas características do enredo desse romance. As questões fundamentais simbolicamente trazidas por ele terão que ser trabalhadas por meio da comparação entre a protagonista e as demais personagens leitoras presentes na diegese.

O enredo acontece em torno da família Bennet, que é composta dos personagens: Sr. Bennet; sua esposa, senhora Bennet; e suas cinco jovens filhas, Srta. Bennet, conhecida como Jane (por ser a mais velha das irmãs, recebe o título de Srta. Bennet), seguida por Elizabeth Bennet (também tratada como Lizzy no romance), as irmãs Mary, Kitty e Lydia.

Ganham destaque especial na história a família Bingley, o aristocrata Fitzwilliam Darcy¹⁷⁸ e sua irmã Georgiana, além do soldado George Wickham, com quem a protagonista Elizabeth travará relações pessoais ao longo do texto. Deve-se ainda incluir o clã dos Lucas, em especial a primogênita Charlotte; Mr. Collins, que tem uma conexão familiar com os Bennets; e, por fim Lady Catherine, tia de Darcy.

A vila de Longbourn, local onde se situa a propriedade familiar dos Bennet, assim como Meryton,¹⁷⁹ será o local de constante presença das damas em discussão. Gostaríamos de apontar também que o romance se passa em torno de uma família cujo poder aquisitivo advém de uma pequena propriedade de terras, ou seja, assim como dito no romance anterior, as personagens do clã principal aqui retratado fazem parte dos chamados “pequenos proprietários de terras”.

¹⁷⁸ Entre a protagonista e Darcy haverá o envolvimento amoroso, que para nós será uma das questões centrais, e cujo efeito nos ajudará a explorar de modo mais satisfatório o caráter da leitura dessa personagem.

¹⁷⁹ Ambas são cidades fictícias. Por este motivo, a biblioteca de Clarke, citada por Lydia dentro do capítulo 7 (P&P, 2012, p. 21), deve também ser encarada dentro destes termos.

Em meio ao mote principal do romance, a saber, a questão do casamento das jovens Bennet, surge também o aspecto da leitura, em que, especialmente por meio de Elizabeth, a temática é abordada. A leitura, aqui, nasce do meio implícito e só é percebida se considerarmos que o romance *Orgulho e Preconceito* é uma fonte que nos permite descobrir novos “horizontes de leitura” ou “interpretação” que, como vimos no capítulo primeiro, são concebidos por Jameson (1992) como sendo três momentos distintos.

A discussão feita a partir da obra austeniana pode nos deixar com a sensação de certa generalidade, a qual pretendemos comprovar ser essa uma premissa cabível apenas quando relacionada ao lugar comum dentro de um primeiro nível de interpretação literária. Na medida em que avançamos na leitura do romance por meio do uso dos níveis de interpretação jamesonianos, parece-nos mais favorável afirmar que, na realidade, a escassez pode ser encarada mais como uma estratégia de contenção (que de fato nos ilude, já que a ausência de dados não nos facilitariam os meios para descrever a fundo a experiência da protagonista enquanto leitora que é); no entanto, é possível também repensar que, ao deixar estas lacunas junto a suas fontes de leitura, o enredo queira indicar toda uma amplitude junto à gama de conhecimentos proporcionados à heroína austeniana.

Ainda a respeito das estratégias de contenção, vejamos o que o teórico Fredric Jameson afirma a respeito:

(...) Oferece um caminho para o texto, não por meio da pressuposição de meras possibilidades e permutações lógicas, mas pela revelação diagnóstica dos termos ou pontos nodais implícitos no sistema ideológico, que contudo permaneceram irrealizados na superfície do texto, que não conseguiram se manifestar na lógica narrativa e que, portanto, podemos ler como aquilo que o texto reprime.

(...) Para nós, o contrário, ou seja, transforma-se em uma poderosa reestruturação de uma relação de tensão entre a presença e a ausência, uma relação que pode ser mapeada segundo as várias possibilidades dinâmicas (...). Segundo este modelo de fechamento ideológico- nos direcionam insistentemente ao poder informativo das forças ou contradições que o texto busca, em vão, controlar ou dominar (ou *manipular*, para usarmos o sugestivo termo de Norman Holland) totalmente. (JAMESON, 1992, p. 44, grifos do autor).

A partir desse primeiro passo, buscaremos então um terceiro nível dentro dos horizontes interpretativos os saberes literários da protagonista, garantindo que eles sejam constituídos e evidenciados na medida em que cada fala ou ato da personagem em questão se expõe. Lizzy tem, então, mais do que a possibilidade de se afirmar enquanto leitora, já que traz consigo a característica de empiricamente aplicar tais conhecimentos adquiridos ao longo

das situações com as quais se depara na trama, conforme discutiremos nos parágrafos seguintes.

Em relação especificamente ao contexto da leitura, podemos afirmar que o romance nos convida a notar determinados pontos a respeito do meio no qual a jovem protagonista está inserida, os quais possibilitam o desenvolvimento do hábito da leitura. Elizabeth, de fato, é caracterizada como uma personagem em situação de destaque perante o pai e respeitada pela irmã mais velha.¹⁸⁰ Lizzy tem, por meio de seu pai, acesso à leitura. O senhor Bennet, homem de postura e ar filosóficos, passa grande parte do tempo a ler em sua biblioteca particular. Além de Lizzy, outras duas filhas suas demonstrarão especial prazer em ler e, ainda que tal liberdade se estenda a todas as moças, será de especial interesse à nossa protagonista e à sua estudiosa irmã, Mary. Às duas, devotaremos na sequência o levantamento de suas posturas enquanto leitoras que são; contudo, neste momento, preferimos apenas dar destaque à biblioteca particular do pai enquanto espaço físico desse lar.

Assim, podemos nos apoiar na ideia tratada no texto de Johnson (*apud* ALTICK, 1998, p. 41, tradução nossa): “‘Literatura geral’, Dr. Johnson observou em 1779, ‘agora permeia a nação em todas as suas classes sociais’; cada residência, ele afirmou, foi contemplada com uma pequena biblioteca”.¹⁸¹

Gostaríamos de acrescentar, conforme o estudioso explicita na sequência da citação acima exposta, que se deve existir certa cautela ao dizer que “toda família inglesa” na época teria os privilégios da leitura assegurados, como revela Johnson (*apud* ALTICK, 1998, p. 41, tradução nossa): “tais observações foram feitas, é preciso lembrar, em um contexto social muito restrito. Para Johnson e seus contemporâneos, as camadas da sociedade civilizada terminavam com a classe média.”¹⁸²

É interessante pensar, portanto, o quanto a leitura, ainda que com restrições que não podem e nem são por nós ignoradas, passa a fazer parte do círculo familiar de muitas famílias, incluindo as burguesas. Tal privilégio na história contada não está restrito aos Bennet, outro exemplo desta extensão social pode ser encontrado na residência de Charlotte e seu esposo

¹⁸⁰ Essa notoriedade se expandirá à medida que a personagem analisada passa a viver as situações também fora da família. O movimento crescente de seu aprendizado pode ser notado em todos os níveis da obra, mas será especialmente exposto a partir da demarcação de que quanto mais passa por experiências externas, mais a noção da leitura perde suas características rígidas leitor/livro e adquire função a partir do viés da experiência prática.

¹⁸¹ Trad. p. 41: “‘general literature,’ Dr. Johnson observed in 1779, ‘now pervades the nation through all its ranks’; every house, he said, was supplied with a closet of knowledge’.” (JOHNSON *apud* ALTICK, 1998).

¹⁸² Trad. p. 41: “such remarks were made, we must remember, in a very restricted social context. To Johnson and his contemporaries the ranks of civilized society ended with the middle class.” (JOHNSON *apud* ALTICK, 1998).

Collins, que, apesar de humilde, possui uma sala de leitura. Observemos o que afirma o narrador de *Orgulho e Preconceito* a respeito do assunto:

(...) O senhor Collins devotava todas as manhãs em conduzi-los pelos seus passeios e lhe mostrar o campo; mas quando ele foi embora, toda a família voltou às suas ocupações habituais e Elizabeth estava grata por descobrir que eles não viam muito de seu primo por causa da alteração, pois a maior parte do tempo entre o desjejum e o jantar agora era passado por ele trabalhando em seu jardim ou lendo e escrevendo, e olhando pela janela de sua sala de leitura que dava para a estrada. (O&P, 2012, p. 103).¹⁸³

Aqui, ainda salvo certo exagero por parte da afirmação de Dr. Johnson, podemos compreender tanto por meio do exemplo do senhor Bennet quanto por Collins que esses ambientes, enquanto espaços privados de leitura e trocas intelectuais, são vistos mais comumente na sociedade inglesa e atingem cada vez mais uma diversidade maior de pessoas. Quem nos concede maiores detalhes a respeito das bibliotecas é Gay (2010, p. 339, tradução nossa):

Em cada residência de um cavalheiro havia uma biblioteca, fosse uma grande e crescente coleção como a do Sr. Darcy ou alguns livros cuidadosamente dispostos em prateleiras (...). Essas coleções – de autores clássicos, ensaios, sermões, livros de poesia, peças de teatro, história, viagens etc. – podiam ser complementados com as bibliotecas circulantes que eram uma característica de cada cidade de tamanho considerável.¹⁸⁴

É preciso levar em conta, ainda, que uma família como a do senhor Bennet considerava a aquisição de livros importante (dentro da perspectiva de um montante anual que girava em torno de duas mil libras). Nesse contexto, gostaríamos de ampliar nossa discussão, já que, ainda com o alto custo dos livros, percebemos que as moças do clã dos Bennet têm garantido o acesso e a assiduidade em locais de leitura, conforme aponta a personagem de Lydia em duas ocasiões distintas, tendo sua presença dentro de bibliotecas públicas, uma delas motivou a ida de Lydia à citada biblioteca de Clarke, no capítulo 7 (O&P, 2012, p. 21);¹⁸⁵ e, mais adiante, junto ao casal Foster, a jovem encontra refúgio dentro de uma

¹⁸³ Trad. p. 302: “(...) Mr. Collins devoted his morning to driving him out his gig, and showing his the country; but when he went away, the whole family returned to their usual employments, and Elizabeth was thankful to find that they did not see more of her cousin by the alteration, for the chief of the time between breakfast and dinner was now passed by him either at work in the garden or in reading and writing, and looking out of the window in his book-room, which fronted the road.” (P&P, 2012).

¹⁸⁴ Trad. p.399: “Every gentleman’s house had a library, whether it was a huge and constantly growing collection like Mr. Darcy’s or a few books lovingly arranged on shelves (...) Such collections – of classic authors, essays, sermons, novels poetry, plays, history, travels, etc. – could be supplemented by the circulating libraries which were a feature of every sizable town”.(GAY, 2010).

¹⁸⁵ Trad. p. 242: “Clarke’s library” (P&P, 2012).

biblioteca, local onde produz a carta comunicando sua intenção de fuga com o soldado Wickham. No capítulo 42, o narrador nos coloca a seguinte ideia:

Quando Lydia partiu, ela prometeu escrever com muita frequência e muito detalhadamente para sua mãe e para Kitty, mas suas cartas eram sempre muito esperadas e muito curtas. Aquelas para sua mãe continham pouco mais do que eles tinham acabado de voltar da biblioteca onde este e aquele oficiais a levaram (...). (O&P, 2012, p. 145).¹⁸⁶

Vemos que a marca da assiduidade se faz pela última parte da sentença, na qual Austen parece deixar claro que Lydia se encontra presente neste local por diferentes motivos e em ocasiões distintas, dispondo, inclusive, de diversas companhias no curto espaço de tempo da viagem que faz com a família Foster. No entanto, seu pai demonstra em sua fala uma distinção entre as jovens filhas, tratando-as, com exceção de Jane e Lizzy, como “todas bobas e ignorantes” (O&P, 2012, p. 6).¹⁸⁷

Lydia apresenta ainda que, em partes, a literatura/leitura tem seu papel nivelado com outras atividades que dão a ela prazer, como a companhia de soldados. Ao que parece, a jovem tem aqui a leitura enquanto uma opção de entretenimento que deve ser apreciado em todas as situações por ela vivenciadas. Em última instância, vemos o senhor Bennet deixar na mão das próprias filhas a possibilidade de escolha dos seus modos e meios educacionais, permitido que cada uma busque satisfazer sua ideia de conhecimento de modo a promover a liberalidade na escolha. A respeito destas escolhas feitas pela personagem Lydia, quem nos auxilia é Benedict (2000, p. 171, tradução nossa):

Em *Orgulho e Preconceito*, Lydia sugere a sua mãe indulgente que o lugar para flertar com os oficiais é “na biblioteca de Clarke” (30). Ao retratar essa circulação promíscua como social, e não literária, Austen faz alusão ao protesto contemporâneo que os romances em bibliotecas circulantes estimulavam as paixões femininas. Considerando que Lydia usa essas biblioteca para exibir sua figura (...).¹⁸⁸

Mais uma vez, podemos verificar que no texto de Austen existe a constante preocupação em se demarcar a leitura e a compra de bens culturais por um viés sempre muito positivo quando nos referimos aos aspectos trazidos por meio dessa protagonista.

¹⁸⁶ Trad. p. 332: “when Lydia went away she promised to write very often and very minutely to her mother and Kitty; but her letters were always long expected, and always very short. Those to her mother contained little else than that they were just returned from the library, where such and such officers had attended them (...).” (P&P, 2012).

¹⁸⁷ Trad. p. 231: “they are all silly and ignorant.” (P&P, 2012).

¹⁸⁸ Trad. p. 171: “in *Pride and Prejudice*, Lydia hints her indulgent mother that the place to flirt with officers is ‘standing in Clarke’s library’ (30). In portraying this promiscuous circulation as social, not literary, Austen alludes to the contemporary protest that the novels in circulating libraries stimulated female passions. Whereas Lydia uses these library to show her body off (...).” (BENEDICT, 2000).

3.1 Elizabeth Bennet- o modelo de leitora

Gostaríamos de iniciar outro aspecto da discussão em relação ao tema da leitura, alegando, agora, e passando a destacar que tanto a personagem Mary quanto o primo das moças, o senhor Collins, aparecem no enredo representando determinadas posturas em termos de questões filosóficas, as quais são, de certo modo, ironizadas por Austen na medida em que o texto sempre parecesse nos alertar contra a reprodução dos extremos que eles representam. Observemos, então, mais a fundo a definição trazida por Isaac Kramnic (1995, p. 1-2, tradução nossa), na introdução do livro *The Portable Enlightenment Reader*, ao explicar um pouco mais a respeito do conceito filosófico com o qual iremos trabalhar:

Iluminismo foi, de fato, um movimento intelectual que não conhecia fronteiras nacionais. (...) O Iluminismo foi um movimento internacional que incluiu escolas francesas, inglesas, escocesas, americanas, alemães, italianas, espanholas e até mesmo russas. (...) Qual foi a mensagem desses intelectuais do Iluminismo? Quais foram os seus ideais? (...) O Iluminismo valorizava o indivíduo e a legitimidade moral de interesse próprio que pretendia libertar o indivíduo e todas as variedades de corporação externa de restrições comuns, e ele procurou reconhecer o político, moral, intelectual e mundo econômico para servir o interesse individual.¹⁸⁹

No trecho do romance que citaremos a seguir, veremos que Mary pode ser comparada à ideia da mulher que busca transpor áreas cujo conhecimento ainda considera parco para os padrões intelectuais os quais almeja atingir por meio dessas leituras fazendo uso de um metódico e exaustivo processo de leitura e, de acordo com Alan Richardson (2010, p. 403, tradução nossa), “Mary Bennet faz o seu próprio volume de extratos elegantes (o título de uma então antologia popular).”¹⁹⁰

Tanto Elizabeth quanto Mary têm gosto pela leitura, mas o que difere a postura de Mary da de Elizabeth é que, para a irmã mais jovem a leitura aparece como exemplo da reprodução sem reflexão das ideias iluministas, já que a moça está sempre a reproduzir conceitos filosóficos sem que eles passem pelo crivo de uma internalização, ou melhor dizendo, por uma apropriação de conceitos, sendo de algum modo vivenciados na realidade da qual as personagens fazem parte. No trecho que iremos destacar como exemplo para nossa

¹⁸⁹ Trad. p. 1-2: “Enlightenment was in fact, an intellectual movement that knew no national boundaries. (...) The Enlightenment was an international movement that included French, England, Scottish, American, German, Italian, Spanish and even Russian schools. (...) What was the message of these Enlightenment intellectuals? What were their ideals? (...) The Enlightenment valorized the individual and the moral legitimacy of self-interest it sought to free the individual and all varieties of external corporate of communal constraints, and it sought to recognize the political, moral, intellectual, and economic world to serve individual interest.” (KRAMNIC, 1995).

¹⁹⁰ Trad. p. 403: “Mary Bennet makes her own volume of elegant extracts (the title of a then popular anthology).” (RICHARDSON, 2010).

argumentação, as jovens Elizabeth, Mary e Charlotte Lucas debatem a questão do orgulho, pois o personagem Darcy recusou-se a dançar com todas as moças, em especial com Lizzy.

- Não me importo que ele não tenha conversado com a Sra. Long, disse a Srta. Lucas, mas queria que ele tivesse dançado com Eliza.
- Da próxima vez, Lizzy, disse sua mãe, eu não dançaria com ele se fosse você.
- Acredito, senhora, seguramente lhe prometo nunca mais dançar com ele.
- O orgulho dele, disse a Srta. Lucas, não me ofende tanto quanto o orgulho em geral, porque há uma justificativa para isso. Ninguém pode imaginar que um jovem tão fino, com família, fortuna, tudo a seu favor, não pense tão bem de si mesmo. Se assim posso dizer, ele tem o direito de ser orgulhoso.
- Isso é bem verdade, replicou Elizabeth, eu poderia facilmente perdoar o seu orgulho se ele não tivesse mortificado o meu.
- Orgulho, observou Mary, que ferrou a si mesma com a solidez de suas reflexões, é uma falha muito comum, penso. Por tudo que já li, estou convencida de que é de fato, muito recorrente; que a natureza humana é particularmente dada a isso e que há bem poucos de nós que não acalentariam um sentimento de autocomplacência no cômputo de uma ou outra qualidade real ou imaginária. A vaidade e o orgulho são coisas bem diferentes, embora as palavras sejam geralmente usadas como sinônimos. Uma pessoa pode ser orgulhosa sem ser vã. O orgulho está mais vinculado à nossa própria opinião de nós mesmos e a vaidade, ao que achamos que os outros pensam de nós. (O&P, 2012, p. 15).¹⁹¹

Percebemos neste diálogo que tanto Elizabeth quanto a Srta. Lucas são capazes de transportar as questões relacionadas ao que apontamos acima. O conhecimento do termo aqui aplicado às noções a respeito do orgulho é levantado por elas ao patamar da própria experiência vivida. Elizabeth diz que perdoaria o orgulho da personagem de Darcy se ele não tivesse atingido o dela, ou seja, ela sentiu, na pele, os efeitos desse traço de caráter do rapaz, o que dá a ela a chance de estabelecer uma “avaliação mais coerente” dentro do processo de internalização e aquisição dos próprios conceitos; na prática, ela pode relativizar as ideias, trazidas nos livros, à medida que cada situação aparece.

¹⁹¹ Trad. p. 238: “– I do not mind his not talking to Mrs Long, said Miss Lucas, but I wish he had danced with Eliza.

–Another time, Lizzy said her mother, I would not dance with him, if I were you.

– I believe, ma’am, I may safely promise you never to dance with him.

– His pride, said Miss Lucas, does not offend me so much as pride often does, because there is an excuse for it. One cannot wonder that so very fine young man, with family, fortune, everything in his favour, should think highly of himself. If I may so express it, he has right to be proud.

– That is very true, replied Elizabeth, and I could easily forgive his pride, if he had not mortified mine.

– Pride’, observed Mary, who piqued herself upon the solidity of her reflections, is a very common failing, I believe. By all that I have ever read, I am convinced that it is very common indeed; that human nature is particularly prone to it, and that there are very few of us who do not cherish a feeling of self-complacency on the score of some quality or other, real or imaginary. Vanity and pride are different things, though the words are often used synonymously. A person may be proud with being vain. Pride relates more to our opinion of ourselves, vanity to what we would have others to think of us.” (P&P, 2012).

Em contrapartida, sua irmã leva em consideração apenas o conceito e, na medida em que se propõe a expor as ideias retiradas destes momentos de livre estudo, vemos que, de fato, apenas o que ela consegue fazer é repeti-los, quase que de modo decorado (meros clichês), nas palavras de Armstrong (1987, p. 108, tradução nossa)¹⁹²: “em resumo, Jane Austen satiriza em *Orgulho e Preconceito* quando ela conduz Mary Bennet a expressar com exaustiva perfeição clichês dos livros de conduta”, tamanha é a precisão da escolha e do uso dos termos, retirados dos periódicos. Sobre esse suporte, Sandra Vasconcelos (2002), destaca o seguinte:

A imprensa periódica, principalmente na sua vertente cultural, constitui-se numa das marcas do século XVIII e num dos elementos centrais da formação da esfera pública burguesa, tendo desempenhado um papel importantíssimo na vida intelectual da época e na difusão de ideias e de informação. Juntamente com o livro, o periódico ocupou um lugar fundamental no projeto iluminista e assumiu-se como fonte de e instrução na tarefa de reformar os costumes e educar a sociedade. Condição para o exercício da racionalidade e para a emancipação do homem, a educação foi compreendida, no Século das Luzes, como a conjunção entre conhecimento e moralidade, e o jornalismo cultural se tornou instrumento vital para a viabilização das ambições pedagógicas e educacionais de seus praticantes. (VASCONCELOS, 2002, p. 151).

De certa forma, apesar de falar sobre o mesmo tema, a sensação que o narrador nos passa é de que sua argumentação é vazia, ou fora de contexto, de modo que nada pode acrescentar à evolução dentro das expectativas de conhecimento almejadas por ela própria. Ao aplicar no romance a discussão a respeito do Iluminismo, Austen apenas autoriza a visão trazida por Elizabeth e, portanto, deixa demarcada sua crítica dentro desses termos, que recusam o exagero. Outro exemplo em torno da conduta de Mary pode nos ser útil na medida em que nos permite compreender a argumentação construída aqui:

– Qual pode ser o significado de tal enfática exclamação?, exclamou ele. Você considera as formas de apresentação e a pressão que se deposita nelas como bobagem? -- Não posso concordar muito com você nisso. O que diz Mary? Pois você é uma jovem dama de reflexão, eu sei, lê grandes livros e faz resumos. Mary desejou dizer algo sensível, mas não soube como. (O&P, 2012, p. 8).¹⁹³

Neste fragmento, o tema é a apresentação do Sr. Bingley às senhoritas Bennet mediante uma necessária visita do patriarca da família ao novo morador de Netherfield. Na

¹⁹² Trad. p. 108: “in short, that Austen mocked in *Pride and Prejudice* when she had Mary Bennet speak the conduct book clichés in all their tiresome perfection.” (ARMSTRONG, 1987).

¹⁹³ Trad. p.232-233: “- What can be the meaning of that emphatic exclamation? Cried he.- Do you consider the forms of introduction, and the stress that is laid on them, as nonsense? I cannot quite agree with you there. What say you, Mary? For you are a young lady of deep reflection, I know, and read great books and make extracts. Mary wished to say something sensible, but knew not how” (P&P, 2012).

visita, ele questiona a moça a respeito desta regra de conduta, mas dela nada de relevante consegue extrair. A ironia vinda por meio da figura paterna está especialmente demarcada pelo aspecto da leitura de grandes livros, cujo hábito se demonstra na ideia de que, dessas leituras, são feitos resumos. Cabe ainda dizer que, em termos quantitativos, o número de passagens textuais nas quais temos Mary lendo é certamente maior do que as que vemos a protagonista, no entanto, percebemos nesta dosagem um artifício do qual Austen se utiliza justamente para que, dessa maneira, o estranhamento da falta de conteúdo absorvido fique explícito.

Aqui, vale lembrar que só podemos nos apoiar, em termos de análise literária, nessa interpretação na medida em que percebemos, pelo viés da forma, que passamos a recuperar determinados aspectos da sociedade que transparecem quando conseguimos a romper certas estratégias de contenção, que no caso de Mary é vista, primeiro, como uma virtude, “a moça empenhada”, mas após uma leitura um pouco mais criteriosa, em termos de segundo nível, conforme propõe Jameson (1992), percebemos a existência de certa dose de contradição ao constatarmos que, apesar de toda uma ânsia pelo conhecimento (conteúdo), há uma contração por meio da organização formal do texto, pois a jovem, de modo bastante ingênuo, acredita dominar o conhecimento, mas, na verdade, acaba por contradizer toda sua aparente intelectualidade.

O movimento dialético aqui proposto só se torna viável a partir da quebra da idealização dessa leitora dita perfeita. Apenas por meio de uma dialética junto à investigação do caráter estético com que Austen trabalha ao construir suas personagens é que conseguimos nos desvencilhar do conteúdo manifesto, percebendo o quanto a discussão ideológica na qual a autora se pauta defende justamente o contrário do que está sendo visto no primeiro horizonte de leitura da personagem Mary.

Outra personagem que apresenta uma posição contrária a de Elizabeth no tocante à leitura é o primo Collins. O clérigo é o futuro herdeiro da propriedade dos Bennets¹⁹⁴ e por esta razão decide estreitar suas relações com uma das moças, para que dela frutifique um possível casamento. De fato, esse ato também favoreceria o futuro financeiro das primas. As formalidades iniciam-se a partir do envio de uma carta com o pedido de permissão para sua

¹⁹⁴ As propriedades eram sempre herdadas por alguém do sexo masculino, dessa forma, pela simples razão de que o Sr. Bennet não havia tido filhos homens, a herança ficou vinculada ao parente mais próximo, aqui representado pelo personagem do Sr. Collins.

visita, Selecionamos um pequeno trecho da carta por esse personagem enviada, com o intuito de ampliarmos a discussão:

(...) – Sinto ser meu dever promover e estabelecer a bênção da paz em todas as famílias no alcance de minha influência; e, nestes termos regozijo-me que minhas atuais propostas sejam altamente recomendáveis que a circunstância de eu estar próximo a herdar a propriedade de Longbourn será bondosamente despercebida de sua parte (...). (O&P, 2012, p. 42).¹⁹⁵

E na sequência vemos as diferentes reações que a missiva provoca em cada um deles.

Vejamos a resposta de Elizabeth:

– Ele deve ser singular, eu acho, ela disse. Não posso imaginá-lo. Há algo muito pomposo em seu estilo. E o que ele quis dizer ao se desculpar por ser o próximo a herdar a propriedade? Não podemos supor que ele evitaria se pudesse. Poderia ele ser um homem sensível, senhor?
 – Não minha querida, não acho. Tenho grandes esperanças de descobrir que ele é justamente o contrário. Há uma mistura de servidão e autoimportância que promete muito. Estou impaciente para vê-lo.
 – Em sua redação, disse Mary, a carta não parece imperfeita. A ideia do ramo de oliveira não é inteiramente nova, embora eu a ache muito bem colocada. (O&P, 2012, p. 43).¹⁹⁶

Alguns pontos devem ser levantados aqui. Em primeiro lugar, atentamos ao fato de Lizzy começar a desvendar os aspectos mais pertinentes da figura do senhor Collins, por meio da “leitura que faz dele via texto”, a singularidade por ela observada escapa aos olhos da irmã que apenas se concentra na forma com a qual ele estabelece contato. De certo modo, podemos pensar que assim como ela faz com os conceitos que estuda em seus livros e periódico, que em suma são a mera redução de uma linguagem decorada, aqui, ela faz uso de um processo tão formal quanto, preocupando-se em trazer à tona apenas concepções cristalizadas da elaboração textual. No entanto, a protagonista não fica atenta à singularidade da escrita de Collins e promove a ideia de que esse comportamento não parece adequado e sua fala destaca certo grau de estranhamento na atitude que chama de singular. Com o avançar dos capítulos, perceberemos que não passou de um artifício de “bajulação” para obter permissão de visitá-

¹⁹⁵ Trad, p. 257: “– (...) *I feel it my duty to promote and establish the blessing of peace in all the families within the reach of my influence; and on these grounds I flatter myself that my present overtures are highly commendable, and that the circumstance of my being next in the entail of Longbourn state will be kindly overlooked on your side, (...)*” (P&P, 2012, grifos do autor).

¹⁹⁶ Trad, p. 258: “– He must be an oddity, I think said she.

– I cannot make him out. There is something very pompous in his style. And what can he mean by apologizing for being the next entail? We cannot suppose he would help it if he could. Could he be a sensible man, sir?

– No, my dear, I think not. I have great hopes of finding him quite the reverse. There is a mixture of servility and self-impotence in his letter, which promises well. I am impatient to see him.

– The point of composition, said Mary, – The letter does not seem defective. The idea of the olive-branch is not wholly new, yet I think it is well expressed.” (P&P, 2012).

los, pois, segundo diz o clérigo, algumas passagens a frente, é medida de praxe da parte dele elaborar tais “arranjos”.

Outra situação no romance que corrobora para a interpretação do Sr. Collins, cujo papel será crucial para a compreensão do fato de Elizabeth não aceitar se casar com Collins, pode ser delineada a partir da perspectiva de cada um deles acerca de suas escolhas de leitura, que ele assim sugere após um jantar com as primas.

Por volta da hora do chá, porém, a dose fora suficiente e o senhor Bennet ficou satisfeito em conduzir seu convidado para a sala de estar novamente, e quando o chá acabou, satisfeito em convidá-lo para ler em voz alta para as damas. O senhor Collins assentiu prontamente e um livro surgiu; mas ao observá-lo (pois tudo anunciava ser de uma biblioteca circulante), ele se retraiu pedindo desculpas, declarou que nunca lia romances. Kitty o encarou e Lydia ficou admirada. Outros livros apareceram e, depois de alguma deliberação, ele escolheu os “Sermões”, de Fordyce. Lydia bocejou enquanto ele abria o volume e antes que ele tivesse com uma muito monótona solenidade, lido três páginas, ela o interrompeu com:

– Sabe, mamãe, que meu tio Philips fala em demitir Richard; e, se ele o fizer, Coronel Foster o contratará. Foi minha própria tia que me disse no sábado. Devo ir a Meryton amanhã para saber mais e para perguntar quando Sr. Denny volta da cidade.

Suas duas irmãs mais velhas pediram a Lydia que ficasse calada; mas Sr. Collins, muito ofendido deixou seu livro de lado e disse:

– Frequentemente tenho observado como tão pouco as jovens damas se interessam por livros de séria impressão, embora escritos apenas para o benefício delas. Isso me surpreende, confesso; pois, certamente, nada pode ser mais vantajoso para elas quanto a instrução. Porém não mais importunarei minha jovem prima. (O&P, 2012, p. 45).¹⁹⁷

Muito vai ser extraído deste fragmento do romance, iniciando por poder dizer que Austen, em quase todos os romances, a começar por *Razão e Sensibilidade*, aborda (quando se trata do assunto da leitura) a noção da leitura em voz alta, mesmo quando esta prática, que pouco a pouco passa a dar força ao modo individual, faz-se presente, pois, de um modo geral,

¹⁹⁷ Trad. p. 259-260: “by the tea- time, however, the dose had been enough, and Mr. Bennet was glad to take his guest into the drawing-room again, and, when tea was over, glad to invite him to read aloud to the ladies. Mr Collins readily asserted, and a book was produced; but on beholding it (for everything announced it to be from a circulating library), he started back, and begging pardon, protested that he never read novels. Kitty started at him, and Lydia exclaimed. Other books were produced, and after some deliberation he chose Fordyce’s Sermons. Lydia gaped as he opened the volume, and before he had, with very monotonous solenity, read three pages, she interrupted him with:

– Do you know, mama, that my uncle Phillips talks of turning away Richard; and if he does, Coronel Foster will hire him, My aunt told me so herself on Saturday. I shall walk myself to Meryton tomorrow to hear more about it, and to ask when Mr. Denny comes back from town.

– Lydia was bid by her two eldest sisters to hold her tongue; but Mr. Collins, much offended, laid aside his book, and said:

– I have often observed how little young ladies are interested by books of a serious stamp, though written solely for their benefit. It amazes me, I confess; for, certainly, there can be nothing so advantageous to them as instruction. But I will no longer importune my young cousin.” (P&P, 2012).

ela funciona com um meio de propagação do saber na medida em que contextualizamos essa ideia com dois fatores específicos do momento histórico com o qual trabalhamos; primeiro, o alto custo dos livros, o que de certo modo dificulta aquisição constante; e segundo, o fato de que a leitura em voz alta ajudaria a propagar o conhecimento para quem não poderia ler, por não ter sido alfabetizado.

Os aspectos gerais desta conduta, os quais acabamos de destacar, no entanto, aqui não parecem ser os motivos aplicáveis, uma vez que o próprio fragmento anuncia que ao personagem foram oferecidos diversos títulos, incluído aqueles que a família teve a chance de emprestar por um período, por meio de uma biblioteca circulante. Ainda a respeito desses ambientes, Benedict (2000, p. 164, tradução nossa) nos ajuda a compreender as razões em torno da recusa de ler livros provenientes destes espaços:

(...) Bibliotecas circulantes eram empresas comerciais com fins lucrativos em um mundo de leitores itinerantes que não possuíam ligações entre si ou com os proprietários de tais estabelecimentos de empréstimo. Se os assinantes gerissem sua própria biblioteca como parte de um pequeno grupo, em contrapartida clientes de bibliotecas circulantes eram obrigados a escolher entre a seleção dos empreendedores da biblioteca.

(...) Essa cultura comercial foi identificada com a do desejo feminino. Bibliotecas circulantes há muito tempo atraíam críticas por sua propagação feita aos romances sobre o amor pela autoridade parental. Apesar do fato de que menos de 30 por cento dos leitores de romances eram mulheres no século XVIII, a biblioteca circulante foi culturalmente entendida como feminina. Prólogo simulado de George Colman para Polly Honeycombe invoca Romance.¹⁹⁸

Vasconcelos, (2007, p. 209) é quem completa a explicação acerca dessa problemática dizendo:

A enxurrada de produções medíocres saía das prensas para abastecer as prateleiras dos gabinetes de leitura era recebida sem nenhuma complacência. Muitas obras eram despachadas com um comentário curto e incisivo, como ‘*execrable stuff*’ (‘traste execrável’) ou ‘*miserable trash*’ (‘lixo miserável’).

Realizadas as devidas e necessárias colocações teóricas nas quais nos apoiamos a fim de desenvolver nossa argumentação, passaremos então a levantar outros aspectos, a iniciar

¹⁹⁸ Trad. p. 164: “(...) Circulating libraries were commercial enterprises run for profit in a world of mobile readers with no necessary connection to one another or the proprietors of the library. If subscribers devised their own library as part of a small group, costumers of circulating libraries in contrast were obliged to choose from among the selection of the library’s entrepreneurs. (...) This commercial culture was indentedified with female desire. Circulating libraries had long attracted criticism for their promotion of romances about love unlicensed by parental authority. Despite the fact that less than 30 percent of novel readers were women in the eighteenth century, the circulating library was culturally understood as feminine. George Colman’s mock prologue to *Polly Honeycombe* invokes Romance.” (BENEDICT, 2000).

dizendo que, no trecho mencionado do romance, a leitura indicaria, por meio da forma, como foram feitos dois possíveis caminhos de interpretação. No primeiro, seria apenas o modo o qual a família usa para se reunir e compartilhar de reflexões a respeito daquilo que é lido, fazendo propícia a circulação de conhecimento entre seus membros. Mas na ocasião em especial, o que parece estar mais favorecido, no entanto, é o fato de que, após receber as primeiras falas deste hóspede no jantar, o senhor Bennet quer, com o convite para leitura, propiciar a ele e à sua filha Elizabeth (que está curiosa para desvendar as intenções do rapaz), um modo de vê-lo exhibir-se via expressão do intelecto.

Sendo assim, feita a escolha pela única obra citada no romance, a saber, *The Fordyce Sermons*,¹⁹⁹ cujo título é *Sermons to Young Women* (1766),²⁰⁰ dir-nos-á muito a respeito do próprio modo de pensar e agir do jovem clérigo, bem como a respeito de Elizabeth, que, juntamente com suas irmãs, aparece, ainda que indiretamente, como uma leitora de romances.

Parece ser evidente que um clérigo fosse escolher ler sermões ao invés de romances. Acontece que, por ser o taciturno e formal personagem quem lê, ficamos com a nítida impressão de que, mesmo se tratando de um eficiente recurso educativo para mulheres, o texto passa a ser esvaziado por completo em termos de validação por ser professado por ele, pois, na realidade, veremos que seu papel é apenas daquele que representa a função de um “orador educando ao rebanho”. A cada passo que dá, Collins apenas prova não se enquadrar nas indispensáveis noções que tão enfaticamente defende Ler, nesse sentido, torna-se, então, apenas mais uma das funções de sua posição, que em nenhum outro momento além deste (no qual apenas quer dar uma lição de moral) leva a prática a sério.

Um dos exemplos que podem comprovar nossa argumentação acontece ao longo do capítulo 18, quando o Sr. Collins, valendo-se de suas noções de boas maneiras, acha-se no direito de se apresentar ao Sr. Darcy, sem o intermédio de uma terceira pessoa a quem ambos compartilhassem de algum tipo de relacionamento prévio. Se pensarmos na quebra de decoro, quando o Sr. Collins, de forma deliberada, toma a iniciativa de se apresentar ao até então desconhecido senhor Darcy, vemos o quão desproporcional seu papel de “educador se torna”,

¹⁹⁹ Obra escrita por James Fordyce D. D. (1720-1796), escocês que atuava como ministro da igreja Presbiteriana.

²⁰⁰ Os sermões possuem a seguinte divisão temática, tradução nossa: “a respeito da importância do sexo feminino, especialmente as mais jovens, A respeito da aparência discreta, A respeito da reserva feminina, a respeito da virtude feminina, amizade e discurso, A respeito das virtuosas e elegantes habilidades domesticas, A respeito da piedade na mulher, A respeito das boas obras, A respeito da mansidão feminina, A respeito da virtude da mulher em suas capacidades intelectuais.” (FORDYCE, 1809, s/p).

Trad. p.: On the importance of the female sex, especially the younger part, On modesty of appeal, On female reserve, On female virtue, On female virtue, friendship and conversation, On female virtue with domestic and elegant accomplishment, On female Piety, On good works, On female meekness e, por último, tem como temática o seguinte tópico, On female virtue with intellectual accomplishments.

especialmente aos olhos de Elizabeth, cuja função, inclusive, passa a ser o de alertá-lo contra essa decisão imprudente, que em última instância acaba expondo sua família ao maldizer de todos aqueles que a incomum atitude presenciaram. Percebamos que a segurança em sua falsa superioridade atribuída à posição e aos estudos não passa de uma armadilha que o leva a ficar sempre beirando ao espaço do ridículo; enquanto sua prima, que é por ele considerada menos sábia, enxerga todo esse processo de distanciamento da moral pregada, que de fato está longe de por ele ser vivenciada.

A sua atitude perante a leitura dos sermões nos dá a ideia de que aquilo para ele seria quase que um ornamento que promoveria sua conduta “irrepreensível” ao considerar aquele como o único livro dentre todos os oferecidos a trazer algo que demonstrasse o seu modo de pensar na medida exata. Mais do que isto, ao buscar nos sermões a leitura ideal, autoriza-nos a pensar que a escolha possa apontar para qualidades e obrigações que espera de uma esposa.

Em contrapartida, ao desautorizar por completo a credibilidade do saber vinculado ao rapaz, Austen, de maneira sábia, esboça (ainda que de modo não tão recorrente, pois apenas neste trecho da obra cita os romances) sua defesa em torno do gênero que tem sua “imagem” vinculada na época a um subgênero. Vejamos o que apresenta Vasconcelos (2007) sobre este aspecto:

(...) Aqueles que por primeiro tornaram a *leitura de romances* um ramo indispensável para a formação das mentes das jovens tem muito o que responder. Sem a instilação deste veneno, no sangue, as mulheres na vida comum não teriam sido tanto escravas do vício. A alimentação simples, o ar saudável, e o exercício de que desfrutavam as teriam livrado das paixões ilícitas e como suas virtuosas avós, elas teriam apontado o dedo de vergonha aos impuros e licenciosos (...). (VASCONCELOS, 2007, p. 196).²⁰¹

É interessante pensar que, ao colocar duas formas de instrução de mundo, pois neste sentido o romance também o é, do contrário não causaria tanto desconforto aos que o viam de modo pejorativo, é que Austen parece elevar o impedimento de sucesso dessa união em termos de linguagem. Quem nos permite compreender melhor a questão da linguagem na qual nos apoiamos é Armstrong (1987, p. 138, tradução nossa), que completa nosso raciocínio afirmando:

(...) Os procedimentos de leitura e escrita se estendem além da página para a pista de dança e sala de estar. Eles sugerem que as relações entre os sexos são, antes de mais nada, um contrato linguístico. E na medida em que o romance limita seu teatro de ação a uma perspectiva em que as relações

²⁰¹ Artigo originalmente publicado no *Monthly Mirror*, de novembro de 1797, autor desconhecido (*apud* VASCONCELOS, 2007), grifos do autor.

sociais são determinadas por relações entre eles, o contrato linguístico também passa a ser um contrato social.²⁰²

Afinal, é quase impossível não perceber que as personagens caminham dentro de perspectivas opostas de concepção de mundo. Sem deixar de pensar que no romance também houve um grande esforço em “educar” aos leitores (a própria autora o faz quando apresenta esses “tipos” por meio do uso de uma linguagem irônica), a posição de Collins é a de uma total negação desse produto cultural. Benedict (2000) complementa nossa argumentação em torno da falta de credibilidade deste personagem:

“Muito melhor equiparado a um pastor do que a um leitor”, ainda que mostrado como um homem de conhecimentos, Collins, “normalmente aparece envolvido com um dos maiores fólhos na coleção, mas, na realidade, está a falar com o Sr. Bennet”, penetra o santuário masculino do Sr. Bennet a fim de fofocar (71). Para afirmar a sua importância, ele escolhe um livro que simboliza a cultura de elite em estilo e forma, “um dos maiores fólhos na coleção”. Tanto para ele, como para Caroline Bingley, os livros são adereços. Embora ele apareça na biblioteca Mr. Bennet, ele não faz mais do que em sua própria, onde ele perpetuamente olha para fora da janela em busca de Lady Catherine de Bourg. No entanto, ele defende a leitura como melhoria moral para as mulheres (BENEDICT, 2000, p. 186, tradução nossa).²⁰³

Arelado à ideia tratada por Benedict neste trecho está o fato de se trazer à tona a perspectiva que, para Collins, vem pautada pelo modo jornalístico e factual de leitura com o qual este personagem se habituou a encarar as situações sociais e cotidianas. Sendo considerado desse modo, percebemos, por exemplo, o motivo pelo qual as noções alheias de mundo não parecem fazer muito sentido a ele, uma vez que os fatos apenas devem se constituir de uma única forma de explicação por ele escolhida que, como já adiantamos nos parágrafos anteriores, é o de cunho religioso, pautada no puritanismo inglês.

Portanto, seria de pouquíssima valia acreditar que um leitor cujo processo de intelectualização se concentra em absorver do texto apenas suas superficialidades, ou para utilizarmos um dos termos do teórico Jameson, o “conteúdo manifesto”, poderia agregar

²⁰² Trad. p. 138: “(...) The procedures for reading and writing extend beyond the page to the dance floor and parlor. They suggest that sexual relations are, before anything else a linguistic contract. And inasmuch as the novel confines its theater of action a framework where social relations are determined by sexual relations, the linguistic contract is a social contract as well.” (ARMSTRONG, 1987).

²⁰³ Trad. p. 186 “ ‘Much better fitted for a Walker than a reader’, yet posing as a man of learning, Collins, ‘normally engaged with one of the largest folios in the collection, but really talking to Mr. Bennet’, penetrates Mr. Bennet’s male sanctuary to gossip (71). To assert his weightiness, he chooses a book that symbolizes elite culture by style and format, “one of the largest folios in the collection”. For him as for Caroline Bingley, books are props. Although he lingers about Mr. Bennet library, he does no more there than in his own, where he perpetually looks out of the window in search of Lady Catherine De Bourg. Nonetheless, he advocates reading as moral improvement for women.” (BENEDICT, 2000).

referência tanto à Elizabeth quanto a qualquer outro personagem, como é o caso de Lady De Bourgh, a quem ele está subordinado. Assim, não há motivo para que ele se torne um ponto de referência no quesito troca ou aprimoramento intelectual, pelo contrário, são essas duas mulheres que demonstram e de alguma forma minimalista controlam (em especial quando se trata da aristocrata) todo seu modo de agir, direcionando-o segundo sua autoridade, já que falta a ele a profundidade argumentativa que, aqui, no caso as duas mulheres em questão, apresentam e provam serem superiores a dele.

Uma das maneiras de encarar a ideia de que o primo dos Bennets não passa de um medíocre leitor se dá pelo fato de que sua conduta como tal aponta mais e mais para a tendência especulação, tanto que esse comportamento por diversos momentos se faz pautado nessa conduta, conforme vemos retratado pelo fragmento já comentado e exposto a seguir:

- Você não irá se apresentar ao Sr. Darcy!
- Claro que vou. Devo rogar pelo seu perdão por não tê-lo feito antes. Acredito que ele seja o sobrinho de *Lady Catherine*. Estará em meu poder assegurá-lo que a dama estava muito bem na semana passada. Elizabeth se esforçou muito para dissuadi-lo de tal plano, garantindo que o Sr. Darcy consideraria sua abordagem sem que fosse apresentado como uma liberdade impertinente, ao invés de um cumprimento para a tia dele; que não era minimamente necessário haver alguma notícia de ambos os lados; e que, se houvesse, deveria vir do Sr. Darcy, o superior a ele, a iniciativa de iniciar o relacionamento. O senhor Collins ouviu-a com o ar determinado de seguir sua própria vontade e, quando ela parou de falar, assim ele replicou:
- Minha querida Srta. Elizabeth, tenho a mais alta opinião sobre seu excelente julgamento em todas as questões dentro do escopo de seu entendimento; mas, permita-me dizer, que há uma ampla diferença entre as formas estabelecidas de cerimônia entre os laicos e aquelas que regulam os clérigos; pois, dando-me licença para observar que eu considero o ofício clerical igual, em termos de dignidade, à posição mais alta do reino - dado que uma apropriada humildade de comportamento seja mantida, ao mesmo tempo. Você deve, portanto, permitir-me seguir os ditames da minha consciência nessa ocasião, que me leva a executar o que considero como ponto do dever. Perdoe-me por negligenciar os lucros do seu conselho, que em qualquer outro assunto deverá ser meu guia constante, embora no caso diante de nós eu me considere mais adequado, pela educação e habitual estudo, a decidir o que é certo, do que uma jovem dama como você? (...) O Sr. Darcy o olhava com irrestrita maravilha (...). (O&P, 2012, p. 62-63).²⁰⁴

²⁰⁴ Trad. p. 272-273: “–You are not going to introduce yourself to Mr. Darcy!

– Indeed I am. I shall entreat his pardon for not having done it earlier. I believe him to be Lady’s Catherine’s nephew. It will be in my power to assure him that her ladyship was quite well yesterday se’nnight.

Elizabeth tried hard to dissuade him from such scheme, assuring him that Mr. Darcy would consider his addressing him without introduction as an impertinent freedom, rather than a compliment to his aunt; that it was not in the least necessary there should be any notice on either side; and that if it were, it must belong to Mr. Darcy, the superior in consequence, to begin the acquaintance. Mr Collins listened to her with the determined air of following his own inclination, and, and when she ceased speaking, replied thus:

– My dear Miss Elizabeth, I have the highest opinion in the world in your excellent judgment in all the matters within the scope of your understanding; but permit me to say, that there must be a wide difference between the established forms of ceremony amongst the laity, and those with regulate the clergy; for, give me leave to

O caráter especulativo nasce justamente do fato de que Collins acredita ser esta uma maneira interessante de se reportar ao aristocrata trazendo assuntos para conversas vazias. A mesma atitude se reproduz quando o assunto é leitura, pois, para ele, esse processo o “auxilia” a desenvolver suas relações com pessoas com as quais sem esse artificial esforço seria incapaz de atrair ou, ainda que de modo superficial, envolver-se. Atividades cuja funcionalidade se estabelece a partir da necessidade que possui de satisfazer tanto a um ímpeto egocêntrico de sua parte, bem como o ego daqueles que estão a sua volta.

A incapacidade evidente que o rapaz demonstra ter ao não discernir o erro de conduta ao apresentar-se sem um intermediador conhecido, ajuda-nos a construir um paralelo com o parâmetro de leitura superficial, cujo intuito final vem de encontro com o que nos apresenta Altick (1998, p. 318), o leitor de massa,²⁰⁵ que de modo geral dividiria o tempo de leitura com outros desses afazeres cotidianos, como é o caso desse personagem.

Percebemos que a segurança, a falsa superioridade atribuída à posição e aos estudos, não passa de uma armadilha que o leva a ficar sempre beirando o espaço do ridículo, enquanto sua prima, que é por ele considerada menos sábia, enxerga todo esse processo de distanciamento da moral pregada, a qual, de fato, está longe de por ele ser vivenciada. É justamente por meio da aplicabilidade (ou falta dela) que a autora inglesa nos permite considerar vitais as contradições que desabrocham a partir e por meio da conduta de leitor que cada uma dessas personagens possui. O caráter estético²⁰⁶ vem demarcado no trecho que escolhemos expor poucas linhas acima, dando o devido destaque a determinados pontos do enredo de *Orgulho e Preconceito*, como os quais estamos trabalhando.

observe I consider the clerical office as equal in point of dignity with the highest rank in the kingdom- provided that a proper humility of behavior is at the same time maintained. You must therefore allow me to follow the dictates of my conscience on this occasion which leads me to perform what I look on as a point of duty. Pardon me for neglecting to profit by your advice, with on every other subject shall be my constant guide though in the case before us I consider myself more fitted by education and habitual study to decide on what is right than a young lady like yourself.

(...) Mr. Darcy was eyeing him with unrestrained wonder (...).” (P&P, 2012).

²⁰⁵ Lembrando que o público de massa se restringe, aqui, à burguesia que busca atualizar-se por meio da leitura diária de periódicos, que, conforme já havíamos discutido previamente dentro do capítulo primeiro, encontra neste artifício cultural uma maneira de estarem informados sem que para isso necessitem dispor de um grande período do dia, como é o caso daqueles que optam pela leitura de livros. No caso da personagem de Collins, parece-nos interessante salientar que apesar deste ser um leitor de sermões, a ideia aqui expressada pode ser considerada equivalente.

²⁰⁶ Dizemos ser este um caráter estético, pois, como vemos no fragmento, não há qualquer menção ao ponto da leitura ou do leitor que este personagem representa, contudo, parece não ser difícil de perceber o quanto essa falta de aplicabilidade dos conceitos que propaga em sua fala ao ler os sermões para as primas, aqui, fica devidamente ilustrada por meio da construção textual promovida por Austen.

O contexto para ele é visto como algo irrelevante e, portanto, pouco ou nada interessa considerar o fato de que a leitura pode ser boa ou má. É justamente desse fator que Austen depende quando parece considerar tanto a necessidade de se contextualizar determinada obra literária, dotando-a de maior ou menor relevância. Por meio principalmente da conduta da jovem Elizabeth, percebemos que ela, como autora, garante a eficácia desse hábito da leitura de certo texto, uma vez que a jovem procura sempre estar ponderando os pareceres pautada na reflexão em ocasiões distintas, em oposição às características ironizadas na figura de Collins.

Toda essa incompatibilidade irá culminar na categórica rejeição por parte de Elizabeth, que, após perceber toda a máscara que o primo mantém dentro de uma expressão de polidez e superioridade, não tem dúvidas ao promover este passo (que demarca uma possível falta de segurança), em termos de suporte financeiro e pessoal, na medida em que é apenas por meio do casamento que a mulher terá acesso a tais questões. Vickery nos ajuda a compreender em detalhes essa dependência feminina junto ao pai ou esposo.

São as ‘esferas distintas’ úteis para uma descrição da vida das mulheres? Será que as esposas e filhas de elites do século XVIII se assemelham a anjos do lar, confinadas a uma esfera privada? Certamente é indiscutível que a maioria das mulheres nos XVIII e início do século XIX foi associada principalmente a casa e aos filhos, enquanto senhores controlavam a maioria das instituições públicas. (...) A vida dessas mulheres ‘se assemelhava a um progresso imponente através reconhecidas posições – empregada, esposa, mãe e, se tivessem sorte, viúvas e avós – com diferentes direitos e liberdades associadas a cada papel. (VICKERY, 1998, p. 7-8, tradução nossa).²⁰⁷

Quem completa essa discussão a respeito das esferas e do papel da mulher na geração de herdeiros é Gay (2010, p. 254-255, tradução nossa):

A segurança da transferência das propriedades entre gerações dependia primeiro da capacidade biológica da mulher a ter um herdeiro masculino, geralmente com uma ou duas esferas para o seguro. A incapacidade de gerar um herdeiro do sexo masculino poderia significar transferência da preocupação da família para um homem de parentesco distante; tal falha aparece no enredo de *Orgulho e Preconceito*, *Emma*, e *Persuasão*. A capacidade biológica tinha de ser conduzida, no entanto pela educação que iria dissuadir uma mulher de produzir um herdeiro ilegítimo, com o perigo de ter sua herança contestada. Jane Austen, ao contrário de muitos romancistas contemporâneos, ignora esta possibilidade a fim de enfatizar a potencial contribuição moral, intelectual, social e cultural das mulheres com base em educação, a propriedade da família.

²⁰⁷ Trad. p. 7-8: “is ‘separate spheres’ useful as a description of women’s lives? Did the wives and daughters of eighteenth-century elites resemble domestic angels, confined to a private sphere? Certainly it is incontrovertible that the majority of eighteenth- and early nineteenth-century ladies were primarily associated with home and children, while gentlemen controlled the majority of the public institutions. (...) Ladies’ lives resembled a stately progress through recognized stations- maid, wife, mother and, if she was lucky, widow, dowager and grandmother- with different duties and liberties attached to each role.” (VICKERY, 1998).

Ela de modo semelhante desloca a ênfase no tratamento de segunda maior contribuição das mulheres para uma propriedade – discutindo capital ou propriedade no casamento. Todas as heroínas de Austen, exceto para Emma são quase Cinderelas, trazendo para o casamento mais do capital intelectual, moral e cultural acumulado por meio da educação que o dinheiro ou a propriedade necessária para o que foi chamado de “melhoria” da propriedade. Melhora foi de dois tipos relacionados: investimento e despesas. O investimento em infraestruturas poderia aumentar a produtividade e os aluguéis de uma propriedade e, assim, sua capacidade de sustentar as despesas dos seus proprietários no consumo conspícuo socialmente simbólico.²⁰⁸

No entanto, observa-se o surgir de uma atitude contrária, pois Elizabeth decide por manter preservada apenas a sua integridade em termos intelectuais e mentais. Gostaríamos de apontar isso por meio de um trecho em que podemos observar bem estas suposições, já vistas via processo de escolhas de leitura, conforme discutimos acima. A ideologia formal apresentada no fragmento que exporemos abaixo nos dará uma ideia de como essa perspectiva ideológica (dita no terceiro nível), de cada um deles, fica evidente ao se expressarem:

- Você é muito precipitado, senhor, ela exclamou. Você se esquece que eu nada respondi. Deixe-me fazê-lo sem perda de tempo. Aceite meus agradecimentos pelo elogio que faz a mim. Sou sensível à honra de suas propostas, mas me é impossível fazer qualquer outra coisa senão decliná-las.
- Não estou aqui para aprender, agora, replicou o senhor Collins, como ondear formal da mão, que é habitual das jovens damas rejeitarem as iniciativas do homem a quem elas desejam secretamente aceitar, quando ele pede a mão; e que se às vezes, a recusa é repetida pela segunda ou mesmo pela terceira vez. Portanto não estou desencorajado de modo algum pelo que você acabou de dizer e devo esperá-la conduzir ao altar rapidamente.
- Com minha palavra, senhor disse Elizabeth, sua esperança é bem extraordinária depois de minha declaração. Eu lhe asseguro que não sou uma destas jovens damas (se é que há tais damas) que são tão ousadas a arriscar sua felicidade pela oportunidade de serem pedidas em casamento uma segunda vez. Sou totalmente séria em minha recusa. Você não poderia me fazer feliz e estou convencida de que eu sou a última mulher no mundo que poderia lhe fazer assim. Não, fosse sua amiga Lady Catherine me conhecer, e ela me acharia a mais inapta para situação em todos os aspectos.

²⁰⁸ Trad. p. 254-255: “first secure generational transfer of propriety depended on woman’s biological ability to bear a male heir, usually with one or two spares for insurance. Failure to produce a male heir could mean transference of the family concern to a distant male relative; such failure underpins the plot of *Pride and Prejudice*, *Emma*, and *Persuasion*. Biological ability had to be governed, however by education that would deter a woman from producing an illegitimate heir, with potentially ruinous contested inheritance. Jane Austen, unlike many contemporary novelists, ignores this possibility to emphasise women’s potential moral, intellectual, social and cultural contribution based on education, to the family estate. // She similar shifts emphasis in treating women’s second major contribution to an estate – bringing capital or propriety in marriage. All Austen’s heroines except for Emma are almost Cinderellas, bringing to marriage more of intellectual, moral and cultural capital accumulated through education than the cash or propriety necessary for what was called ‘improvement’ of the estate. Improvement was of two related kinds: investment and expenditure. Investment in infrastructure could increase an estate’s productivity and rents and thus its ability to sustain its owners’ expenditure on socially symbolic conspicuous consumption.” (GAY, 2010).

– (...) E você pode estar certa de que eu, ao ter a honra de vê-la novamente, deverei falar nos termos mais altos de sua modéstia, fugacidade e outras adoráveis qualificações.

– De fato, Sr. Collins, todos os elogios sobre mim são desnecessários. Você deve me permitir julgar por mim mesma e prestar-me a deferência de acreditar no que eu digo. (O&P, 2012, p. 67-68).²⁰⁹

O casamento envolve questões familiares como a herança da propriedade ou, até mesmo, a garantia de uma permissão prévia recebida pela mãe da jovem; por este motivo consideramos que o clérigo utiliza tal privilégio de exercitar seu repertório, acreditando ser dever partir dele este passo para a formalização deste pedido, que devido a estas circunstâncias explicitadas acima já é dado como certo. As respostas dele deixam transparecer, mediante a recusa, que tudo o que é dito por ela é visto como uma tentativa de prolongar as expectativas do futuro esposo, uma espécie de galanteio feminino, pois, prestando-se a este papel, a protagonista deixaria transparecer sua modéstia e capacidade de submissão ao homem que em tese já teria o futuro dela em suas mãos por garantir a manutenção de Longbourn. Na medida, porém, em que o diálogo avança, somos obrigados a perceber que esta “estratégia de sedução” só é algo que alguém como ele poderia supor, já que todo repertório de ideias do rapaz giram sempre neste mesmo parecer dos livros de conduta,²¹⁰ indicando a plasticidade nos modos mais “tradicionais” de hipoteticamente se pensar o comportamento feminino. Quando sugerimos que os livros de conduta são meios tradicionais, estamos especialmente nos atentando ao fato de que eles precedem o surgimento do romance, que não deixa de representar um novo meio de conduzir a conduta feminina, basta pensar nos

²⁰⁹ Trad. p. 277: “– You are too hasty, sir, she cried. You forget that I have made no answer. Let me do it without further loss of time. Accept my thanks for the compliment you are paying me. I am very sensible of the honour of your proposals, but it is impossible for me to do otherwise than to decline them.

– I am not now to learn, replied Mr. Collins, with a formal wave of the hand, this is usual with young ladies to reject the addresses of the man whom they secretly mean to accept, when he first applies for their favour; and that sometimes the refusal is repeated a second, or even a third time. I am therefore by no means discouraged by what you have just said, and shall hope to lead to the altar ere long.

– Upon my word sir, cried Elizabeth, your hope is rather extraordinary one after my declaration. I do assure you that I am not one of those ladies (if such young ladies there are) who are so darling to risk their happiness on the chance of being asked a second time. I am perfectly serious in my refusal. You could not make me happy, and I am convinced that I am the last women in the world who could make you so. Nay, were your friend Lady Catherine to know me, I am persuaded she would find me in every respect ill qualified for the situation.

– Upon my word, sir cried Elizabeth; your hope is a rather extraordinary one after my declaration. I do assure you that I am not one of those ladies (if such young ladies there are) who are so darling to risk their happiness on the chance of being asked a second time. I am not perfectly serious in my refusal. You could not make you so. Nay, were your friend Lady Catherine to know me, I am persuaded she would find me in every respect ill qualified for the situation.

– (...) And you may be certain when I have the honour of seeing her again, I shall speak in the very highest terms of your modest, economy, and other amiable qualifications.

– Indeed, Mr Collins, all praise of me will be unnecessary. You must give me leave to judge myself, and pay me the compliment of believing in what I say.” (P&P, 2012).

²¹⁰ Vemos que o mesmo não pode ser dito na reação de Darcy ao receber também uma recusa por parte de Elizabeth.

romances de Richardson. Quem nos permite ampliar, no entanto, esse processo argumentativo é Armstrong (1987, p. 108-109, tradução nossa):

Richardson foi acusado de todas as falhas as quais Austen ridiculariza Mary Bennet, e não sem razão. Mas também é porque ele usou as estratégias feminilização da literatura de conduta em sua primeira obra de ficção que ele foi recebido com tanta aclamação e até mesmo recomendado a partir do púlpito em um momento onde os romances eram considerados moralmente perigosos. Sabemos que Richardson fez um grande esforço para distinguir o seu “belo romance” dos “romances horríveis” de outros, que ele tentou controlar a interpretação de *Pâmela* ao chamar senhoras com a finalidade de discutir sua ficção. Além de fazer várias revisões, baseou este e sua ficção posterior a compilar um livro de homilias morais para publicação. (...) Como Richardson insistiu, *Pâmela*, não é um romance de acordo com os padrões de sua época, mas, também não é um livro de conduta.²¹¹

Dizemos ser essa, na verdade, uma maneira hipotética de conduzir seu pensamento, pois, devido à incapacidade de leitura que Collins faz do mundo no qual vive, ao elencar as características junto ao comportamento de recusa da prima, ele parece se apoiar muito mais numa ideia sentimental do processo (propagado pelos romances sentimentais) ao invés de reproduzir o que se espera de uma jovem disposta a seguir aos fundamentos do tipo de literatura pelo qual advoga a favor, os livros de conduta. Seja por uma incongruência ou contradição, um aspecto não pode ser negado: mesmo que não queira, o primo reproduz uma ideia de mulher mais representada pelo romance, como alguém que age com certa medida de hesitação e fragilidade, demonstrando em última instância o quanto o incomodo inicial desse leitor não nega a importância do gênero com o qual a heroína se deleita. Portanto, não sendo ele um bom leitor, suas perspectivas chegam a se confundir.

Lizzy se diz surpresa por tal atribuição, já na que, na realidade, ela sabe reconhecer a seriedade de um assunto como este, até porque o casamento define o destino dela enquanto pessoa, tanto que alerta o primo a respeitar seus próprios meios de pensar, defendendo o fato de que sua escolha não está de modo algum presa ao futuro da propriedade familiar.

Ao expressar sua necessidade de se permitir julgar por si mesma, a protagonista deixa transparecer que tem condições intelectuais suficientes²¹² para agir sem que nem mesmo do

²¹¹ Trad. p. 108-109: “Richardson has been accused of all faults for which Austen ridicules Mary Bennet, and not without reason. But it is also because he used the feminizing strategies of conduct-book literature in his first work of fiction that it was received with such acclaim and even recommended from the pulpit in a time when novels were considered morally dangerous. We know that Richardson took great pains to distinguish his ‘pretty novel’ from the ‘horrid romancing’ of others that he tried to control the interpretation of *Pamela* by calling together ladies for the purpose of discussing his fiction. In addition to make numerous revisions, drew upon this and his later fiction to compile a book of moral homilies for publication. (...) As Richardson insisted, *Pamela*, is not a novel according to the standards of his day then, neither is it a conduct book.” (ARMSTRONG, 1987).

²¹² Invertendo a hierarquia intelectual entre eles.

pai dependa sua decisão final e ao recusar o pedido, em última instância, parece estar renegando o formalismo intelectual presente na figura do senhor Collins. Portanto, parece-nos claro, ao acessarmos o terceiro nível de leitura, cujo propósito se liga a ideologia da forma, que a heroína austeniana vem ser aqui, neste momento do enredo, mais uma vez, um ideograma para alguns aspectos propostos pelo iluminismo; enquanto, por sua vez, o clérigo é certamente o representante do puritanismo inglês. Vemos, assim, como, em concomitância, essas duas ideologias são postas em discussão por meio da pauta da leitura, expondo também por meio delas as contradições das quais o próprio momento social inglês reproduzido vive e acaba por ser na obra austeniana demonstrado. Ambos são explicitados por meio, de uma análise dialética, cujo intuito é, em última instância, oferecer meios capazes de garantir a *Orgulho e Preconceito* o status de ser um “ato simbólico” de expressão.²¹³

E ainda que possa ser imprudência de sua parte, a protagonista permanece irredutível, a ponto de estender a resolução do confronto à sua mãe, que, logo que fica sabendo do ocorrido, num ato desesperado, a fim de manter, ainda que de modo forçado, o compromisso em pé, vai até o refúgio do marido, a biblioteca, onde acaba acontecendo uma pequena reunião entre pai e filha em busca do solucionar da questão.

(...) Se lançou prontamente ao marido, chamando-o assim que entrou na biblioteca, – Oh! Sr. Bennet, o senhor é necessário imediatamente; estamos todos alvoroçados. Você deve vir e fazer Lizzy se casar com o senhor Collins, pois ela promete que não o aceitará e se não se apressar, ele mudará de ideia e não a desposará.

O senhor Bennet ergueu seus olhos do livro assim que ela entrou e os fixou no rosto dela com uma calma e tranquilidade que não foi nada alterada pela informação. (...).

– Fale com Lizzy você mesmo. Diga que insiste que ela se case.

– Faça com que ela desça. Ela ouvirá minha opinião.

A Sra. Bennet tocou a sineta e a Srta. Elizabeth foi convocada a biblioteca.

– Venha aqui, filha, exclamou seu pai assim que ela apareceu. Pedi que lhe chamasse por um importante assunto. Soube que o Sr. Collins lhe fez uma proposta de casamento. É verdade?

– Sim, senhor.

– Muito bem. Agora chegamos ao assunto. Sua mãe insiste que você o aceite. Não é verdade Sra. Bennet?

– Sim eu nunca mais irei vê-la novamente.

²¹³ Segundo essa ideia tratada por Fredric Jameson (1992, p.69), o texto literário passa a ser esse ato simbólico cujo objetivo dentro de um segundo horizonte de interpretação deixa de ser visto como uma expressão literária individual e passa a demonstrar aquilo que ele chama de ordem social: “vemos que o próprio objeto de nossa análise foi assi dialeticamente transformado e que não mais é constituído como ‘texto’ ou obra individual no sentido estrito, mas foi reconstituído sob a forma dos grandes discursos coletivos de classe dos quais o texto é pouco mais que uma *parole* ou expressão individual”. É nesse sentido que nossa interpretação literária tratada aqui por este episódio do enredo austeniano foi pensado e o qual esperamos ter conseguido recuperar por meio das escolhas de leitura trazidas por cada um deles.

– Uma alternativa infeliz está diante de você, Elizabeth. A partir deste dia, você deverá ser uma estranha para um de seus pais. Sua mãe nunca mais a verá novamente se você não desposar o Sr. Collins e eu nunca mais a verei novamente se você o fizer.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir com essa conclusão de tal início (...). (O&P, 2012, p. 69-70).²¹⁴

O patriarca faz de sua biblioteca um espaço de lazer, conhecimento, mas mais do que isso, um refúgio, tanto que ali naquele local as problemáticas familiares e todo o contexto passam a ser por ele ignoradas e até mesmo negligenciadas. Poucos são aqueles que rompem a barreira produzida por ele, mas este parece não ser o contexto aplicado à sua filha Elizabeth, a quem por diversos momentos do enredo se vê partilhando o local com o pai (mesmo Mary, a suposta filha mais interessada nos estudos e na leitura, não marca presença neste ambiente).

Apenas por meio do resgate do terceiro horizonte de leitura é que somos capazes de compreender melhor quando momentos cruciais da trama, que aparentemente não nos remeteriam ao tema leitura em seu conteúdo manifesto, se fazem presentes para que possamos reconhecer a constante presença de Lizzy no ambiente que, numa primeira impressão estaria restrito ao patriarca, conforme aponta o trecho que citaremos adiante, no qual há um intenso diálogo entre ambos.

Um dos momentos cruciais do romance é justamente marcado pela tentativa de Elizabeth de alertar o pai sobre os possíveis riscos em permitir que sua irmã, a exibida Lydia, viaje na companhia do coronel Foster e de sua jovem e inexperiente esposa, em busca de diversão, junto a outros soldados da milícia. O alerta ocorre dentro desse espaço literário propício para quebra de paradigmas e esclarecimento de ideias, bem como para clarificação da cegueira do pai, que, não percebendo a consequência nefasta desse comportamento,

²¹⁴ Trad. p. 278-279: “(...) Hurrying instantly to her husband, called out as she entered to the library, – Oh! Mr. Bennet, you are wanted immediatly; we are all in an uproar. You must come and make Lizzy marry Mr. Collins, for she vows she will not have him, and if you not make haste he will change his mind and not have her. Mr. Bennet raised his eyes from his book as she entered, and fixed them on her face with calm unconcern wih was not in the least altered by her communication.

(...) – Speak to Lizzy about yourself. Tell her that you insist upon her marrying him.

– Let her be called down. She shall hear my opinion.

Mrs. Bennet rang the bell, and Miss Elizabeth was summoned to the library.

– Come here, child, cried her father as she appeared. I have sent for you on an affair of importance. I understand that Mr. Collins has made you an offer of marriage. Is this true?

Elizabeth replied it was.- Very well – and this offer of marriage you have refused?

– I have, sir.

– Very well. We now come to the point. Your mother insists upon your accepting it. Is it not or so, Mrs. Bennet?

– An unhappy alternative is before you, Elizabeth, From this day you must be a stranger to one of your parents. Your mother will never see you again if you do not marry Mr. Collins, and I will not see you again if you do.

Elizabeth could not but smile at such a conclusion of such a beginning (...).” (P&P, 2012).

respinga contra todos eles quando, ao tê-la em fuga sem que haja a oficialização por meio do casamento, suas outras filhas são também vistas com maus olhos perante a sociedade.

(...) Ela não pôde deixar de aconselhar seu pai a não deixá-la ir. Ela descreveu a ele todas as impropriedades do comportamento geral de Lydia, o pequeno benefício que ela poderia obter de tal mulher como a Sra. Foster e a probabilidade de ela ser ainda mais imprudente com tal companhia em Brighton, onde as tentações deveriam ser maiores do que em casa. Ele a ouviu com atenção e então disse:

– Lydia nunca ficará tranquila até que seja exposta em algum espaço público e nunca poderemos esperar que o faça com um custo ou inconveniência pequena para sua família como sob as presentes circunstâncias.

- Se você tivesse ciência, disse Elizabeth, da grande desvantagem para todas nós que deverá surgir da informação pública dos modos descuidados e imprudentes de Lydia – não, do que já se originou disso, estou certa de que julgaria o caso diferente. (...) De fato, você está equivocado. Não tenho mágoas para me ressentir. Não é de um específico, mas dos males gerais do que agora reclamo. Nossa importância, nossa respeitabilidade no mundo que deve ser afetada pela louca volatilidade, a segurança e o desdém de todos os limites que marcam o caráter de Lydia. Perdoe-me se falo tão claramente. Se você, meu querido pai, não se incomodar em conter o espírito exuberante dela e em ensiná-la que suas preocupações atuais não devem ser questões de sua vida, ela logo estará além do alcance da melhora. (O&P, 2012, p. 141).²¹⁵

É evidente que a lucidez de Elizabeth é algo panorâmico que tenta clarificar a negligência paterna, que justamente se agrava porque, no fundo, o pai sabe da iminência do perigo. O fato é que, para a protagonista, essa atitude que o pai vê apenas como um ponto particularizado (enxerga apenas Lydia) é transformado por Elizabeth em uma questão coletiva, na medida em que expande seu raciocínio aos outros, como suas irmãs, e até mesmo às pessoas desconhecidas na esfera pública, como é o caso dos soldados com quem haveria um grande potencial para a garota se envolver, o que de fato fará ao entregar-se ao também imprudente personagem, soldado Wickham. Apenas após a concretização dos erros cometidos é que o Sr. Bennet reconhece o efeito dos conselhos recebidos. Ele diz:

²¹⁵ Trad. p. 328-329: “(...) She could not help secretly advising her father not to let her go. She represented to him all the improprieties of Lydia’s general behavior, the little advantage she could derive from the friendship of such a woman as Mrs. Foster, and the possibility of her being yet more imprudent with such a companion at Brighton, where the temptations must be greater than at home. He heard her attentively, and then said:

– Lydia will never be easy until she has exposed herself in some public place or other, and we can never expect her to do it so little expensive or inconvenience to her family as under the present circumstances.

– If you were aware, said Elizabeth, of the very great disadvantage to us all, which must arise from the public notice of Lydia’s unguarded and imprudent manner- nay, which has already arisen from it, I am sure you would judge it differently in the affair.

(...) – Indeed you are mistaken. I have no such injuries to resent. It is not of particular, but of general evils, which I am now complaining. Our importance, our respectability in the world must be affected by the wild volatility, the assurance and disdain of all restraint which mark Lydia’s character. Excuse me, for I must speak plainly. If you, my dear father, will not take the trouble of checking her exuberant spirits, and of teaching her that her present pursuits are not to be the business of her life, she will soon be beyond the reach of amendment.” (P&P, 2012).

- Não diga nada sobre isso. Quem deveria sofrer além de mim mesmo? Foi minha própria obra e eu devo senti-la.
- Você não pode ser tão severo consigo mesmo, replicou Elizabeth.
- Você pode muito bem me alertar contra tal mal. A natureza humana é tão inclinada a cair nele! Não, Lizzy, deixe-me uma vez na vida sentir o quanto eu devo ser culpado. Não tenho medo de ser dominado pela impressão. Vai passar logo. (...) Em seguida depois de um curto silêncio, ele continuou:
- Lizzy, não tenho má vontade contra você, por estar certa em seu conselho para mim em maio passado que, considerando o evento, mostra alguma grandeza de mente. (O&P, 2012, p. 177).²¹⁶

Após uma reflexão filosófica a respeito desse descuido (ele troca essas impressões justamente com a protagonista, caracterizando o que chamamos de intercâmbio de ideias), ele atribui à filha alguma grandeza de mente, que será reforçada a todo tempo no romance, e demonstra certa diferenciação intelectual perante a grande maioria das personagens apresentadas dentro do romance.

Ainda na esfera da questão envolvendo o casamento de Elizabeth com o primo, devemos salientar que, apesar de tudo, o trecho parece indicar um profundo desinteresse por parte do pai; na situação, no entanto, o que parece mais relevante é a manifestação de que ele reconhece na protagonista a capacidade de escolha que, de fato, muito se assemelha àquilo que ele mesmo consideraria adequado para ela, caso tivesse ele mesmo tomado a frente da situação. Ele reconhece, em Lizzy, o iluminismo presente em dose certa. Fossem as outras filhas, ele as teria negligenciado pelo motivo de que elas, ao contrário do que ocorre com Lizzy e, em menor medida, com Jane, têm a possibilidade de vivenciar todo seu saber teórico na interação social em que acabam envolvidas, especialmente depurado por meio das viagens e dos episódios em que passam longe do lar.

Continuando dentro do contexto desse trecho do romance, em um terceiro nível de análise, talvez seja primordial apontar que os diversos momentos em que a jovem Elizabeth tem acesso ao espaço da biblioteca do pai pode, em última instância, ainda que por um viés metafórico, levantar suspeitas de que ela poderia, ao contrário das irmãs, ter absorvido grande parte do conhecimento que ambos (pai e filha) querem obter e, mais do que isso, que entre pai e filha exista um intercâmbio de ideias, movidas por trocas e conversas que ali ocorrem,

²¹⁶ Trad. p. 357: “- Say nothing of that. Who should suffer but myself? I has been my own doinf, and I ought to feel it.

-you must not be to severe upon yourself, replied Elizabeth.

-You may well warn me against such an evil. Human nature is so prone to fall into it! No, Lizzy, let me once in my life feel how much I have been to blame. I am not afraid of being overpowered by the impression. It will pass away soon enough.

(...) –Lizzy, I bear you no ill- will for being justified in your advice to me last May, which, considering the event, show some greatness of mind” (P&P, 2012).

demarcando a seriedade e o respeito, ou, quando este não é o caso, há ainda minimamente entre eles uma mútua aceitação no momento de convergência nas opiniões.

O intercâmbio de ideias não se restringe ao pai, mas à possibilidade de ler também obras que não sejam voltadas somente para o cuidado do decoro feminino. A ideologia recuperada por meio da forma da escrita austeniana é o que nos permite estabelecer tais percepções a respeito da personagem de destaque neste capítulo da dissertação, pois, conforme já salientamos por diversas passagens do trabalho, é justamente por meio deste viés estético que conseguimos delinear aos ideogramas que constituem o texto literário, segundo aponta Jameson (1992).

Na medida em que ambos, pai e filha, foram suficientemente perspicazes e sensíveis para decifrar as deficiências intelectuais do senhor Collins (mesmo quando revestidas por um excesso de formalismo e decoro), fica fácil perceber que o pai espera que sua filha mais querida receba o pedido de casamento de um homem cujo potencial intelectual permita ofertar a Elizabeth um crescimento em termos de refinamento, ou ao menos alguém que possibilite manter com a jovem um nível de conversação e exposição de ideias agradável aos ouvidos, ao contrário do que acontece com ele próprio, que, com pouca sorte, escolheu desposar alguém cujo atributo principal na juventude era a beleza física.

O acesso à leitura por meio do uso de bibliotecas não se restringe ao seu contexto familiar (Netherfield e Pemberley). Lizzy passa a ter acesso às leituras e também, a partir deste momento do enredo, começa a ampliar o entendimento dos porquês da grandeza de Elizabeth como leitora. Sairemos sempre do primeiro nível de apropriação desse texto literário quando somos de algum modo influenciados pelas descrições irônicas feitas a jovem Bennet por meio da fala de outra personagem, Caroline Bingley, que vive em Netherfield, cujos destaques continuaremos a discutir a partir da ideia do uso das bibliotecas residenciais.

Mas a discussão levantada a respeito da questão das bibliotecas e suas funções não são demarcadas apenas pelos exemplos já citados, podemos encontrar ainda mais resquícios dessa temática e achamos interessante levá-la e discuti-la antes de entrar nas peculiaridades da personagem de Elizabeth, garantindo, assim, que a análise do romance não deixe passar despercebida a importância dessa presença dentro do contexto geral da obra de Austen.

Começaremos trazendo, neste instante, algumas explicações necessárias para, a partir delas, desenvolver o papel de Netherfield no romance austeniano quando o assunto é a leitura. Devemos partir, então, do entendimento acerca das personagens, que em pouco tempo

chegaram para tomar posse desse local até então desocupado. Tais explicitações nos ajudam a promover a compreensão da ideologia presente no terceiro horizonte de interpretação, o qual surgirá quando estivermos apresentando a discussão entre Darcy e Bingley a respeito de suas bibliotecas particulares.

Sobre essa questão, gostaríamos de salientar um ponto relevante quando o narrador de *Orgulho e Preconceito* descreve resumidamente ao leitor da obra (capítulo 4) a origem da fortuna de Bingley, o que para nós, neste trecho da análise, será importante compreender e destacar, uma vez que nos ajudará a desvendar, em partes, os níveis mais profundos por detrás do diálogo destacado: “eram de uma família respeitável do norte da Inglaterra; uma circunstância mais profundamente marcada nas suas memórias do que a de que a fortuna de seu irmão e as delas próprias haviam sido adquiridas pelo comércio.” (O&P, 2012, p. 13).²¹⁷ Ou ainda:

O Sr. Bingley herdou propriedades que valiam quase cem mil libras de seu pai, que pretendia adquirir uma fazenda, mas não viveu para tanto. O Sr. Bingley tinha a mesma pretensão e às vezes escolhia seu condado, mas como agora possuía uma boa casa e a liberdade de um solar, aqueles que melhor conheciam a tranquilidade de seu temperamento duvidavam se ele não pudesse passar o restante de seus dias em Netherfield e deixar a aquisição para a próxima geração. (O&P, 2012, p. 13).²¹⁸

Aqui, fica bastante evidente que o jovem rapaz e sua irmã são os representantes da classe burguesa. Sua família enriquecera por meio de atividades comerciais e/ou industriais. Bingley, ao contrário de seu amigo Darcy, não possui um extenso legado familiar, criado e mantido por conchavos e laços de sangue; ele deve formá-lo pela liberdade que tal fortuna recebida permite e a indecisão quanto à escolha das propriedades a serem adquiridas é própria da liberdade que o peso das gerações não pode se dar ao luxo de vivenciar. Quem traz um complemento teórico à nossa argumentação ligando essa conduta à necessidade de *status* é Markman Ellis (2010, p. 420, tradução nossa):

Tanto Charles Bingley e Sir William Lucas nos lembram que toda riqueza tem sua origem fincada em uma sociedade comercial, o comércio é susceptível de figurar com destaque. Posteriormente ambos Bingleys e Lucas

²¹⁷ Trad. p. 236: “they were all of a respectable family in the north of England; a circumstance more deeply impressed on their memories than that their bothers’ fortune and their own had been acquired by trade.” (P&P, 2012).

²¹⁸ Trad. p. 326: “Mr. Bingley inherited property to the amount of nearly a hundred thousand pounds from his father, who had intended to purchase an estate, but did not live to do it. Mr. Bingley intended it likewise, and sometimes made choice of his county, but as he was now provided with a good house and the liberty of a manor, it was doubtful to many of those who he best knew the easiness of his temper, whether at Netherfield, and leave the next generation to purchase.” (P&P, 2012).

expressam uma ansiedade constante e complexa sobre o seu *status*, o qual se manifesta especialmente como um desprezo por suas origens no comércio.²¹⁹

Encontramos em Nertherfield, propriedade alugada pelo burguês Charles Bingley, uma importante discussão acerca das bibliotecas em geral, que é apoiada pelo contraponto da posição aristocrática de Darcy na relação com a leitura,²²⁰ a qual começaremos a descrever após a colocação de um pequeno trecho do romance. O diálogo que se segue acontece entre as personagens de Srta. Bingley, Darcy e Charles Bingley:

- Eu gostaria que minha coleção fosse maior para o seu proveito e meu próprio crédito; mas sou um rapaz ocioso e embora não tenha muitos, tenho mais do que já li.
- Estou surpresa, disse a Srta. Bingley, que meu pai tenha deixado uma coleção tão pequena de livros. Que deliciosa biblioteca você tem em Pemberley Sr. Darcy!
- Deveria ser boa, ele replicou, foi o trabalho de muitas gerações.
- E então você mesmo acrescentou muitos, pois está sempre comprando livros.
- Não posso compreender o abandono de uma biblioteca familiar em dias como estes.
- Abandono! Estou certa de que você não abandona nada que possa adicionar encantos àquele nobre lugar. Charles quando você construir sua casa, desejo que tenha a metade dos encantos de Pemberley. (O&P, 2012, p.26).²²¹

Alguns aspectos ligados ao trecho em destaque já foram sendo levantados por nós por meio de algumas das notas explicativas aqui colocadas, mas ainda devemos amarrar nossas

²¹⁹ Trad. p. 420: “Both Charles Bingley and Sir William Lucas remind us that all landed wealth has an origin, that in a commercial society, trade is likely to figure prominently. Subsequently both Bingleys and Lucases Express a constant and complex anxiety about their status, with manifests itself especially as disgust for their origins in trade.” (ELLIS, 2010).

²²⁰ Novamente, por meio da questão e dos aspectos acerca da temática na qual escolhemos nos debruçarmos, esperamos poder, ao discutir a relação de leitura das famílias de Darcy e Bingley, demarcar que a autora consegue antecipar, por meio das contradições desse texto, a própria ideia transferência de poderes aquisitivos e a concomitância dos modos de produção e relações sociais (revelando o caráter não linear dos processos sociais, conforme preconiza Jameson), que cada um desses personagens simbolicamente representa, sendo o primeiro um aristocrata, herdeiro de terras vindas de sua estirpe; enquanto o outro, um burguês que constrói suas riquezas, por meio das atividades comerciais. A leitura certamente maximizará esse processo por expor as ideias de cada um deles ao discorrerem a respeito do assunto.

²²¹ Trad. p. 246: “– And I wish my collection were larger for your benefit and my own credit; but I am an idle fellow, and though I have not many, I have more than I ever looked into.

Elizabeth assured him that she could suit herself perfectly with those in the room.

– I am astonished, Said Miss Bingley, that my father have left so small collection of books. What a delightful library you have at Pemberley, Mr. Darcy!

– It ought to be good, he replied, it has been the work of many generations.

– And then you have added so much to it yourself, you are always buying books.

– I cannot comprehend the neglect of a family library in such days as these.

– Neglect! I am sure you neglect nothing that can add to the beauties of that noble place. Charles, when you built your house, I wish it may be the half delightful as Pemberley” (P&P, 2012, p.246).

explicações à ideia de classes²²² aqui presente. Darcy especialmente nos interessa, pois, neste mesmo fragmento textual, é que poderemos desnudar aspectos de Elizabeth enquanto leitora. No entanto, ainda a respeito das bibliotecas, vemos a presença da questão social aqui bastante demarcada.

O protagonista Darcy tem, como vemos, uma visão da leitura bastante fincada nos conceitos de herança e, portanto, ligada à tradição ou à conservação dela na visão aristocrática. Todavia, ao acessarmos o subtexto e avançarmos nos níveis de interpretação ao longo do texto, passamos a ver que esta manutenção da visão aristocrática de mundo vai sendo modificada, não em termos drásticos, mas sem exageros quanto ao uso do termo aprimorado sob a influência direta de Elizabeth. O que dessa pequena fala podemos descrever e observar mais a fundo é que, já em termos de leitura, ou enquanto leitor, há aqui uma espécie de apontamento de que esse personagem aceita acrescentar livros aos já acumulados por gerações de outros membros familiares, ou seja, a tradição no sentido temporal quanto ao acúmulo dos bens culturais. Ainda a respeito dos bens culturais, devemos incluir pontos teóricos, os quais, de algum modo, auxiliam-nos a compreender o valor e a força representativa no que diz respeito ao assunto das bibliotecas expressas na figura de Darcy, que carrega este conceito de preservação e hereditariedade em termos históricos. Segundo ALTICK (1998, p. 213, tradução nossa),

Logo no século XV, a benevolência póstuma na Inglaterra, por vezes, assumiu a forma de investimento em bibliotecas. Aqui e ali, ao contrário de deixar parte de sua fortuna para fundar e manter uma escola secundária ou para aliviar as futuras gerações dos pobres dignos, um descendente providenciava a criação de uma biblioteca que ele geralmente dirigia com o intuito de ser aberta gratuitamente ao público.²²³

Ainda que não haja evidências no romance de que a biblioteca do aristocrata fosse de uso público, pensamos em demarcar a questão trazendo uma explicação dentro do viés histórico. Pemberley aparece, contudo, como propriedade aberta à visitação, o que nos leva a crer que a biblioteca deva ser também apreciada por outros visitantes da propriedade. Outro ponto importante é que, talvez, a diminuição da importância que a fala de Darcy dá a entender, na conversa informal entre amigos, pode estar relacionada a certa gentileza por parte dele, caso contrário, se houvesse o exibicionismo detectado por parte dele, nós não seríamos

²²² No contexto, a palavra deve ser entendida como sinônimo de ranqueamento, cuja definição do termo inglês já foi dada no capítulo segundo.

²²³ Trad. p. 213: “as early as the fifteenth century, posthumous benevolence in England sometimes took the form of library endowment. Here and there, instead of leaving part of one’s fortune to found and maintain a grammar school or to relieve future generations of the worthy poor, a descendant provide for the establishment of a library which he usually directed was to be freely open to the public.” (ALTICK, 1998).

capazes de creditar a ironia de que Austen faz uso para desmontar a empáfia de Caroline Bingley junto a Elizabeth. Mantendo a seriedade argumentativa em Darcy, ela não o leva ao mesmo descrédito apresentado pela irmã do comerciante ao argumentar ainda a ideia de novos títulos que podem levantar a suspeita de certa maleabilidade quanto ao acesso ao pensamento burguês. Longe de querermos trabalhar apenas com suspeitas infundadas, iremos, apenas neste primeiro momento, buscar concentrar nossas discussões, levando em conta a diferenciação presente em meio a este diálogo. Percebemos também que, além de demarcar o espaço cultural, ou melhor dizendo, as características pertinentes a cada ranqueamento em termos de saberes, coloca também exposta as próprias características junto *a posição social de cada uma destas personagens*.

Ao comparar ironicamente o novo rico, que se preocupa em possuir livros não para leitura, mas para mostrar posse, com Darcy, que tanto possui e os lê, Austen expõe a ansiedade contemporânea sobre as definições concorrentes de classe como o nascimento ou boas maneiras. Ela também expõe a hipocrisia de uma cultura que proclama o valor da autopossessão mental através da leitura, mas recompensa a aquisição das posses intelectuais (BENEDICT, 2000, p. 173, tradução nossa).²²⁴

Bingley e a irmã Caroline parecem, ao menos neste momento, deixar transparecer que se incomodam com o fato de que Darcy possui por herança saberes acumulados por gerações distintas na biblioteca particular da família. Em contrapartida, apesar de esses saberes não serem recuperados, ao menos não em sua totalidade, devem ser, segundo o desejo dos irmãos Bingley, urgentemente alcançados por meio de um nutrir constante desses espaços de leitura, seja tal ação motivada por *status* ou por *bajulação*, como parece ser o caso da Srta. Bingley, cujo potencial de leitora se baseia apenas em tentar desesperadamente e de todas as formas cativar a atenção de Darcy lendo ou comentando a respeito dessa atividade, o que não deixa de ser uma grande ironia, uma vez que essa jovem acusa outras senhoritas de falharem por não possuírem as chamadas habilidades femininas, incluindo também a busca por livros e instrução. Observemos, então, o seguinte fragmento de *Orgulho e Preconceito*:

Darcy pegou um livro; Srta. Bingley fez o mesmo; e a Sra. Hurst, ocupada principalmente em brincar com seus braceletes e anéis, juntava-se ocasionalmente à conversa de seu irmão com a Srta. Bennet. A atenção da Srta. Bingley estava muito tomada em observar o progresso do Sr. Darcy em seu livro, ao invés de ler o seu próprio; e ela estava perpetuamente, ou fazendo alguma pergunta ou olhando para sua página. Ela não podia atraí-lo,

²²⁴ Trad. p. 173: “by ironically comparing the nouveau-riche, Who cares to take books not to read but to own, with Darcy, who both own and reads them, Austen exposes the contemporary anxiety about the competing definitions of class as birth or manners. She also exposes the hypocrisy of a culture that proclaims the value of mental self-possession through reading, but rewards the acquisition of mental possession.” (BENEDICT, 2000).

porém para alguma conversação; ele meramente respondia sua pergunta e voltava a ler. Por fim bem exausta com a tentativa de se entreter com seu próprio livro que ela apenas escolhera por ser o segundo volume do dele, ela deu um grande bocejo e disse, – Quão agradável é passar a noite desta maneira! Declaro, depois de tudo, que não há entretenimento melhor do que ler! Quão mais rápido alguém se cansa de qualquer coisa, menos de um livro! Quando eu tiver minha própria casa, serei infeliz se não tiver uma excelente biblioteca!

Ninguém deu resposta alguma. Ela então bocejou novamente, jogou seu livro ao lado e lançou seu olhar pela sala em busca de algum passatempo. (O&P, 2012, p. 36-37).²²⁵

Devemos salientar, assim como fora feito também na análise do primeiro romance dentro do capítulo anterior, o que a autora nos permite pensar a respeito desta atitude bajuladora, na medida em que coloca na descrição formal do narrador a ideia de contradição, quando, ao proclamar amar a prática da leitura e insinuar querer ter uma biblioteca em sua futura residência, está apenas tentando se encaixar nos padrões de decoro feminino para chamar a atenção daquele que lhe desperta interesse. A Srta. Bingley age justamente de maneira oposta à fala proferida, permitindo que o narrador a desautorize quase que por completo nesta situação. Dizemos quase, pois nada a impedia de montar este cenário, já que recursos para tal não a faltariam. A ideologia da forma, aqui, é marcada, via ironia, entre o que se diz e o que se faz.

Ela tem também a noção de que a leitura é um lugar-comum entre estas duas esferas e que, se respeitando todas as devidas peculiaridades ideológicas de cada um dos ranqueamentos, ela pode ser um meio de conquista não só nos termos afetivos da palavra, mas pessoais. Austen parece querer demarcar, por meio da apresentação dessas esferas sociais, na questão da leitura, que em última instância o dinheiro, nos seus diferentes modos de aquisição, estabelece a maneira que o saber passa também agora pelas diferentes mãos e o que antes era privilégio apenas de pessoas como o personagem de Darcy, pode ser adquirido, ainda que de maneira fria²²⁶, pelo investimento de capital burguês nesses bens culturais.

²²⁵ Trad. p. 253-254: “Darcy took up a book. Miss Bingley did the same, and Mrs. Hurst, principally occupied in playing with her bracelets and rings joined now and then in her brother’s conversation with Miss Bennet. Miss Bingley’s attention was quite as much engaged in watching Mr. Darcy’s progress through his book, as in reading her own; and she was perpetually either making some inquiry, or looking at his page. She could not win him, however, to any conversation. He merely answered the question, and read on.

At length, quite exhausted by the attempt to be amused with her own book, which she had only chosen because it was the second volume of his, she gave a great yawn and said,

– How much sooner one tires of anything than of a book! When I have a house of my own, I shall be miserable if I have not an excellent library.”(P&P, 2012).

²²⁶ Isso fica claro quando Bingley diz ter que adquirir mais livros, ainda que daqueles que possui não tenha lido nem a metade. Enquanto para Darcy isto parece perpassar até por uma nostalgia afetiva, ou melhor dizendo, um apego “satisfatório junto ao passado que a de algum modo o constitui”, enquanto aristocrata que é. Modos

Pretendemos, então, ir adiante, afirmando que aquilo que aparece evidenciado no extrato do texto austeniano é, em última instância, uma demonstração da concomitância dos modos de produção pelo qual o livro impresso teve de passar, sendo para a aristocracia um objeto o qual traduz seu legado, adquirido em momentos que até mesmo a criação deste objeto era restrita a poucos; enquanto para burguesia emergente, um caminho para ostentação, luxo, ou, ainda, divertimento pessoal alcançado com alguma facilidade após o advento da industrialização. Essa distinção gera maneiras distintas de apreciação intelectual apresentadas nas contradições simbolicamente ditas por Darcy e Bingley.

Agora que foram proferidos os primeiros e mais gritantes aspectos acerca da leitura e das bibliotecas, de modo a problematizá-las e analisá-las dentro do contexto fictício do romance, partimos daqui em diante ao principal objetivo, já declarado.

Elizabeth Bennet nos é apresentada como leitora, ou melhor, como uma “grande leitora” (O&P, 2012, p. 25),²²⁷ conforme verbaliza o personagem de Bingley na ocasião em que Elizabeth encontra-se hospedada na propriedade do rapaz, uma vez que Jane permaneceu acometida de um resfriado por ter sido “obrigada” pela mãe a ir até o local a cavalo, quando participa de um jantar junto às irmãs do seu pretendente, em que, por conta de um tempo chuvoso, a saúde de Jane fora comprometida. Acreditando ser prudente auxiliar a irmã, Elizabeth apressa-se a fim de não sobrecarregar ou “abusar da cortesia” da família que a hospeda educadamente, mesmo com relações entre eles ainda pouco estreitas. O fragmento a respeito da questão da leitura é descrito da seguinte maneira:

Ao entrar na sala de vistas, ela encontrou todos jogando Loo e foi imediatamente chamada para se juntar a eles; mas suspeitando que as apostas fossem altas, ela declinou e, usando sua irmã como desculpa, dizendo que se entreteria, durante o pouco tempo que poderia ficar no térreo, com um livro. O Sr. Hurst olhou para ela com surpresa.

– Você prefere ler ao baralho?, Ele disse; isso é muito singular.

– A Srta. Eliza Bennet, disse a Srta. Bingley despreza cartas. Ela é uma grande leitora e não encontra prazer em mais nada.

– Não mereço elogios nem censuras, exclamou Elizabeth, não sou uma grande leitora e tenho prazer com muitas coisas.

– Estou certo de que você tem prazer em cuidar de sua irmã, disse Bingley, e espero que logo seja aumentado ao vê-la bem reestabelecida.

diferentes de encarar a leitura que devolvem a nós a possibilidade de enxergar a concomitância de aspectos sociais e culturais que são apresentados nos texto literário de Austen, que via ideograma da forma (JAMESON, 1992) nos deixa ir além nos aspectos da formação social discutida aqui.

²²⁷ Trad. p. 246: “great reader.” (P&P, 2012, p. 246).

Elizabeth agradeceu-lhe com sinceridade e então caminhou para a mesa onde estavam alguns livros. Ele imediatamente se prontificou a buscar outrotudo que sua biblioteca proporcionava (O&P, 2012, p. 25).²²⁸

Analisaremos este trecho por partes, uma vez que muito pode ser desvendado a partir dele. As quatro primeiras linhas nos trazem, em primeira instância, a noção de que a leitura é figurada pelo senhor Hurst, cunhado de Bingley, enquanto parte do movimento de entretenimento presente no período. Ainda que de modo um tanto desgostoso por parte do rapaz, a realidade da leitura por meio da estranheza destacada afirma que ele, enquanto leitor, parece o oposto da protagonista, elegendo essa atividade como algo mais corriqueiro, no sentido habitual da palavra, dando força, portanto, à ideia de surpresa. Ainda que Elizabeth tenha a noção de que recusar a participar da partida de cartas é um meio de evitar gastos dos quais ela não poderia arcar, há de ser considerado que, no entanto, esta questão não é algo que realmente causa desgosto ou amargor pela exclusão do jogo, já que em outros momentos vemos que a situação de escolha por um livro se repete. Ela não vê como surpresa o fato por encarar o hábito, a rotina, ou padrão dentro da sua realidade, demonstrando apenas ser essa situação resultado de uma atitude cheia de prudência.

Observemos a fala de Gay (2010, p. 340, tradução nossa) a respeito dessa prática:

Pessoas de todas as condições financeiras jogavam cartas: em *Orgulho e Preconceito*, as De Bourghs, os Bingleys e os Philipps todos se sentavam para jogar baralho após o jantar. (...) As variedades de jogos de cartas eram numerosas, mas eles eram basicamente dividido em jogos que exigiam um número específico, dos quais whist, um jogo de estratégia e não ao contrário do bridge, com quatro jogadores, era o mais comum; e jogos de rodadas, que podem ser jogado com qualquer número, e que tendiam a ser jogos mais simples e mais ruidosos: cassino, comércio, loo, especulação, vinte e um, bilhetes de loteria. Desses os jogos de especulação são um dos mais detalhados no romance de Austen e , iriam desempenhar claramente um papel simbólico (MP, 2: 7).²²⁹

²²⁸ Trad. p. 245-246: “on entering the drawing-room she found the whole party at loo, and was immediately invited to join them; but suspecting them to be playing high she declined it, and making her sister the excuse, said she would amuse herself for the short time she could stay below, with a book. Mr. Hurst looked at her with astonishment.

– Do you prefer reading to cards? said he ; that rather singular.

– Miss Eliza Bennet, said Miss Bingley, despises cards. She is a great reader, and has no pleasure in anything else.

– I deserve neither such praise nor such censure, cried Elizabeth; I am not a great reader, and I have pleasure in many things.

– In nursing your sister I am sure you have a pleasure, said Bingley; and I hope it will be soon increased by seeing her quite well.

Elizabeth thanked him from her heart, and then walked towards the table where a few books were lying. He immediately offered to fetch her others- all that his library afforded.” (P&P, 2012, p. 245-246).

²²⁹ Trad. p. 340: “people of all conditions played cards: in *Pride and Prejudice*, the De Bourghs, the Bingleys and the Philipps all sit down to cards after dinner. (...) The varieties of cards games were numerous, but they were basically divisible into games which required a specific number, of which whist, a game of strategy not unlike

Se tomarmos o sentido de especulação financeira enquanto um ato simbólico, talvez pudéssemos entender o que Caroline Bingley usa como sua fala de desprezo por meio das cartas é um modo de demarcar, ou promover, a inferioridade financeira e pessoal de Elizabeth. Contudo, a tentativa mais do que fracassa, pois, como desenvolveremos, a leitura será um pilar constituinte da apreciação de Darcy por Lizzy.

A protagonista em contrapartida reconhece a ironia do elogio feito pela jovem e acaba por amenizá-lo. Por fim, ao receber do futuro cunhado o devido reconhecimento de que ela encontra prazeres em tarefas diversas, tais como o ato de cuidar da irmã, não se desvincula por completo do elogio (mas o reforça, agora, na devida proporção, longe de ser hiperbólica em seus atributos). Ao caminhar em busca de livros, Austen parece vincular a ideia característica de grande leitora a protagonista, trabalhando por meio das contradições estéticas (entre a fala e o ato da jovem) que o texto literário oferece, conforme estamos propondo por meio destes apontamentos. Segundo a perspectiva jamesoniana de interpretação do texto literário, as contradições se apresentam geralmente como “um escândalo lógico ou dilema” a ser trabalhado na construção do aparato puramente narrativo – o próprio texto se encarrega de aparar suas arestas no movimento narrativo, impedindo assim ao fechamento de determinada questão (JAMESON, 1992, p. 75-76). Elizabeth parece não aceitar o “rótulo” na medida em que reconhece ser o meio literário uma forma de exibição, que, dito pejorativamente pela “rival”, ela pretendia não endossar, evitando que a ironia atingisse o efeito desejado. Sintetiza Benedict (2000, p. 161, tradução nossa):

De acordo com os novos ideais da educação feminina, eram esperadas mulheres no mundo de Austen que não apenas se informassem da literatura moderna, mas que exibissem esse conhecimento por meio de conversa respeitável, boas maneiras bem colocadas e aparência elegante. Para Austen, os livros servem, de modo mais importante, para distinguir a servil da poderosa feminilidade por meio das oportunidades que elas apontam para a autorregulação e autoexibição.²³⁰

bridge, for four players, was the most common; and round games, which could be played by any number, and which tended to be simpler and noisier games: casino, commerce, loo, speculation, vighr-un, lottery tickets. Of those games speculation is one given most detail in Austen writing, were it clearly plays a symbolic role (MP, 2:7).” (GAY, 2010).

²³⁰ Trad. p. 161: “in accordance with the new ideals of female education, women in Austen’s world were expected not merely to inform themselves of modern literature but to exhibit that information through genteel conversation, well-bred manners, and stylish appearance. For Austen, books serve most importantly to distinguish servile from powerful femininity through the opportunities they display for self-shaping and self-display.” (BENEDICT, 2000).

Além disso, ao reconhecer ter prazer em socializar-se por meio de outras atividades de entretenimento pessoal e coletivo, ela deixa em aberto a ideia de que essa posição exagerada da leitora pode demonstrar que, deste modo, a leitura desempenharia não algo positivo em termos de aquisição dos saberes, como sugere o primeiro nível de interpretação, mas algo negativo, e que, desta forma, a mescla de atividades é o modo mais salutar de se promover a construção do caráter pessoal. Mais uma vez é preciso reforçar que a personagem em questão irá deixar transparecer não ser adepta aos extremos dos exemplos de conduta, conforme demonstraremos por meio da discussão em torno do trecho que dá sequência e ao que acabamos de apresentar acima.

Ao ouvi-los discutindo a respeito das bibliotecas de Pemberley e Netherfield (a segunda parte do mesmo diálogo), no fragmento que já expusemos há algumas páginas, a jovem Caroline Bingley reage e inicia uma importante argumentação, que leremos a seguir:

- Mas eu realmente lhe aconselharia a comprar naquela vizinhança e tomar Pemberley como um tipo de modelo. Não há um condado melhor na Inglaterra do que Derbyshire.
 - Com todo meu coração comprarei Pemberley se Darcy quiser vendê-la.
 - Estou falando de possibilidades, Charles.
 - Por minha palavra, Caroline, devo pensar que é mais provável obter Pemberley pela compra do que pela imitação.
- Elizabeth estava tão arrebatada pelo que se passou que deixava pouca atenção para seu livro; e, colocando-o totalmente de lado, dirigiu-se para perto da mesa de cartas e posicionou-se entre o Sr. Bingley e sua irmã mais velha, para observar o jogo. (O&P, 2012, p. 26).²³¹

Gostaríamos de iniciar observando que a jovem leitora (agora estamos nos referindo à personagem Elizabeth) parece se sentir atraída pela conversa travada entre os irmãos por verificar que eles elegem Pemberley como um *modelo*. O termo modelo aqui também pode estar reforçando metaforicamente a ideia de que Darcy seria este modelo de leitor e conduta a quem tanto os Bingleys almejam “imitar”.

Não estaríamos satisfeitos se deixássemos passar a ideia de que, entre as cartas e a conversa dos irmãos, aparece uma espécie de especulação, de compra que pode envolver tanto a questão de propriedades em termos físicos como intelectuais, em que o jogo sugeria a

²³¹ Trad. p. 246: “–But I would advise you to make your purchase in that neighborhood, and take Pemberley for a kind of model. There is not a finer county in England than Derbyshire.

– With all my heart I will buy Pemberley itself if Darcy will sell it.

– I am talking of possibilities, Charles.

– Upon my word Caroline, I should think it more possible to get Pemberley by purchase than by imitation.

Elizabeth was so much caught with what passed, as to leave her book; and soon laying it wholly aside, she drew near the card-table, and stationed herself between Mr. Bingley and his eldest sister, to observe the game.” (P&P, 2012).

transferência de poderes na medida em que o capital passa para as mãos burguesas. A biblioteca e todo seu teor, em tese, poderiam ser comprados, tendo também sido afetada dentro do jogo especulativo dos irmãos. Ao colocar-se entre os irmãos, ainda que não se possa afirmar nada quanto à conscientização por parte dela deste jogo especulativo, aos poucos vão se firmando para ela as bases que configuram especialmente os interesses da senhorita Bingley junto ao Senhor Darcy. Vale a pena apontar que, curiosamente, dentro desse diálogo as únicas falas tanto de Darcy quanto de Lizzy são para manifestar suas colocações a respeito da leitura, mas como há um “silenciamento” deles do meio do diálogo em diante, vamos passando a acreditar mais e mais que no fundo o que é formalmente articulado a partir dali é mais a questão financeira, deixando a leitura como um mero pano de fundo para os comerciantes. Quem expressa bem a ideia da qual fazem parte a família Bingley é Williams (1989, p. 72):

E à medida que ganha importância a ordem urbana fundamentada no dinheiro, para onde vai o grosso do novo capital, senão de volta para o campo a fim de intensificar o processo de exploração? A ganância e a mesquinhez, tão fáceis de serem isoladas e coordenadas na cidade, retornam visivelmente para as mansões senhoriais, cercadas de plantações e trabalhadores. Trata-se de um processo duplo. A exploração do homem e da natureza, que tem lugar no campo, é concretizada e concentrada na cidade. Por outro lado, porém, os lucros provenientes de outros tipos de exploração - a riqueza acumulada do comerciante, do advogado, do cortesão - vão penetrar o campo como se (mas se trata de uma aparência apenas) como se fosse um novo fenômeno social. (WILLIAMS, 1989, p. 72).

Aqui, percebemos que Williams corrobora com a ideia tratada por Jameson (1992) quando diz respeito da simultaneidade de diversos modos de produção, enxergando esse fenômeno como novo.

Lizzy, em contrapartida, encontra respaldo para sua atitude (na quebra de sua atenção), pois ali eles discutem a respeito da magnitude que a herança de livros deixados constitui, juntamente com as possíveis novas aquisições trazidas por meio do interesse de Darcy, uma mescla de conhecimento entre a tradição e a “novidade”, presenciadas e contidas em um único lugar, ao mesmo tempo em que se sente aguçada pela curiosidade de compreender mais o caráter de Darcy, ainda que seja por meio das descrições feitas do espaço por onde a leitura circula.

Outro ponto forte trazido à tona neste momento do romance, e que nos auxiliará na compreensão do tema central desta dissertação, vem por meio da dedicada devoção da Srta. Bingley ao elogiar a única irmã de Darcy, Georgiana.

- A Srta. Darcy cresceu muito desde a primavera?, Quis saber a Srta. Bingley; ela está tão alta quanto eu?
- Acho que sim. Ela está com a altura da senhorita Elizabeth Bennet ou um pouco mais.
- Como anseio vê-la novamente! Nunca me encontrei com alguém que me agradasse tanto. Que beleza de modos! E tão extremamente refinada para sua idade! Seu desempenho no piano é belíssimo.
- É uma surpresa para mim, disse Bingley, como as jovens damas podem ter a paciência para serem tão refinadas como são.
- Todas jovens damas refinadas! Meu caro Charles, o que você quer dizer?
- Sim, todas elas eu acho. Todas elas pintam mesas, revestem telas e tecem bolsas. Mal conheço alguém que não faça tudo isso e estou certo de que nunca ouvi falar de uma jovem dama pela primeira vez, sem ser informado de que ela era muito prendada.
- Sua lista de prendas são comuns, disse Darcy, tem muitas verdades. A palavra é aplicada para muitas mulheres que a merecem, não de modo contrário àquelas que tecem ou pintam telas. Mas estou muito distante de concordar com você em sua estimativa das damas em geral. Não posso me gabar de conhecer mais de meia dúzia, entre todas com as quais me relaciono realmente prendadas.
- Nem eu, estou certa, disse a Srta. Bingley.
- Então, observou Elizabeth, você deve abranger muita coisa em seu conceito de uma mulher prendada.
- Sim, considero muita coisa nele.
- Oh! Certamente, exclamou sua fiel assistente, ninguém pode realmente ser considerada como prendada se não ultrapassa em muito o que é tido como prendada. Uma mulher deve ter vasto conhecimento de música, canto desenho, dança, e dos idiomas modernos para merecer tal palavra, e além de tudo isso, ela deve possuir um certo quê em seu semblante e modo de caminhar, o tom de sua voz, sua maneira de falar e em suas expressões ou a palavra seria meio merecimento.
- Tudo isso ela deve possuir, acrescentou Darcy, e a tudo isso ela deve adicionar algo mais substancial, no aperfeiçoamento de espírito com uma ampla leitura. (O&P, 2012, p. 26-27).²³²

²³² Trad. p. 246-247: “- Is Miss Darcy much grown since the spring? Said Miss Bingley; will she be as tall as I am?”

- I think she will. She is now about Miss Elizabeth Bennet’s height, or rather taller.
- How I long to see her again! I never met with anybody who delighted me so much. Such a countenance, such manners! And so extremely accomplished for her age! Her performance on the pianoforte is exquisite.
- It is amazing to me, said Bingley, how young ladies can have patience to be so very accomplished as they all are.
- All young ladies accomplished! My dear Charles, what do you mean?
- Yes, all of them, I think. They all paint tables, cover screens, and net purses. I scarcely know anyone who cannot do all this, and I am sure I never heard a young lady spoken of for the first time, without being informed that she was very accomplished.
- Your list of the common extent of accomplishments, said Darcy, has too much truth. The word is applied to many woman who deserves it no otherwise than by netting a purse or covering a screen. But I am very far from agreeing with you in your estimation of ladies in general. I cannot boast of knowing more than half-of-a-dozen, in the whole range of my acquaintance, that are really accomplished.
- Nor I, I am sure, said Miss Bingley.
- Then, observed Elizabeth, you must comprehend a great deal in your idea of an accomplished woman.
- Yes, I do comprehend a great deal of in it.
- Oh! certainly, cried his faithful assistant no one can be really esteemed accomplished who does not greatly surpass what is usually met with. A woman must have a thorough knowledge of music, singing, drawing, dancing, and the modern language, to deserve the word; and besides all this, she must possess a certain

Neste ponto do texto, a discussão recai sobre as chamadas habilidades femininas. Tal ideal descrito aqui encontra reforço em livros, como os chamados “livros de conduta”. Sobre esses livros, Armstrong (1987, p. 61-63, tradução nossa) acrescenta pontos importantes a respeito deste material:

Tão populares esses livros tornam-se que na segunda metade do século XVIII que praticamente todos sabiam qual o ideal de feminilidade eles propuseram. (...) É seguro dizer que até meados do século XVIII o número de livros que especificaram as qualidades de um novo tipo de mulheres havia superado o número daqueles que se dedicavam a descrever o homem aristocrático. O crescimento deste tipo de escrita, portanto, coincidiu com a ascensão da imprensa popular, sendo ela própria uma parte do processo maior que Raymond Williams foi apropriadamente chamando de longa revolução. (...) Após a década de 1820, muitos livros permaneceram na impressão bem no século XIX. Durante este período, incontáveis livros de conduta feminina, revistas para senhoras, e os livros de instrução para as crianças tudo postulou um ideal feminino similar e tendia ao mesmo objetivo garantir uma felicidade a aquela que conduzia o lar.²³³

Quem mais nos ajuda a compreender as funções dos livros de conduta é Vickery (1998, p. 41, tradução nossa):

O início do século XVIII foi isolado como um período-chave de inovação em prescrições de boas maneiras, um período em que escritores de cortesia começaram a habitar durante algum tempo a naturalidade da virtude feminina, aos benefícios para os homens de terem a companhia feminina e o prazer positivo do matrimônio e da vida doméstica.²³⁴

Especialmente em *Orgulho e Preconceito* entendemos que a maneira como eles são figurados formalmente é dentro de um nível textual (mais especificamente na estrutura formal) e dão a entender que se estabelece, por meio, aqui, da ênfase dada por Caroline Bingley e na sequência por Darcy, certa demanda do exagero. No caso da primeira

something in her air and manner of walking, the tone of her voice, her address and expressions, or the word will be but half-deserved.

– All this she must possess, added Darcy, and to all this she must yet add something more substantial, in the improvement of her mind by extensive reading.” (P&P, 2012).

²³³ Trad. p. 61-63: “so popular did these books become that by the second half of the eighteenth century virtually everyone knew the ideal of womanhood they proposed. (...) It’s safe to say that by the mid-eighteenth century the number of books specifying the qualities of a new kind of women had outstripped the number of those devoted to describing the aristocratic male. The growth of this body of writing thus coincided with the rise of the popular press, itself a part of the larger process that Raymond Williams has aptly named ‘the long revolution. (...) After the 1820s, many books remained in print well into the nineteenth century. Throughout this period, countless female conduct books, ladies magazines, and books of instruction for children all posited a similar feminine ideal and tended toward the same objective of ensuring a happy household.” (ARMSTRONG, 1987).

²³⁴ Trad. p. 41: “the early eighteenth century has been isolated as a key period of innovation in prescriptions for manners, a period when courtesy writers began to dwell at some length the naturalness of female virtue, the benefits for men of female company and the positive pleasure of matrimony and domestic life.” (VICKERY, 1998).

personagem, entendemos que o intuito, ou o efeito, que ela deseja alavancar é o de justamente buscar no ideal propagado por estes livros sobre decoro feminino um meio de destruir o fascínio que o comportamento, nem tanto decoroso de Elizabeth, provoca no Sr. Darcy. Para que possamos compreender melhor a argumentação desenvolvida em torno da fixação da Srta. Bingley em deturpar a imagem de Lizzy, optamos por destacar outro fragmento do romance:

(...) Sua aparência causou muita surpresa. Que ela tivesse caminhado cinco quilômetros tão cedo, em tal clima desfavorável e sozinha, era quase inadmissível para senhora Hurst e para senhorita Bingley; e Elizabeth estava convencida de que elas lhe desprezaram por isso. Porém ela foi recebida muito polidamente por elas; e, na maneira de seus irmãos, havia algo melhor do que educação; havia bom-humor e bondade. O Sr. Darcy disse muito pouco e o Sr. Hurst, nada. O primeiro se dividia em admirar o brilho que o exercício dera as feições dela e a dúvida sobre se a ocasião justificava ela ter vindo de tão longe sozinha e o segundo pensava apenas em seu desjejum. (O&P, 2012, p. 23).²³⁵

Tanto o desprezo quanto o fascínio estão na contradição promovida pela quebra do decoro, em que enquanto a maioria das mulheres, jovens, casadas, ou solteiras, prezam-se por se manterem dentro do padrão estabelecido, via de regra, pelos livros de conduta apreciados de modo massivo; a protagonista faz a aparição emblemática, suas vestes, seus cabelos comprometidos pelo vento e pela lama das poças d'água em dia úmido derrubam a figura prescrita por esses manuais. Apenas um ato de amor pela irmã enferma basta para que a jovem encontre a razão justa para se quebrar a regra, sem que com isto ela tenha sua imagem afetada pelos constantes insultos das irmãs de Bingley, que chega a acusá-la de singular por tal exibição.

Por meio da senhorita Bingley, notamos que a visão tão enraizada do decoro feminino, mesmo entre as próprias mulheres, causa não apenas uma ineficácia dessas palavras, na medida na qual a aplicabilidade se esvazia em termos de possibilidades reais de ocorrência, assim que há a possibilidade narrativa de se perceber o quanto ela não é capaz de aplicá-los para si própria, pois está apenas presa em reproduzir um discurso, já bastante difundido no meio em que vive, tal como prova a ingênua fala de seu irmão. demonstrada no fragmento anterior.

²³⁵ Trad. p. 244: “(...) Her appearance created a great deal of surprise. That she should have walked three miles so early in the day, in such dirty weather, and by herself was almost incredible to Mrs. Hurst and Miss Bingley; and Elizabeth was convinced that they held her in contempt for it. She was received, however, very politely by them; and in their bother`s manners there was good humour and kindness. Mr. Darcy said very little, and Mr. Hurst nothing at all. The former was divided between admiration of the brilliancy which exercise had given to her complexion, and doubt as to the occasion`s justifying her coming so far alone. The latter was thinking only of his breakfast.” (P&P, 2012).

Butler (1990) nos auxilia a compreender as raízes mais profundas destes efeitos:

Sr. Klinger desenvolve o argumento de que *Orgulho e Preconceito* usa da familiar antítese do século XVIII entre arte e natureza como o fundamento da ação do livro e do seu modo de organização. Ele engloba um número considerável de casos nos quais a antítese aparece em relação à Elizabeth. Sua ‘naturalidade’ ao tocar piano é comparada, por exemplo, com o desempenho artificial de Mary; sua caminhada impulsiva através da lama a Netherfield contrasta com o frio, reservas formais manifestadas primeiro por Mary, e mais tarde por Miss Blingley. Uma série de episódios, em suma, apresenta Elizabeth ao lado da natureza, sentimentos, impulso, originalidade, espontaneidade. (...) De acordo com esta leitura, Elizabeth, mesmo que não totalmente vitoriosa, é heroína mais revolucionária de Austen. (BUTLER, 1990, p. 198, tradução nossa).²³⁶

Elizabeth, por um viés metafórico, com a resposta, parece nos fornecer a ideia de decoro, talvez levando em conta algo mais sutil, pois tem na própria família o exemplo mais exacerbado da busca exaustiva por ele, por meio da irmã Mary, conforme analisamos no momento oportuno, quando nela vimos a teoria ser levada à última potência, desconsiderando a prática, que, quando vivenciada, era sedimentada na má aplicação, tamanha é a busca cega da jovem pelo ideal de iluminismo propagado em livros e demais periódicos.

Em resposta a Darcy na ocasião, a personagem afirma:

- Já não estou mais surpresa por você conhecer apenas seis mulheres prendadas. Agora me surpreendo por conhecer alguma.
- Você é tão severa sobre o seu próprio sexo a ponto de duvidar da possibilidade de tudo isso?
- Nunca vi tal mulher. Nunca vi tal capacidade, gosto, elegância, como você as descreve juntas. (O&P, 2012, p. 27).²³⁷

Quem nos auxilia na compreensão do ponto tratado por meio da fala de Lizzy é Byrne (2010, p. 298, tradução nossa):

A relação de Austen junto à tradição dos livros de conduta era complexa e ambivalente. (...) O paradoxo chave, é a distinção entre teoria e prática: Jane Austen valoriza boas *maneiras em ação*, mas demarcou aqueles que não

²³⁶ Trad. p. 198: “Mr. Klinger develops the argument that *Pride and Prejudice* uses familiar eighteenth-century antithesis between art and nature as the ground of the book’s action and its mode of organization. He marshals a considerable number of instances in which the antithesis appears in relation to Elizabeth. Her ‘natural’ piano-playing is compared for example, with Mary’s artificial performance; her impulsive walk through the mud to Netherfield contrast with the cold, formal reservations expressed first by Mary, later by Miss Blingley. A series of episodes, in short presents Elizabeth on the side of nature, feelings, impulse, originality, spontaneity.(...) According to this reading, Elizabeth, even if not wholly victorious, is Jane Austen’s most revolutionary heroine” (BUTLER, 1990).

²³⁷ Trad. p. 247: “– I am no longer surprised at your knowing only six accomplished woman. I rather wonder now at your knowing any.
– Are you so severe upon your own sex as to doubt the possibility of all this?
– I never saw such a woman. I never saw such capacity, and taste, and application, and elegance, as you described united.” (P&P, 2012).

praticam o que pregavam. É por isso que sua forma escolhida foi o romance, no qual o código de polidez poderia ser dramatizado (e às vezes ironizado) ao invés de reduzido a um conjunto de regras (BYRNE, 2010, p. 298, tradução e grifos nossos).²³⁸

Em contrapartida, temos na visão aristocrática de Darcy a demarcação novamente da tradição, pois, em seu meio, as noções por ele proclamadas parecem ter uma maior possibilidade de ocorrência. Como prova disso, temos as posturas sugeridas por sua tia Lady Catherine de Bourgh, com as colocações sempre tão rígidas, conforme discutiremos mais adiante. Por outro lado, verificamos ser este o ponto de contato (para Darcy e Lizzy) mais profundo que se estabelecerá por um esforço contínuo por parte de Darcy em levantar a questão quando Elizabeth se faz presente, como na ocasião a ser descrita, e que de certo modo irá reforçar nossa argumentação já iniciada de que a leitura é o ponto forte da protagonista do romance.

Ainda em Netherfield, na ocasião em que a mãe e as irmãs mais jovens da moça vão até ao local checar o estado de saúde da enferma Jane, estabelece-se o seguinte diálogo:

– Não gosto de me gabar da minha própria filha, mas, para estar certa Jane não se vê tão comumente alguém mais bonita. É o que todos dizem, não confio em minha própria parcialidade. Quando ela tinha apenas quinze anos, havia um homem na cidade com meu irmão Gardner que se apaixonou tanto por ela que minha cunhada estava certa de que ele a pediria em casamento antes de ir embora. Porém ele não o fez. Talvez ele a achasse muito jovem. Entretanto, ele escreveu alguns versos para ela e eram muito bonitos.

– E terminou assim sua afeição, disse Elizabeth com impaciência. Houve muitos, imagino arrebatados da mesma maneira. Eu me pergunto quem foi o primeiro a descobrir a eficácia da poesia em encorajar o amor!

– Eu me acostumei a considerar a poesia como o primeiro alimento do amor, disse Darcy.

– De um amor fino, determinado e saudável pode ser. Qualquer coisa nutre o que já é forte. Mas se for apenas um tipo leve de inclinação, estou convencida de que um bom soneto o fará perecer de fome.

Darcy apenas sorriu. (O&P, 2012, p. 30).²³⁹

²³⁸ Trad. p. 298: “Austen relationship to the conduct book tradition was complex and ambivalent. (...)The key paradox, is the distinction between theory and practice: Jane Austen valued good *manners in action*, but scored those who did not practise what they preached. That’s why her chosen form was the novel, in which the code of politeness could be dramatized (and sometimes ironised) rather than reduced to a set of rules.” (BYRNE, 2010, grifos nossos).

²³⁹ Trad. p. 249: “– I do not like to boast my own child, but to be sure, Jane- one does not often see anybody better looking. It is what everybody says. I do not trust my own partiality. When she was only fifteen, there was a man at my bother Gardiner’s in town so much in love with her that my sister-in-law was sure he would make her an offer before he came away. But, however, he did not. Perhaps he thought her too young. However, he wrote some verses on her, and very pretty they were.

– And so ended his affection, said Elizabeth impatiently. They have been many a one, I fancy, overcome in the same way. I wonder who first discovered the efficacy of poetry in driving away love!

– I have been used to consider poetry as the food of love, said Darcy.

– Of a fine, stout, healthy love it may. Everything nourishes what is strong already. But if it to be only a slight, thin sort of inclination, I am convinced that one good sonnet will starve it entirely away.

Temos neste trecho a presença de algumas questões importantes acerca do artefato literário enquanto fonte de elevação do amor, mais em especial do amor cujo princípio parte do sentimentalismo e é fixado apenas por meio dessa evocação emocional.²⁴⁰ A poesia, tal como a protagonista se refere, sonetos, já não são os aspectos literários mais “comuns”²⁴¹ do mundo burguês. De acordo com o que aponta Richardson (2010, p. 403, tradução nossa), podemos conhecer mais a respeito do lugar da poesia na época e também como parte presente em outras obras da autora inglesa:

A poesia ainda era considerada como sendo na época de Austen um gênero polido e mais sério do que a prosa de ficção, e as heroínas de Austen mais resolutas e sérias como, Fanny Prince em *Mansfield Park* e Anne Elliot em *Persuasão*, ambas encontram ocasiões para demonstrar seu profundo conhecimento em poesia.²⁴²

O que está em jogo aqui, no entanto, não é nem tanto a demonstração da apreciação ou não de determinados “gostos” pessoais, e sim a perspectiva que cada um deles emprega ao destacar um mesmo objeto de análise, no caso, o texto poético. O que vemos é a contradição vivenciada num espaço de concomitância, em que para o aristocrata a manifestação poética é a base que estimula o amor, enquanto para Elizabeth o mesmo funciona apenas como um apêndice dentro do processo de manutenção de algo já estabelecido, completamente contextualizado, dentro de uma relação.

A moça parece se incomodar muito, inclusive com a ideia de que esse amor seja criado a partir de tais manifestações poéticas, uma vez que a “ilusão sentimental” possa ser facilitada pelo deslumbre com a beleza e o teor dos versos. Mais do que isto, dá-nos a sensação de que possui a nítida certeza de que uma boa leitura não deve ser confundida como sendo a própria manifestação de afeição humana (o que levaria jovens menos preparados dentro do contexto literário, em última instância, a se sentirem encorajados de maneira deliberada a transferirem aspectos da ficção para sua realidade pessoal). Por esta razão, começa-se por realizar a interrupção da fala imprópria da mãe, que, ao invés de fazer valer os atributos de beleza destacados pela menção da escrita dos versos, passa a por em perigo a própria conduta da

Darcy only smiled.” (P&P, 2012).

²⁴⁰ Referimo-nos à ideia de sentimentalismo.

²⁴¹ Referimo-nos à ideia de popularidade do romance, especialmente ligada ao público feminino burguês.

²⁴² Trad. p. 403: “poetry was still considered in Austen’s time a higher and more serious genre than prose fiction, and Austen most resolutely serious heroines, Fanny Prince in *Mansfield Park* and Anne Elliot in *Persuasion*, both find occasion to demonstrate their intimate knowledge of poetry.” (RICHARDSON. 2010).

filha, que na pior das hipóteses correu risco ao receber o galanteio de um homem com quem mal teve contato, levantando a possibilidade da doce Jane de se deixar iludir por meio desses processos já descritos e envolver-se prematuramente com alguém.

Em Darcy, temos necessariamente a manifestação da surpresa, uma vez que suas noções de decoro e afeto nascem fincadas nos aspectos da aristocracia, cujo elemento utilizado na manifestação deste sentimento usa como ponto de partida (literariamente falando) a poesia. Aqui, recorremos ao exemplo dos sonetos shakespearianos ou ainda poetas da restauração inglesa. Quem nos oferece maiores detalhes a respeito das predileções poéticas de Austen e, portanto, de possíveis referências quando se trata de poesia em suas obras literárias, tal como o faz em *Orgulho e Preconceito*, é, Wheeler (2010, p. 408, tradução nossa): “(...) Austen tinha prazer na leitura pré-romântica, doméstica sublime de William Cowper, escritor de hinos- e também no poeta, ao invés das sublimidades do período romântico de Coleridge ou Shelley.”²⁴³

Vale dizer que Elizabeth não está estabelecendo uma opinião que cria um total desinteresse; ela, pelo contrário, aparenta conhecimento desse gênero literário, ou a argumentação da heroína se tornaria tão vazia e desapropriada, como a feita por sua mãe.

E, por fim, com um sorriso, Darcy, que sempre pouco se manifesta nesse sentido, parece aprovar as razões de recusa da pretendente, ainda que por discreta manifestação deste tipo, em que ao menos ele consegue delinear em seu íntimo que a filha tem um maior comprometimento com o decoro (ainda que não corresponda totalmente à ideia que ele faz disso, segundo os pontos enumerados por ele em um dos fragmentos textuais anteriores), contudo, parece dar crédito a ela quando comparada à mãe e às irmãs mais novas.

Mais interessante ainda é perceber como, por meio da demonstração dos espaços literários conhecidos e vivenciados por cada um deles, a autora consegue, ainda que de um modo bastante sutil, dizer também como cada um, a partir deste ponto de partida literário, ou melhor dizendo, da linguagem, deixa transparecer seus valores, que, como veremos pouco a pouco, passa a ser beneficiado e influenciado positivamente, um pelo outro. Ainda pensando a respeito dessas características que mutuamente serão compartilhadas pelo jovem casal, devemos acrescentar o seguinte trecho no qual Butler (1990, p. 198, tradução nossa) comenta

²⁴³ Trad. p. 408:“(...) Austen took the pleasure in the pré-Romantic, domestic sublime of William Cowper, hymn-writer as well as poet, than in the Romantic sublimities of Coleridge or Shelley.” (WHEELER, 2010). Desta forma, manteremos nossa “suposição” de nomes atrelada ao grupo dos pré-românticos todas as vezes que nos referirmos à poesia.

Kliger, destacando, ainda, outros aspectos fundamentais da personalidade e comportamento dessa heroína austeniana, que para nós são essenciais quando discutimos os princípios que ela demonstra enquanto leitora:

(...) Jane Austen simpatiza com uma “naturalidade” de Elizabeth, uma visão que tem implicações surpreendentes quando ele transfere sua atenção de estilo para a esfera da moral, especialmente, das relações de classe. Ele vê o movimento do livro como o de um compromisso e autoinstrução, como Elizabeth aprende a ter classe por conta própria e Darcy vem para compartilhar o “gênio” de Elizabeth para o tratamento de todas as pessoas com respeito e dignidade.²⁴⁴

Conforme verificamos a seguir: “o objetivo de Austen não é o de disputar o princípio hierárquico que permeia a antiga sociedade, mas sim redefinir riqueza e status como um dos muitos sinais que devem ser lidos e avaliados em termos de um hábito de linguagem recorrente.” (ARMSTRONG, 1987, p. 138, tradução nossa).²⁴⁵

Podemos afirmar, em outras palavras, que o texto literário austeniano nos dá a chance de estabelecer, no terceiro nível de análise, o reconhecimento das contradições sociais aqui demarcadas pela perspectiva literária de cada uma dessas personagens por meio da maneira com a qual eles escolhem defender as suas opiniões a respeito do trabalho poético.

Entenderemos a partir daqui que o romance constrói o conflito entre Elizabeth e o senhor Darcy também em termos de linguagem, assim como em todas as ocasiões nas quais pudemos evidenciar o mesmo processo acontecendo entre Elizabeth e a irmã ou entre a protagonista e Collins, mas podemos dizer que, em certa medida, o aristocrata Darcy é o único que difere de todos os demais e que, ao avançar da história, presencia-se nele uma modificação pessoal, permitindo que o conflito inicial seja bastante atenuado.

Por ora, gostaríamos de continuar apontando outros momentos em que se é possível enxergar tais contradições, demonstrando em qual medida eles se constituem enquanto leitores fictícios.

²⁴⁴ Trad. p. 198: “(...) Jane Austen sympathizes with a ‘natural’ Elizabeth, a view which has startling implications when he transfers his attention from style to the sphere of morals, and, especially, of class relationships. He sees the movement of the book as one of compromise and self instruction, as Elizabeth learns to take class into account, and Darcy comes to share ‘Elizabeth’s genius for treating all people with respect and dignity.’ (BUTLER, 1990).

²⁴⁵ Trad. p. 138: “Austen’s objective is not to dispute the hierarchical principle underlying the old society, but to redefine wealth and status as so many signs that must then be read and evaluated in terms of the more fundamental currency of language.” (ARMSTRONG, 1987).

Na ocasião do baile promovido por Bingley em Netherfield, o Sr. Darcy pede à Lizzy a concessão de uma dança e, neste momento, ambos acreditam ter a oportunidade de conhecerem melhor um ao caráter do outro; Darcy, pensando em termos de inteligência e perspicácia da companheira, e Elizabeth, por outro lado, com o intuito de desvendar quais seriam as razões do aristocrata para agir com tamanha frieza e desprezo quando o assunto é a antiga amizade entre ele e o soldado Wickham, com quem ela havia algumas vezes tido a chance de conversar, antes desta ocasião do baile. Darcy diz:

- Você fala por obrigação, então, quando está dançando?
- Às vezes. Deve-se falar muito pouco, você sabe. Pareceria estranho ficar completamente em silêncio por meia hora juntos; e ainda, para o benefício de alguém, a conversa deve ser distribuída de tal modo para que se fale o mínimo possível.
- Você está consultando seus próprios sentimentos, neste caso, ou imagina que está satisfazendo os meus?
- Ambos, respondeu Elizabeth com ironia; pois vejo uma similaridade no curso de nossas mentes. Somos ambos de uma disposição pouco social e taciturna, não desejamos conversar, a menos que esperemos dizer algo que surpreenderá toda a sala e sermos conduzidos à posteridade pelos aplausos do provérbio.
- Isso não é nenhuma descrição muito notável do seu próprio caráter, estou certo, ele disse não posso fingir e quão perto pode estar do meu. Sem dúvida que você acha um retrato muito fiel.
- Não posso definir meu próprio proceder. (O&P, 2012, p. 59).²⁴⁶

A conversa entre os dois se estabelece, mais uma vez, por meio do viés da conduta, ou seja, da forma como cada um deles encara o modo de agir numa situação social, como esta, um baile. A visão de cada um deles, via de regra, traz um apurado sentido de linguagem quando se trata das contraditórias opiniões que cada um deles carrega graças ao espaço social em que cada um trafega. Enquanto para Darcy a conversação é vista como algo desnecessário²⁴⁷ (talvez reforçado pela superioridade que sua posição permite assumir), sua parceira de dança, dá uma aula quando demonstra ao rapaz os benefícios deste artifício (levando em conta que nesta interação entre homens e mulheres havia a chance de se conduzir

²⁴⁶ Trad. p. 269-270.: “– Do you talk by rule, then, while you are dancing?

– Sometimes. One must speak a little, you know. It would look Odd to be entirely silent for half an hour together; and yet for the advantage of some, conversation ought to be so arranged, as that they may have the trouble of saying a little as possible.

– Are you consulting your own feelings in the present case, or do you imagine that you are gratifying mine?

– Both, replied Elizabeth, archly; for I have always seen a great similarity in the turn of our minds. We are each of an unsocial, taciturn disposition, unwilling to speak, unless we expect to say something that will amaze the whole room, and be handed down to posterity with all the éclat of a proverb.

– This is no very striking resemblance of your own character, I am sure, said he. How near it may be to mine I cannot pretend to say. You think it a faithful protrait undoubtedly.

– I must not decide on my own performance.”(P&P, 2012).

²⁴⁷ Veremos que o personagem do senhor Darcy afirmará posteriormente que existe por parte dele certa dificuldade em manter conversação com pessoas fora do seu círculo já estabelecido de amizades.

ao conhecimento do outro, já que ali era uma rara oportunidade que as moças de modo geral tinham para conversar de modo mais particular com um homem, pois em outras circunstâncias a figura feminina deveria sempre tomar o cuidado de não permanecer a sós com outro rapaz).

A ironia de Elizabeth demarca, no entanto, algo que vai muito além do fato de demonstrar as diferenças de concepção de mundo de cada um deles, ela transpõe essa relação em termos *de mente* e, ao aproximar-se, ainda que com ironia, da ideia de que ambos possuem pensamentos similares, ela pode, em contrapartida, dar-nos a nítida impressão de estar individualizando a questão, pois de outra forma a jovem não poderia e nem conseguiria transpor a superioridade dada a Darcy, via posição social, mas ao fazê-lo deste modo, parece romper as barreiras que ainda existem que são aqui também postas em outros termos de leitura do caráter do ser humano como indivíduo poderia manter uma troca mais justa de informações. O conflito entre eles deve ser certamente resumido como um embate, que desnuda os conflitos da esfera social por meio do nível das ideias. Não estamos sugerindo que Elizabeth se iguale a Darcy em termos de independência feminina, estamos apenas levantando a questão para que se possa cumprir com a ideia de que o Iluminismo por ela vivenciado passa pela experiência, o que, portanto, permite-nos sentir certo grau de “individualização” das coisas em seus posicionamentos. Darcy, por outro lado, não vê sua ironia de modo tão ofensivo, pois por meio da figura de Elizabeth é que ele é convidado a ser confrontado com tudo aquilo que ele considera ser essencial em termos de decoro e comportamento, o que, para um homem de sua posição, acostumado a só receber bajulações de amigos que a todo tempo querem se autoafirmar perante seus olhos, passa a ver nesta discrepância trazida pela protagonista, no mínimo, o despertar de seu desejo em conhecê-la mais de perto e, neste sentido, ele também tem nela o interesse enquanto um indivíduo que estabelece dentro do padrão uma forma sutil de deixar os outros atraírem-se por sua “mentalidade” pouco devorada pela angústia de parecer o símbolo da perfeição para ele, a quem ela trata apenas com a cordialidade exigida pelo decoro.

É, no entanto, na continuidade desta conversa que temos uma nova tentativa de Darcy em abordar a temática da leitura, ele continua:

- O que você acha de livros?, disse ele com um sorriso.
- Livros – Oh! Não Estou certa de que não lemos os mesmos ou não com os mesmos sentimentos.
- Lamento que você pense assim; mas se este é o caso, então não pode haver, no mínimo, falta de assunto. Podemos comparar nossas diferentes opiniões.

- Não – não posso falar sobre livros em um salão de baile; minha cabeça está sempre cheia de outras coisas.
- O presente lhe ocupa tais cenários – não é?, disse ele com um olhar de dúvida. (O&P, 2012, p. 60).²⁴⁸

Sentindo-se desconfortável com a ironia de Elizabeth ao questionar a respeito do Sr. Wickham, o aristocrata busca desviar a conversa para algo em que ele, por tantas ocorrências, viu ser também da preferência dela, insistindo no assunto da leitura. Mas o tema não é apenas um mero pretexto casual, pois, vendo-se já bastante interessado pela jovem, ele faz deste artifício uma porta de entrada para confirmar as primeiras impressões de ver nela uma mulher com um bom repertório de leitura, ele quer “que ela exhiba” seus conhecimentos adquiridos ao longo da vida. Ele sorri, pois parece desejar demarcar esta necessidade de leveza do momento. Ao contrário de Mary e da Srta. Bingley, essa exibição não se torna sinônimo de presunção, já que fora solicitada dentro de um contexto possível de troca de ideias.

Elizabeth, por sua vez, parece estar tomada pelo relato de Wickham e, portanto, não se demonstra disposta a satisfazê-lo nesta ocasião. Mas também diz além: por meio da indisponibilidade para tal, ela, no entanto, não deixa de dizer que não leem as mesmas obras, ou mesmo se as lessem, as veriam de modos distintos.

Observamos novamente que, por meio do aspecto formal do romance, Austen nos permite reforçar a hipótese de que ainda que num primeiro nível de leitura tudo esteja ligado à compaixão de Elizabeth para com o soldado; num segundo momento, passa-se a perceber que isso não é tudo. Elizabeth parece dizer de modo velado que, ainda que ela leia obras do interesse de Darcy, como a poesia, como vimos noutro momento, cada um teria dado diferentes impressões deste mesmo objeto, levando a tensão entre a aristocracia e a burguesia, além dos próprios pequenos proprietários de terras, grupo ao qual a protagonista pertence, a ser verificada pelo viés da leitura dos gêneros literários mais apreciados por cada um deles. Ou oferece ainda uma segunda vertente ao ligar com o que é literatura para cada uma destas personagens, pois enquanto Elizabeth pode ler romances, a ironia deixa evidente que, segundo o olhar da protagonista, Darcy, a quem neste momento do enredo “julga” com certa parcialidade preconceituosa, não seria capaz de apreciá-lo, e assim como o senhor Collins o fez, o julgaria como um meio inapropriado de entretenimento.

²⁴⁸ Trad. p. 270: “– What think of books? said he, smiling.

– Books-oh! no. I am sure we never read the same, or not with the same feelings.

– I am sorry you think so; but if that be the case, there can at least be no want of subject. We may compare our different opinions.

– No – I cannot talk of books in a ball-room; my head is always full of something else.

– The present always occupies you in such scenes- does it?, said he, with a look of doubt (P&P, 2012).

A abertura do Sr. Darcy para discutir o assunto demonstra que, ao contrário da rigidez de Collins e da negação, ele poderia ter certo prazer em desfrutar de suas opiniões, ainda que possam existir pontos de discordância e, nesta medida, Austen parece começar a delinear as vantagens que tal “diferença” poderia servir de modo útil para ambos, garantindo, em especial para Elizabeth (já que Darcy possui uma grande coleção de obras), a expansão dessa vivacidade mental, e neste sentido Darcy já se faz muito superior se comparado ao entrave intelectual que o primo da moça iria nela promover como o suposto pretendente.

A última frase proferida por Darcy dentro deste diálogo demonstra que a personagem fica em dúvida quanto às outras coisas de que ela se ocupa naquele instante. Por ela, poderia tanto estar se reportando ao contexto de Wickham quanto ao das distintas percepções acerca da leitura; se a segunda opção for o caso, Darcy verá este comportamento como algo positivo, uma vez que demonstra que a jovem protagonista possui nas escolhas dela um bom senso, capaz de fazer dela uma mulher que tira proveito de todas as opções de divertimento, sem que sua conduta se prenda apenas à presunção de ser vista como uma grande leitora.

Um aspecto bastante importante que verificamos a partir deste ponto da obra é que há uma queda significativa, uma ruptura nas menções a respeito de Elizabeth, enquanto leitora, pois após o baile promovido em Netherfield, as personagens com quem ela faz as mais significativas trocas intelectuais (Darcy, e também nos referimos à propriedade de Bingley) são deslocadas como uma tentativa de afastar a Srta. Bennet do burguês Charles, pois tanto na opinião de Darcy quanto na das irmãs do rapaz este envolvimento amoroso iminente entre eles seria visto como algo prejudicial. Com um círculo de amizades mais escasso, Elizabeth aceita ao convite para passar uma temporada na casa de sua amiga Charlotte, agora casada com o primo de Lizzy, Sr. Collins.

E a partir daqui, talvez, possamos ser convidados a pensar de modo mais criterioso nos efeitos desta nova configuração. A primeira hipótese que surge mediante os aspectos que o enredo nos apresenta é que de fato tal hábito não se apresenta de modo constante, pois Elizabeth encontra-se agora hospedada na residência do Sr. Collins, cuja sala de leitura, além de ser local de expiação para as aparições de Lady De Bourgh, só pode estar repleta de uma literatura de conduta, como os ditos sermões, e a protagonista, que viaja motivada por uma curiosidade imensa em conhecer a matriarca de *Rosings Park*, prefere então se limitar a ouvir somente os discursos intermináveis do primo, pois estes já teriam o mesmo aspecto tratado nestas possíveis leituras. Uma segunda razão para a manutenção de tal comportamento se dá também pelo fato de que, a partir deste momento da narrativa, é que conseguimos ver

Elizabeth expando na prática todo seu repertório de conhecimento, interagindo nesta ocasião com a aristocrata, tia de Darcy.

Há ainda a necessidade de dizer que é nesta fase da trama que a protagonista passa por uma boa revisão de suas opiniões a respeito do aristocrata Darcy, cujo estopim é curiosamente vindo por meio da leitura de uma carta.

Pretendemos então nos debruçarmos nestas relações que são aparentemente desconectadas do tema de nossa dissertação, mas que na realidade reforçam todas as colocações já apontadas agora no horizonte de interpretação aparente dentro da perspectiva do segundo nível de leitura. Começaremos então pelos aspectos interessantes que o encontro entre Elizabeth e a tia de Darcy nos desperta. Gostaríamos de demonstrar o quanto Jane Austen apresenta formalmente uma protagonista segura de si, capaz de participar das mais variadas rodas de conversa, especialmente quando comparada à insegurança de Sir Lucas, cujo título de importância social já deveria lhe oferecer um maior conforto ao participar de situações como estas, mas ele acaba por se constranger, dada é a pompa da senhora De Bourgh.

Quando subiram os degraus do salão, a preocupação de Maria crescia a todo instante e até Sir William não parecia perfeitamente calmo. A coragem de Elizabeth não lhe faltou. Ela nada ouvira sobre Lady Catherine que a fazia impressionante por quaisquer extraordinários talentos ou virtude miraculosa, e pensou que poderia testemunhar a imponência do dinheiro ou da posição social sem temor. (O&P, 2012, p. 100).²⁴⁹

A questão que mais nos interessa despertar, no entanto, e a qual anda de mãos dadas com o a leitura é a ideia de autoaprendizagem que a protagonista faz questão de trazer à tona.

Ela lhe perguntou, em momentos diferentes, quantas irmãs tinha, se eram mais novas ou mais velhas do que ela, se alguma deles estava perto de se casar, se eram bonitas, onde foram educadas, qual carruagem seu pai tinha e qual era o nome de solteira de sua mãe. Elizabeth sentia a impertinência das perguntas, mas as respondeu com muita compostura. Lady Catherine então observou,- A propriedade de seu pai está legada ao Sr. Collins, acho. Para seu bem virando-se para Charlotte, - fico feliz por isso; mas, por outro lado, não vejo ocasião para legar propriedades a partir da linhagem feminina. Não se pensou necessário na família de Sir Lewis de Bourgh. Você toca e canta, Srta. Bennet?
– Um pouco.

²⁴⁹ Trad. p. 299: “when they ascended the steps to the hall, Maria’s alarm was every moment increasing, and even Sir William did not look perfectly calm. Elizabeth’s courage did not fail her. She had heard nothing of Lady Catherine that spoke her awful from an extraordinary talent or miraculous virtue, and the mere stateliness of money or rank she thought she could witness without trepidation.” (P&P, 2012).

- Oh! Então em qualquer hora ficaremos felizes em ouvi-la. Nosso instrumento é o melhor, provavelmente superior ao... Você deve tentar em algum dia. Suas irmãs tocam e cantam?
- Uma delas sim.
- Por que todas vocês não aprenderam? Deveriam todas ter aprendido. Todas as Srtas. Webb tocam e o pai delas não tem uma renda tão boa quanto o seu. Vocês desenham?
- Não, nem um pouco.
- O quê, nenhuma de vocês?
- Ninguém.
- Isso é muito estranho. Mas suponho que você não teve a oportunidade. Sua mãe deveria tê-la levado à cidade todas as primaveras para aprender com os mestres.
- Minha mãe não faria objeção, mas meu pai odeia Londres.
- A sua governanta lhes deixou?
- Nunca tivemos governanta alguma.
- Sem governanta! Como isso foi possível? Cinco filhas crescidas em um lar sem governanta! Nunca ouvi tal coisa. Sua mãe deve ter sido tamanha escrava para educá-las.
- Elizabeth mal pôde evitar um sorriso enquanto assegurava que aquele não era o caso.
- Então, quem lhes educou? Quem cuidou de vocês? Sem uma governanta vocês devem ter sido negligenciadas.
- Comparada com algumas famílias, acredito que fomos; mas aquelas de nós que desejaram aprender não se importaram com os meios. Sempre fomos encorajadas a ler e tivemos todos os mestres que foram necessários. Aquelas que escolheram ficar ociosas, certamente puderam. (O&P, 2012, p. 101).²⁵⁰

²⁵⁰ Trad. p. 301: “she asked her, at different times, how many sisters she had, whether they were older or younger than herself, whether any of them were like to be married, whether they were handsome, where they had been educated, what carriage their father kept, and what had been her mother’s maiden name? Elizabeth felt all the impertinence of her questions but answered them very composedly. Lady Catherine then observed, - your father’s state is entailed on Mr. Collins, I think. For your sake, turning to Charlotte, I am glad of it; but other wise I see no occasion for entailing estates from the female line. It was not thought necessary in Sir Lewis de Bourgh’s family. Do you play and sing Miss Bennet?

- A little.
- Oh! Then- some time or other we shall be happy to hear you. Our instrument is a capital one, probably superior to... You shall try some day. Do your sisters play and sing?
- One of them does.
- Why did not all learn? You ought all have learned. The Miss Webbs all play, and their father has not so good income as yours. Do you draw?
- No, not at all.
- What, none of you?
- Not one.
- That is very strange. But I suppose you had no opportunity. Your mother should have taken you to town every spring for the benefit of masters.
- My mother would have no objection, but my father hates London.
- Has your governess left you?
- We never had any governess.
- No governess! How was that possible? Five daughters brought up at home without a governess! I never heard such a thing. Your mother must have been quite a slave to your education. Elizabeth could hardly help smiling as she assured her that had not been the case.
- Then, who taught you? Who attended you? Without a governess, you must have been neglected.
- Compared with some families, I believe we were; but such of us as wished to learn never wanted the means. We were always encouraged to read, and had all the masters that were necessary. Those who chose to be idle, certainly might”. (P&P, 2012).

Usamos o termo autoaprendizagem especialmente para demarcar a ideia de que a protagonista não passou por todas as formalidades das quais a tia de Darcy aponta. Quem nos oferece mais detalhes desse modo de instrução é Kelly (2010, p. 256, tradução nossa):

Nos tempos de Austen muitas famílias ofereciam a seus filhos uma educação profissional, não somente as classes médias, que dependiam do capital intelectual e cultural, mas também os pequenos proprietários, os quais reconheciam a necessidade do conhecimento, autodisciplina, e as habilidades de administrar abarcadas por esse tipo de educação.

As críticas sociais advindas desde Mary Wollstonecraft a Hannah More, apontavam, no entanto, que as mulheres eram excluídas desse espectro da educação intelectual e moral e ao invés disso eram treinadas naquilo que chamavam de ‘habilidades’.

Essas diferenciavam dos demais elementos da educação feminina – ensino básico, administração doméstica e instrução religiosa. A educação básica compreendia noções como letramento, matemática. Nos tempos de Austen as meninas eram excluídas das poucas escolas de gramática que ofereceriam a elas um aprendizado mais avançado (...). O ensino de religião era considerado indispensável, pois encaminhava as moças à igreja. A educação básica acontecia em casa, e às vezes vinha acompanhada da frequência em um dia da semana nos internatos; os treinamentos tanto domésticos quanto religiosos também ocorriam no lar. As habilidades também poderiam ser adquiridas ali, com auxílio de governantas e tutores particulares, e para aprimorar passavam um dia em um desses internatos (...).²⁵¹

O diálogo exposto entre as duas personagens diz muito a respeito das “normas” que regem o espaço social e, por consequência, a moral de cada uma delas e, ao mesmo tempo, dá a entender que a personagem de Elizabeth não se constrange com o interrogatório, cujo objetivo final, na realidade, é o de afirmar a superioridade econômica da senhora De Bourgh. Na medida em que avançamos na leitura do romance, percebemos que, apesar de toda pompa que ostenta, nem ela e nem a filha, uma jovem apática de aspecto doentio, tiveram as chances de serem os “modelos” conforme o diálogo define, ditando certos fatores como sendo essenciais. Percebemos ainda mais essa tendência quando a aristocrata afirma que outras com menos poder aquisitivo puderam se tornar aptas a realizar todas as tarefas voltadas ao

²⁵¹ Trad. p. 256: “by Austen’s day, many families gave their sons a Professional education, not only in the middle classes, who depended on intellectual and cultural capital, but also in the gentry, who recognised the usefulness of the knowledge, self-discipline and managerial skills afforded by such education. As social critics from Mary Wollstonecraft to Hannah More pointed out, however, females were excluded from such board intellectual and moral education and instead trained in what were called ‘accomplishments’.

These differed from the other elements in female education – basic schooling, house hold management and religious instruction. Basic schooling comprised practical skills such as literacy and numeracy- by Austen’s day girls were being excluded from the few grammar schools that offered them more advanced schooling.(...)Religious instruction, considered indispensable, inducted the young female into the family’s church .Basic schooling occurred at home, sometimes augmented through attendance at day or boarding school; domestic training and religious instruction also occurred at home. Accomplishments, too, could be acquired at home though usually form governess and private tutors, perhaps with ‘finishing’ at a day school or boarding (...).” (KELLY, 2010).

universo feminino, ou quando interrompe a frase com a afirmativa de que seu instrumento, no caso o piano, é sem sombra de dúvidas superior ao da jovem. As contradições sociais aqui apresentadas acontecem, pois Lizzy deixa claro que a falta de aprendizagem ocorreu não por motivos financeiros, e sim por uma *liberdade de escolha*.

Essa liberdade a qual nos referimos está vinculada a possibilidade de bens e serviços dos quais pessoas com a posição social da heroína austeniana podem obter. É com parcimônia, no entanto, que declaramos haver tal liberdade quando nos recordamos o quanto essas mulheres viviam mediadas pela sociedade patriarcal e, para tanto, as jovens escolhem o que ser dentro daquilo cujo sistema educacional as permitem. Para nossa discussão, é mais interessante, portanto, ter em mente e considerar a este diálogo enquanto algo que expressa simbolicamente algo maior, ou seja, a transição de poder que fica demarcada na tensão presente dentro das perspectivas dessas duas personagens. O caráter social e ideológico, da postura de cada ranqueamento é sentido a partir desse notável desprendimento e liberdade por parte de Elizabeth Bennet. Esteticamente, Austen expõe as “disposições” sociais de cada uma delas, sem que para isso se faça necessário uma crítica direta, mas seguindo seu trabalho de linguagem, o qual, com a ironia cortante da protagonista, não nos deixa com outra impressão, senão essa com a qual trabalhamos ao pensamos o processo interpretativo de maneira dialética.

Algo que jamais alguém nos moldes aristocráticos (em que a hereditariedade de costumes impera), como a dama, seria incapaz de compreender. A noção mais profunda que aparece por trás da escolha das palavras de Elizabeth é justamente o fato de percebermos que o homem burguês agora tem a chance graças ao acúmulo de capital de “optar por adquirir o conhecimento”, que antes se restringia apenas à aristocracia. Notamos que, em última instância, a senhora, antes com condições de ditar as regras do jogo, agora passa a ser “obrigada”, primeiro, a conviver com pessoas de outros ranqueamentos e, segundo, a compreender, ainda que isso lhe cause certo estranhamento, que a rigidez dessas escolhas talvez não seja a forma pela qual jovens, como a protagonista, julgem aceitáveis, pois, como já vimos em outros momentos de análise de *Orgulho e Preconceito*, Austen parece, por meio da figura de Elizabeth, evitar trazer deveres ligados ao extremo.

Por outro lado, vemos mais adiante que a jovem protagonista, apesar de dizer tocar pouco, acaba deleitando a senhora e seu sobrinho com solos no piano. O narrador a define como sendo uma bela instrumentista:

Quando o café terminou, o coronel Fitzwilliam lembrou Elizabeth de ter prometido tocar para ele; e ela se sentou diretamente ao instrumento. Ele arrastou uma cadeira para perto dela. Lady Catherine ouviu metade de uma música e então falou, como antes, ao seu outro sobrinho; até que o último se afastou dela, e com sua atual deliberação, foi até o piano e se posicionou de forma a obter uma completa visão das feições da bela instrumentista. Elizabeth viu o que ele estava fazendo e, na primeira pausa conveniente, voltou-se para ele com um sorriso irônico e disse:

– Você quer me assustar, Sr. Darcy, ao vir com esta pompa toda para me ouvir? Não me alarmarei, embora sua irmã toque tão bem. Há uma teimosia em mim que não suporta ser assustada pela vontade dos outros. Minha coragem sempre se ergue a cada tentativa de me intimidar. (O&P, 2012, p. 107).²⁵²

A coragem de Elizabeth não seria suficiente, tal como não é, por exemplo, para a irmã Mary para driblar as intimidações alheias das personagens de uma posição social superior à dela, não fosse em partes sua capacidade intelectual, pois por meio dessa possibilidade que a protagonista é capaz de impor, por falas às vezes um tanto irônicas, certa descontração para uma situação que exige dela tamanha compostura e habilidade. Ao colocá-las em prática, ainda que com imperfeições, mas com leveza e autenticidade, ela conquista a admiração de Darcy, a quem as múltiplas visões da instrumentista (aqui trabalhando de modo a entendê-las como uma extensão metafórica) podem estar querendo suscitar. Na verdade, é preciso dizer que o rapaz começa a admirar as diversas facetas da companheira, cujo aspecto pode não corresponder seus parâmetros ou expectativas (acerca das habilidades femininas), mas que, no entanto, são perfeitamente agradáveis, graças à naturalidade da qual ela dispõe e que se constrói não enquanto parte, mas como todo. As referências de Elizabeth são parte sempre do contexto que a constitui.

Elizabeth também é vista aprimorando seus conhecimentos de música em outra ocasião, demonstrado que, ao contrário do que diz, ela tem sim apresentado conhecer mais do que declara saber:

Quando tal afazer findou, ele pediu à Srta. Bingley e à Elizabeth a indigência por um pouco de música. A Srta. Bingley moveu-se com certa rapidez ao piano; e depois de um polido pedido para que Elizabeth tocasse primeiro, que a outra negou tão educada e sinceramente, ela se sentou.

²⁵² Trad. p. 305: “when coffee was over, Coronel Fitzwilliam reminded Elizabeth of having promised to play to him and she sat down directly to the instrument. He drew a chair near her. Lady Catherine listened to half a song, and then talked, as before, to her other nephew; till the latter walked away from her, and making with his usual deliberation towards the pianoforte stationed himself so as to command a full view of the fair performer’s countenance. Elizabeth saw what he was doing and at the first convenient pause, turned to him with an arch smile, and said:

– You mean to frighten me, Mr. Darcy, by coming in all this state to hear me? I will not be alarmed though your sister does play so well. There is a stubbornness about me that never can bear to be frightened at the will of others. My courage always rises at every attempt to intimidate me.” (P&P, 2012).

A Srta. Hurst cantou com sua irmã e enquanto estavam assim ocupadas, Elizabeth não pôde deixar de observar, conforme ela se voltava para alguns livros de música que estavam sob o instrumento, o quão os olhos do Sr. Darcy estavam fixos nela. (O&P, 2012, p. 33).²⁵³

Vemos também o quanto a autora inglesa trabalha com as atitudes dessa heroína de modo a fortalecê-la, mesmo quando em sua fala haja uma espécie de resistência em admitir suas aptidões. Longe de partilhar dos extremos, Lizzy pode representar ideologicamente aqueles que transitam sem medo por outras esferas sociais, já que se encontram preparados intelectualmente para tal. Podemos afirmar por um terceiro nível de interpretação, ainda, que tal comportamento de constante infiltração e presença da protagonista junto a membros da aristocracia é mais uma das soluções simbólicas das quais Jane Austen se apropria em seu texto para demonstrar a concomitância dos eventos ou processos históricos vivenciados a partir das reconfigurações socioeconômicas, em que conviver com pessoas como Elizabeth não é mais uma opção e sim uma condição estabelecida. Prova disso se dá pela linguagem utilizada por Austen ao afirmar que “Darcy se sentou de modo a obter uma completa visão da instrumentista” (O&P, 2012, p.107)²⁵⁴, trecho no qual vemos o quanto o aristocrata ainda de modo velado, está sob influência constante desses novos parâmetros por meio da figura da protagonista.

Por meio destas demonstrações, podemos pensar também que, de alguma forma, Lizzy reafirma seu conforto, ao expressar-se com um sorriso, quando, de fato, deveria “submeter-se” à autoridade de alguém mais importante, mas, ao contrário, continua a “deslocar” a tia de Darcy, ao dizer, por exemplo, que acha compreensível que todas as irmãs frequentem a sociedade, ainda que a irmã mais velha não tenha se casado. E dentro destes moldes que não são os da tia de Darcy,²⁵⁵ a protagonista conseguirá desposar seu sobrinho ainda que a aristocrata faça tudo o que se pode fazer para impedir tal união desproporcional.²⁵⁶ A ideologia da forma nos permite ainda pensar que, ao vivenciar o triunfo deste casamento, é-nos dada a percepção de que simbolicamente está enraizada a transição de “poder”

²⁵³ Trad. p. 252: “when that business was over he applied to Miss Bingley and Elizabeth for an indulgence of some music. Miss Bingley moved with some alacrity to the pianoforte; and, after a polite request that Elizabeth would lead the way which the other as politely and more earnestly negatived, she seated herself. // Mrs. Hurst sang with her sister, and while they were employed, Elizabeth could not help observing, as she turned over some music-books that lay on the instrument, how frequently Mr. Darcy’s eyes were fixed on her.” (P&P, 2012, p.252).

²⁵⁴ Trad. p. 305 : “and making with his usual deliberation towards the pianoforte stationed himself so as to command a full view of the fair performer’s countenance” (P&P, 2012).

²⁵⁵ Na última sentença do diálogo, Elizabeth deixa claro que está ciente da comparação com outras famílias, em outras instâncias sociais, mas ainda assim julga sua realidade mediante o contexto em que ela vive, não necessariamente se fazendo de cega quanto a estas “maneiras de comportamento feminino”.

²⁵⁶ Em termos econômicos.

econômico, cultural e social. A aristocracia não consegue mais conter essa mudança afinal, a vontade e a vivacidade de Lizzy são o que vencem. Os moldes de conduta, então, passam a ser vistos quase que como um aspecto secundário do texto, quando retratado dentro de um nível mais profundo de interpretação.

Orgulho e Preconceito, por meio de uma movimentação intensa do enredo, é a representação de uma grande mudança que tomava conta da sociedade o movimento de uma classe minoritária em ascensão e outra considerada poderosa na posição de comprometimento? Elizabeth e sua família (ou o lado materno dela) representando uma classe média em ascensão, enriquecida com dinheiro proveniente do comércio, e suas características virtudes de independência e valores voltados ao indivíduo mais do que ao sua posição em sociedade. Darcy representa a antiga aristocracia cujos familiares devem aprender a respeitar o mérito, seja qual for sua origem. Lido deste modo, o romance move-se por meio de uma síntese social tanto Elizabeth quanto Jane se casam com pessoas de posições sociais mais altas do que as suas: mas a harmonia de conclusão é amplamente alcançada por meio da pompa de aristocratas e seus amigos.

Com a personalidade, vivaz, sensível, informal e moderna, ao contrário das características pré-românticas, Elizabeth atrai críticas quanto às divergências nas tendências liberais, pois elas são predispostas a apreciar uma heroína que vence com individualismo a velha ordem social (BUTLER, 1990, p. 202-203, tradução nossa).²⁵⁷

A suposta falta de habilidades femininas - uma estratégia de contenção -, na verdade, desdobra todo um pensamento que, como vimos, não passa de uma tentativa de manutenção, ou melhor, de uma imposição do status social rigoroso da aristocracia, que num primeiro nível de leitura, de maneira ingênua, pode parecer “denunciar certa ignorância” em Elizabeth, quando na verdade são expressão de algum modo essa transição.

Ainda a respeito do conflito entre a senhora De Bourg e Lizzy, devemos mencionar outro exemplo crucial, o qual apresenta a capacidade intelectual da heroína, ao não se deixar atrair pelos argumentos da aristocrata.

Há, no romance, um segundo encontro entre as duas personagens acima mencionadas, em que a aristocrata dirige-se à residência de Lizzy apenas com a pretensão de arrancar dela a

²⁵⁷ Trad. p. 202-203: “*Pride and Prejudice* in the very movement of its plot the representation of a great change that was overtaking society, the movement of a formerly depressed class into a position of power, and of a formerly powerful class into a position of compromise? Elizabeth and her family (or the maternal side of it) representing a rising middle –class, with its money made in trade, and its characteristic virtues of independence and value for the individual rather than for his status in society. Darcy represents the old aristocracy, whose family must learn to respect merit, whatever its origin. Read like this, the novel moves towards a social synthesis as Elizabeth and Jane marry into higher ranks than their own: but the harmony of the conclusion is achieved largely at the expense of pompous aristocrats and their hangers-on. Energetic, felling, informal, a modern ‘personality’ rather than a pre- Romantic character, Elizabeth attracts critics of diverse liberal tendencies because they are predisposed to like a heroine who champions individualism against the old social order.” (BUTLER, 1990).

promessa de que ela jamais aceitaria se casar com o seu sobrinho. Na ocasião, havia chegado ao seu conhecimento o primeiro pedido de casamento que ele faz a protagonista, por este motivo a senhora decide cortar o mal pela raiz:

- Um boato de natureza muito preocupante me chegou há dois dias. Disseram-me que não apenas sua irmã estava a ponto de se unir muito providencialmente, mas que você, que a Srta. Bennet, estaria com todas as probabilidades de logo depois se casar com meu sobrinho. (...) – Sua vinda a Longbourn, para ver a mim e a minha família, disse Elizabeth friamente, será mais uma confirmação dele; de fato se tal boato existir.
- Se você finge ignorá-lo? Já não foi engenhosamente circulado por vocês mesmas? Você não sabe que tal boato já se espalhou?
- Nunca ouvi que sim
- E você pode igualmente fingir que não há nenhum fundamento para isso?
- Não finjo possuir igual franqueza com a lady. Você pode perguntar o que eu decido não responder.
- Isso não será tolerado. Srta. Bennet, eu insisto em ser respondida. Ele, o meu sobrinho, lhe fez alguma oferta de casamento?
- A lady declarou isso ser impossível.
- Assim deve ser; deve ser assim, enquanto ele mantiver o uso da razão. Mas seus artifícios e seus engodos podem, em um momento de paixão, tê-lo feito esquecer o que ele deve a si mesmo e a toda sua família. Você pode tê-lo atraído.
- Se o fiz deverei ser a última pessoa a confessar.
- Srta. Bennet sabe quem eu sou? Não estou acostumada a tal linguajar como este (...). (O&P, 2012, p. 208-210).²⁵⁸

Neste ponto da narrativa, vemos que a conduta da tia de Darcy carrega justamente a noção de intimidação e submissão das ideias de decoro que ela espera conseguir fazer a protagonista se submeter, porém, a linguagem evasiva de Elizabeth não deixa dúvidas quanto ao fato da não aceitação desta proposta. Os caminhos se cruzam e ao expor sua argumentação, Elizabeth, que vê nisso todo um jogo de poder, acaba apresentando um argumento irrevogável

²⁵⁸ Trad. p.: “- A report of most alarming nature reached me two days ago. I was told that not only your sister was on the point of being most advantageously married but that you, that Miss Elizabeth Bennet, would, in all likelihood, be soon afterwards united to my nephew, (...)”

-Your coming to Longbourn, to see me and my family, said Elizabeth coolly, will be rather a confirmation of it; if, indeed, such a report is in existence.

-If! Do you then pretend to be ignorant of it? Has it not been industriously circulated by yourselves? Do you know that such a report is spread abroad?

-I never heard that it was.

-And can you likewise declare that there is no foundation for it?

-I do not pretend to possess equal frankness with you ladyship. You may ask questions which I shall not choose to answer.

-This is not to be borne. Miss Bennet, I insist on being satisfied. Has he, my nephew, made you an offer of marriage?

-Your ladyship has declared it to be impossible.

-It ought to be so; It must be so, while he retains the use of reason. But your arts and allurements may, in a moment of infatuation, have made him forget what he owes to himself and to all his family. You may have drawn him in.

-If I have, I shall be the last person to confess it.

-Miss Bennet, do you know who I am? I have not been accustomed to such language as this” (P&P, 2012).

ao comparar sua posição (*genteel*, por tradução livre nossa, corresponde a algo como a classe burguesa de onde sua família vem) em comparação à ideia de *Gentleman*, ou homem gentil, ligando a palavra inglesa à noção de burguesia.

Esse artifício derruba toda tentativa seguinte da aristocrata e permite a nós fazermos o reconhecimento de que a protagonista propõe uma aproximação que se faz a partir primeiro do uso da literatura, depois por meio da leitura da carta explicativa, que vamos destacar a seguir, e por também por meio da linguagem, elevando o sucesso do seu relacionamento ao entendimento intelectual daqueles que foram capazes de se sentirem atraídos não pelo convencional decoro, mas pela maleabilidade, que pode ser percebida e alimentada dentro deste paradigma da leitura e de seus contextos de comunicação. A leitura se abre como fonte de conhecimento em todos os níveis para a jovem protagonista, como veremos a partir do recebimento de uma carta, de onde Elizabeth terá a chance de algum modo de ter por completo o crescimento que ainda lhe faz falta receber.

Um último aspecto importante a ser discutido e que envolve o processo de amadurecimento pessoal da personagem principal (quanto ao fato de ampliar e aparar as arestas que por ventura impediram a protagonista de um panorama mais justo a respeito da figura do senhor Darcy e também de suas escolhas) vem interligado ao recebimento de uma carta, na qual o aristocrata busca “defender-se” das acusações vindas de Elizabeth, no instante que ele é surpreendido com a recusa desta jovem ao seu pedido de casamento. Ela o acusa de ter sido o responsável pela separação de sua irmã, a Srta. Bennet, do jovem Bingley, assim como procura acusá-lo (aqui injustamente de ser aquele que provocou toda uma desgraça financeira ao impedir que o Sr. Wickham recebesse seu legado, assumindo a paróquia em Pemberley).

Desta forma, a carta, ou melhor, a leitura dela se faz presente em meio a nossa proposta na medida em que encaramos esse papel como um meio formal do qual Austen faz uso para reafirmar a força simbólica do espaço que a leitura ocupa na composição moral e intelectual desta personagem. É com essa premissa que partimos e nos permitimos imaginar que a leitura, no caso da protagonista, não é algo restrito à noção atribuída à leitura livresca, quando, ao fim do romance, o campo de recebimento dos saberes se abrem por meio de diversos modos em que ela lê o mundo ao seu redor.

A carta se oferece como um ponto inicial para que Elizabeth investigue com mais cautela o caráter do futuro cônjuge e, com isso, ela se dá conta do quanto fora contaminada

pelo parecer alheio, tratando-se da busca do soldado Wickham em se parecer com alguém injustiçado.

Ao revelar os meios escusos do soldado, Elizabeth, que num primeiro momento é tentada a seguir o antigo padrão de conduta e olhar a narrativa de Darcy com preconceito e desdém, a cada nova leitura passa, no entanto, a ser obrigada a admitir que naquelas palavras exista algo de muito verossímil quando comparadas ao relato de Wickham, que não poderia ser por completo negado ou descartado. Sendo assim, ao fim da terceira leitura, ela passa por um processo de epifania e a partir de uma série de encontros com o senhor Darcy, pode perceber o quanto as mentes de ambos se aproximam em função da completude uma da outra. Devemos dizer que, em última instância, parece ser possível afirmar que na medida em que o campo semântico da leitura da personagem se amplia, desenvolve também o caráter e a potencialidade de aprimoramento da personagem em questão. Tudo isso só parece ser uma interpretação viável ao reconhecermos a força representativa dessa missiva.

Vejamos o que diz o narrador ao descrever a reação da protagonista quando se depara com o efeito que o processo de leitura nela desencadeia:

Neste perturbado estado mental, com pensamentos que não poderiam descansar sobre nada, ela caminhava; mas não adiantava; em meio minuto a carta estava aberta novamente e, se recompondo da melhor maneira que podia, mais uma vez ela começava a mortificante leitura de cada frase. (O&P, 2012, p. 125).²⁵⁹

E prossegue no relato apontando:

Ela se cada vez mais envergonhada de si mesma. Ela não poderia pensar no Sr. Darcy nem em Wickham sem sentir que fora cega, parcial, orgulhosa, ridícula.

– Quão desprezivelmente eu agi- ela exclamou: eu, que me orgulhava de meu discernimento! Eu que dava valor a mim mesma pelas minhas habilidades! Que frequentemente desdenhava o generoso candor de minha irmã e satisfazia minha vaidade com a inútil e culpada desconfiança! Quão humilhante é esta descoberta! Ainda, que humilhação! Estivera eu apaixonada e não poderia ter sido eu mais ruinosamente cega! Mas a vaidade, e não o amor, tem sido minha fantasia. Agradada com a preferência de um e ofendida pela negligência de outro, bem no começo de nosso relacionamento, cortejei a prepotência e a ignorância, e joguei a razão para longe, no que se referia a ambos. Até agora, não conhecia a mim mesma. (O&P, 2012, p. 127).²⁶⁰

²⁵⁹ Trad. p. 318: “in this perturbed state of mind, with thoughts that could rest on nothing, she walked on; but it would not do; in half a minute the letter was unfolded again, and collecting herself as well as she could she again began the mortifying perusal of all related to Wickham, and commanded herself so far as to examine the meaning of every sentence.” (P&P, 2012).

²⁶⁰ Trad. p. 319: “she grew absolutely ashamed of herself .Of neither Darcy nor Wickham could she think without felling she had been blind, partial, prejudiced, absurd.

O trecho demonstra o quanto a personagem se pune pela falha, mas, ao mesmo tempo, por ter a possibilidade de manter para si a revelação da verdade. Elizabeth tem o comprometimento atenuado, uma vez que a ideia de privacidade que a carta configura atende a este efeito, afinal, apenas ela tem acesso a tais informações, passando por essa transformação apenas com a leitura e, de certo modo, ela pôde selecionar o que e como revelar a irmã, sua confidente, aquilo que julgou necessário.

Há também, ainda que embalada pelo testemunho que a ela transforma, uma autoconfissão involuntária de suas habilidades, a destacar o seu discernimento, que, com exceção do que diz respeito à visão deturpada da heroína sobre sua relação com o Sr. Darcy, parece-nos funcionar muito bem, conforme tentamos demonstrar ao longo do capítulo ao revelar seu lado leitora. Isso não exclui a protagonista da possibilidade de cometer um equívoco. Austen, em seus romances, faz com que, em maior ou menor grau, as heroínas que cria possuam a necessidade de aprender com os erros.

Mas a falha de Elizabeth não diminuiu seu valor de grande leitora, já que ao relermos o fragmento exposto aqui, percebemos que em Elizabeth seu deslize advém da vaidade, e não da *fantasia do amor*, considerando que, se estivesse ela apaixonada, não agiria de forma semelhante à que agiu ao julgar a conduta de ambos os rapazes. Talvez, a tentativa aceitável do narrador é a de afastar a protagonista do ato de nivelar sua atitude, com o fato de que isto se assemelha ao efeito provocado por amores repletos de sentimentalismo (dentro do subtexto, já no contexto da ideologia da forma, Austen, com a ironia presente aqui, trabalha o conceito das falhas das heroínas dos romances sentimentais, cujo principal ponto surge a partir de uma extrema ingenuidade e candura), deixando jovens como ela à mercê dessas tolices apoiadas na ilusão. A falha dela, ao contrário do que possa parecer em sua fala, tem um fator muito mais racional, já que não se pauta em uma ingenuidade infantil, mas, em certa medida, na vaidade de quem em algum momento reconhece em si uma vivacidade mental, que não se faz valer em outras personagens como Jane, cujo, perfil, aliás, ainda que em menor proporção, traz reminiscências desta questão presente no romance sentimental.

– How despicably I have acted! she cried; I who have prided myself on my discernment! I who have valued myself on my abilities! Who have often disdained the generous candour of my sister, and gratified vanity in useless or blameable mistrust! How humiliating is this discovery! Yet, how just a humiliation! Had I been in love, I could not have been more wretchedly blind! But vanity, not love, has been my folly. Pleased with the preference of one, and offended by the neglect of the other, on the very beginning of our acquaintance, I have courted prepossession and ignorance, and driven reason away, where either were concerned. Till this moment I never knew myself.” (P&P, 2012).

Ainda a respeito das características formadoras da heroína do romance sentimental, Vasconcelos (2007, p. 133) relata:

As heroínas dos romances, portanto, funcionam como paradigmas de feminilidade. Desse modo, a virtude, a moderação, a inocência, o decoro, o bom senso que exigiam das mulheres eram também as qualidades essenciais das heroínas como Cecília, Camilla, Belinda, etc., cuja educação era baseada na defesa intransigente da virtude, entendida menos como uma questão de princípio do que um conjunto de regras que visavam exclusivamente à preservação da castidade. Tanto na vida real como na ficção, elas devem ser pacientes, modestas, humildes e delicadas; não deviam almejar o conhecimento ou aspirar à vida intelectual e nem amar antes de serem amadas; uma vez casadas deveriam a seus maridos obediência e submissão.

Ilustraremos com um exemplo retirado do romance a evidência destes questionamentos:

– Minha querida Jane!, exclamou Elizabeth, você é muito boa. Sua doçura e seu desinteresse são, realmente angelicais; não sei o que lhe dizer. Sinto como se eu não lhe tivesse feito justiça ou amado como você merece.

A Srta. Bennet ansiosamente recusou todos os extraordinários méritos e retribuiu todos os elogios à calorosa irmã.

– Não, disse Elizabeth, isso não é justo. Você quer pensar que todo o mundo é respeitável e fica ferida se falo mal de alguém. Apenas prefiro pensar que você é perfeita e se opõe a isso. Não tenho medo de que eu me exceda, de que eu invada seu privilégio de boa vontade universal. Não é necessário. Há poucas pessoas que eu realmente amo e ainda menos aquelas das quais eu penso bem. Quanto mais vejo o mundo, mais fico insatisfeita com ele; e cada dia confirma minha crença na inconstância do caráter humano e na pequena dependência que pode ser colocada na aparição do mérito e do sentido. Deparei-me com dois exemplos ultimamente, um não mencionarei; o outro é o casamento de Charlotte (...). (O&P, 2012).²⁶¹

Neste trecho, vemos claramente a ideia de doçura e candura do homem enquanto um ser que sempre se apresenta por meio da bondade. Elizabeth coloca-se na posição oposta a este sentimentalismo, representando a reação iluminista, racional perante estes argumentos.

²⁶¹ Trad. p. 288: “– My dear Jane! Exclaimed Elizabeth, you are too good. Your sweetness and disinterestedness are really angelic; I do not know what to say to you. I feel as if I had never done you justice, or loved you as you deserved.

Miss Bennet eagerly disclaimed all extraordinary merit, and threw back the praise, on her sister’s warm affection.

– Nay, said Elizabeth, this is not fair. You wish to think all of the world respectable, and are hurt if I speak ill of anybody. I only want to think you perfect, and you set yourself against it. Do not be afraid of my running into any excess, of my encroaching on your privilege of universal good-ill. You need not. There are few people whom I really love, and still fewer of whom I think well. The more I see of the world, the more I am dissatisfied with it; and every day confirm my belief of the inconstancy of all human characters, and of the little dependence that can be placed on the appearance of merit or sense, I have with me two instances lately, on I will not mention; the other is Charlotte’s marriage (...).” (P&P, 2012).

A leitura, para a personagem Lizzy, tem, ainda na ocasião da visita a Pemberley, a oportunidade de ser experimentada por um terceiro viés de conduta, tornando a protagonista pronta a, enfim, rever suas opiniões iniciais, neste caso, estamos nos reportando sempre à falha que a mesma produz ao conhecer o aristocrata.

Cabe dizer que neste momento final do enredo, Elizabeth, não por mera coincidência, é vista em outros cenários que tais ocorrências tratadas no terceiro nível apontam, por exemplo. Ela passa férias com os tios (o senhor Gardiner trabalha como comerciante), cujo poder aquisitivo e intelectual é notavelmente superior ao restante da sua própria família, com exceção do pai, e que, a partir deste momento, nós somos convidados a perceber, por meio da conduta dos três personagens acima descritos, que Elizabeth passa a apreciar o mundo dentro da perspectiva do aristocrata.

Podemos demonstrar nossa argumentação afirmando, por exemplo, que é nesta viagem com os tios que a vemos frequentando um teatro. Vejamos o que afirma o narrador de *Orgulho e Preconceito* a respeito deste episódio:

Enquanto se dirigiam à porta da senhora Gardner, Jane estava em uma janela da sala de estar, observando sua chegada; quando adentraram pela passagem ela estava lá para recepcioná-los e Elizabeth, olhando com sinceridade para o rosto dela, ficou satisfeita por vê-lo saudável e amável como sempre. Nas escadas havia uma tropa de pequenos garotos e garotas, cuja ansiedade pela aparição de sua prima não permitiu que ele se sentasse na sala de jantar e cuja timidez, pois eles não a viam há um ano, evitou que chegassem sem alaridos. Tudo era alegria e bondade. O dia se passou muito agradável; pela manhã agitação e compras; e à tarde um dos teatros. (O&P, 2012, p. 94).²⁶²

O teatro possui grande expressividade e popularidade no período Elisabetano, porém, como dissemos dentro do capítulo primeiro, o romance, já neste momento em que se situa o enredo, é considerado uma das formas de entretenimento mais comuns. Assim, talvez não devêssemos considerar essa contradição como um simples detalhe, mas sim levantar a suspeita de que a leitora de romances pode iniciar aí uma aproximação com outras formas de expressão cultural, vinculadas, agora ao padrão aristocrático no qual a figura do senhor Darcy se insere. No entanto, tal referência, só tem sentido ao ser analisada em conjunto com outros momentos do enredo, os quais passaremos a discutir neste instante.

²⁶² Trad. p. 296: “as they drove to Mr. Gardiner’s door, Jane was at a drawing-room window watching their arrival; when they entered the passage he was there to welcome them, and Elizabeth, looking earnestly in her face, was pleased to see it healthful and lovely as ever. On the stairs were a troop of little boys and girls, whose eagerness for their cousin’s appearance would not allow them to wait in the drawing-room, and whose shyness, as they had not seen her for a twelvemonth, prevented their coming lower. All was joy and kindness. The day passed most pleasantly away, the morning in bustle and shopping, and the evening at one of the theaters.” (P&P, 2012).

Outra ocasião que gostaríamos de expor por se confirmar como parte da mudança de perspectiva e amadurecimento pessoal se dá ao entrar na propriedade de Pemberley. Elizabeth observa atentamente cada espaço apresentado, a ponto de admirar a beleza de Darcy por meio de sua escultura e de constatar toda uma tradição familiar por meio da presença de outras tantas esculturas de seus familiares. O distanciamento entre eles se torna menos aparente. Observemos então algumas passagens que retratam este processo de mudança na personagem Elizabeth Bennet:

A mente de Elizabeth estava muito cheia para conversar, mas ela viu e admirou cada local e paisagem. Eles gradualmente subiram meia milha e, então, se encontraram no topo de uma considerável saliência, onde a vegetação se interrompia e o olho era capturado instantaneamente pela casa de Pemberley, situada no lado oposto do vale, pelo qual se abria a estrada um pouco abrupta. Era uma grande e bonita construção de pedras, bem posicionada sobre uma elevação, tendo atrás de si uma cordilheira de altas e densas árvores; e, à frente um riacho de alguma importância natural foi expandido, mas sem nenhuma aparência artificial. Suas margens não eram solenes nem adornadas. Elizabeth estava deliciada. Ela nunca vira um lugar onde a natureza tivesse feito mais ou de onde a beleza natural tinha sido tão pouco contrabalanceada por um gosto desajeitado. Estavam eles calorosos em sua admiração; e naquele momento, ela sentiu que ser dona de Pemberley poderia ser algo! (O&P, 2012, p. 147).²⁶³

O narrador, por meio desta passagem, novamente nos concede meios de adentrar nas impressões de Elizabeth a respeito de Pemberley e Darcy. Com o uso do discurso indireto livre, temos a sensação de que o confronto mental de Elizabeth é uma maneira metonímica para apresentar a impressão que a jovem possui, nesse momento, do aristocrata. Tanto via leitura da carta quanto nessa visita à mansão, a protagonista passa a expandir seus modos de leitura da conduta do senhor Darcy. Aqui, as aparências perdem os contornos artificiais que ela havia de modo errôneo atribuído ao caráter do rapaz durante o passeio. Comparemos, aqui, a ideia com a primeira descrição dada pelo narrador a respeito da aparência física do senhor Darcy:

(...) O Sr. Darcy, logo atraiu a atenção da sala com sua admirável figura esguia, seus belos traços, seu ar nobre e o boato, que estava em circulação cinco minutos após sua entrada, era de sua renda anual de dez mil. Os

²⁶³ Trad. p. 333-334: “Elizabeth’s mind was too full for conversation, but she saw and admired every remarkable spot and point of view. They gradually ascended for half-a –mile, and then found themselves at the top of a considerable eminence, where the wood ceased, and the eye was instantly caught by Pemberley House, which the road with some abruptness wound. It was a large, handsome, stone building standing well on rising ground, and backed by a ridge of high woody hills; and in the front, a stream of some natural importance was swelled into greater, but without any artificial appearance. Its banks were neither formal nor falsely adorned. Elizabeth was delighted. She had never seen a place for which nature had done more, or where natural beauty had been so little counteracted by awkward taste. They were all of them warm in their admiration; and at that moment she felt that to be the mistress of Pemberley might be something!” (P&P, 2012).

cavalheiros o elegeram como uma excelente imagem masculina, e as damas declararam que ele era muito mais bonito que o Sr. Bingley e ele foi encarado com grande admiração por quase metade da noite. (O&P, 2012, p. 12).²⁶⁴

O narrador coloca a personagem em questão nos mais elevados termos de beleza e elegância, permitindo-nos, assim, pensar que a descrição de Pemberley funcionaria perfeitamente como um processo que substitui a própria descrição do seu morador.

A vista de sua propriedade é, na realidade, a visão dele trabalhada no íntimo de Elizabeth. A protagonista afirma posteriormente que fora nesta ocasião que passou a nutrir uma admiração mais consistente de Darcy: “– Tem sido gradualmente, que mal sei quando começou. Mas deve ter sido quando vi pela primeira vez os arredores de Pemberley.” (O&P, 2012, p. 221).²⁶⁵ Observamos que a personagem deixa claro que sua escolha fez parte de um processo gradual, que apresenta seu ápice em sua visita. Vemos ainda que o ato de escolherem um ao outro passa pela racionalização do sentimento, sem que haja demonstrações exageradas de afeto. A escolha gradual implica também na esfera social, na medida em que, ao terem a clara visão da diferença (agora estamos nos reportando especialmente ao fator econômico), há certa capacidade por parte deles de se reconhecerem dentro do todo social, como indivíduos que pretendem partilhar seus anseios e com isso tornarem-se pessoas melhores.

Esse efeito é intensificado, ainda, por meio da elevação das qualidades apresentadas pela fiel governanta do Sr. Darcy, com quem conta desde a infância. O relato revela uma grande benevolência por parte dele, aqui considerando a todos aqueles que o servem dentro da propriedade familiar. Elizabeth, neste momento, é apresentada pelo narrador da seguinte forma.

(...) – Se eu tivesse de atravessar o mundo, não poderia encontrar outro melhor. Mas sempre tenho observado que quem tem boa índole quando criança mantém sua boa índole quando cresce; e ele sempre foi um garoto de temperamento mais doce e de coração mais generoso do mundo.

Elizabeth quase a encarou. – Pode ser este o Sr. Darcy?, ela pensou.

(...) Elizabeth escutou, raciocinou, duvidou e ficou impaciente por mais. A senhora Reynolds não poderia interessá-la com outro assunto. Ela relatou os temas dos quadros, as dimensões das salas e o preço da mobília, em vão o senhor Gardner, muito surpreso pelo tipo de orgulho familiar ao qual ele

²⁶⁴ Trad. p. 234: “(...) Mr. Darcy soon drew the attention of the room by his fine, tall, person, handsome features, noble mien, and the report which was in general circulation within five minutes after the entrance, of his having ten thousand a year. The gentlemen pronounced him to be a fine figure of a man, the ladies declared he was much handsomer than Mr. Bingley, and he was looked at with admiration for about the half of the evening.” (P&P, 2012).

²⁶⁵ Trad. p. 390-391: “– It has been coming gradually, that I hardly know when it began. But I believe I must date it from my first seeing of his beautiful grounds at Pemberley.” (P&P, 2012).

atribuía seus excessivos elogios ao patrão, logo voltou novamente ao assunto; e ela se manteve com energia em seus méritos enquanto seguiam juntos pela escada principal (...).

– Em que luz adorável isso o coloca, pensou Elizabeth. (O&P, 2012, p. 149).²⁶⁶

Elizabeth se depara ainda com a leitura que os outros fazem da personagem por ela negligenciada, mas os pontos de vista não seriam suficientes para agregar valor e respeitabilidade, não tivesse a protagonista adotado sempre uma postura bastante racional, a ponto de, mesmo quando necessita reavaliar suas fraquezas pessoais, elas são feitas, quase sempre de modo íntimo, reservado e individual, deixando que todo esse processo tenha seu mérito atribuído também no momento que ela reconhece a “nova” *luz*, que as palavras da governanta a ela o permitem assegurar na prática, o seu iluminismo.

Em outras palavras, podemos dizer que Austen passa a ideia tanto pela forma como pelo conteúdo (ou seja, pela ideologia da forma) e que a ascensão intelectual da protagonista só se torna completa após sua capacidade de aplicação ser consolidada em termos práticos. Ela se diferencia dos outros, em partes, porque seu conhecimento de leitura não fica restrito ao mundo idealizado e passa a ser provado na interação com aqueles com quem convive, sem permitir que as impressões primeiras com relação a Darcy sejam por ela trabalhadas de maneira imatura.

Na medida em que lhe são oferecidos os devidos esclarecimentos e, a partir dessa lucidez, aceita desposá-lo num segundo pedido formal, não pelo *status* social, mas por sentir que justamente as afinidades dela ultrapassam esse quesito. Ou, em outros termos, o empirismo sugere aqui ser essencial para garantia de sucesso da protagonista.

A protagonista recebe tanto de Darcy como do pai a devolutiva que nos permite conduzir o final da análise da narrativa, reforçando a ideia inicial do modelo de leitora:

– Você já tinha resistido à minha beleza e quanto aos meus modos- meu comportamento para com você foi, pelo menos, bordejando o incivil e eu nunca falei com você sem lhe desejar causar dor, do que não. Agora, seja sincero; você me admirava pela minha impertinência.

– Pelo vigor de sua mente, sim. (O&P, 2012).²⁶⁷

²⁶⁶ Trad. p. 335-336: “(...) Elizabeth listened, wondered, doubted, and was impatient for more. Mrs. Reynolds could interest her on that point she related the subjects of the pictures, the dimensions of the rooms, and the price of the furniture, in vain Mr. Gardiner, highly amused by the kind of family prejudice to which he attributed her excessive commendation of her master, soon led again to the subject; and she dwelt with energy on his many merits as they proceeded together up the staircases (...).

– In what an amiable light does this place him! thought Elizabeth.” (P&P, 2012).

Austen faz com que, acima de todas as noções de decoro, Darcy, enquanto personagem, estabeleça conexão com algo maior, mesmo sendo ele um aristocrata, já assumidamente está ligado à ideia dos costumes e condutas, conforme apontamos na ocasião em que estiveram juntos em Netherfield. Ele escolhe admirá-la por nada menos que o vigor de sua mente. O que parece inconveniente para muitos homens, cujo objetivo é vê-las agindo nos moldes dos livros de conduta; aqui não acontece e ela passa pelo viés do *status* intelectual.

O pai de Elizabeth também diz que segue a mesma linha quando, ao conceder à mão da filha ao aristocrata, ele, desconfiado das reais intenções de Elizabeth, solicita uma conversa a portas fechadas com a filha na biblioteca. E após descrever quais eram os reais motivos ao pai, ele diz:

– Lizzy, disse seu pai, eu dei a ele meu consentimento. Ele é o tipo de homem de fato, a quem eu nunca ousaria recusar qualquer coisa que ele se condescendesse a pedir. Eu agora dou a você, se está decidida a se casar com ele. Mas deixe que eu a aconselhe a pensar melhor a respeito. Conheço como você é, Lizzy. Sei que não pode ser feliz nem respeitável, a menos que verdadeiramente estime seu marido; a menos que você o considere superior. Seus vívidos talentos a colocariam no maior dos perigos em um casamento desigual. (O&P, 2012, p. 222).²⁶⁸

O primeiro ponto que é preciso destacar aqui diz respeito ao fato de o pai de Elizabeth querer ouvir da filha seu ponto de vista a respeito da sua vontade, mesmo que já se tenha sido concedido, por motivos de prestígio ou posição social, o pedido. Ao buscar ouvi-la no ambiente da biblioteca, o pai, de alguma forma, eleva a importância de sua filha, fazendo de sua opinião um fator definitivo. Assim, tanto Elizabeth quanto Darcy possuem o mesmo prestígio ou peso na decisão final.

Diremos ainda que o pai tem plena consciência do que ele chama de “vívidos talentos” da filha, algo que, em termos semânticos, muito se aproxima do “vigor da mente” descrito pelo aristocrata na passagem que destacamos anteriormente. O pai prevê, ainda, que a jovem somente poderia encontrar-se em estado de plena felicidade caso sua relação se baseasse na

²⁶⁷ Trad. p. 393: “– My beauty you had early withstood, and as for my manners- my behavior to you was at least always bordering on the uncivil, and I never spoke to you with rather wishing to give you pain than not. Now be sincere; did you admire me for my impertinence?”

– For the liveliness of your mind, I did.” (P&P, 2012).

²⁶⁸ Trad. p. 392: “– Lizzy, Said her father , I have given him my consent. He is the kind of man, indeed, to whom I should never dare to refuse anything, which he condescend to ask. I now give it to you, if you are resolved on having him. But let me advise you to think better of it. I know your disposition, Lizzy. I know that you could be neither happy nor respectable, unless you are truly esteemed your husband; unless you looked up to him as a superior. Your lively talents would place you in the greatest danger in an unequal marriage.” (P&P, 2012).

admiração de alguém a quem ela consideraria “superior”, já que o efeito de uma união desigual seria por ele visto como algo devastador. E, de fato, a superioridade a que ele parece se referir não passa pelo pretexto financeiro, já que é sabido por ambos que a renda desse cavalheiro chega ao montante de dez mil libras anuais. Dessa forma, o pai se preocupa em garantir que a filha pondere a respeito de tudo aquilo que envolve uma relação, já que não gostaria de ver a filha sofrendo as consequências de uma escolha baseada apenas no aspecto material.

Feitas as devidas explicações a respeito do caráter do homem com quem a filha escolheu desposar, o patriarca Bennet sente-se satisfeito com a escolha e afirma não poder entregar a filha a alguém *menos digno*, digamos, então, em meios intelectuais (O&P, 2012, p. 222). Austen, mais do que elevar Elizabeth ao título de grande leitora, estabelece, por meio deste aspecto, contido no texto, um espaço de autonomia dessa figura feminina e, ainda que acomode o final do romance com o enlace do casal, Austen não deixa de sugerir novos paradigmas quando propõe que as duas figuras masculinas a quem a personagem deveria obediência (o pai e, por transferência, o esposo), fiquem completamente satisfeitos em aceitar reconhecer e negociar, com a inteligência feminina em questão, enquanto indivíduos que são.

Darcy, mais ainda, percebe que os benefícios dessa vivacidade serão capazes de propagar os efeitos benéficos de que ele usufrui ao resto dos membros de sua família, especialmente quando se trata de Georgiana.

A escritora inglesa parece ter encontrado no trabalho de ficção um modo de descrever as tensões sociais sem parecer estar didatizando os leitores, não ao menos se comparado ao que faz tempos antes o autor inglês Richardson, mas ainda assim não deixando de se atentar a esse benéfico artifício do gênero romance ao, ironicamente, expor parte de suas personagens secundárias, como parece ser o caso de Collins e Mary Bennet.

Propõe também uma discussão relevante a respeito da disseminação de determinados usos da leitura, levando em consideração seus pontos particulares e contextos inseridos. E, por fim, parece não descartar a importância de nenhum destes usos desde que eles sejam vistos com certa responsabilidade e utilidade.

Elizabeth passa a ser uma espécie de termômetro capaz de guiar esta discussão dentro da simbologia política de que nós fizemos uso, com a intenção de alcançar níveis de interpretação que saíssem do conteúdo manifesto. Com isso, esperamos termos sido hábeis em explicitar que as relações de leitura entre a protagonista e suas ligações pessoais deflagram

uma transição de poder social em que a ideologia da forma traz ao analisarmos mais a fundo uma série de conflitos e contradições.

Reconhecemos que o modelo de leitura caminha com a protagonista para além do ato de leitura simplista o qual perde efeito na medida em que perde a utilização real e os benefícios práticos, saídos do entendimento ou uso *ipisis literis*, deixando-a sobressair ao lugar-comum, dentro do universo feminino naquele momento histórico de ascensão da burguesia inglesa. As atitudes são a forma mais sutil de demarcar este ponto forte da heroína de *Orgulho e Preconceito*.

Por fim, diremos que, mesmo sendo um modelo de leitura, a protagonista passa pelo processo de certos aspectos no que se liga ao recolhimento de determinadas características desconhecidas de Darcy, que ao fim do romance passam a dominar o processo de aprimoramento de Lizzy.

Considerações finais

Alcançamos por meio da utilização da leitura de níveis proposta por Jameson (1992), esmiuçar grande parte das questões ligadas à leitura feita por duas das protagonistas criadas por Jane Austen, a saber, Marianne Dashwood, personagem principal do romance *Razão e Sensibilidade*, e Elizabeth Bennet, protagonista de *Orgulho e Preconceito*.

Para tanto, demos um passo inicial trazendo à tona aspectos que julgamos terem sido essenciais para que os horizontes de interpretação fossem vislumbrados de modo eficaz, já que a periodização histórica era o caminho mais eficaz para delinear nosso objetivo final, que foi justamente o de alinhar nossa interpretação política a todas as esferas, incluindo, necessariamente, a de caráter estético, ou formal. Desse modo, demonstramos de que maneira a autora inglesa em questão foi capaz de reforçar o estético, por meio de um minucioso trabalho de linguagem, e iluminar todos os pontos que nos dispusemos a discutir quando analisando a leitura e as personagens leitoras, conforme citamos no parágrafo acima, no espaço ficcional do meio literário, pois – não nos custa lembrar – estávamos o tempo todo nos reportando às duas personagens.

Houve a periodização histórica, começando pelo breve elenar da vida e obra de Jane Austen, especialmente levando em consideração pontos que foram fundamentais para a compreensão dos aspectos encontrados com certa frequência em seus trabalhos, como, por exemplo, o uso da ironia ou do chamado discurso indireto livre. Ainda nestes termos, procuramos destacar também que a autora possuía um considerável acesso à leitura em sua vida particular, permitindo, desta maneira, que enxergássemos em certa medida seu próprio conhecimento literário.

Existiu a preocupação de, no capítulo primeiro, construirmos uma sucinta discussão a respeito da recepção dos romances por nós estudados, com o objetivo de situar o leitor desta dissertação de mestrado junto ao efeito que cada um deles gerou assim que lançados ao público leitor da época.

A questão da leitura e do público leitor na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX foi exposta no nosso tópico seguinte, em que existiu a atenção de abordar apenas aquelas discussões em que víamos estar de algum modo sendo simbolicamente iluminadas nas obras

literárias estudadas. Pensamos também em esclarecer, no capítulo primeiro, toda nossa base teórica.

Em termos de análise, os primeiros impactos, ao reler os romances por nós escolhidos, eram os de que certamente trabalharíamos com duas visões de leitura bastante distintas, as quais buscaremos sintetizar a partir deste instante.

Por meio de *Razão e Sensibilidade*, observamos a falibilidade da heroína austeniana Marianne Dashwood, cujo olhar de mundo se pauta na visão que os textos lidos por ela apresentam. Com essa personagem, buscamos trazer à luz o modo com o qual a leitura de obras como o teatro trágico, *Hamlet*, ou a poesia de Alexander Pope evocam as ideias pessoais de Marianne, vistas sempre por meio da “ideologia da forma”. Quando encarado deste modo, há a evidência de que a leitura não foi somente um pretexto, mas uma forma construída na estrutura textual, por meio do trabalho de linguagem. Em nossa análise, buscamos a todo instante apontar de que modo esta falta de discernimento de Marianne produziu nela uma “cegueira” que impedia a personagem de perceber o quanto a história com o personagem Willoughby era inviável. Vimos, por exemplo, que a escolha dos autores citados não é uma mera coincidência e que cada um deles realça a impossibilidade desse relacionamento se concretizar de maneira satisfatória, na medida em que cada um dos enredos lidos de modos particulares aponta que o amor cortês, como Ofélia e Hamlet, também passa pelo crivo do impedimento socioeconômico.

O que Austen parece propor com essas caracterizações formais do texto literário é justamente o efeito cíclico de impedimento das histórias de amor no romance mencionadas, sem que, ao mesmo tempo, descaracterizasse a reputação do gênero romance como um todo, já que é sabido que a protagonista não era vista lendo romances, e sim, na maior parte do tempo, poesia ou teatro, fonte tipicamente utilizada pela aristocracia para promover a satisfação cultural.

O único ponto que chega mais próximo da crítica ao gênero romance ocorre na medida em que a autora inglesa parece vincular à ideia de sentimentalismo exagerado mais comumente propagado por este meio de expressão literária, pois a visão pessoal da leitora principal do romance está diretamente atrelada a esta conduta. Nosso trabalho, portanto, parece ter tido o cuidado de tratar da ideia clarificando que a conduta sentimental dessa personagem não está também desagregando esse aspecto de uma atitude exclusiva do romance sentimental.

Todas as ressalvas quanto aos comportamentos de leitura de Marianne recaem, em última instância, não em um gênero literário específico, mas no fato de que essa protagonista não mantém uma postura de “credibilidade irônica”, ou daquela noção de que o ato de ler exigiria certo grau de distanciamento, a ponto de reconhecer que aquelas obras não deveriam, ao menos não por completo, pautar toda uma atitude perante a vida dessa personagem. Austen proporciona, como para todas as demais heroínas que ao longo do enredo passam por situações que de algum modo lhes geram o crescimento e reconhecimento de suas faltas ou erros, a oportunidade de Marianne reconciliar positiva e satisfatoriamente com a sociedade em que vive, sem que ela tenha tido necessariamente um final “trágico”, tal como se dá, por exemplo, nas tragédias shakespearianas que a personagem enquanto leitora teve acesso.

O capítulo terceiro, por sua vez, busca retratar em análise política as peculiaridades da leitora Elizabeth Bennet, a quem atribuímos a expectativa de demonstrar o quanto sua conduta de leitura apontava para um modelo ideal.

A personagem destaca, por meio principalmente de suas posições argumentativas, que é superior em termos intelectuais às irmãs, cujos esforços, como no caso da personagem Mary, uma delas, não conseguem ultrapassar o discurso raso e largamente difundido nos chamados livros de conduta. A questão da leitura em *Orgulho e Preconceito* foi também encarada no sentido de trazer um terceiro nível de interpretação, quando, por exemplo, consideramos o fato de que, tanto no caso de Mary Bennet quanto no da personagem do Sr. Collins, há uma correlação direta dos impedimentos pessoais de Elizabeth sendo demarcado pelo viés da estrutura, por meio das próprias escolhas literárias dessas personagens citadas; e, no caso do primo clérigo, esse fator já seria suficiente para precaver a protagonista de um casamento “imprudente”, quando consideradas apenas as escolhas intelectuais de cada um dos dois.

Outro ponto trabalhado diz respeito ao fato de que, também por meio das escolhas literárias das personagens burguesas, como os Bingleys e o aristocrata Sr. Darcy, foi possível verificar de que modo essas discussões literárias e o processo de acúmulo de livros em bibliotecas particulares, como a de Pemberley, na realidade, pautam-se em noções mais amplas, adentrando a questão socioeconômica da transferência de poderes graças ao acúmulo de capital, agora em mãos dos comerciantes do clã, como os Bingley.

Entre Darcy e Elizabeth essa perspectiva também aparece na medida em que vemos ambos apontarem diferentes perspectivas acerca da leitura de livros e poesias de um modo geral. A força motriz para a conexão do casal do romance permanece atrelada à discussão da

leitura, que nesse romance pôde vir a ser ampliada na perspectiva da leitura de cartas, pois, por meio delas, não somente Elizabeth em *Orgulho e Preconceito*, mas também Marianne Dashwood em *Razão e Sensibilidade*, passam a se transformar após o recebimento e leitura das missivas trocadas com seus pretendentes amorosos.

No caso de Elizabeth, esse conceito de leitura extrapola a ideia e passa a ser convencionalizada em algo maior, como, por exemplo, a “leitura de mundo” que passa a ter a partir das viagens à residência de sua fiel amiga, a personagem de Charlotte Lucas, ou no passeio com os tios à propriedade do aristocrata, no qual, por meio do recurso metonímico, vemos Austen transferir a Pemberley a nova “visão” que a jovem constrói do homem pelo qual ela nutria, até pouco tempo, uma atitude de repulsa e preconceito.

Ambos romances, apesar de distintos, foram fonte para que nós pudéssemos oferecer, por meio de uma perspectiva política de análise, uma discussão que ampliou a gama temática, deixando para trás a sensação de que obras como estas tratam de histórias de casamento. Notamos, neste ponto, que, apesar dessa premissa ser inegável, Austen é capaz de nos fazer pensar noutros pontos igualmente reveladores, como é o caso do hábito de ler. Essas duas jovens, de modos distintos, reagem às suas limitações sociais e graças aos seus ideais deixam transparecer suas visões de mundo construídas, em parte, graças ao acesso ao livro e à literatura de modo geral.

A leitura política, proposta por Jameson, fora fundamental para que assim exergássemos as protagonistas austeninas, com um olhar crítico, que considerou rever e revelar aos conflitos presentes nessa sociedade tão estratificada e conduzir o pensamento dialético de forma a ampliar nossos saberes acerca das narrativas escolhidas. Entendemos, um pouco melhor, que essas personagens, figuravam algo além, por serem instrumentos de posicionamentos a serem discutidos sob a perspectiva atenta de uma jovem escritora, cujo potencial se revelou quase sempre por meio de seus textos irônicos e ao mesmo tempo leves. Sabiamente, Jane Austen, nos oferece no subtexto, uma possibilidade: as personagens leitoras. Com elas observamos o quanto às escolhas de leitura feitas representavam sim, um ato político, ao explicitar maneira com a qual cada uma delas, tratava as questões pertinentes da época. O tema fora usado e tratado uma com precisão intrigante para nos fazer conhecer mais profundamente as necessidades e contradições desses pequenos proprietários rurais e porque não dizer da sociedade inglesa, cujo prazer e busca pelo conhecimento, nesse instante também se constituía no hábito de ler.

Bibliografia

Corpus da pesquisa

AUSTEN, J. **Orgulho e Preconceito**. Tradução brasileira de Marcella Furtado. ed. bilíngue. São Paulo: Landmark, 2012.

_____. **Razão e Sensibilidade**. Tradução brasileira de Terezinha Deustsch. 3. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2008.

_____. **Sense and Sensibility**. Londres: Penguin Popular Classics. 1994.

Referencial teórico

ALTICK, R. D. **The English common reader: a social history of the mass reading public 1800-1900**. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

ARMSTRONG, N. **Desire and domestic fiction: a political history of the novel**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

ARRIGUI, G. **O longo século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

AUSTEN, J. **A abadia de Northanger**. Tradução brasileira de Eduardo Furtado. ed. bilíngue. São Paulo: Landmark, 2009.

_____. **Jane Austen's letters to her sister Cassandra and others**. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20110213221734/http://etext.lib.virginia.edu/etcbin/toccer-new2?id=AusLett.sgm&images=images/modeng&data=/texts/english/modeng/parsed&tag=public&part=99&division=div2>>. Acesso em 23 dez. 2015.

AUSTEN-LEIGH, W.; AUSTEN-LEIGH, R. A. **Jane Austen: a family record**. Boston: G. K. Hall & Co., 2006.

BENEDICT, B. M. Jane Austen and the culture of the circulating libraries: the construction of female literacy. In: BACKSHEIDER, P. R. **Revising women: Eighteenth-Century "Women's Fiction" and Social Engagement**. Baltimore; Londres: The John Hopkins University, 2000. p. 147-199.

BUTLER, M. **Jane Austen and the war of ideas**. Oxford: Clarendon Press, 1990.

BYRNE, P. Manners. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 297-305.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. (Org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. Dialética da malandragem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, USP, n. 8, p. 67-89, 1970.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. v. 2.

CEVASCO, M. E.; SIQUEIRA W. L. **Rumos da literatura inglesa**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1985.

CHAPMAN, R. W. **Jane Austen's letters: to her sister Cassandra and others**. Londres: Oxford University Press, 1964.

CHARTIER, R. **The order of books: readers, authors, and libraries in Europe between the fourteenth and eighteenth Centuries**. California: Stanford University Press, 1994.

CLARK, R.; DUTTON, G. Agriculture. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press. 2010. p. 185-193.

COLASANTE, C. R. **A leitura e os leitores em Jane Austen**. 130 f. Tese de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/renata.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2015.

DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 197-236.

EAGLETON, T. Crítica Política. In: _____. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução brasileira de Waltensir Dultra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. What is a novel? In: _____. **The English novel: an introduction**. Oxford: Blackwell, 2005. p. 1-21.

ELLIS, M. Trade. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 415-424.

EVANS, I. **História da literatura inglesa**. Lisboa: Edições 70, 1976. p. 278-279.

FERGUS, J. Biography. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 3-11.

FORDYCE, J. D. D. **Sermons to young women: two volumes in one**. 3 ed. Filadélfia; Nova York: Carey; Riley, 1809. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=XyBIAAAAMAAJ&printsec=frontcover&source=gb_s_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 11 jul. 2015.

GALLAGHER, C. Ficção. In: MORETTI, F. (Org.). **O romance, 1: a cultura do romance**. Tradução brasileira de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 629-658.

GAY, P. Pastimes. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 337-345.

GILBERT, S. M.; GUBAR, S. **The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination**. New Haven; Londres: Yale University Press, 2000.

GREENBLATT, S.; ABRAMS, M. H. **The norton anthology of English literature**. Nova York: Norton, 2006.

GUTIÉRREZ, J. L. De Eloísa para Abelardo. **Revista Pandora Brasil**, Rio de Janeiro, n. 50, jan. 2013. Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/eterno_sublime/jorge.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2015.

HARDT, M.; WEEKS, K. (Org.). **The jameson reader**. Oxford: Blackwell, 2000.

HOBBSAWM, E. J. **A era do capital: 1848-1875**. Tradução brasileira de Luciano Costa Neto. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. Tradução brasileira de Maria Tereza L. Teixeira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HORWITZ, B. J. **Jane Austen and the question of women's education**. Nova York: P. Lang, 1991.

JAMESON, F. **O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico**. São Paulo: Ática, 1992.

KELLY, G. Education and accomplishments. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press. 2010. p. 252-261.

KEYMER, T. Rank. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 387-439

KRAMNICK, I. (Org.). **The portable enlightenment reader**. 1995. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=xujagQ6gAH0C&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 11 jul. 2015.

LAMONT, C. Domestic architecture. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 225-233.

LE FAYE, D. Letters. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010a. p. 33-40.

_____. Memoirs and biographies. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010b. p. 51-58.

LEAVIS, Q. D. **Fiction and the reading public**. Londres: Penguin, 1979.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

McKEON, M. **Theory of the novel: a historical approach**. Baltimore; Londres: The John Hopkins University, 2000.

MULLAN, J. Psychology. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 377-386.

POOVEY, M. **The proper lady and the woman writer: ideology as a style in the works of Mary Wollstonecraft, Mary Shelley and Jane Austen**. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

PORTER, R. **English society in the eighteenth century**. Londres: Penguin, 1991.

RAVEN, J. Book production. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p.194-203.

RICHARDSON, A. Reading practices. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 397-405.

_____. **Literature, education and romanticism: reading as a social practice, 1780-1832**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

RICHETTI, J. (Org.). **The Cambridge Companion to the eighteenth century novel**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ROBERTS, A. **Fredric Jameson**. Londres; Nova York: Routledge, 2000.

SCHWARZ, R. **Duas meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOUTHEY, R. (Org.). **The works of William Cowper, EsQ.:** comprising his poems correspondence and translations. Londres: Baldwin and Cradock, 1836. v. 9.

SUTHERLAND, K. Chronology of composition and publication. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p.12-22,

SHAKESPEARE, W. **Romeo and Juliet**. 2013. Disponível em: <<http://www.globalgrey.co.uk/Pages/romeo-and-juliet.html>>. Acesso em: 12 out.2015.

_____. **Romeu e Julieta**. 2002. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/romeuejulieta.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

STABER, J. Literary influences. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 41-50.

TURNER, C. **Living by the pen: women writers in the eighteenth century**. Londres: Routledge, 1994.

VASCONCELOS, S. G. T. **A formação do romance inglês: ensaios teóricos**. São Paulo: Hucitec, 2007.

_____. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. São Paulo: Boitempo, 2002.

WALDRON, M. Critical responses, early. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 83-91.

WATT, I. **A ascensão do romance**. Tradução brasileira de Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

WHEELER, M. Religion. In: TOOD, J. (Org.). **Jane Austen in context**. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 406-414.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Palavras-chave**. Tradução brasileira de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

WOOLF, V. **The common reader**: first series. Adelaide: The University of Adelaide Library. Disponível em: <<https://ebooks.adelaide.edu.au/w/woolf/virginia/w91c/index.html>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

_____. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.

ZUMTHOR, P. (Org.). **Correspondência de Abelardo e Heloísa**. Tradução brasileira de Lucia Santana Martins. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.